UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTÊCA CENTRAL
DOAÇÃO
UFPa 3-10-75

DIÁLOGOS

VOL. V

Fedro — Cartas
O Primeiro Alcibíades

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: Prof. Dr. CLÓVIS CUNHA DA GAMA MALCHER

COLEÇÃO AMAZÔNICA

Direção do Prof. ARTHUR CÉSAR FERREIRA REIS

SÉRIE FARIAS BRITO

Coordenação do Prof. BENEDITO NUNES

Título da obra:

DIÁLOGOS DE PLATÃO

Tradução de CARLOS ALBERTO NUNES

ac 154436
ex 752666

PLATÃO

DIÁLOGOS

VOL. V

**FEDRO - CARTAS
O PRIMEIRO ALCIBÍADES**

Tradução de

CARLOS ALBERTO NUNES

184
P716
Ex. 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

1975

FEDRO

I

CONQUANTO inaceitável, não me parece inteiramente disparatada a notícia de Diógenes Laércio, ao considerar o *Fedro* de Platão como produto da mocidade, e mais: o primeiro, por ordem cronológica, dos Diálogos. No decurso da história não faltaram argumentos, aparentemente válidos para os defensores de semelhante tese, sendo certo que tais vozes se fizeram ouvir até o começo do presente século. Mas, explica-se. Além da exuberância muito própria do estilo dos moços e da jovialidade quase específica da mais bela e despreocupada fase da existência, à maneira das grandes protofonias do nosso tempo apresenta-nos o *Fedro* os temas fundamentais da filosofia de Platão, tal como ele a desenvolveu em meio século de existência dedicada à meditação e ao estudo.

Compreende-se, pois, que da grande série de Diálogos deixados pelo Mestre, fosse *Fedro* o livro de cabeceira da maioria dos leitores, assim pela perfeição da forma e brilho da dicção como por apresentar num todo harmonioso a súmula do pensamento do Filósofo. A esse modo, atribuir-lhe o primeiro lugar na sucessão de tais escritos, equivalia a aconselhar-nos a iniciar por sua leitura o estudo do Corpus platonicum tradicional e a nos entregarmos à leitura dos demais Diálogos sem a preocupação de classificá-los no tempo. Cada unidade sugeria um mundo à parte, que importava conhecer. Só teria que lucrar quem acatasse a sugestão, em termos de iniciação filosófica, depois do que dificilmente se furtaria ao fascínio de que sempre gozaram essas obras-primas do pensamento antigo que, por um milagre inconcebível, chegaram intactas até ao nosso tempo.

Como reforço dessa mesma tese — e para não sairmos do terreno da filosofia — poder-se-ia aduzir, ainda, o exemplo de Schopenhauer, que com sua principal obra, *O Mundo como Vontade e como Representação*, publicada em 1818, apresentou-se na liça para os debates filosóficos completamente armado e com o seu sistema exposto até às minúcias nas quatro grandes secções em que dividiu o seu genial monólogo. Tudo o mais que Schopenhauer publicou depois foi escrito à guisa de aditamento às idéias expostas naquela obra, estudos de grande valor, ninguém o negará, mas que, no próprio título da coleção de maior tomo traem a natureza de sua função subsidiária e de suplementação: *Párerga e Paralipómena.*

Porém, com referência ao *Fedro* o confronto peca pela base. A unidade que a visão artística de Platão soube conferir a esse Diálogo não deve induzir-nos a erros de apreciação. O esquema de um Diálogo essencialmente retórico, em que o autor nos mostra como se deve escrever com equilíbrio e elegância uma determinada peça, permitiu encaixar na sua estrutura a análise e discussão de temas com que o autor se preocupava desde muito, e que, com o passar dos anos, adquiriram expressão diferente, senão mesmo contraditória, nos escritos posteriormente publicados: o da imortalidade da alma, da reminiscência e o da apreciação do valor de Eros e da poesia no comportamento humano.

Para o estudioso do nosso tempo tais diferenças como que saltam aos olhos; e com o sentido da história que caracteriza a cultura européia desde a entrada dos romanos na sua órbita, será de relativa facilidade, na leitura desses Diálogos, acompanhar o desenvolvimento mais amplo de determinados tópicos, senão mesmo detectar o instante preciso da sua aparição. Mas, os antigos liam essas obras sob perspectiva diferente. Não podemos exigir dos biógrafos e historiadores da antigüidade clássica a visão do tempo que nos é própria, nem fora lícito esperar de nenhum deles que obedecesse por antecipação às exigências da crítica literária de nossos dias, nisso de se aterem a normas complicadas na redação de seus escritos.

A não ser a primeira geração de "acadêmicos", digamos, nas décadas em que o próprio Platão expunha de viva voz as suas idéias para um círculo cada vez mais amplo de estudantes — e sabemos pelo *Górgias* que no início de sua missão de pedagogo ele era visto a cochichar pelos cantos com três ou quatro ouvintes mais desinibidos que encontrassem algum interesse no debate daquelas proposições abstrusas — apenas as primeiras turmas de estudantes daquela geração se achavam em condições de acompanhar em cada ano letivo o de-

senvolvimento de certos temas que nos Diálogos anteriores teriam sido explorados em classe; mas, a partir da morte do Filósofo, com Espeusipo e seus sucessores imediatos na direção da Academia, para os recentes alunos da instituição já suficientemente forte para projetar-se no tempo, esses escritos não suscitavam problemas de ordem cronológica ou de seriação, por constituírem um todo venerável que importava conservar e, sobretudo, aproveitar nas aulas, dentro das normas usuais do ensino. Então, e por muito tempo ainda, a função primacial do livro consistia em fornecer temas para a discussão, reservando-se, de regra, o professor o papel modestíssimo de ponto, só interferindo nos debates para suprir alguma falha de memória ou atenuar o entusiasmo dos disputadores mais fogosos, sem permitir que a referta descambasse para a ofensa pessoal. Nesse particular, cada Diálogo constituía uma unidade estanque, peculiaridade, aliás, muito própria do estilo de Platão, que raramente se permite alusões veladas a seus escritos anteriores. Só depois de alguns séculos, no raiar da nossa era, ocorreria a Trasilo distribuir os Diálogos em tetralogias, numa classificação arbitrária e de todo alheia ao critério cronológico, e que os editores modernos do texto ainda acatam, por amor à tradição.

II

No caso de Diógenes Laércio contribuiu para falsear a posição do *Fedro* no quadro geral dos escritos de Platão a sua falta de gosto para selecionar as anedotas com que enfeitava as biografias dos filósofos do seu tempo e do passado, principalmente com referência a Sócrates, cuja memória, logo após seu julgamento foi de pronto assaltada por duas correntes antagônicas: a dos que denegriam a sua figura, com responsabilizá-lo por todas as desgraças que desabaram sobre Atenas, depois de vencida na guerra do Peloponeso, e o grupo dos seus defensores, formado pelos discípulos diretos ou pelos adeptos e continuadores de sua pregação político-filosófica. Aliás, vinham de longe os apodos desde muito jogados contra o bode expiatório escolhido para salvar a comunidade ameaçada. É sabido que ainda em vida do Filósofo os cômicos, com Aristófanes à frente, o tomavam para alvo de suas diatribes. Mas, foi dos peripatéticos do terceiro século que nasceu a imagem caricatural do Sócrates colérico, avarento e até bígamo, a que o próprio Aristóteles teria dada crédito, a ponto de trazê-lo como exemplo nos seus estudos de genética.

Qual a razão de serem quase sempre medíocres os filhos de homens inteligentes? É o que se perguntava o Estagirita nesse setor da história natural. E como lhe parecesse que somente Xantipa não explicava a vulgaridade dos três filhos de Sócrates, aceitou sem maior exame a fábula das relações clandestinas do Filósofo com Mirto, filha de Aristides, o Justo. De Xantipa seria apenas o primeiro filho, Lamprocles; da outra, Sofronisco e Menéxeno; porém todos três, pelo lado das mães, com uma carga de genes da mais entranhável mediocridade. Daí para a pecha de bigamia não havia mais que um passo. Sócrates, comentavam, vivera realmente com duas mulheres sob o mesmo teto, pois uma lei (imaginária) de Atenas permitia, no seu tempo, aos atenienses manter em casa uma concubina, comborça da esposa legítima, para ressarcir a população das perdas sofridas com a guerra e as pestes sucessivas. O Professor Antonio Tovar, da Universidade de Salamanca, acredita que uma passagem do *Fedão* (116 b), oikeia gynaikes, no plural, quando se diz que "as mulheres de casa" chegaram para despedir-se de Sócrates, teria contribuído para dar nascimento a tal balela. E arremata satisfatoriamente o assunto:

"O que começou em Aristóteles — no caso de ser realmente dele a referência — como uma informação aceita de ligeiro e trazida à baila por interesses puramente científicos, convertera-se num boato indecoroso, porém de toda a conveniência para os novelescos peripatéticos que se divertiam com ridicularizar a Sócrates" (Antonio Tovar: *Vida de Sócrates*, 2.ª edição, p. 91. Madrid. Revista de Occidente).

Observemos de passagem que são destituídas de valor autônomo as referências de Aristóteles à pessoa de Sócrates e até mesmo à sua doutrina, ou que outro nome se possa dar à sua pregação desinibida, porque oriundas de fontes indiretas. Havendo chegado a Atenas em 367, uma geração depois do julgamento de Sócrates, não é de crer que sua curiosidade o levasse a entrevistar-se com os velhos da cidade para colher dados fidedignos sobre a vida e as idéias do Filósofo. Os traços com que aos poucos passou a representá-lo mentalmente provinham in toto da enorme literatura que se formara em torno do seu nome e do anedotário malévolo que não cessara de crescer e de que viriam a ser os principais fomentadores, uma geração depois, precisamente os alunos que saíram do Liceu. O que no momento nos importa observar é que essa história da amigação e da bigamia de Sócrates também foi esposada por Diógenes Laércio.

Da mesma fonte é a conhecida anedota de ter ouvido Sócrates, ainda em vida, a leitura do *Fedro*, provavelmente feita

pelo próprio autor do escrito, o que o levou a proferir a repetida frase: "Quantas mentiras me faz dizer esse rapaz!"

O fato é que foi grandemente prejudicial para o estudo do pensamento de Platão esse erro de perspectiva que vai buscar o início de suas atividades literárias ainda em vida de Sócrates. Com relação a *Fedro*, então, as incongruências se acumulam no caminho de quem procure traçar um roteiro seguro para orientar-se na leitura dos Diálogos, partindo dessa obra-prima em que o autor vazou em forma definitiva os seus mais caros pensamentos. E o fez depois de muitos tacteios, conforme o atestam passagens de outros escritos em que esses mesmos tópicos ainda se encontram em estado embrionário. De qualquer forma, sem o brilho e acabamento de expressão com que no-los apresenta no *Fedro.*

III

Tudo isso contribuiu para fazer do diálogo *Fedro* o pomo de discórdia da "Questão platônica", em cuja solução ainda se afanam meritórios platonistas do presente século. A reação começou com Hans von Arnim, em 1912, com tirar o *Fedro* da sua posição privilegiada e relegá-lo para um dos últimos lugares, depois mesmo de *Teeteto* e *Parmênides,* e antes de *Sofista* e *Político*. O interessante é que sua análise se baseia principalmente no critério das estatísticas, de tão brilhantes resultados, para a classificação, grosso modo, dos Diálogos, por ordem cronológica. Mas também com deficiências lastimáveis sempre que nos empenhamos em alcançar, dentro de cada grupo — os escritos da mocidade, os da idade madura, e os da velhice — maior precisão na distribuição dos Diálogos por ordem cronológica.

No que respeita à posição do *Fedro*, então, o desacordo toca as raias do absurdo. Basta acompanhar a opinião dos estudiosos nesse particular, para nos convencermos de que o *Fedro*, depois de perder aquela posição privilegiada com que o mimoseara a anedota de Diógenes Laércio, ora passa a figurar ao lado das obras-primas da maturidade do Filósofo, ora mais longe, ainda, no começo do grupo dos Diálogos denominados da velhice, em que a sobriedade da linguagem filosófica predomina sobre a brilhantez do estilo. Mas, aí é que bate o ponto, porque o *Fedro* tanto suporta o cotejo com os Diálogos de perfeito acabamento literário — *O Banquete*, *A República* — como com os mais temidos pela profundidade das teses discutidas: *Teeteto*, *Sofista* e até mais longe, o *Timeu.*

Cada cabeça cada sentença, confirma-se no presente estudo. Alguns nomes, ao acaso, dos mais acreditados platonistas servirão de amostra dessa grande variedade de opiniões. Para Ottomar Wichmann o *Fedro* se situa entre *Fedão* e o *Banquete*, a que se seguem imediatamente *Menéxeno* e *A República*. Hermann Gauss não é menos categórico: antes de *Teeteto* e *Parmênides*, ou seja, da grande reformulação da doutrina das idéias, porém logo depois da República, na qual se apóia e sem a qual não poderá ser compreendido.

A posição de Wilamowitz é conhecida: foi só depois da transfiguração de Sócrates, operada nos dois dramas sacros, *Fedão* e *O Banquete*, e de arrematar o Filósofo o seu programa político em dez livros — *A República* — para a reorganização da cidade em bases filosóficas, que lhe surgiu a idéia de compor o *Fedro*, quando se permitiu o gozo de férias numa pequena propriedade paterna no vale do Ilisso, não muito longe de Atenas. Hoje diríamos: em contacto com a natureza. Daí o feliz título desse capítulo da grande obra de Wilamowitz: Ein Glücklicher Sommertag, um radioso dia de verão, que nos sugere, realmente o ambiente mais adequado para a compreensão desse Diálogo, porém não remove de todo as dificuldades para a sua classificação definitiva, se é que não agrava nossa perplexidade, pela impossibilidade com que nos defrontamos, de conciliar a exuberância daquela alegria de viver, tão impregnada do frescor juvenil, com a perfeição da forma literária alcançada na discussão de temas filosóficos, que só aceitamos como resultado de prolongada meditação desses problemas.

Evidentemente, a transfiguração de Sócrates não é menos acentuada no *Fedro* do que nos dois grandes Diálogos da maturidade: *Fedão* e *O Banquete*, se não for maior, ainda, a distância em que fica nesse Diálogo a figura de Sócrates dos traços possivelmente históricos com que nos habituáramos nos Diálogos mais curtos da primeira fase das atividades literárias do Filósofo. Chega a haver, até, incompatibilidade entre o Sócrates citadino que no seu viver cotidiano não transpunha as portas da cidade e se entretinha nos logradouros públicos a conversar de sol a sol com os seus concidadãos, e o enamorado da natureza que nos arroubos do seu entusiasmo lança mão da tuba épica para fazer o elogio de Eros, já agora não mais o demônio híbrido, filho do Fausto e da Pobreza, mas a divindade a que devemos os maiores bens, com inspirar em seus eleitos "a mania das Musas", que é fonte de todas as venturas para os homens. Sob esse aspecto, também, a distância entre *Fedro* e *O Banquete* é acentuada. Neste últi-

mo Diálogo é Platão o criador das diferentes personagens que fazem o elogio de Eros, elogio que culmina com a oração de Diotima, para dar corpo às mais puras elucubrações do autor; no *Fedro* é o próprio Sócrates que se incumbe do panegírico do deus, de todo esquecido da sua máxima predileta, de que a maior força moral do homem se revela no domínio de si mesmo, e que alcançou o fastígio na passagem daquele Diálogo, contada por Alcibíades quando embriagado e, por isso mesmo, incapaz de medir todo o alcance de sua revelação.

IV

As expressões de carinho com que Sócrates se dirige a Fedro reiteradas vezes constituem uma nota absolutamente nova nesse Diálogo, o que o destaca decisivamente dos demais escritos de Platão. É mais do que evidente que para a evocação da figura de Fedro contribuem apenas as reminiscências do escritor, não passando de traça poética o encontro de Sócrates e Fedro naquela manhã radiosa de verão, fora dos muros de Atenas, pura criação de um poeta de fantasia exuberante. O culto à beleza masculina próprio do povo helênico alcança nos Diálogos de Platão a sua mais elevada expressão, porque decorrente de sentimentos nobres e de entranhado amor ao estudo da filosofia. Já nos habituamos com esse recurso, de transferir Platão para a pessoa de Sócrates os seus sentimentos e suas idéias. Tanto mais que em muitos pontos podia coincidir a filosofia dos dois grandes pensadores, e o interesse manifestado por ambos para tudo o que se relacionasse com a formação dos moços. É assim que no diálogo de nome Cármides, logo na manhã seguinte ao seu retorno da campanha de Potidéia, dirigiu-se Sócrates a um dos conhecidos pontos de reunião da mocidade, a palestra de Táureas, ansioso para saber como iam as coisas em Atenas depois da sua longa ausência: a filosofia e os jovens, e se entre estes se haviam distinguido alguns pela sabedoria ou pela beleza ou por ambas as qualidades. Como Líside, destacava-se Fedro pela origem nobre e os traços impecáveis da forma, sem que, no entanto, na idade madura se houvesse distinguido de alguma forma pelos dotes da inteligência ou como participante ativo do governo da cidade. Em ambos os casos foi profunda e duradoira a impressão causada em seus coetâneos, não sendo de estranhar que tais nomes ocorressem à pena de Platão, numa homenagem carinhosa e desinteressada, quando alimentava seus escritos com as reminiscências da mocidade.

Em muitos casos, por mais de uma vez; quando nada, numa simples referência.

No *Banquete* é Fedro o mestre de cerimônias, a quem coube não apenas abrir a série de discursos por ele mesmo propostos, como traçar as normas a serem observadas pelos diferentes oradores. Porém, não é de excluir-se a possibilidade de haver Fedro inspirado outros compositores, nas várias modalidades de escritos encomiásticos então em voga na Grécia do IV século. É como devemos compreender as palavras de Sócrates neste Diálogo (242 a b), com uma alusão muito clara ao mencionado papel de Fedro no *Banquete*.

"No que respeita a discursos, Fedro, és simplesmente divino e maravilhoso. Estou convencido de que dos discursos surgidos no teu tempo, ninguém deu origem a tantos como tu, ou por tu mesmo os teres pronunciado ou por teres sido, de um jeito ou de outro, causa indireta de que terceiros os compusessem."

Nessa passagem escapou da pena de Platão um anacronismo involuntário. A expressão "no teu tempo", com referência a Fedro, só teria sentido se fosse dita pelo próprio Platão, já na sua meia-idade e em conversação imaginária com algum adolescente do passado, ou, digamos, com o próprio Fedro. Por isso mesmo, no colóquio com Sócrates, supostamente ocorrido algumas décadas antes da redação daquele escrito, Fedro está bem firme "no seu próprio tempo", com todo o frescor da mocidade, sem que possamos conceber outra festividade anterior àquela, em que ele atraísse a atenção dos circunstantes por sua beleza física, nas palestras ou em reuniões de outra natureza. E com que idade, perguntamos, devemos imaginá-lo nesse passado algum tanto remoto?

Como quase nada se sabe de Fedro, personagem real, tem havido tentativas para identificar o interlocutor de Sócrates neste Diálogo com Dião de Siracusa, firmadas em certa assonância (ek Diós, 253 a) de uma passagem desse mesmo escrito, no texto original, em que Sócrates descreve os efeitos, na alma de cada jovem, do culto da divindade a que se propusera servir a vida toda. Trabalhos de amor perdidos. O encontro de Platão e Dião de Siracusa, na sua primeira viagem à Sicília, ficara muito para trás, e os acontecimentos trágicos das duas últimas viagens não foram de molde que despertassem em qualquer tempo reminiscências bucólicas desse tipo.

Mas, a verdade é que não ficaram inteiramente apagados os vestígios da passagem de Fedro sobre a terra nem dos eflúvios emanados de sua pessoa e capazes de sensibilizar quantos o viam despido nos exercícios da palestra. Entre os

epigramas atribuídos a Platão, de autenticidade bem documentada, um existe com referência à atração que sobre seus contemporâneos exercia a vista do adolescente Aléxis, imediatamente posto em comparação com um Fedro, que terá de ser, por força, o mesmo de que trata o Diálogo de seu nome. Wilamowitz nos deixou uma tradução em prosa desse epigrama; Wiechmann compôs a sua em verso. Sigamos o exemplo deste último, para maior fidelidade ao original.

Basta falar na beleza de Aléxis, e todos para ele
Logo se voltam. Por que jogar osso a cachorros fa-
[mintos?
Tolos! Haveis de perdê-lo. Lembrai-vos de Fedro, o for-
[moso:
Há quanto tempo sumiu do convívio dos seus compa-
[nheiros?

V

Assim, nessa atmosfera de graça e de beleza foi escrito o mais fascinante Diálogo de Platão, num verdadeiro desafio à argúcia dos comentadores de todos os tempos. Para conciliar a profundidade dos temas nele versados com a brilhantez do estilo que nos parece privativo da mocidade, foi trazido para confronto o exemplo do lirismo da primavera outonal de Goethe na sua segunda juventude, que enriqueceu a literatura com o *Divã de Oriente e Ocidente*, e a *Elegia de Marienbad.*

O tema de imortalidade da alma, entre outros, servirá para mostrar como o *Fedro* deixa atrás o diálogo *Fedão,* e até mesmo a *República* (com possível exclusão do décimo livro, conforme talvez ainda venhamos a considerar). Nas sentenças concentradas do capítulo XXIV deste Diálogo encontramos claramente exposta a sua nova concepção da alma, em termos como somente no *Filebo* e no *Timeu* voltaria a insistir com maiores particularidades.

"A alma toda é imortal, pois o que move a si mesmo é imortal; porém o que movimenta outra coisa ou é movido por outra coisa deixa de viver quando cessa o movimento... Surge daí, ser princípio de movimento o que se movimenta a si mesmo; donde se colhe que ele não pode começar a existir nem vir a destruir-se, sob pena de cair e parar todo o céu e toda a geração, que nunca mais encontrariam outra fonte de vida e de movimento."

Nesta altura, não será fora de propósito chamar a atenção do leitor benévolo para a dificuldade de traduzir as palavras iniciais desse trecho, pela variedade de interpretações a que se prestam. Psychê pãsa, do original, agora ficou em por-

tuguês como "A alma toda", não como saiu na p. 77 do volume *Marginalia Platônica* desta mesma coleção, "Toda alma é imortal", em que o adjetivo "toda" é tomado em sentido partitivo. Alma, neste passo, é introduzida como um princípio cósmico, a energia que se entranha por todo o mundo físico e sem a qual este não poderia existir, e colocado no centro do universo, para daí recobrir, à maneira de uma pele, tudo o que nasce e se forma para a existência. Terá sido esta a primeira exposição clara da concepção do que Platão denominou "alma do mundo", e que os físicos de agora, valendo-se de outros mitos como meio de expressão, se esforçam por captar e descrever.

"Concluída a composição da alma, de acordo com a mente do seu autor, organizou dentro dela o universo corpóreo e uniu ambos pelos respectivos centros. Então, a alma, entretecida em todo o céu, do centro à extremidade, e envolvendo-o em círculo por fora, sempre a girar em torno de si mesma, inaugurou para sempre o divino começo de uma vida perpétua e inteligente. Assim formou-se de uma parte o corpo visível do céu, e da outra a alma invisível, porém participante de razão e de harmonia, a melhor das coisas criadas pela natureza mais inteligente e eterna" (36 d e — 37 a).

Nunca a supremacia do espírito sobre a matéria encontrou mais sólida formulação filosófica do que neste passo, parecendo-nos agora mais lícito afirmar que o mundo físico se acha encastoado na alma, do que explicar a gênese do mundo por ter sido insuflada ulteriormente alma nas coisas inanimadas.

Nestas conexões, para o nosso intento importa apenas chamar a atenção para a enorme diferença entre a linguagem do *Fedro*, em termos de abstração, sobre a imortalidade da alma, e a do mesmo Platão, com pleno domínio de seus recursos estilísticos, quando escreveu os Diálogos da maturidade. Alma, já não é aqui, como no *Fedão*, um ser a que se possa atribuir a idéia de vida, como se "vida", à maneira de um atributo constitutivo, fosse inerente a esse sujeito, alma, objetivamente considerado, porém uma causa (aitia) que transcende ao ser e é capaz de modificá-lo. Como é também sintomático dessa diferença o fato de haver Platão deixado de lado a terceira prova da imortalidade da alma, desenvolvida com tanto carinho no *Fedão*, quando voltou a tratar do mesmo assunto nos Diálogos da velhice, para aprofundar o seu tema e melhor documentá-lo.

Todavia, será justo admitir que essa mudança da maneira de conceber o problema da passagem da alma como cons-

ciência individual para um princípio cósmico já está implícita no mito do livro X da *República*. Aqui, também, e em oposição ao que se diz nos mitos do *Fedão* e de *Górgias* não é permitido às almas se retirarem para sempre do mundo, pois de outra maneira este viria a sofrer perda de energia; decorrido o milênio indispensável para a sua purificação, voltam as almas a encarnar-se. Dessa perspectiva justifica-se a conclusão dos comentadores que colocam o *Fedro* logo após a *República*, tanto mais que no nosso Diálogo a doutrina das idéias é apresentada no seu estado de maior pureza, sem que se encontre nele o mais leve indício da reforma por que iria passar no *Teeteto* e em *Parmênides*.

VI

Tal convicção, porém, voltará a enfraquecer-se, tão logo tragamos para confronto o valor da poesia no julgamento de Platão, e a importância do poeta na formação da cidade ou na da juventude em particular. A mudança de posição entre o livro X da *República* e *Fedro* é radical, sem que nada justifique, assim de pronto, tão grande salto na apreciação do seu valor peculiar. É uma linguagem nova a de Platão no *Fedro*, quando nos fala da origem sobrenatural da poesia e dos efeitos benéficos que "a mania das Musas" provoca nas almas inspiradas pela divindade. No entanto, a crítica arrasadora exposta nesse mesmo livro da República, posterior, por força, à não menos radical dos livros II e III, condena sem apelo a Homero e todos os trágicos, como prejudiciais para o formação dos jovens e, conseqüentemente, sem poderem participar de nenhuma atividade lícita na constituição da sua república. Carece de importância a atenuante de Sócrates, quando diz a Glauco (595 a) que só banira da cidade a poesia por seu caráter mimético ou de imitação, pois nessa mesma restrição se encerra a mais formal recusa, porque, para ele, tanto o poeta como o pintor nada mais fazem do que reproduzir objetos que não passam de simulacros. A verdadeira imagem, ou "a forma natural" só poderá ser de origem divina, e só paira no domínio das idéias. Por isso mesmo, essa modalidade de criação não passa de uma imagem de imagem, ficando, desse modo, o poeta "afastado três pontos do rei e da verdade". (Aceitemos a comparação influenciada pelo protocolo da corte do Grande Rei, como recurso de emergência do Filósofo, que neste nosso Diálogo se queixa da insuficiência da linguagem escrita.) Deleitando-se com a representação da parte apaixonada da alma e de seus excessos sentimentais, o poeta implanta um mau go-

verno na alma de cada um de nós, adulando o que há nela de irracional e que por natureza é feito para ser mandado, não para governar.

"Seria exatamente o caso de entregar todo o poder e o próprio burgo nas mãos dos cidadãos perversos, e de matar as pessoas de valor; do mesmo modo dizemos do poeta imitador que ele implanta na alma de cada indivíduo uma constituição, com adular-lhe o elemento irracional e incapaz de distinguir entre o que é maior e o que é menor, e que considera grandes ou pequenas as mesmas coisas, conforme as circunstâncias, apresta simulacros e se encontra infinitamente afastado da verdade" (605 b e).

Muito pouca gente está em condições de refletir que as paixões alheias de que participamos atuam necessariamente sobre nós, e que, depois de alimentar e fortificar nossa sensibilidade no sofrimento dos outros, não é fácil conter a nossa em limites razoáveis. Isso, quanto à tragédia; mas o mesmo vale para os autores de comédias, atingidos, da mesma forma, pela pena de exílio cominada a Homero e aos poetas trágicos. "Sócrates" nesse particular é bastante claro.

"Muita chocarrice que te envergonharias de fazer, causam-te singular satisfação, quando representadas na comédia ou contadas numa roda de conhecidos, sem que as rejeites por indecorosas. Há perfeita analogia com o caso das lamentações. Aquele desejo que reprimimos por meio da razão, de medo de passares por palhaço, agora vai de rédeas soltas; mas, depois de fortalecido, muitas vezes, sem que o percebas, obriga-te, até mesmo em casa, a fazeres o papel de truão" (606 c).

Daí, só serem admitidos na cidade ideal os gêneros que se dedicarem à composição de hinos em louvor dos deuses ou que celebrarem as pessoas de bem. É conhecida a maneira por que os diretores da cidade receberiam ao poeta — fosse ele Homero ou qualquer um dos trágicos — que submetesse à censura prévia todo o seu repertório, para depois representá-los no teatro da cidade. Depois de ouvi-lo com atenção — tal como no caso do Rei Tamuz com Teute, o inventor da escrita, na ficção final do *Fedro* — lhe cingiriam a fronte com uma coroa de louros e lhe dariam as despedidas, repassadas de ironia: Todos os elogios ao altíssimo Poeta! Porém, aconselhamos-te, amigo, procurar outra cidade para expor as tuas habilidades. Os nossos guardiães não se educam com simulacros nem com imitações afastadas três pontos da verdade, mas com os ditames da razão a serviço da justiça e das demais virtudes.

VII

Neste ponto se observa a grande reviravolta do Filósofo no julgamento da poesia. Com o passar dos anos e a análise cada vez mais aprofundada desses problemas, Platão teria adquirido consciência de que na formulação de seus mitos ele não se deixava guiar apenas pela razão, com o encadeamento seco de seus silogismos, mas que cooperava decisivamente nesse processo de criação um elemento irracional de que ele não se daria conta no começo, e que o conduzia com segurança incrível na exposição de suas idéias. Não foi o entendimento que lhe patenteou o mito da caverna e tantos outros da mesma procedência, todos eles da maior utilidade para a final exposição de tais problemas. Como também não lhe teria escapado naquela análise de si mesmo que os seus escritos eram imitações tão aceitáveis como as que ele rejeitara no julgamento da *República*, simulacros, no final de contas, como todas as criações do teatro e, mais do que tudo, influenciadas por esse mesmo gênero de poesia.

Não é por acaso que no final do *Banquete*, escrito, com toda a probabilidade, logo depois do *Fedão*, Sócrates e Aristófanes se entretêm na apreciação do tema de que tanto a tragédia como a comédia, muito longe de constituírem gêneros antagônicos, podem ser cultivados pelo mesmo poeta: depois do drama da paixão e morte de Sócrates, aprouve ao Filósofo escrever o cântico da sua festividade, com todos os recursos estilísticos que lhe facultava o traquejo com as obras dos comediógrafos, principalmente as de Sofrão, que ele conhecera quando da sua primeira viagem à Sicília. A esse tempo, o ensino da Academia era essencialmente oral, conforme veremos dentro de pouco, na apreciação da sua estranha condenação da escrita como auxiliar do ensino, não livresco, como se tornou depois, a partir, possivelmente, de Aristóteles; mas, o livro em si mesmo já conquistara sua posição privilegiada como repositório insubstituível das lucubrações dispersas dos pensadores e dos poetas, ou apenas destes, no começo, por serem compostas em verso as dissertações dos físicos da Jônia e até mesmo as dos legisladores, para não entrarmos nos domínios da teologia nascente, com suas predições e seus oráculos. Sócrates, na *Apologia*, se refere aos livros de Anaxágoras, de fácil aquisição nas bancas do mercado, e por preço baratíssimo: "quando muito, uma dracma!" Chegou até nós a notícia da biblioteca — fala-se em dois mil volumes! — que Eurípides conseguiu formar, sendo certo que o próprio Platão não poupava esforços para adquirir, por intermédio dos ami-

gos, manuscritos raros, na Sicília e alhures. Grande deveria ter sido a biblioteca oficial da Academia, na qual sobressaíam, pelo número e pela excelência, as obras do seu fundador.

No elogio final de *Ião*, ainda é muito transparente a ironia habitual de Sócrates, para dizer que o vaidoso intérprete de Homero falava por inspiração divina, não pelo conhecimento que pudesse ter adquirido com a leitura da Ilíada e da Odisséia. Mas, no *Menão*, Sócrates já se nos revela convencido da legitimidade dessa fonte de conhecimento, que no caso dos estadistas célebres — um Péricles, um Temístocles — os tornava incapazes de transmitir a terceiros e aos próprios filhos os conhecimentos por meio dos quais chegaram a fazer o que fizeram, por isso mesmo que não agiam por meio da razão, mas por inspiração de cima. "E não será justo, Menão, chamar divinos a esses homens que, sem fazerem uso da razão, realizam muitas e grandes coisas, tanto por meio da ação como da palavra?" (999 b c).

VIII

Eis chegado o momento de fazer Platão a apologia do delírio, essa dádiva dos deuses e fonte dos maiores benefícios para os homens. E o faz na crítica a um escrito retório de Lísias, que Fedro, entusiasmado com as lentejoulas de suas expressões, se propusera decorar. Trazendo-o na mão esquerda, debaixo do manto, saiu da cidade para espairecer pelas margens do Ilisso, do lado de fora das muralhas. Nessa altura, Sócrates o encontrou; e, doido por discursos como sempre fora e ali mesmo o declara, dispõe-se a ouvir do jovem a obra-prima da retórica que um dia antes o autor havia lido para um grupo seleto de admiradores, reunidos na Moriquia, residência de Epícrato, junto do templo de Zeus Olímpico.

A tese ali defendida é das mais estapafúrdias: que é preferível entregar-se alguém a quem não lhe dedique amor, a ceder às instâncias do amante de verdade. Os argumentos de Lísias são finamente burilados, em obediência aos preceitos da retórica então em voga; Fedro se mostrava encantado principalmente com o preciosismo das expressões, e não se cansava de afirmar que a ninguém seria possível escrever coisa igual. Na sua ingenuidade não percebia os defeitos daquela peça tão bem trabalhada, mas carecente de um nexo causal entre as partes constituintes.

Levado pelo ardor da conversa, por duas vezes Sócrates se compromete com Fedro: primeiro, a fazer um discurso sobre o mesmo tema, porém sem incidir nos erros de Lísias, pa-

ra mostrar como deveria ser desenvolvido, a saber: como um todo artisticamente considerado, com princípio, meio e fim, no qual as partes estivessem em perfeita correspondência umas com as outras e com a idéia do conjunto. Depois, e para penitenciar-se por haver falado mal de Eros e purificar-se daquele "pecado de mitologia", quando disse que o jovem que ama de verdade pode ser prejudicial ao seu amado, dispõe-se a compor a sua palinódia, à maneira de Estesícoro, que recuperou a vista com uma retratação pública, sob a forma de um poema em louvor de Helena, por ele mesmo difamada em composição anterior. (Homero não se beneficiou dessa terapêutica por não haver reconhecido em tempo hábil a causa da sua cegueira e não haver refeito as passagens dos seus poemas em que atribui à bela Helena as desgraças que caíram sobre os dois povos em conflito.)

É sintomático que ponha Platão a sua palinódia sob a égide de um poeta e o cite nominalmente com os maiores elogios. Antes, falando em termos gerais, "dos homens e das mulheres de antigamente" que o censurariam se ele, Sócrates, deixasse passar sem protesto a heresia de Lísias, só para ser agradável a Fedro, menciona de corrida "a bela Safo ou o sábio Anacreonte" ou, ainda, um que outro prosador, sem especificar. Mas, na hora de cumprir o prometido é o poeta siciliano que ele traz, cercado de todo o nimbo da inspiração divina, para apadrinhar a sua retratação.

À primeira vista, poderia parecer desnecessária essa digressão sobre a mania das Musas, quando importava apenas exaltar o delírio amoroso. É que, só aparentemente o *Fedro* é um diálogo dedicado à exaltação do amor que se alimenta da contemplação da idéia da Beleza. Pelo menos na sua primeira parte poderia ser assim compreendido. Na realidade, porém, é um livro de combate, com endereço declarado e o fito de desmoralizar as composições dos retóricos do seu tempo e de apontar o rumo certo para o bom aprendizado da arte de escrever. Tematicamente, parece a seqüência natural do *Górgias* e de *Menéxeno*, sem a agressividade do primeiro nem a exaltação pratriótica do segundo. Porém, no desenvolvimento de alguns temas insertos pelo autor na trama do discurso e já tratados nos primeiros, sente-se, de imediato, a diferença de perspectiva, e que entre este e aqueles medeia muita reflexão e muito estudo. Tal fato se observa na apreciação da Retórica, comparada, no *Górgias*, à arte culinária, e o valor da poesia na formação do homem novo, tão violentamente atacada na *República*, por prejudicial à comunidade.

Agora, porém, é a poesia que dá a tônica do discurso, o que Sócrates atribui, com vizos de verdade, à influência das Ninfas do lugar, que o obrigaram, quase, a empunhar a tuba épica para dissertar como convinha sobre o tema proposto. E também das cigarras que cantavam do alto das árvores e que decerto iriam conferir-lhes a dádiva que costumavam conceder aos homens.

Que dádiva? perguntou Fedro, meio assustado, pois nunca ouvira falar em semelhante coisa. E com razão, pois o que temos em frente, neste passo, é mais uma das muitas criações do Filósofo, desta vez sobre a origem das cigarras, inventada, ao parecer, de improviso, no decurso da conversa. A fábula é bela demais para ser omitida; servirá como amostra, mais uma, do método de composição do grande estilista. Neste Diálogo ainda teremos de aplaudi-lo com outra criação do mesmo gênero, na oportunidade de mimosear-nos com o seu "conto egípcio" sobre a invenção da escrita, de duvidoso valor como reforço da memória. Mas, voltemos para as cigarras.

"Não é bonito para um amigo das Musas declarar que nunca ouviu falar de semelhante coisa. Contam que antigamente as cigarras eram gente, antes de haverem nascido as Musas. Mas, com o aparecimento das Musas, tendo surgido o canto, de tal modo alguns homens ficaram embevecidos com o novo deleite, que não faziam outra coisa senão cantar, e, esquecidos de comer e de beber, morreram sem dar por isso. Dessa gente é que provém a raça das cigarras; elas receberam das Musas o privilégio de não se alimentarem e de cantarem sem comer nem beber desde o nascimento até à morte, para depois irem contar às Musas quem as cultua na terra e como cada uma é particularmente venerada. A Terpsícore dizem o nome dos que as honraram nos coros, o que a deixa benevolente para com eles; a Érato, os que a cultuam em seus poemas amorosos, e assim com todas, conforme o culto peculiar a cada uma." (259 b d).

IX

Foi mentira quanto eu disse... É como Estesícoro inicia a sua palinódia, e Sócrates, agora, a retratação, para limpar-se com a boa água de um novo discurso da baboseira enunciada havia pouco, e com a esperança de que Lísias também se dispusesse a declarar quanto antes que em iguais circunstâncias os jovens devem preferir quem lhes dedique amor, não qualquer indiferente que se lhes apresentar com idênticas pretensões. É aí que Platão insere no seu escrito o elogio do de-

lírio, exaltado com as mais entusiásticas expressões nas quatro modalidades por que se manifesta: o delírio religioso, o profético, o poético e o amoroso.

Se fosse admissível, sem nenhuma restrição, que o delírio é um mal para os homens, seria aceitável a afirmação de Lísias; mas, a verdade é que os maiores bens nos vêm do delírio, cuja origem divina é confirmada em todas as suas manifestações. O delírio em pauta, da poesia de inspiração divina, "a terceira manifestação de possessão", provém das Musas, sendo esse, precisamente, o critério que nos permite distinguir entre o poeta verdadeiramente inspirado e o simples manipulador de versos, ou seja: entre o vate e o artesão.

Para Platão, o poeta e o filósofo são os seres de alma mais bem aquinhoada quanto à capacidade de captar o reflexo das imagens celestes que ela contemplou noutra existência no reino das idéias, e agora, depois de completar o milênio de purificação e de penetrar no germe de um homem, procura lembrar-se do que vira e dar forma aproximada a essas visões, com os recursos ao seu dispor da linguagem falada. Segundo a lei de Adrasteia, essa capacidade comporta nove tipos diferentes, em ordem decrescente, conforme a maior ou menor imperfeição das almas e a correspondente capacidade de captação das idéias: o filósofo e o vate; o rei legítimo, o potentado ou o guerreiro de prol; o político, o ecônomo ou comerciante; o ginasta ou alguém entendido na cura das doenças do corpo; o adivinho ou o iniciado nos mistérios; o poeta (leia-se: fazedor de versos, para distingui-lo do já mencionado) ou alguém afeito às artes da imitação; o artista ou o lavrador; o sofista ou o demagogo, e, por último, com a visão mais pobre, algum tirano.

X

Assim, com a conclusão dos três discursos — o de Lísias, peça autêntica, não qualquer contrafação do próprio punho de Platão; o segundo, pronunciado por Sócrates sob a influência do encantamento de Fedro, verdadeiro pecado de mitologia; e o terceiro e último, sua insuperável palinódia — volta Sócrates ao tema principal do Diálogo, para fixar o fim da verdadeira retórica e o caminho que precisará percorrer quem se propuser a estudá-la. Não o que pretendiam os sofistas, uma ciência para impor aos ouvintes sua maneira de pensar, ou ensiná-los a compor belos discursos para deixar vitoriosa a causa ruim e enfraquecer as boas, mas um guia da alma para alcançarmos a beleza e a justiça, fulcro de todo ensino verdadeiramente filosófico.

A esse modo, a primeira parte do Diálogo fornece o material para a discussão da segunda, cuja meta o Filósofo não perdera de vista, com todas as suas digressões. O que admira é haver comentadores, digamos, leitores apressados do *Fedro*, que negam essa unidade de concepção e se esforçam em demonstrar uma suposta disparidade entre a conversa algum tanto frouxa, segundo lhes parece, da parte final, com os mitos e divagações mais sérias do começo. Porém, nem todos rezam pela mesma cartilha. O Abade Diès, sempre seguro nas suas afirmativas, nos mostra como se nos impõe na leitura do *Fedro* a unidade da sua concepção.

"Quand on s'est déterminé à voir, dans le Phèdre une leçon de rhétorique superieure, on en saisit sans peine l'unité profonde, on découvre sans effort l'intime liaison de ces deux parties. . . C'est la liaison naturelle entre l'exemple concret et la leçon abstraite." (A. Diès *Autour de Platon.* Paris 1927. p. 420.)

Na época da composição do *Fedro* já se verificara completa reconciliação do Filósofo com a Retórica, como disciplina indispensável para a formação do escritor. A Retórica já não é comparada à culinária, nem seus adeptos, a farsantes sem o menor merecimento. Filosoficamente justificada, agora, pressupõe em quem fala ou escreve o conhecimento da alma e o amor à verdade e à justiça, para bem conduzir os adolescentes pelos caminhos pouco seguros da vida. É uma disciplina que só pode ser cultivada por espíritos de eleição e que se dediquem com entusiasmo à procura dos princípios eternos.

"E agora, passaremos a examinar o que nos propusemos antes: como ou quando se fala e escreve bem, e quando não?" É como Sócrates convida Fedro a tratar da retórica e do seu valor para o ensino. Sócrates, nesta altura, volta a empregar expressões de carinho, como para predispor ainda mais o seu jovem acompanhante a aceitar a sua direção. Ao referir-se o menino a certos argumentos de que tivera notícia, consente Sócrates em examiná-los, o que faz com a mesma leveza de estilo, peculiar a todo o Diálogo.

"Aproximai-vos, criaturinhas interessantes, e demonstrai a Fedro, pai de tão encantadores filhos, que se ele não estudar em profundidade a filosofia, jamais ficará em condições de falar sobre o que quer que seja. Agora cabe a Fedro responder."

Como diálogo, é de uma naturalidade ímpar; e como peça para ser lida, um dos maiores triunfos do escritor. Em algumas de suas obras do último período — em *Parmênides*, em *Leis*, nos últimos livros da *República* — por vezes tende a desaparecer a forma dialogal, por predominar a exposição corrente,

que só é interrompida por um que outro aparte dos opositores. Mas, nos primeiros escritos e nos Diálogos de maior nome, aqui no *Fedro,* no *Fedão* e no *Banquete*, a segurança com que o autor dirige a conversação é simplesmente de invejar. Não ficará fora de propósito mais um flagrante dessa conversa com Fedro, quando os dois amigos discorrem sobre a inanidade dos falsos argumentos da retórica, tal como era ensinada pelos sofistas.

Se alguém procurasse Eurípides ou Sófocles — é digno de menção que os poetas trágicos ocorram mais uma vez ao chamado do Filósofo, para fortalecer a sua posição — e lhes declarasse que sabia compor tiradas enormes sobre temas insignificantes, ou pequeníssimas sobre assuntos de alta monta, como bem entendesse, ou discursos comoventes, e o inverso: terríveis e ameaçadores, e tudo o mais pelo mesmo estilo: como achava o Fedro que os dois poetas lhe responderiam?

— Ririam nas bochechas de um tipo desses, foi a resposta, por imaginar que a tragédia seja outra coisa que não uma composição em que todos aqueles elementos se combinam e estão convenientemente relacionados com o conjunto.

Percebe-se que Fedro já estava familiarizado com a temática do Mestre. Na resposta de Sócrates acentua-se mais ainda essa característica didática dos Diálogos, que, podendo ser, por definição, modelos da arte de bem falar, em verdade se nos apresentam como exemplares acabados da não menos difícil arte de escrever. (Note-se, de passagem, na transcrição seguinte, como Sócrates enriquece o debate substituindo na sua resposta o exemplo dos dois poetas pelo do músico, com o que fortalece ainda mais a sua posição.)

"Porém acho que não o increpariam com rusticidade. À maneira de qualquer músico que encontrasse um homem convencido de conhecer harmonia, só pelo fato de saber como deixar uma corda com o som mais grave ou mais agudo, não lhe diria de modo muito grosseiro: Estás louco, idiota! Não; exatamente por ser músico, falaria com brandura: Caríssimo, quem quiser ser músico, forçosamente terá de saber isso; porém nada impede que ignore totalmente harmonia quem tiver essa disposição. Só possuis as noções preliminares do estudo da harmonia; mas, a própria harmonia, essa nem suspeitas o que seja" (268 d e).

Penetramos, assim, numa classe da Academia para assistir ao exame a que eram submetidos os mais famosos escritores da época, chefes de escola os de maior topete e, sobretudo, hábeis em tirar gordos proventos da profissão. Se no começo do diálogo serviu de pretexto ou de ponto de partida o

escrito de Lísias a que mais adiante Sócrates deu no nome de Tratado do Amor, no decorrer da conversa são chamados a depor os sofistas itinerantes que então pululavam no vasto mundo helênico e todos os que fizeram de Atenas o maior centro de atração. Alguns são citados nominalmente; mas, a maioria com alcunhas, aliás corteses, por equipará-los aos grandes vultos do passado lendário. Torna-se fácil identificá-los, quando é declarada a cidade de origem: o Palamedes de Eléia, o Gigante de Calcedônia, ou, com mais particularidade: o admirável Dédalo dos discursos, o homem de Bizâncio. As obras também aí mencionadas deviam ser do conhecimento dos ouvintes: As Belezas da Linguagem, O Santuário das Musas, ou simplesmente: Máximas, Imagens, Desdobramentos. Poucos são citados sem nenhuma conotação, o que revela maior apreço por parte do comentador: Protágoras, Hípias, Polo e mais alguns. Porém sempre com isenção de ânimo e o propósito de não ofender o contendor. Já vimos no exemplo do músico como devemos conversar com esses pseudo-sábios, que, por haverem levantado uma pontinha do véu, se consideravam exclusivos detentores da verdade.

XI

Semelhante deferência por parte do escritor termina com o elogio ao seu maior rival, Isócrates, cujo merecimento indiscutível como estilista e chefe de escola Platão saberia apreciar. Com ele aprendera Platão a evitar o hiato, característica do seu estilo que nos permite datar com segurança os Diálogos da maturidade. Como restrição, só era de lastimar que em seus escritos Isócrates não aliasse a profundidade filosófica à perfeição da forma.

Isócrates, mais idoso nove ou dez anos do que Platão, teve em Atenas atuação mais continuada, por não sentir necessidade de viajar por longes terras em busca de sabedoria. Dificulta sobremodo a apreciação entre os dois luminares a praxe então seguida no IV século, de não se fazerem referências a pessoas vivas, nos escritos de doutrina. Nesse particular, constitui exceção e elogio de Isócrates, o que só depõe a favor de sua sinceridade. Não é possível aceitar como irônicas, em todos os seus termos, aquelas expressões, para interpretá-las, em pé de igualdade, com os ataques do final de *Eutidemo*, na crítica ao desconhecido que comenta malevolamente com Critão a posição de Sócrates em conversa com os dois pugilistas e professores ambulantes de sabedoria: Eutidemo e Dionisodoro.

— Orador é que ele não é, diz Critão em resposta à pergunta de Sócrates; creio mesmo que nunca entrou no tribunal; porém é tido na conta de entendido na matéria e muito hábil em compor discursos primorosos.

— Agora compreendo; era a respeito dessa gente que eu ia manifestar-me. Pertencem ao tipo que Pródico diz encontrar-se na linha divisória da filosofia e da política. O cálculo deles está certo: só se adiantam em ambos os domínios até onde lhes convém; sem correrem nenhum perigo nem se envolverem em atritos, colhem os frutos de sua sabedoria (305, algum tanto resumido).

A carapuça servia direitinho na cabeça de Isócrates, que no começo de suas atividades como logógrafo, e de acordo com o costume da época, compunha discursos para serem lidos por terceiros. É esse o Diálogo de Platão que deve ser interpretado como resposta ao escrito Sobre os Sofistas com que Isócrates inaugurou as suas atividades de escolarca, logo depois de 390. Resposta ou provocação. Dada a penúria de informações de que dispomos, não é fácil decidir qual dos dois antagonistas iniciou o debate público. Tanto mais que era praxe — e a mesma coisa se observa em todos os tempos e em todas as literaturas — modificarem os autores o texto de seus escritos nas sucessivas "edições" da mesma obra, ou seja, nos rolos manuscritos que lançavam no comércio de livros.

Por isso, é inaceitável a opinião de Gilberto Murray — e quanta importância se atribui a si mesmo, e quanta honra, quem se permite discordar do grande helenista inglês! — quando coloca o *Fedro* em relação imediata com o mencionado panfleto de Isócrates. É que os dois escritos não são equiparáveis, em termos de polêmica; um é de ataque; o outro, de reconciliação. E mais: o aprimoramento do estilo de Platão, no *Fedro*, sobre o que, com tamanho acerto se refere o próprio Murray, com lembrar os termos técnicos cunhados pelo autor, os maneirismos para tornear a frase, e as diferentes maneiras de evitar o hiato, são resultantes do estudo dos escritos de Isócrates da maturidade, do *Panegírico*, a *Exortação à Paz*, e outros. Nem é aceitável a idéia de que o elogio do *Fedro* aí figure como acréscimo de uma edição posterior, com o fito de atenuar alusões menos corteses no corpo do trabalho. Em toda a crítica ao escrito de Lísias nem na segunda parte do Diálogo, nada pode ser tomado como indireta à pessoa de Isócrates.

Ao contrário, tudo leva a crer que a hostilidade entre os dois rivais de escola não teria sido permanente; mais do que as divergências na prática do ensino contribuíam para aproximá-los os pontos de contacto, no empenho de trabalharem

para a unificação da Hélade, cada um dentro de suas possibilidades. Numa coexistência tão longa — e ambos os escritores alcançaram a extrema velhice — não há incoerência em aceitarmos como igualmente sinceros os juízos antagônicos: a crítica aos sofistas em *Eutidemo* e no *Górgias*, em que mais sofreu o mestre de Isócrates que dá nome a este último Diálogo, ou o elogio habilidoso aqui no *Fedro*, e tanto mais aceitável por nos ser apresentado como um retrospecto de Sócrates, quando Isócrates estaria iniciando sua carreira de escritor, por volta de 410. A afirmativa do "Sócrates" do Diálogo, que a natureza pusera na alma daquele jovem "certa filosofia" (philosophia tis), deixava a porta aberta para a reconciliação. E muito embora, com o passar dos anos não se tivesse confirmado em todos os seus pontos aquela profecia a posteriori, os excelentes frutos da escola de Isócrates só contribuiriam para atenuar no juízo crítico de Platão as arestas de alguma divergência, digamos, metodológicas, no ensino das respectivas escolas. Ao fim e ao cabo, a psicagogia preconizada por Isócrates coincidia com os ensinamentos da Academia, no cultivo da difícil arte de formar homens e de regê-los. Na vida prática poderia, até, ser embaraçante o cabedal filosófico dos "acadêmicos", em compita com a oratória mais brilhante e segura de si mesma com que se distinguiam os egressos da escola de Isócrates. É conhecido o dito de Cícero sobre a importância da rival da Academia: Dessa escola, como do cavalo de Tróia, só saíram chefes completamente armados para a luta, tais e tantos foram os homens públicos que alisaram, quando estudantes, os bancos escolares, sob a direção de Isócrates. Historiadores como Éforo e Teopompo, oradores como Iseu, Licurgo e Ésquines, poetas, estadistas e um sem-número mais de luminares asseguraram a Isócrates, em vida, prestígio fora do comum, como educador e estilista.

Sem contarmos que esse Mestre-escola era uma força política de moral inatacável durante toda a sua longa vida dedicada às grandes causas. Dirigiu a vários estadistas do seu tempo o a que hoje damos o nome de carta-aberta, e que lhe pareciam capazes de pôr-se à frente de um movimento de unificação da Hélade, com vistas à sua libertação do inimigo comum. O último desses manifestos lhe custou a vida, aos noventa e dois anos de sua idade: a carta dirigida a Filipe da Macedônia. Porém, apesar da direção que tomaram os acontecimentos, no vasto mundo helênico ninguém pôs em dúvida as suas boas intenções com relação à mãe-pátria. Nove dias depois da batalha de Queronéia (em 338) — são unânimes os escritores antigos sobre esse ponto: Luciano, Pausânias, o

pseudo-Plutarco — quando Filipe da Mecedônia ainda festejava no seu acampamento a vitória que lhe assegurava o domínio absoluto sobre todo o mundo helênico, falecia Isócrates em Atenas, por se ter privado de alimentos desde que recebera a notícia fatal. Foi o castigo que se impôs por haver contribuído, sem o querer, para a escravização da Grécia.

XII

Ficaria incompleto o presente paralelo, se não acrescentássemos nesta altura que foi recíproca a influência entre os dois grandes escritores, em que pese à divergência no tocante a alguns pontos das respectivas doutrinas. É grande neste particular a bibliografia, no empenho de rastrear a presença de Platão nos escritos de Isócrates, não apenas sob a forma de alusões veladas, no fervor da discussão de princípios, como também no domínio das idéias. Restrinjamo-nos a um único exemplo, com a vantagem de reconduzir-nos quase sem trabalho ao ponto de partida, o Diálogo das presentes considerações, para arrematarmos a contento nosso estudo.

Por duas vezes, na Carta a Dionísio e no seu Philippus expressa Isócrates a convicção de que o texto impresso se encontra em situação desfavorável com relação à do discurso falado, conceito que não seria de esperar de um professor de eloqüência que partia sempre, em suas aulas, do modelo escrito, para chegar, ou para os alunos chegarem, aos debates do forum e das assembléias populares.

No entanto, numa época em que o papel do livro como instrumento do ensino já se tornara assoberbante, continuava na Academia a ser cultivada a memória como repositório de confiança dos conhecimentos adquiridos, ainda mesmo que tanto por parte dos mestres como dos alunos não se prescindisse da leitura dos livros indispensáveis para a melhor elucidação dos problemas debatidos em classe. A todas as luzes, podemos considerar como privativa de Platão, e um de seus paradoxos mais interessantes, a idéia da superioridade da linguagem falada, como veículo do pensamento, por ser semeada a semente sadia no terreno adequado, de alma para alma, sem o inconveniente da fixação no papel, que na sua carreira irresponsável poderia cair em mãos indignas. Na República de Platão os ignóbeis e os poltrões eram excluídos dos estudos superiores.

"É que a escrita, Fedro, é muito perigosa e, nesse ponto, parecidíssima com a pintura, pois esta, em verdade, apresenta

seus produtos como vivos; mas, se alguém lhe formula perguntas, cala-se cheia de dignidade. O mesmo passa com os escritos. És inclinado a pensar que conversas com seres inteligentes; mas, se, com o teu desejo de aprender, os interpelares acerca do que eles mesmos dizem, só respondem de um único modo e sempre a mesma coisa. Uma vez definitivamente fixados na escrita, rolam daqui dali os discursos, sem o menor discrime, tanto por entre os conhecedores da matéria como os que nada têm que ver com o assunto de que tratam, sem saberem a quem devam dirigir-se e a quem não. E no caso de serem agredidos ou menoscabados injustamente, nunca prescindirão da ajuda paterna, pois por si mesmos são tão incapazes de se defenderem como de socorrer alguém" (275 d e).

Ao passo que o discurso vivo e animado, ou discurso de quem sabe, é escrito com o conhecimento da alma de quem estuda, e que não somente é capaz de defender-se, que de falar e silenciar quando preciso.

Para dar maior realce a suas convicções, lança mão o Filósofo de seu recurso de emergência na exposição de temas filosóficos: abandona a lógica ou a faculdade discursiva e recorre à imagem, como o meio mais idôneo para veículo de seus ensinamentos: nos temas de filosofia pura, aos mitos com que se consagrou na história do pensamento como um dos maiores criadores no dimínio da poesia; e neste Diálogo, para ilustrar assunto de menor transcendência, "a um novo conto egípcio ou da terra que intenderes".

"Ouvi dizer que havia nos arredores de Náucratis, no Egito, uma dessas velhas divindades a quem os naturais da terra consagravam o pássaro denominado íbis..."

O conto é por demais conhecido; não há necessidade de transcrevê-lo. O fato é que ficará como o mais interessante exemplo da tão falada ironia socrática ou como um dos muitos paradoxos de Platão, que o maior elogio da palavra falada só alcançou a posteridade graças à malsinada invenção daquele demônio ou divindade do Egito, de nome Teute: a arte da escrita, no *Fedro*, o mais belo Diálogo de Platão e, no seu gênero, peça de acabamento dificilmente comparável, se não for apenas com dois ou três outros Diálogos da mesma procedência

FEDRO

(Ou: Do Belo. Gênero moral)

Personagens

Sócrates — Fedro

St. III

227 a I — *Sócrates* — Amigo Fedro, de onde vens e para onde vais?

Fedro — Venho, Sócrates, da casa de Lísias, filho de Céfalo. Resolvi espairecer fora dos muros; é que fiquei sentado muito tempo, desde manhãzinha. Seguindo as prescrições do nosso comum amigo Acumeno, agrada-me passear nas estradas; ele acha que descansa mais do que em galerias cobertas.

b *Sócrates* — Pois ele tem razão, amigo. Então, pelo que vejo, Lísias esteve entre nós?

Fedro — Sim, com Epícrato, naquela casa ao pé do templo de Zeus Olímpico, a Moriquia.

Sócrates — E como vos entretivestes? Sem dúvida Lísias regalou a todos vós com seus discursos?

Fedro — É o que ficarás sabendo, se te sobrar tempo para ouvir-me, enquanto passeamos.

Sócrates — Que me dizes? Parece que não me julgas capaz de preterir os negócios, como diz Píndaro, para saber o que tu e Lísias conversaram?

c *Fedro* — Então, andemos.

Sócrates — Podes falar.

Fedro — O que vais ouvir, Sócrates, é de tua competência. Não sei como se deu, mas o fato é que o tema com que nos ocupamos gira em torno do amor. Lísias figura o caso da conquista de um belo mancebo, porém não por parte de seu apaixonado. Nisso, precisamente, consiste a agudeza de sua tese: que é preferível alguém ceder às instân-

Reg. 2666/75
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

cias de quem não lhe dedica amor, a entregar-se a quem o ama de verdade.

Sócrates — Que homem raro! Se ele dissesse que o pobre é de preferir ao rico e o velho ao moço, ou falasse das misérias que me são peculia- d res e à maioria dos homens, teria ao menos feito um discurso civil e verdadeiramente democrático. De minha parte, tão grande é o desejo de ouvir-te, que embora esse passeio te levasse até Mégara e, em obediência ao preceito de Heródico, ao chegares aos muros da cidade, desandasses de volta para cá, não me apartaria de ti.

Fedro — Como assim, excelente Sócrates! Achas, mesmo, que um assunto desenvolvido por Lísias 228 a tão de estudo e em tão largo espaço de tempo, sendo ele o mestre incomparável dos nossos escritores, com toda a minha rudeza seria capaz de reproduzir de cor por maneira digna dele? Longe de mim tal pensamento, se bem que preferira estar em condições de realizar essa proeza a ser dono de todo o ouro do mundo.

II — *Sócrates* — Fedro! Fedro! Se eu não conhecesse o Fedro é que já me teria esquecido de mim mesmo. Porém nada disso é verdade. Tenho absoluta certeza de que, por tratar-se de um discurso de Lísias, ele não se satisfez com uma audição apenas, mas insistiu junto do autor para que o b lesse várias vezes, ao que o outro acedeu de muito bom grado. Mas, nem isso lhe bastou; tomando do livro, mergulhou na lição dos trechos mais interessantes. Nesse estudo passou sentado a manhã toda, até que, vencido da fadiga, saiu a espairecer cá fora, porém já com o discurso de cor, como tenho que de fato aconteceu — pelo cão! poderia jurá-lo — bem entendido, no caso de não se tratar de uma peça muito longa. Só veio passear fora dos muros para declamá-lo, e, ao topar com um tipo doente por discursos, exultou por haver encontrado um par- c ceiro para seus delírios coribânticos e o convidou a acompanhá-lo. Depois, instado por esse amante de discursos para que o lesse, fez-se rogado, como se não tivesse o menor desejo disso. Porém agora, ainda que ninguém se dispusesse a ouvi-lo, ele faria sua leitura, nem que fosse preciso recorrer à violência. Por isso, Fedro, insiste junto dele para não

deixar de pôr em prática o que irá fazer daqui a pouco.

Fedro — Estou vendo que será melhor reproduzir o escrito como puder, pois é certeza não me largares enquanto eu não disser alguma coisa.

Sócrates — É muito verdadeira essa observação.

d III — *Fedro* — Pois farei isso mesmo. No entanto, Sócrates, a verdade é que não o decorei; mas, quanto aos argumentos de quase tudo o que ele expôs sobre a diferença entre o apaixonado e o indiferente sem paixão, vou expô-los pela rama e na ordem certa, a começar pelo primeiro.

Sócrates — Pois não, amor; mas, antes disso mostra-me o que trazes na mão esquerda, debaixo do manto. Suspeito que seja o tal discurso. Se for o caso, podes ter a certeza de que, embora e eu te dedique muita estima, uma vez que Lísias se acha presente, não deixarei que te exercites à minha custa. Vamos, descobre-o logo.

Fedro — Basta! Frustraste minha esperança, Sócrates, de aproveitar nosso encontro para fazer exercício de memória. Mas, onde queres que nos sentemos, a fim de ler a peça?

229 a *Sócrates* — Sigamos por este atalho, na direção do Ilisso e nos acomodemos no ponto mais aprazível.

Fedro — Vejo que fiz bem em vir sem sandálias, que é como sempre andas. Poderemos, assim, caminhar o tempo todo com os pés n'água, o que não será desagradável, principalmente a estas horas e em tal época do ano.

Sócrates — Então, vai na frente e escolhe lugar para nos sentarmos.

Fedro — Estás vendo aquele plátano alto?

Sócrates — Como não?

b *Fedro* — Ali há boa sombra, brisa agradável e relva suficiente para nos sentarmos e até mesmo para deitar, se assim nos aprouver.

Sócrates — Então, sigamos.

Fedro — Dize-me uma coisa, Sócrates: não foi por aqui, nas margens do Ilisso, conforme contam, que Bóreas raptou Oritia?

Sócrates — É, de fato, o que dizem.

Fedro — Não terá sido aqui mesmo? Como o córrego é delicioso, e a água, tão pura e transparente! Convida as raparigas a brincar.

c *Sócrates* — Não, foi mais abaixo, dois ou três estádios, onde se atravessa para ir ao templo de Agra. Ergue-se naquele sítio, justamente, um altar de Bóreas.

Fedro — Ainda não o notara. Mas, em nome de Zeus, dize-me uma coisa, Sócrates: acreditas nessa história?

IV — *Sócrates* — Se, a exemplo dos sábios, eu não acreditasse, não seria de estranhar. Interpretação sutil da lenda fora dizer que o ímpeto de Bóreas a derrubou dos rochedos próximos, quando ela brincava com Farmaceia, e que as próprias circunstâncias de sua morte deram azo a dizerem que Bóreas a havia raptado. Ou daqui ou da Colina de Ares. Sim, porque há também uma versão, que d a dá como raptada daquele ponto. Enquanto a mim, Fedro, acho muito engenhosas todas essas explicações; porém exigem agudeza de espírito e bastante esforço por parte do hermeneuta, o que não é nada de invejar, visto como depois disso ele seria obrigado a corrigir a forma dos Hipocentauros e mais a da Quimera, para, logo a seguir, ver-se abarbado com uma turba de Górgonas e de Pégasos, além de e uma multidão inumerável de seres monstruosos e inconcebíveis. Perderia um tempo enorme o incrédulo que, armado apenas da vulgar sabedoria, se impusesse a tarefa de deixar aceitáveis todos esses monstros compósitos. E a razão, amigo, é a seguinte: até agora não fui capaz de conhecer-me a mim mesmo, conforme aquilo do oráculo de Delfos, donde 230 a parecer-me ridículo estudar coisas estranhas, antes de saber o que, de fato, sou. Por isso, digo adeus a essas histórias e me contento com a opinião comum; como disse há pouco, em lugar de investigar esses problemas, cuido apenas de examinar-me. Quero saber se sou algum monstro mais complexo e cheio de fumaça do que Tifão, ou algum ser delicado e simples e que, por natureza, participe de um destino de algum modo divino e sem fumos de qualquer espécie. E, por falar nisso, companheiro, não é esta a árvore para onde querias conduzir-nos?

b *Fedro* — É essa mesmo.

V — *Sócrates* — Por Hera! Que belo sítio para descansar! Este plátano, realmente, é tão copado quanto alto, e aquele pé de agnocasto além da sombra agradabilíssima que sua altura proporciona, embalsama toda a redondeza, por estar em plena florescência. E sob o plátano, também, que fonte encantadora! A água é bastante fria, o que os pés nos confirmam. Deve ser consagrada às Ninfas e c a Aquelôo, a julgarmos por estas imagens e figurinhas. Observa também como aqui a brisa é delicada e aprazível; sua melodia clara e estival acompanha o coro das cigarras. Porém, o mais admirável de tudo é a relva, que se eleva gradualmente para formar uma camada espessa. Se nos deitarmos neste ponto, disporemos de travesseiro em tudo cômodo. Revelaste-te excelente guia, amigo Fedro.

Fedro — E tu, varão admirável, és a criatura mais rara que eu já vi. Em verdade, conforme confessas, mais pareces estrangeiro que se deixa d conduzir, do que natural deste lugar. O certo é que nunca sais da cidade nem cortas as fronteiras. Penso mesmo que jamais foste além das portas da cidade.

Sócrates — Desculpa-me essa fraqueza, meu caro; é que, sendo como sou, um apaixonado do saber, nem o campo nem as árvores não me ensinam coisa alguma; somente os homens da cidade. Porém agora quer parecer-me que encontraste o meio de trazer-me para fora. Assim como fazem para conduzir animais quando estão com fome, agitando na frente deles algum ramo ou fruta: só com mostrares as folhas desse discurso, me levarás por toda e a Ática ou por onde bem entenderes. Mas, uma vez que já alcançamos nosso ponto, o mais certo, para mim, será deitar-me aqui mesmo. Vê qual te parece a posição mais cômoda e inicia logo essa leitura.

Fedro — Então, ouve.

VI — Sabes em que situação me encontro, como penso que já te falei nas vantagens, para ambos, 231 a de realizarmos isso. Tenho que minhas pretensões não poderão frustrar-se, justamente por eu não pertencer ao número de teus apaixonados, pois, de regra, os amantes se arrependem do bem que tenham feito, tão logo se extinga neles o desejo, ao passo

que os outros, nunca lhes chega o tempo do arrependimento, pois não é sob a pressão de alguma necessidade, senão por deliberação refletida e pelo estudo de sua própria situação que promovem o bem do amigo no que neles estiver. Ademais, os amantes costumam fazer o balanço dos prejuízos materiais que lhes possam ter causado sua paixão e as liberalidades de que deram prova, e somando a tudo isso

b os trabalhos por que passaram, consideram-se quites, com larga margem, da gratidão devida a seus amados. Ao revés disso, os que não amam não relacionam com a paixão o descuidarem-se de seus próprios interesses, nem levam em consideração as canseiras passadas, como não se queixam das por parte dos parentes. Por isso mesmo, livres, como se acham, de tais inconvenientes, não lhes resta outra alternativa senão fazer de boamente o que julgam ser

c de vantagem para o amado. Mais, ainda: admitindo que se devesse preferir os amantes, por se dedicarem particularmente a seus amados — é o que todos proclamam — e estarem dispostos, por atos e por palavras, a favorecer o amigo, embora com isso incorram no desagrado de terceiros, há um meio muito fácil de saber se o que eles dizem é verdadeiro: no caso de ulteriormente se apaixonarem de outros jovens, farão destes muito maior cabedal do que dos primeiros, e para serem agradáveis a seus novos amores, irão a ponto de prejudicar aqueles. Realmente, por que conceder um favor de tamanha rele-

d vância a tipos sujeitos a doença que nem o mais hábil prático conseguiria debelar? Sim, eles são os primeiros a admitir que estão mais doentes do que sãos, como têm perfeita consciência de umas tantas perturbações do juízo, porém se confessam incapazes de dominar-se. De que jeito, pois, quando recobrarem o entendimento, poderão aprovar os atos praticados em semelhante estado? E também: se dos teus apaixonados quiseres distinguir o melhor, tua escolha ficará limitada a um círculo reduzido, ao passo que se te dispuseres a procurar entre os outros o que mais te convém, constituindo eles multidão,

e muito maior probabilidade terás de encontrar entre tantos o mais digno de teu afeto.

VII — E se, porventura, temeres a opinião geral, por vir teu nome a cair na boca do povo e,

232 a com isso, te prejudicares: fica sabendo que os amantes, propensos sempre a se considerarem invejados por todos, como se invejam uns aos outros, serão os primeiros a se vangloriarem e mostrar a toda a gente que não perderam seu trabalho. Ao revés disso, os que não amam, por saberem dominar-se, antepõem o que é de maior valia à glória de serem comentados. Além do mais, é inevitável serem conhecidas de muita gente as relações dos amantes; já foram vistos seguindo os namorados e insistirem b com eles; de forma que quando os percebem sozinhos, não podem deixar de concluir que acabaram de satisfazer seus apetites ou que se acham no caminho disso mesmo. Os que não amam, ninguém pensa em censurá-los por causa de tais encontros, pois todos sabem muito bem que semelhantes colóquios terão de ser fruto de afeição recíproca ou da necessidade de espairecer. Há mais: se te preocupar a idéia de que dificilmente as amizades duram muito e que em caso de rompimento o prejuízo atinge ambas as partes, mas que será maior do teu lado c por haveres sacrificado o que tens de mais precioso: dos amantes, principalmente, é que terás motivo de temer-te. Para eles, tudo é pretexto de se sentirem magoados, pois acham sempre que todos só pensam em prejudicá-los. Daí lhes nasce procurarem de toda a forma impedir que seus amados se aproximem de outras pessoas, de medo que os ricos os sobrepujem com o dinheiro, e com sua inteligência façam os instruídos melhor figura do que eles, com o que d se põem de sobreaviso contra quem revela alguma superioridade nesse particular. E se acabarem contigo a que te afastes deles, o resultado é formares à tua volta um deserto de amizades. Porém, se considerares teus próprios interesses e te revelares mais sensato que todos, com estes é que terás de contender. Os que alcançam o seu intento sem serem apaixonados, graças exclusivamente ao mérito próprio, jamais se mostram enciumados dos que convivem com o seu amigo; pelo contrário: odiarão, de preferência, os que te evitam, por imaginarem que o fazem por desprezo, enquanto só poderás auferir e vantagens da convivência com os outros. Por tudo isso, é mais provável que de semelhante comércio nasça afeição, não inimizade. Ademais, é comum

entre os amantes cobiçarem apenas o corpo dos mancebos, sem lhes conhecer o caráter e os hábitos, de forma que não se pode ter certeza de que seme-
233 a lhante ligação sobreviva ao desejo. Com os que não amam, por, de algum modo, já serem amigos antes de se unirem, não é de temer que a satisfação daí resultante contribua para arrefecer a amizade; pelo contrário: valerá como penhor do que o futuro lhes reserva.

VIII — Digo mais: para o teu próprio aperfeiçoamento, é preferível ouvires-me a atenderes ao teu apaixonado. Pois este, contra a razão elogia o que fizeres ou falares, ou pelo receio de desagradar-
b -te, ou porque a paixão lhe falseie o julgamento. Porque o amor se manifesta do seguinte modo: o menor contratempo, que para muita gente nem seria digno de menção, aos olhos do amante infeliz é desgraça inominável, como, por outro lado, força os amantes venturosos a gastar elogios com o que não tem valor. Donde se colhe que os amantes são mais dignos de piedade do que de inveja. Por isso, se me escutares, em primeiro lugar não só não procurarei ao teu lado apenas o prazer transitório,
c como cuidarei de teus futuros interesses. Sem deixar-me dirigir pelo amor, porém sabendo dominar-me, não suscitarei discórdias por motivos fúteis, e até mesmo em casos de maior gravidade, com relutância e muito pela rama manifestarei meu desagrado; desculparei as faltas involuntárias, como procurarei impedir as voluntárias. Dize: não são esses os sinais de uma amizade fadada a durar sempre? E se porventura imaginares que não pode haver amizade firme sem amor verdadeiro, reflete
d que nesse caso nunca faríamos conta dos filhos nem dos pais nem das mães, como também jamais teríamos bons amigos, pois nenhuma dessas ligações se origina do amor, senão de sentimento de outra natureza. Mais, ainda: se for preciso conceder seus favores aos insistentes em suas solicitações, será mais razoável, acima de tudo, não entregar-se ninguém aos que tiverem maior merecimento, porém aos mais necessitados: quanto maiores forem os males de que os aliviares, tanto mais reconhecidos
e se mostrarão. Em tuas festas íntimas, também, não convides amigos, porém mendigos e famintos; serão

sempre os mais atenciosos, acompanhar-te-ão por toda a parte, não sairão de tua porta; são os que mais se alegram e sabem ser reconhecidos, além de, a toda hora, formularem votos para tua felicidade. Sim, porém decerto o aconselhável não será favore-

234 a cer os mais importunos, senão somente os mais capazes de demonstrar gratidão; não apenas os apaixonados, mas os merecedores de tão grande favor; não os que se propõem a gozar os encantos de tua mocidade, mas os que na tua velhice dividirão contigo seus haveres; não os que depois de alcançarem o que almejam, não falam noutra coisa, mas os que, de puro envergonhados, sabem calar na frente de terceiros; não os de afeição efêmera, mas os de amizade sempre igual a vida inteira; não os que, acalmado o desejo, só procuram pretexto para

b romper contigo, porém os que depois de perderes o viço, passam a dar provas de sua virtude muito própria. Guarda bem minhas palavras e considera que os amantes ouvem sempre dos amigos que sua paixão é viciosa, ao passo que os não apaixonados nunca foram acusados pelos parentes, por motivo dessas relações, de conduzirem mal os seus negócios.

IX — Talvez agora me perguntes se te aconselho a ser complacente com todos os que não amam. Quer parecer-me que nenhum amante te sugeriria

c tal pensamento com relação a tantos apaixonados, porque nem o favor é igual em todos os casos, para quem bem o considera, nem te seria possível conservar em segredo aos olhos do público semelhantes relações. O que é preciso é que de tudo isso não decorra prejuízo para ninguém, porém vantagens recíprocas. Penso que disse o suficiente; mas, se fores de parecer que omiti alguma coisa, podes falar.

E agora, Sócrates, que tal achaste o discurso? Não é admirável sob todos os aspectos, mas, principalmente, quanto às expressões?

d *Sócrates* — É demoníaco, meu caro; fiquei fora de mim. A ti, Fedro, é que devo essa impressão; não despreguei de ti os olhos e vi que durante todo o tempo da leitura estavas transfigurado. Convencido de que entendes desses assuntos mais do que eu, pus-me a seguir-te e, no teu rastro, divinal cabeça, deixei-me contagiar do mesmo furor báquico.

Fedro — Ora, estás brincando!

Sócrates — Achas que é brincadeira e que não falo sério?

e *Fedro* — De forma alguma, Sócrates. Mas, por Zeus amigo, dize-me com sinceridade se outro heleno seria capaz de falar mais e melhor sobre esse mesmo assunto?

X — *Sócrates* — Como! Teremos, eu e tu, de elogiar o discurso, por haver o autor desenvolvido o tema apresentado, ou simplesmente por serem claras e precisas suas expressões e torneadas com mão hábil? Se for o caso, concordarei contigo, para ser-te agradável, pois a minha insignificância não

235 a me permitiu ver nada do que disseste. Só me chamou a atenção o aspecto retórico da peça, querendo parecer-me que nesse terreno o próprio Lísias não se considerará bem sucedido. O que eu acho, Fedro, salvo melhor juízo, é que ele disse as mesmas coisas duas ou três vezes, como se encontrasse dificuldade para uma dissertação longa sobre o mesmo tópico, ou então, é só por haver-lhe despertado o assunto interesse muito relativo. Deu-me a impressão de um adolescente que se compraz em ostentar o talento, com exprimir as mesmas idéias ora de um jeito ora de outro, embora sempre com elegância.

b *Fedro* — O que disseste, Sócrates, carece de consistência. Pois o grande mérito da peça está precisamente em não haver omitido o autor nenhuma particularidade digna de ser desenvolvida. Depois disso, não acho que alguém possa dizer mais nem melhor.

Sócrates — É o que não posso conceder-te. Os homens e as mulheres de antigamente, que falaram ou escreveram a respeito desse tema, me confundiriam se eu concordasse contigo só para ser-te agradável.

c *Fedro* — Quem foram eles, e onde já ouviste coisa melhor?

XI — *Sócrates* — Assim, de pronto, não saberei dizer. Mas, é certeza tê-lo ouvido de alguém, ou fosse da bela Safo ou do sábio Anacreonte ou de qualquer outro prosador. E, por que me exprimo dessa maneira? Por pressentir o peito transbordar-me, divino Fedro, da convicção de poder concorrer com uma peça diferente e não ficar por baixo. Sei

muito bem que não se trata de lucubrações próprias, pois tenho plena consciência de minha ignorância; no entanto, remanesce a possibilidade, quero crer, de
d me ter enchido pelos ouvidos em fontes estrangeiras, como um vaso; mas, de pura estupidez, cheguei a esquecer em que circunstâncias isso se deu e de quem ouvi tais coisas.

Fedro — Muito bem, varão prestantíssimo. Não te peço que me declares o local nem o nome da pessoa, contanto que faças o que prometeste: um discurso melhor e não mais curto do que o do meu livro, sem te inspirares nele. De minha parte, como os nove arcontes, prometo oferecer em Delfos uma estátua de ouro do tamanho natural, não a
e minha apenas; também a tua.

Sócrates — Vales ouro, amabilíssimo Fedro, por imaginares ter eu dito que Lísias errou de ponta a ponta e que eu era capaz de fazer um discurso inteiramente diferente do dele. Creio que isso não se daria nem com o pior dos escritores. Para começar, quem seria capaz de desenvolver a tese de que se deve favorecer o amigo sem amor e não o apaixonado, porém não se permitindo celebrar a
236 a sabedoria de um nem censurar a indiscrição do outro — são argumentos que se impõem — e ainda encontrasse o que dizer? A meu parecer, devemos desculpar os oradores e deixar que aproveitem esses argumentos essenciais. Em semelhantes casos, o que elogiamos não é a invenção, mas a disposição dos argumentos; ao passo que nos não essenciais e difíceis de encontrar, além da seqüência devemos louvar a invenção.

XII — *Fedro* — De inteiro acordo; há bastante senso no que disseste. Do meu lado, farei o seguinte: admito que partas do argumento de que o indivíduo
b apaixonado tem o espírito mais doente do que o não apaixonado; porém em tudo o mais, se apresentares algo melhor e de maior substância do que isto aqui: ficarás permanentemente de pé, como estátua de ouro batido, em Olímpia, ao lado da oferenda dos Cipsélidas.

Sócrates — Levaste a sério a brincadeira, Fedro, por eu ter atacado o teu queridinho só para bulir contigo, e imaginas mesmo que desejo medir-me

com o seu grande saber e apresentar um discurso ainda mais variado?

Fedro — Desta vez, amigo, vieste cair na armac dilha que tu mesmo preparaste. De todo o jeito, terás de falar como te for possível, para que não sejamos forçados a descer às graçolas insulsas dos comediantes, num vaivém de zombarias, e não me obrigues a devolver-te tuas próprias expressões: Sócrates! Sócrates! se eu não conhecesse o Sócrates, é que já me teria esquecido de mim mesmo. E também: Vontade ele tinha de ler, mas fez-se rogado! Pois podes ter certeza de que não arredaremos pé daqui sem que primeiro despejes o que disseste ter

d no peito. Estamos sós; o lugar é deserto, e dos dois eu sou mais novo e mais robusto. Só direi que: Para bom entendedor meia palavra basta. Resolve-te, pois, a falar, antes que eu recorra à violência.

Sócrates — Meu bem-aventurado Fedro, leigo na matéria como sou, vou fazer papel ridículo, se, depois de um poeta de verdade, meter-me a falar de improviso sobre o mesmo assunto.

Fedro — Sabes de uma coisa? Pára com essas macaquices. Estou no ponto de soltar da boca a fórmula que te obrigará a falar.

Sócrates — Não na pronuncies!

Fedro — Pois é o que vou fazer. Juro... Por qual divindade hei de jurar? Por qual? Aceitas

e este plátano? Pois bem: se não declamares teu discurso diante deste plátano, juro que nunca mais te mostrarei nem indicarei discurso de nenhuma pessoa.

XII — *Sócrates* — Ah, bandido! Soubeste achar o meio certo para obrigar um amigo de discursos a dobrar-se a teus caprichos.

Fedro — E por que ainda recalcitras?

Sócrates — Não, já parei; desde o teu juramento. Como fora possível privar-me de tal festim?

237 a *Fedro* — Então, fala.

Sócrates — Sabes o que vou fazer?

Fedro — Não compreendo.

Sócrates — Tapar o rosto para chegar depressa ao fim do discurso e não me atrapalhar de vergonha, quando olhar para o teu lado.

Fedro — Contanto que fales, podes fazer o que bem entenderes.

XIII — *Sócrates* — Vinde, Musas sonorosas! quer sejais assim chamadas pela qualidade de vosso canto, quer provenha dos sonorosos Lígures semelhante qualificativo. Cooperai comigo no discurso que este excelente moço me força a improvisar, para que o seu amigo, que antes já lhe parecia b tão sábio, mais sábio ainda se lhe imponha à admiração.

Era uma vez um mancebo, ou melhor, um adolescente de extremada beleza, que vivia rodeado de admiradores. Entre estes um havia mais esperto do que os outros, o qual, dado que não estivesse menos apaixonado que os demais, convenceu o jovem de que não sentia por ele a menor inclinação e, de uma feita, empenhado em conquistá-lo, procurou demonstrar-lhe que, de preferência, ele deveria favorecer quem não lhe tivesse amor, não seus apaixonados. Falou-lhe do seguinte modo:

Em todas as coisas, jovem, só há uma maneira c de principiar, para quem quiser aconselhar bem: conhecer de plano o assunto sobre que pretende doutrinar, pois, de outro jeito, por força erraria em tudo o que dissesse. De regra, escapa aos homens que eles não conhecem a essência das coisas; porém, convencidos de que a conhecem, não se põem de acordo nesse ponto ao entabularem diálogo. O resultado é virem a sofrer mais adiante as conseqüências de tal erro, por não ficarem nem acordes consigo mesmos nem uns com os outros. Evitemos, eu e tu, incorrer nessa falta que censuramos nos demais, e, uma vez que nos propusemos a questão de saber se o amigo não apaixonado deve ter preferência sobre d o que revela amor, assentemos desde já o que seja o amor e sua virtude peculiar, para, sem perdermos de vista nossa definição e a ela recorrendo quantas vezes for preciso, decidirmos se o amor é prejudicial ou benéfico.

XIV — Todo o mundo está de acordo em que o amor é um desejo; por outro lado, sabemos que as pessoas que não amam desejam também o belo. Qual o critério, então, para distinguirmos entre o indivíduo que ama e o que não ama? Convém saber, por conseguinte, que em todos nós há dois princípios que nos governam e dirigem, e aos quais seguimos para onde quer que nos conduzam: um é o

inato desejo dos prazeres; o outro, a idéia adquirida de que é preciso procurar o bem. Esses dois princí-
e pios ora se acomodam no nosso íntimo, ora se combatem, com o predomínio alternado de um ou de outro. Quando prevalece o gosto racional do bem e esse gosto nos dirige, recebe o nome de temperança;
238 a porém quando é o desejo irracional que nos arrasta para os prazeres e impera em nós, intemperança é o nome dado a tal governo. Porém, semelhante excesso é designado de vários modos, por ser de múltiplos membros e de formas diversíssimas; quando uma dessas formas vem a predominar, transmite seu próprio nome ao indivíduo que a possui, denominação nada bela nem recomendável. Assim, sobrepujando
b a razão e os demais apetites o desejo de comer, recebe o nome de glutonaria, sendo chamado glutão o que dele é possuído. Quando é o desejo de beber que tiraniza e faz o que quer com sua vítima, todos sabemos que nome esta recebe. Com respeito aos outros desejos, irmãos ou irmãs dos precedentes, ninguém ignora como é designada a pessoa em que um ou outro predomina. Penso que já se tornou patente qual seja o desejo a que visa toda esta explanação. Porém a palavra falada é muito mais clara do que a que não se pronuncia. Direi, pois, que sem-
c pre que o desejo irracional vence o sentimento que nos leva para o bem e se dirige para o prazer despertado pela beleza, vindo a ser reforçado pelos desejos da mesma família, que só visam à beleza física e se torna pendor irresistível, dessa própria força heróica tira o nome de Eros, ou de Amor. — Não te parece, amigo Fedro, como acontece comigo, que me acho sob a influência de algo divino?

Fedro — Sem dúvida, Sócrates; contra teus hábitos, deixas-te arrebatar pela torrente da eloqüência.

Sócrates — Fica, então, quieto e continua a
d ouvir-me. Realmente, este local parece divino. Por isso, não te admires se na seqüência do meu discurso eu for arrebatado pelas Ninfas. Não estou longe de falar em ditirambos.

Fedro — É muito certo o que dizes.

Sócrates — A culpa é tua. Porém escuta o resto; talvez seja possível desviar de mim o que

pressinto. Mas isso é com a divindade; só o que nos compete é reatar a conversa com o nosso jovem.

XV — É assim, excelente criatura; o tema que urgia desenvolver já foi apresentado e definido; e agora, sem perdermos de vista nossa definição vejamos que proveito ou desvantagens deve esperar com certa probabilidade quem se decidir por um amante apaixonado ou por quem não lhe dedique amor. O indivíduo governado pela paixão e rebaixado à condição de escravo do desejo, forçosamente procurará alcançar do seu amado a maior soma possível de prazeres. Mas, o espírito doentio só gosta do que 239 a se lhe submete, detesta o que lhe é igual ou superior. Desse modo, o amante não suportará no amado o que lhe for superior ou igual; pelo contrário, procurará rebaixá-lo em tudo e diminuí-lo. Ora, o ignorante é mais fraco do que o sábio; o cobarde, mais do que o bravo; o que não sabe falar, mais do que o orador eloqüente, e o de entendimento lerdo, mais do que o de espírito atilado. Todas essas deficiências, e outras ainda mais graves que o amigo venha a adquirir ou lhe sejam inatas, farão as delícias do amante, que irá a ponto de estimulá-las para não privar-se da vantagem do prazer momentâneo. Por força terá de ser ciumento; e pelo fato b de impedir o seu amado de contrair relações úteis, que poderiam fazer dele um homem de bem, na acepção lata do termo, prejudica-o enormemente, máxime por privá-lo da companhia dos que poderiam deixá-lo sábio. Nessa rubrica se inclui a divina filosofia, da qual o amante forçosamente manterá afastado o seu queridinho, de medo de ver-se desprezado por ele. Em resumo: lançará mão de todos os recursos para que seu amado se conserve na mais negra ignorância e só tenha olhos para vê-lo. Assim, quando um atingir o ponto mais alto da ventura, o outro estará prejudicado ao máximo. Donde se c colhe que para a inteligência, quer como guia, quer como companheiro, de nenhum proveito pode ser o amante apaixonado.

XVI — No que respeita ao tipo físico e aos cuidados com o corpo de que se tornara senhor, como se comportará quem é escravo do prazer, com sacrifício do bem, é o que passaremos a considerar. Vê-lo-emos procurar um amado franzino e sem

musculatura, criado em recintos escuros, não em lugares batidos pelo sol, sem experiência das fadigas másculas e do suor dos exercícios físicos, acostumado a um regime brando e afeminado, e que, por carecer
d de atrativos naturais, se enfeita com cores e adornos de empréstimo e aplica todo o seu tempo só nisso e em ocupações congêneres. São fatos bastante conhecidos; não há necessidade de prosseguir. Contentando-nos com esta enumeração sumária, tratemos de outro ponto. Tanto na guerra como em situações similares de igual responsabilidade, um corpo tão mal aquinhoado só faz crescer a coragem do adversário e cria preocupações para os amigos e demais apaixonados. Por tratar-se de um fato muito sabido,
e deixemo-lo de lado e passemos ao estudo do seguinte tema: se a companhia do amante ou a sua influência é prejudicial ou de vantagem para o que possuímos. Ora, é evidente para todo o mundo, principalmente para o indivíduo apaixonado, que ele desejaria ver o seu querido privado do que lhe é mais caro, mais benéfico e mais divino, e faz votos para
240 a que venha a perder pai, mãe, parentes e amigos, por tê-los na conta de censores e perturbadores do seu delicioso comércio. E se porventura o amado é rico em ouro ou bens de outra natureza, achará que ele não é fácil de seduzir, nem, depois de conquistado, de cômodo manejo. Por tudo isso, é forçoso não alegrar-se o amante com a riqueza do amado, chegando mesmo a exultar com a sua ruína. Mais, ainda: sem mulher, sem filhos, sem lar a vida inteira, é como deseja vê-lo o apaixonado, para que o mais tempo possível ele colha sozinho os saborosos frutos de seu deleite.

XVII — É certo que há males de outra natureza; porém na maior parte deles misturou uma
b divindade algum prazer momentâneo. Assim, ao adulador, animal terribilíssimo e de práticas altamente danosas, concedeu a natureza certo atrativo. Poderão, talvez, reprovar-vos o conhecimento de alguma cortesã ou o de um sem-número de outras criaturas de práticas análogas, cuja companhia, no entanto, por um dia, ao menos, é agradável a mais não poder ser. Ao revés disso, o amante, sobre pre-
c judicial, é insuportável, pelo simples fato de ser ininterrupta sua presença. Já dizia o provérbio:

cada idade só se compraz com os seus coetâneos; e a razão, segundo creio, é que a igualdade, sob esse aspecto, leva aos mesmos prazeres e gera a amizade, o que não exclui o tédio nem mesmo em semelhantes ligações. Por outro lado, o constrangimento, que em tudo é considerado incômodo, somado à diferença de idade, sê-lo-á particularmente intolerável nas relações entre o amante e o amigo. Nem de dia nem de noite o indivíduo idoso consente em apartar-se de seu
d jovem companheiro. A necessidade e o aguilhão do desejo o impelem a ver a todos os momentos o objeto da sua paixão, a ouvi-lo, a tocar-lhe, a conhecê-lo por meio de todos os sentidos, constituindo suas delícias estar sempre junto dele, para melhor servi-lo. Mas, que prazer ou compensação pode ele dar ao seu amado, a fim de impedir que durante todo esse tempo ele não chegue ao cúmulo do desgosto, por ser forçado a ter continuamente diante dos olhos aquele rosto velho e carecente do viço da mocidade e tudo o mais que lhe vem no rasto, que
e só de ouvir falar causa repulsa, principalmente na realidade a que não pode subtrair-se? Sim, seus passos são vigiados com ciúme infundado de tudo e de todos; terá de ouvir elogios fora de tempo e de propósito, e outras tantas impertinências, já de si insuportáveis quando ditas pelo amante antes de haver bebido, e, mais do que insuportáveis, infamantes, quando o ébrio solta rédeas a seu linguajar despudorado.

XVIII — Além do pernicioso e do importuno quando amava, ao deixar de amar vem a infidelidade ao mundo de promessas do passado, então feitas com tantos juramentos e súplicas, pois era
241 a apenas à custa da negaça da miragem de bens futuros que ele conseguia entreter aquela fastidiosa convivência. Chegou a hora de saldar a dívida; mas, no imo peito já trocou de senhor e guia: no lugar do amor e do delírio, está a razão e a temperança; tornou-se outro, muito diferente, sem que o amado o percebesse. Este, agora, exige o pagamento dos favores concedidos, apelando para seus atos e palavras anteriores, como se ainda falasse com o mesmo indivíduo. De vergonha, o outro não se atreve a confessar que não é o mesmo, sem saber de que modo cumprir as juras e as promessas do tempo

b em que se achava sob o domínio da loucura; tendo ficado ajuizado e temperante, não deseja voltar a ser o que fora, com incidir nos mesmos erros de sua conduta anterior. Daí, tornar-se trânsfuga e ser obrigado a renunciar ao amado de ontem; caíra com mau augúrio a valva da ostra: de perseguidor passa a fujão. O outro se vê forçado a persegui-lo; indigna-se e jura pelos deuses que desde o início ignorava tudo, isto é, que nunca deveria ter-se entregue a um indivíduo apaixonado e, por isso mesmo, de-
c mente, mas de preferência, a quem não lhe dedicasse amor, porém fosse equilibrado. De outra forma, não se teria entregue a um tipo sem fé, mal humorado, ciumento, repulsivo e tão descuidado dos seus próprios haveres, como prejudicial à saúde, porém mais prejudicial ainda ao aperfeiçoamento da alma, que é e sempre será, assim para os homens como para os deuses, o mais precioso dom. A respeito de tudo isso, menino, convém meditares, a fim de compreenderes que a amizade do amante não é bem
d intencionada e só visa a saciar o apetite: Como os carneiros aos lobos, o amado aos amantes agrada. Foi como eu te disse, Fedro: não ouvirás de minha boca nem mais uma palavra. Aqui termina o meu discurso.

XIX — *Fedro* — Pois eu imaginava que ainda estavas no meio e irias falar outro tanto a respeito do que não ama, para mostrar que ele deve ter preferência sobre o primeiro, e enumerar as vantagens a seu favor. Por que parar, Sócrates, nesse ponto?

e *Sócrates* — Não percebeste, meu caro, que eu passei dos ditirambos para o verso heróico, e isso quando se tratava de censuras? Se eu tivesse, agora, de elogiar o outro, como achas que devia proceder? Não te parece que as Ninfas, contra as quais me atiraste mui de estudo, vão deixar-me inteiramente transtornado? Limitar-me-ei a dizer o seguinte: tudo o que eu reprovei num, redunda em vantagem para o outro. Por que alongar o discurso? Já falamos o suficiente de ambos. Entrego minha história ao seu próprio destino; o que tiver de ser, será. De minha
242 a parte, vou atravessar o rio e fugir daqui, para evitar que sobre mim exerças maior violência.

Fedro — Ainda não, Sócrates; espera que a calma se atenue; não vês que é quase meio-dia, quando dizemos que o sol pára? É preferível ficar e entretermo-nos a conversar sobre o que acabamos de expor; quando refrescar, partiremos.

Sócrates — No que respeita a discursos, Fedro, és simplesmente divino e maravilhoso. Estou convencido de que dos discursos surgidos no teu tempo, b ninguém deu origem a tantos como tu, ou por tu mesmo os teres pronunciado, ou por teres sido, de um jeito ou de outro, causa indireta de que terceiros os compusessem. Só excetuo Símias de Tebas; mas, a todos os outros levas as lampas com vantagem. Agora mesmo quer parecer-me que vais dar azo a que eu pronuncie mais um.

Fedro — Não é declaração de guerra; mas, como será? De que discurso se trata?

XX — *Sócrates* — No momento preciso, meu caro, em que me dispunha a atravessar o rio, manifestou-se-me o sinal divino que me é habitual e c sempre me detém na execução de algum intento; pareceu-me ouvir uma voz aqui mesmo, que me impedia de sair antes de purificar-me, como se eu houvesse cometido alguma falta contra a divindade. Sou um pouco adivinho; bem medíocre, é certo; como as pessoas que escrevem mal; o suficiente para o gasto. Agora, conheço com segurança o meu delito. A alma, companheiro, é dotada de uma espécie de dom divinatório. Desde algum tempo, no decorrer do meu discurso algo me perturbava, de medo, para empregar a expressão de Íbico,

> De haver aos homens agradado, à custa
> de descurar dos deuses.

Agora sei em que consistiu esse erro.

Fedro — Em que foi?

Sócrates — Terrível, Fedro, foi o discurso que trouxeste e o que me obrigaste a pronunciar.

Fedro — Como assim?

Sócrates — Tolos, simplesmente, e, de algum modo, ímpios. Poderá haver nada mais calamitoso?

Fedro — Não, caso fales a verdade.

Sócrates — E então? Não achas que Eros seja filho de Afrodite, e que também é um dos deuses?

Fedro — Pelo menos, é o que dizem.

Sócrates — Porém não foi isso o que Lísias e afirmou em seu discurso, nem tu no que pronunciaste depois de haveres encantado minha boca. Se Eros é um dos deuses ou algo divino, como realmente é, de nenhum jeito poderá ser pernicioso. Ora, nos discursos proferidos agora mesmo a seu respeito, ele é apresentado como tal. Nesse ponto ambos ofenderam profundamente Eros. De resto, são de 243 a uma ingenuidade nunca vista. Dado que nada digam de são nem verdadeiro, assumem ares de quem vale alguma coisa, na esperança de iludir meia dúzia de homúnculos e adquirir prestígio à custa deles. Por isso, amigo, preciso purificar-me. Para os que cometem pecado de mitologia, há uma purificação antiga que passou despercebida a Homero, não, porém, a Estesícoro. Privado da vista por haver injuriado Helena, não lhe escapou, como a Homero, a causa de semelhante fato; por freqüentar as Musas, reconheceu-a e de pronto compôs os versos:

> Foi mentira quanto eu disse.
> Nunca subiste nas naves
> de belas proas recurvas,
> b nem no castelo de Tróia
> jamais pisaste algum dia.

Havendo escrito nesse estilo toda a denominada Palinódia ou Retratação, imediatamente recuperou a vista. De minha parte, quero mostrar-me mais sábio do que ambos; nesse ponto, pelo menos. Antes de cair sobre mim alguma desgraça por haver falado mal de Eros, vou tratar de apresentar-lhe minha retratação, e isso de cabeça descoberta, não velada como a vergonha há pouco me obrigou a proceder.

Fedro — Não poderias dar-me, Sócrates, notícia mais auspiciosa.

c XXI — *Sócrates* — Revelas com isso, meu bom Fedro, que compreendeste toda a inconveniência daqueles discursos, este último e o que leste pelo livro. De fato, se algum varão nobre e de gênio afável, que amasse ou tivesse amado um jovem como

ele, nos ouvisse dizer que, por motivos fúteis, os amantes concebem grande inimizade com relação a seus amados ou se mostram ciumentos e, sobretudo, perniciosos: como deixar de imaginar que estava a ouvir pessoas criadas no meio de marujos, e de todo desconhecedoras do amor verdadeiramente livre? De d nenhum modo poderia concordar conosco na carga que fazemos contra o amor.

Fedro — Por Zeus! É bem possível, Sócrates.

Sócrates — De vergonha, pois, dessa pessoa e de medo de Eros, pretendo limpar-me com a boa água de um novo discurso de toda a salsugem dos conceitos há pouco enunciados. Aconselho também Lísias a escrever quanto antes que, em iguais circunstâncias, um jovem deve preferir quem o ama, não quem não lhe dedique amor.

Fedro — Fica certo de que ele fará isso mesmo. Uma vez pronto o elogio que fizeres do amante, sem e falta obrigarei Lísias a escrever outro discurso sobre o mesmo tema.

Sócrates — Confio nisso, enquanto fores o que és.

Fedro — Podes falar com toda a segurança.

Sócrates — Mas, onde está o jovem a quem há pouco eu me dirigia? É preciso que ele também ouça, para não acontecer que, por ignorância, corra a entregar-se a quem não lhe tenha amor.

Fedro — Estará sempre pertinho de ti e aí permanecerá o tempo que quiseres.

XXII — *Sócrates* — Fica pois sabendo, belo 244 a menino, que o discurso anterior era da autoria de Fedro, filho de Pítocles, o homem vão, natural de Mirrina, a cidade da mirra e da volúpia, ao passo que o que eu passarei a recitar agora é de Estesícoro, filho de Eufemo, o piedoso, natural de Hímera, a cidade dos anelos. Terá de ser vazado nos seguintes termos: Foi mentira quanto eu disse, que tendo o jovem um apaixonado, é preferível entregar-se a quem não lhe dedique amor, por delirar o primeiro e ser o outro equilibrado. Se fosse admissível, sem restrição de qualquer espécie, que o delírio é um mal, seria muito justa semelhante assertiva; porém a verdade é que os maiores bens nos vêm do delírio, que é, sem a menor dúvida, uma dádiva dos deuses. A profetisa de Delfos e as sacerdotisas de

b Dodona, em seus delírios prestaram inestimáveis serviços à Hélade, tanto nos negócios públicos como nos particulares; ao passo que em perfeito juízo pouco fizeram, ou mesmo nada. Se mencionássemos a Sibila e todos os que, por inspiração divina, com suas predições endireitaram a vida de tanta gente, alongaríamos sem necessidade o discurso com coisas muito conhecidas. Mas, há um testemunho digno de menção: os antigos, que deram o nome a tudo,

c não acharam que delírio fosse qualquer coisa feio ou desonroso. De outro modo, não teriam entrelaçado esse nome com a mais nobre das artes, a que permite predizer o futuro, com denominá-la manikê, mania; foi por a considerarem algo belo, sempre que se manifesta por dispensação divina, que a designaram desse modo. Porém os modernos, por carecerem do sentimento do belo, intercalaram um t, com o que ficou chamada mantikê, arte divinatória, ou mântica. Outro exemplo: os indivíduos sensatos procuram conhecer o futuro pelo estudo do vôo dos pássaros e de sinais congêneres; e, uma vez que essa arte, com a ajuda da reflexão, se esforça em dotar o pensamento humano (oiêsis) de inteligência (nous) e informação (historia), foi essa arte a princípio denominada oio-no-histikê e, modernamente, oiô-

d nistikê, arte dos augúrios, graças à introdução de um ômega enfático. E quanto a arte da adivinhação ultrapassa em perfeição e dignidade a dos augúrios, tanto, com relação aos nomes e aos respectivos objetos, na mesma escala, segundo o testemunho dos antigos, em nobreza ultrapassa o delírio à ponderação, um dom divino versus um talento puramente humano. Sempre que, em vingança de antigas ofensas, certas famílias eram visitadas, não se sabe como, por doenças e desgraças terríveis, o delírio se manifestava em pessoas para isso predestinadas,

e as quais, com profecias apontavam a salvação sob a forma de preces e cerimônias propiciatórias. Assim, graças à invenção das purificações e das expiações, o delírio preservou seus participantes de calamidades presentes e futuras, com ensinar ao homem verdadeiramente inspirado e possuído a maneira de libertar-se dos males do momento. A terceira

245 a manifestação de possessão e de delírio provém das Musas: quando se apodera de uma alma delicada e

sem mácula, desperta-a, deixa-a delirante e lhe inspira odes e outras modalidades de poesia que, celebrando os numerosos feitos dos antepassados, servem de educar seus descendentes. Mas, quem se apresenta às portas da poesia sem estar atacado do delírio das Musas, convencido de que apenas com o auxílio da técnica chegará a ser poeta de valor, revela-se, só por isso, de natureza espúria, vindo a eclipsar-se sua poesia, a do indivíduo equilibrado, pela do poeta tomado do delírio.

b XXIII — Tudo isso, e muito mais ainda, eu poderia citar dos bons efeitos do delírio inspirado pelos deuses. Não há motivo, pois, de nos arrecearmos dele nem de nos perturbarmos com a doutrina segundo a qual o amigo ponderado deve ser preferido ao apaixonado e delirante. Antes do mais, para alcançar em todo o ponto a palma da vitória, seria preciso provar que o amor não é enviado pelos deuses para o bem dos amantes e dos amados. De nossa parte, só nos cumpre demonstrar a tese oposta, a saber: que essa espécie de delírio nos foi dada pelos c deuses para nossa maior felicidade. É certo que tal demonstração não agradará aos espíritos fortes, esses homens terríveis, mas para os sábios será bastante convincente. O ponto está, inicialmente, em alcançar a verdade a respeito da natureza da alma, assim divina como humana, pela observação de seus atos e afecções. O começo da demonstração é como segue.

XXIV — A alma toda é imortal, pois o que move a si mesmo é imortal; porém o que movimenta outra coisa ou é movido por outra coisa, deixa de viver quando cessa o movimento. Somente o ser que a si mesmo se movimenta, pelo fato de nunca abandonar-se, é que não pára de mover-se, como é fonte e princípio de movimento para tudo o que recebe movimento do de fora. Só o princípio não d é gerado; muito ao revés disso: dele, necessariamente, é que se origina tudo o que nasce, ao passo que ele mesmo não provém de nada, porque se se originasse de alguma coisa, não seria princípio. Ora, uma vez que nunca nasceu, terá também de ser indestrutível, pois se o princípio viesse a perecer, nem ele poderia renascer de alguma coisa, nem nada teria nascimento nele, a ser verdade que tudo terá de provir de algum princípio. Surge daí, ser princí-

pio de movimento o que se movimenta a si mesmo; donde se colhe, que ele não pode começar a existir nem vir a destruir-se, sob pena de cair e parar

e todo o céu e toda a geração, que nunca mais encontrariam outra fonte de vida e de movimento. Demonstrada, assim, a imortalidade do que se movimenta por si mesmo, não terá de que envergonhar-se quem afirmar que nisso consiste a essência e a própria idéia da alma. Todo corpo que recebe de fora o movimento é inanimado, sendo, pelo contrário, animado o que tira de si mesmo, de dentro, o movimento, pois nisso, precisamente, consiste a natureza da alma. Ora, se as coisas se passam, realmente, desse modo, se a alma é o que a si mesmo se mo-

246 a vimenta, necessariamente a alma não pode ser gerada e é imortal. A respeito da imortalidade, é quanto basta.

XXV — Sobre sua natureza, teremos de dizer o seguinte: o que, realmente, ela seja, é assunto de todo o ponto divino, que exigiria largas explanações; mas, irá bem uma imagem em nosso linguajar humano e de recursos limitados. Deste modo é que devemos expressar-nos: assemelha-se a uma força natural composta de uma parelha de cavalos alados

b e de seu cocheiro. Os cavalos dos deuses e os respectivos aurigas são bons e de elementos nobres, porém os dos outros seres são compostos. Inicialmente, no nosso caso o cocheiro dirige uma parelha desigual; depois, um dos cavalos da parelha é belo e nobre e oriundo de raça também nobre, enquanto o outro é o contrário disso, tanto em si mesmo como por sua origem. Essa a razão de ser entre nós tarefa dificílima a direção das rédeas. De onde vem ser denominado mortal e imortal o que tem vida, é o que procurarei explicar. Sempre é a alma toda que dirige o que não tem alma, e, percorrendo a totalidade do universo, assume formas diferentes, de acor-

c do com os lugares. Quando é perfeita e alada, caminha nas alturas e governa o mundo em universal. Vindo a perder as asas, é arrastada até bater nalguma coisa sólida, onde fixa a moradia e se apossa de um corpo de terra, que pareça mover-se por si mesmo, em virtude da força própria da alma. Essa composição tem o nome de animal, a alma e o corpo ajustados entre si, e é designada como mortal. A

imortal não pode ser compreendida racionalmente; porém, dado que não vejamos nem compreendamos cabalmente nenhuma divindade, imaginamo-la como d um ser imortal dotado de alma e dotado de corpo, unidos naturalmente por toda a eternidade. Mas, tudo isso será como Deus quiser e permitir que nos expressemos. Vejamos agora a causa de caírem as asas, de virem as almas a perdê-las. Passa-se mais ou menos o seguinte.

XXVI. — A virtude natural da asa consiste em levar o que é pesado para as alturas onde habita a geração dos deuses, sendo ela, de tudo o que se relaciona com o corpo, o que em mais alto grau participa do divino. Ora, o divino é belo, sábio, e bom e tudo o mais do mesmo gênero, pois é isso o que alimenta e faz crescer as asas da alma; ao passo que o feio, o mal e tudo o mais que se opõe àquelas qualidades a fazem murchar e perecer. Zeus, o guia supremo, abre a marcha no céu com o seu carro alado, ordenando tudo e de tudo cuidando, seguido por um exército de deuses e demônios, repartidos 247 a em onze grupos. Só fica Héstia na morada dos deuses; os demais, que integram o número dos doze deuses dominadores, seguem à frente do grupo para que foram designados. Infinitos e abençoados são os espetáculos dessas evoluções do interior do céu, executadas pela feliz raça dos deuses, cada um na sua esfera particular e acompanhados dos que querem e podem sempre segui-los, pois a Inveja foi excluída desde logo do coro divino. Sempre que vão banquetear-se nos festins, galgam a escarpa da b abóbada celeste; nessas ocasiões as parelhas dos deuses, por serem equilibradas e de fácil direção, sobem depressa, enquanto as outras só o fazem com dificuldade, pois o corcel de raça ordinária, quando não foi devidamente educado pelo auriga, em vista de seu peso puxa o carro para a terra. É a mais árdua provação com que a alma se defronta. As almas denominadas imortais, uma vez alcançado o vértice, passam para o outro lado e se postam, assim, no dorso da abóbada celeste, e, uma vez ali chegadas, c a revolução do céu as arrasta no seu curso, contemplando elas as realidades que se encontram para além do céu.

XXVII — A região supraceleste nunca foi cantada por nenhum poeta cá de baixo, nem nunca poderá ser bastantemente enaltecida. O que há é o seguinte, pois é preciso coragem para dizer a verdade. A essência que realmente existe e é sem corpo e sem forma, impalpável e só pode ser percebida pelo guia da alma, o intelecto, sobre ser o objeto do
d verdadeiro conhecimento, tem aqui a sua sede. Ora, o pensamento de Deus, nutrido exclusivamente de inteligência e de conhecimento puro, tal como se dá, aliás, com toda alma que se preocupa com receber o conhecimento que lhe convém, alegra-se quando chega o tempo de voltar a perceber a realidade, e se nutre com delícias da contemplação da verdade, até que o movimento circular a traga de novo para o ponto de partida. No decurso dessa revolução contempla a justiça em si mesma, contempla a tem-
e perança, o conhecimento, não o conhecimento passível de crescimento e que difere de acordo com o objeto com que se relaciona e a que em nossa curta existência damos a denominação de seres, mas o conhecimento do que verdadeiramente existe. Depois de haver contemplado as outras realidades verdadeiras e delas se alimentado, mergulha a alma de novo no interior do céu e retorna para sua morada. Lá chegando, o cocheiro leva os cavalos para a mangedoura, lança-lhes ambrósia e depois dá-lhes a beber néctar.

248 a XXVIII — Assim é a vida dos deuses. Das outras almas, a dos homens, a que melhor se esforça por acompanhar os deuses e com eles parecer-se, eleva a cabeça do cocheiro para o outro lado do céu e se deixa arrastar pelo movimento circular; porém, perturbada pelos cavalos, mal pode contemplar as essências. A segunda melhor, ora se ergue ora se abaixa, mas, sempre atarefada com os cavalos, percebe umas tantas essências e deixa passar outras. As demais almas também desejam ardentemente alcançar a parte superior e se afanam nesse sentido; porém, não sendo suficientemente fortes, caem para
b a parte inferior da abóbada, amontoam-se, machucam-se, procurando cada uma passar à frente da vizinha. A confusão é enorme; há luta e o suor escorre em bagas e, por falta de perícia dos cocheiros, muitas almas ficam estropiadas e chegam a

perder parte das asas. Depois desse trabalho insano, todas voltam sem terem conseguido contemplar a realidade, e, uma vez dali afastadas, alimentam-se apenas com a Opinião. A razão de tamanho empenho de contemplar a Planície da Verdade, está no fato de nascer justamente naquele prado o alimento
c adequado para a porção mais nobre da alma e de nutrir-se com isso a natureza das asas que confere à alma mais leveza. A lei de Adrasteia é a seguinte: toda alma que no séquito de algum deus consegue contemplar algo das verdadeiras realidades, fica livre de padecimentos até à revolução seguinte, e se sempre conseguir isso mesmo, nunca mais virá a sofrer coisa nenhuma. Quando, ao revés disso, por incapacidade de acompanhar os deuses, nada percebe das essências e, pelo efeito de alguma desgraça intercorrente, torna-se pesada, em decorrência mesmo de tal fato perde as asas e cai no chão: há uma lei
d que a proíbe entrar no corpo de algum animal logo na geração seguinte, como também determina que a que teve visão mais rica penetre no germe de um homem destinado a ser amigo da sabedoria e da beleza ou cultor das Musas e do amor; a alma colocada em segundo lugar dará um rei legítimo, potentado ou guerreiro de prol; a terceira classificada, tornar-se-á político, ecônomo ou comerciante; a quarta, um ginasta amigo dos exercícios físicos ou algum entendido na cura das doenças do corpo;
e a quinta terá vida de adivinho ou de iniciado nos mistérios; a sexta será poeta ou alguém afeito às artes da imitação; a sétima, artista ou lavrador; a oitava, sofista ou demagogo, e a nona, algum tirano. Em todos esses estados, os que viveram de modo justo alcançam melhor sorte; quem praticou injustiças, destino cem vezes pior.

XXIX — Cada alma não retorna ao ponto de partida senão depois de decorridos dez mil anos, nem recupera as asas antes desse prazo, com exceção
249 a de quem se dedicou sem dolo à filosofia e dos que votaram aos jovens afeição verdadeiramente filosófica. Nesses casos, no terceiro período de mil anos, se três vezes a fio elas escolherem o mesmo gênero de vida, voltam a adquirir asas e dali se afastam no fim de três mil anos. As demais, escoado o termo da primeira existência, são submetidas a julgamento,

depois do qual umas tantas descem para prisões correcionais embaixo da terra, a fim de cumprirem a pena cominada, enquanto outras, aligeiradas pela sentença, são conduzidas para determinado lugar do
b céu, onde levam uma vida mais digna do que a anteriormente vivida sob a forma humana. Decorridos mil anos, tanto estas como aquelas terão de submeter-se à sorte para escolherem a segunda vida, de acordo com seu próprio alvedrio. Então, uma alma de homem poderá entrar no corpo de algum animal, e o inverso: entrar no homem a alma de animal que já tivesse sido homem, pois jamais adquirirá essa forma a alma que em nenhum tempo alcançou a contemplação da Verdade. Realmente, a condição humana implica a faculdade de compreender o que
c denominamos idéia, isto é, ser capaz de partir da multiplicidade de sensações para alcançar a unidade mediante a reflexão. É a reminiscência do que nossa alma viu quando andava na companhia da divindade e, desdenhando tudo o a que atribuímos realidade na presente existência, alçava a vista para o verdadeiro ser. Daí, justificar-se só ter asas o pensamento do filósofo, porque este se aplica com todo o empenho, por meio da reminiscência, às coisas que asseguram ao próprio deus a sua divindade. Só atinge a perfeição o indivíduo que sabe valer-se da reminiscência e foi devidamente iniciado nos mis-
d térios. Indiferente às atividades humanas e ocupado só com as coisas divinas, geralmente passa por louco, já que o vulgo não percebe que ele é inspirado.

XXX — A isto tendia todo o discurso relativo à quarta forma de delírio. Quando, à vista da beleza terrena e, despertada a lembrança da verdadeira beleza, a alma readquire asas e, novamente alada, debalde tenta voar, à maneira dos pássaros dirige o olhar para o céu, sem atentar absolutamente nas coisas cá de baixo, do que lhe vem ser acoimada de maníaca. Porém o que eu digo é que essa é a melhor modalidade de possessão, a de mais nobre origem, tanto em quem se manifesta como em quem dele a recebeu. O indivíduo atacado de semelhante delírio, sempre que apaixonado das coisas belas, é denominado amante. Conforme disse há pouco, toda alma de homem já contemplou naturalmente a verdadeira realidade, sem o que não teria nunca adquirido

250 a essa forma; porém não é igualmente fácil para todas, à vista das coisas terrenas, recordar-se das celestes, o que se dá tanto com as que as perceberam de corrida como com as que tiveram a infelicidade de cometer alguma injustiça por influência de más companhias e de esquecer os mistérios sagrados contemplados naquela ocasião. Assim, são bem poucas as que conservam a lembrança do que viram. Sempre que essas poucas percebem alguma imagem das coisas lá do alto, ficam tomadas de entusiasmo e perdem o domínio de si mesmas. Porém não sabem o que se passa com elas, por carecerem de percepção

b bastante clara, pois em relação à justiça, à temperança e tudo o mais que a alma tem em grande estima, as imagens terrenas são totalmente privadas de brilho; com órgãos turvos e, por isso mesmo, com assaz dificuldade, é que as poucas pessoas que se aproximam das imagens conseguem reconhecer nelas o gênero do modelo original. Porém a Beleza era muito fácil de ver por causa do seu brilho peculiar quando, no séquito de Zeus, tomando parte no coro dos bem-aventurados e os demais no de outra divindade, gozávamos do espetáculo dessa visão admirável e, iniciados nesse mistério que, com toda a jus-

c tiça, pode ser denominado sacratíssimo, e que celebrávamos na plenitude da perfeição e livres dos males que nos alcançam no futuro, fomos admitidos a contemplar sob a luz mais pura aparições perfeitas, simples, imutáveis, puros também e libertos deste cárcere de morte que com o nome de corpo carregamos conosco e no qual estamos aprisionados como a ostra em sua casca.

XXXI — Basta de recordações; a pungente saudade do passado levou-nos a essas divagações. Voltemos para a Beleza. Conforme ficou dito, vimo-

d -la refulgir entre aquelas realidades, e de volta para a terra apreendemo-la em todo o seu resplendor por meio do nosso mais brilhante sentido. A vista é, realmente, o mais sutil dos órgãos do corpo; contudo, não percebe a sabedoria, pois esta despertaria em todos nós violenta paixão se apresentasse a nossos olhos uma imagem tão clara como a da Beleza, o que também é válido para todas as essências dignas do nosso amor. Somente a Beleza recebeu o privilégio de ser a um tempo encantadora e de brilho

e incomparável. Porém quem não foi iniciado de pouco ou já se corrompeu, de maravilha conseguirá alçar-se até à Beleza absoluta, sempre que contemplar aqui em baixo alguma imagem com o seu nome. Por isso mesmo, em vez de venerá-la quando a encontra, deixa-se dominar pelo prazer e, procedendo como verdadeiro animal, procura maculá-la e engra-
251 a vidá-la, sem nada temer no seu atrevimento nem correr-se de desejar um prazer contra a natureza. O iniciado de pouco, pelo contrário, que tantas coisas belas já contemplou no céu, quando percebe alguma feição de aspecto divino, feliz imitação da Beleza, ou nalgum corpo a sua forma ideal, de início sente calafrios, por notar que no seu íntimo entram de agitar-se antigos temores. De seguida, fixando a vista no objeto, venera-o como a uma divindade, e se não temesse passar por louco varrido, ofereceria sacrifícios ao seu amado, como o faria a uma imagem sagrada ou a algum dos deuses. À sua vista é acometido de todo o cortejo dos calafrios: muda de cor,
b transpira e sente um calor inusitado. Apenas recebe por intermédio dos olhos eflúvios da Beleza, irrigam-se-lhe as asas e ele volta a inflamar-se. Com o aquecimento derrete-se o invólucro dos germes das asas, que, endurecido havia muito pela secura, os impedia de brotar, e com o afluxo do alimento entumesce a haste da asa e tende a lançar raízes por todo o interior da alma, pois antes a alma era recoberta de plumas.

c XXXII — Então, tudo na alma é ebulição e efervescência, sentindo ela o mal-estar de quando apontam os dentes: sensação de gastura e irritação das gengivas. É o que se passa com a alma, quando as asas começam a criar penugem: em toda aquela efervescência, tem a impressão estranha de prurido, quando lhe nascem as asas. Assim, ao contemplar a beleza de um jovem, que emite partículas para o seu lado em moção irresistível — daí o nome de Emoção — e as recebe no seu íntimo, estas a banham e
d aquecem, a dor pára e ela se alegra. Porém, quando fica separado dele e perde umidade, contraem-se os poros por onde saem as asas e se ressecam, interceptando, desse modo, a passagem do germe da asa. Fechado, assim, em companhia do desejo, pulsa o germe como o faz o sangue nas artérias

e bica o ponto de saída para ele destinado — cada germe tem o seu — de forma que a alma, aguilhoada de todos os lados, fica desesperada de dor. Porém, à só lembrança da beleza, volta a rejubilar-se. Essa mistura sui generis de prazer e de dor deixa a alma angustiada e perplexa ante a estranheza de

e sua condição; tomada de frenesi, nem consegue dormir de noite nem descansar de dia, procurando sempre, ansiosa, os pontos em que presume encontrar o dono da beleza. Ao percebê-lo, aspirando o desejo em largos haustos abre o que antes estava obstruído, e tomando novamente fôlego, deixa de sentir as agulhadas e as dores, passando, daí em diante, a fruir do mais delicioso prazer. Essa a

252 a razão de, por nada deste mundo, resolver-se a abrir mão de seu amado e de não haver para ele o que se lhe possa comparar; mãe, irmãos, amigos: esquece-se de todos; e se vier a perder seu patrimônio, por incúria, pouco se lhe dá. A correção e as boas maneiras, com cuja observância tanto caprichava, de todo agora as despreza, só disposto a servir e a dormir onde lhe for permitido, porém sempre o mais perto possível do objeto de suas cogitações. Pois,

b além de venerar o possuidor de tal beleza, encontra nele o único médico para a cura de seu sofrimento. Esse estado, belo menino a quem me dirijo neste momento, é o que os homens denominam Amor; porém como se chama entre os deuses, moço como és, desatarias a rir. Ou muito me engano, ou alguns Homéridas citam de seus escritos apócrifos dois versos relativos a Eros, um dos quais é irrespeitoso e de metro claudicante. Dizem o seguinte:

Eros volátil é o nome que os homens mortais
[lhe atribuem;
Pteros os deuses, porém, porque o germe das
[asas vem dele.

c És livre de aceitar ou de repelir semelhante doutrina. De qualquer forma, essa é a condição dos amantes e a razão de eles assim ficarem.

XXXIII — Os componentes do séquito de Zeus suportam mais facilmente o fardo da divindade que das penas recebeu o nome. Os sectários de Ares, que o acompanham no seu curso, sempre que caem

prisioneiros de Eros e se crêem alvo de alguma ofensa, tornam-se facilmente criminosos e prontos para oferecerem em sacrifício a própria vida e a do
d bem-amado. É como todos procedem, de acordo com a divindade a quem serviram de coreuta e durante a vida cultuam, procurando imitá-la na medida do possível, enquanto não vierem a corromper-se e não houver decorrido o primeiro período de sua existência sobre a terra. Desse modo se comportam, tanto em relação ao amado como no convívio social. Assim, de acordo com seu caráter, cada um escolhe entre os belos moços o objeto de sua predileção: é a sua divindade, imagem sagrada que ele erige no imo peito e colga de festões, para venerá-la e
e celebrá-la nos mistérios. Os acompanhantes de Zeus procuram um amado de alma igual a Zeus; verificam se é de natureza filosófica e apta para o mando, e quando chegam a apaixonar-se, tudo fazem para cultivar neles as mesmas qualidades. Se até aquele momento não se havia ocupado com tais assuntos, recorre às fontes de ensino mais ao seu alcance ou promove investigações originais. Uma vez no caminho certo, é fácil descobrir nele a natureza
253 a do seu próprio deus, por serem forçados a olhar incessantemente na direção da divindade. De seguida, alcançando-a pela memória e tomados de entusiasmo, adotam seus costumes e ocupações, na medida em que é possível a um homem participar do divino. Como atribuem todos esses resultados ao amado, mais entranhadamente se lhe afeiçoam. E porque em Zeus vão beber inspiração, à maneira das bacantes despejam na alma do amado tudo o que ali colheram, deixando-o quanto possível semelhante àquela divindade. Os que compõem o séquito de
b Hera procuram uma alma real, e, dado que a encontrem, procedem com ela de maneira semelhante. Os acompanhantes de Apolo e os dos demais deuses seguem no rasto das respectivas divindades, procurando os jovens que se lhes assemelhem, e sempre que os acham imitam a divindade e concitam o amado a fazer o mesmo, para ficarem em consonância, tanto quanto possível, com o caráter e a idéia do deus. Sem o menor traço de inveja ou de mesquinha malevolência com relação ao seu amado,

c tudo fazem para que este se lhes assemelhe, quanto possível, e à divindade do seu culto. O zelo, por conseguinte, e a iniciação do verdadeiro amante, quando conseguem realizar seus desejos da maneira que eu disse, exercem influência bela e benfazeja sobre o amado, sempre que aquele se acha em estado de delírio e conseguiu conquistá-lo. Quando encontrado, o amado deixa-se conquistar pela seguinte forma.

XXXIV — Convém lembrar que no começo da nossa fábula dividimos a alma em três partes, duas d das quais com forma de cavalo, e a terceira com a do respectivo cocheiro. Tudo isso vai ser agora aproveitado. Acerca dos ginetes dissemos, ainda, que um era bom e o outro mau; porém em que consiste a bondade de um ou a maldade do outro não ficou declarado, e é o que vamos explicar neste momento. Dos dois, o de melhor condição é de postura erecta e traços firmes, pescoço fino, nariz aquilino, pêlo branco, olhos negros; amoroso da honra, da moderação e da modéstia, além de amigo da opinião verdadeira, motivo por que não precisa apanhar para e ser conduzido; para isso basta uma ordem, uma palavra. O outro, pelo contrário, é desengonçado, massa bruta, sem graça, de pescoço curto e duro de rédeas, nariz achatado, pêlo negro, olhos azuis e injetados, compleição sanguínea, companheiro da arrogância e da teimosia, orelhas felpudas e moucas, e só obedecendo ao chicote e ao aguilhão. Assim, quando o cocheiro percebe a amorável aparição, incendem-lhe os sentidos a alma toda e fica alvoroçado pelo formigamento dos aguilhões do desejo. Dos dois cavalos, 254 a o que obedece docilmente ao guia, dominado, como sempre, pelo pudor, retrai-se para não atirar-se contra o amigo; porém o outro, que não se importa nem com o ferrão nem com o chicote do cocheiro, joga-se à viva força para a frente, e, aprestando toda a sorte de dificuldades tanto para seu companheiro como para o auriga, obriga-os a dirigir-se para o mancebo, a fim de fazê-lo lembrado das delícias do b amor. No começo, ambos resistem com indignação ante o que consideram prática indecente e intolerável; mas, por último, como o mal não tenha fim, cedem e deixam-se conduzir, consentindo em fazer

o que o outro manda: aproximam-se do jovem e contemplam essa visão esplendorosa.

XXXV — À sua vista, a memória do cocheiro é levada para a essência da beleza, que ele revê na companhia da temperança, sobre o seu pedestal sagrado. Ante a visão da beleza, tomado, a um só tempo, de medo e de respeito, inclina-se para trás, c com o que não pode evitar que as rédeas sejam violentamente repuxadas, o que força a caírem de anca os dois corcéis, um deles de bom grado, por não oferecer resistência, porém o turbulento muito a contragosto. Depois de recuarem um pouco, o primeiro, por espanto e acanhamento, deixa a alma banhada de suor, enquanto o outro, uma vez passada a dor que o freio e a queda lhe causaram, mal volta a tomar fôlego, explode em insultos contra o condutor e o companheiro de jugo, sob a alegação de haverem, por cobardia e falta de brio, d abandonado o posto e faltado com a palavra. E tentando forçá-los a voltar à carga, só a muito custo atende a suas instâncias, para aguardar outra oportunidade. Decorrido esse prazo, como os dois se finjam esquecidos, ele os força a se lembrarem da promessa, relincha, puxa-os para a frente e os leva, de bom ou de mau grado, para junto do jovem, com aquelas mesmas intenções. Quando se aproximam dele, espicha a cabeça, levanta a cola, morde o freio e os arrasta despudoradamente. Porém o auriga, com maior confusão do que da outra vez, como e detido pela corda da barreira, puxa com mais força, ainda, o freio do cavalo turbulento, ensanguenta-lhe a língua insolente e a mandíbula, obriga-o a encostar no chão as pernas traseiras e as ancas, infligindo-lhe, com isso, bastante sofrimento. Depois de várias tentativas nesse sentido, cede o cavalo vicioso em sua selvajaria e, tornado dócil, acompanha o previdente cocheiro, para ficar possuído de pavor à vista do belo menino. Só então é que a alma do amante segue empós do amado, toda temor e acanhamento.

255 a XXXVI — Ao sentir-se alvo de mil demonstrações de respeito, e honrado como um dos deuses, não por parte de um amante de mentira, mas por quem se encontra, de fato, apaixonado, e também por sentir-se naturalmente inclinado para o seu

adorador, e dando-se o caso de seus companheiros de diversões ou outras pessoas já o terem convencido insidiosamente de que é vergonhoso ter relações com quem lhe vota amor, poderia, por tal motivo, repelir aquelas solicitações. Porém, a própria ação do tempo, da idade e a força irresistível dos fatos
b o levam a aceitar o seu convívio. Pois nunca foi determinado pelos fados que o indivíduo ruim seja amigo de outro ruim, ou que o bom nunca possa vir a amar alguém como ele. Cedendo, afinal, no seu retraimento, e passando a conviver e conversar a sós, as demonstrações mais íntimas da boa vontade do amante deixam o amado verdadeiramente encantado, para convencer-se, em pouco tempo, de que todos os seus parentes e amigos, reunidos, em matéria de afeição não chegam aos pés do que pode oferecer-lhe um amigo possuído pela divindade. Depois de uma aproximação mais demorada nessas práticas e do contacto direto nos exercícios dos gi-
c násios e de outras oportunidades semelhantes, a fonte daquele curso que Zeus, quando estava apaixonado de Ganimedes, denominou corrente do desejo, assoberbando com suas vagas o amante enche-o até às bordas, para depois extravasar-se. De seguida, como um sopro, ou melhor, um som que, ao incidir em corpos sólidos e lisos, retorna ao ponto de partida: assim também, pelo caminho dos olhos reflui para o amado a corrente da beleza, via de acesso
d natural para chegar à alma, que ela enche inteiramente, banha os meatos das penas, as quais logo entram de germinar, enchendo de amor, no mesmo passo, a alma da criatura idolatrada. Sim, ele também ama, porém não sabe a quem ama, e é incapaz de explicar o que se passa com ele; como quem apanhou oftalmia de outra pessoa, não sabe dar a razão do seu padecimento, por não perceber que ela se vê no seu amante como num espelho; na presença daquele, esquece-se, tal como se dá com o outro, do sofrimento próprio; longe, deseja-o ardentemente,
e como também é desejado, por haver do seu lado contra-amor, a imagem refletida do amor. Porém, não acredita que seja amor nem lhe dá esse nome: é simples amizade. Como acontece com o outro, porém em menor grau, só quer ficar perto dele, vê-lo, tocá-lo, beijá-lo, deitar-se ao seu lado, o que

não tarda a realizar, como seria de prever. Quando juntos, no mesmo leito, o cavalo lascivo do amante tem muito o que dizer ao seu cocheiro, exigindo um pouco de delícias em troca dos trabalhos passados;

256 a o do adolescente nada diz; transbordante de desejos indefinidos, abraça e beija o amigo como quem acaricia uma pessoa mui querida, e quando se deitam juntos, é inclinado, por sua vez, a nada recusar de quanto o amante lhe pedir. Por outro lado, o companheiro de jugo e o cocheiro lhe opõem resistência em nome do pudor e da razão.

XXXVII — Se prevalecem os elementos mais nobres da alma, que dirigem o entendimento para uma vida ordeira e dedicada à filosofia, passam

b ambos a desfrutar aqui mesmo uma vida feliz e harmoniosa, por serem de conduta ilibada e saberem dominar-se, pois escravizam a porção geratriz do vício e libertam a que dá nascimento à virtude. No término da vida, alados novamente e muito leves, saem vencedores de uma das três lutas verdadeiramente olímpicas, não havendo maior bênção que a sabedoria humana ou o delírio divino possam conferir ao homem. No caso, porém, de terem seguido uma vida menos nobre, afastada da filosofia e

c dominada pela ambição, pode acontecer que na embriaguez ou em qualquer outro momento de descuido os dois cavalos intemperantes de uma e de outra parte, encontrando sem defesa as respectivas almas e congregando esforços as conduzam para o mesmo fim, decidindo-se pelo que o vulgo considera felicidade máxima: a satisfação de seus desejos. Uma vez atingido esse ponto, voltam a repetir o ato, porém só de longe em longe, por tratar-se de uma prática que não tem a aprovação de toda a alma. Tornam-se amigos, sem dúvida, porém muito menos intima-

d mente do que antes, tanto na fase mais aguda da paixão como depois de extinta, certos de haverem dado e recebido os mais sólidos penhores e de que constituiria impiedade virem algum dia a quebrá-los para se tornarem inimigos. Quando chegam ao termo da existência, é sem asas, porém não sem se terem esforçado para conquistá-las, que essas almas deixam o corpo. Assim, não é de somenos valor a recompensa que lhes ensejou a mania divina, pois a Lei proíbe que baixem para as trevas e para os caminhos

subterrâneos os que iniciaram a viagem sob a abóbada celeste. Aguarda-os uma vida em plena luz, e na maior felicidade percorrem juntos o mesmo caminho, e juntos recebem as asas, no instante de readquiri-las, como recompensa daquele amor.

XXXVIII — São essas, jovem, as grandes e divinas bênçãos que te ensejará a amizade do teu apaixonado. Quanto à intimidade com quem não ama, aguada com a sabedoria mortal que se ocupa de interesses perecíveis e de nenhum valor, só gerará na alma do amado a mesquinhez que as multidões exalçam como virtude e que será causa de ela vir a rolar durante nove mil anos à volta da terra, para acabar embaixo da terra como sombra privada da razão.

Seja esta, meu querido Eros, a melhor e mais bela palinódia que eu te poderia oferecer para expiar minha falta. Se, sob todos os aspectos e quanto às expressões eu atingi as raias da poesia, foi porque Fedro me obrigou a assim falar. Perdoa meu primeiro discurso e aceita este outro em seu lugar. Sê-me favorável e propício, e, na tua cólera, não me prives do conhecimento da arte de amar que me concedeste, nem o diminuas em nada. Ao contrário: dá que junto dos moços cresça mais, ainda, o meu prestígio. Se nos discursos anteriores, no meu e no de Fedro, alguma coisa te pareceu ofensivo, a culpa terá sido de Lísias, único pai deste debate; obriga-o a parar com tais lucubrações e a voltar-se para a filosofia, como já o fez seu irmão Polemarco, para que seu amigo aqui presente não continue, como até agora, indeciso entre as duas posições, porém consagre naturalmente toda a sua existência ao amor e aos discursos filosóficos.

XXXIX — *Fedro* — Junto minha súplica à tua, Sócrates, para que tudo isso se realize, no caso de ser, realmente, de proveito para nós. Quanto ao teu discurso, desde o começo já o vinha admirando; é muito mais eloqüente do que o outro. Receio bastante que Lísias faça figura feia, no caso de resolver-se a escrever mais um para competir com o teu. Há pouco, varão prestantíssimo, um dos nossos políticos iniciou contra ele uma série de ataques, em que só o chamava de escrevedor de discursos. Dada a sua susceptibilidade, é bem possível

que de agora em diante ele se abstenha de escrever.

Sócrates — Que ingenuidade, meu caro; desconheces de todo o teu amigo, se o consideras melindroso a esse ponto. Acreditas, mesmo, que o seu detrator levava a sério o que dizia?

Fedro — Pelo menos, Sócrates, deu-nos essa impressão. E, como decerto sabes, os mais influentes e considerados políticos da cidade se acanham de redigir discursos e de deixar escritos depois de mortos, de medo de serem tidos pelos pósteros na conta de sofistas.

Sócrates — É que não te lembras, Fedro, do Cotovelo delicioso do provérbio, originado do grande
e Cotovelo do Nilo. Parece também que não percebes como são justamente os políticos vaidosos que mais gostam de escrever discursos e de deixá-los para os pósteros; e a prova é que quando redigem algum, em tal apreço têm os admiradores, que nunca se esquecem de mencionar, logo de início, o nome de todos os que o aplaudiram.

Fedro — Não compreendo. Que queres dizer com isso?

258 a *Sócrates* — Não compreendes que no cabeçalho dos escritos de todo político vêm citados os nomes dos que votaram nele?

Fedro — Como assim?

Sócrates — Aprouve, é o que dizem, ao Conselho, ou então, ao povo, e, por vezes, ao Conselho e ao povo, por proposta de... passando a fazer o elogio de si mesmos nos termos mais encomiásticos, depois do que fazem praça de seus conhecimentos, com vistas àqueles aduladores, por vezes em escritos de extensão considerável. Não te parece que uma composição desse tipo não passa de um discurso escrito?

b *Fedro* — Sem dúvida.

Sócrates — Se a lei é aprovada, satisfeito retira-se o poeta do teatro; porém, quando é riscada do repertório e declarado o autor inapto para a função de logógrafo, ficam desolados tanto ele como seus comparsas.

Fedro — E muito!

Sócrates — É evidente, pois, que, longe de desprezarem essa prática, são os seus mais fervorosos seguidores.

Fedro — Perfeitamente.

Sócrates — E então? Quando algum orador ou
c monarca chega a enfeixar nas mãos o poder de um Licurgo, de um Solão ou de um Dario, tornando-se imortal em sua cidade como autor de discursos, não se considera a si mesmo igual aos deuses, enquanto estiver com vida, e não pensarão os pósteros a mesma coisa a seu respeito, sempre que vierem à baila tais escritos?

Fedro — Sem dúvida.

Sócrates — E acreditas que qualquer político, ainda mesmo que tenha má vontade contra Lísias, o censure por escrever discursos?

Fedro — Não é de crer, depois do que disseste; seria rebaixar sua própria inclinação.

d XL — *Sócrates* — Logo, é evidente para todo o mundo que não é vergonhoso escrever discursos.

Fedro — Como poderia sê-lo?

Sócrates — Vergonhoso, segundo penso, seria não escrever nem falar bem, porém mal e torpemente.

Fedro — É claro.

Sócrates — Em que consiste escrever bem ou mal? Haverá necessidade, Fedro, de falarmos com Lísias a esse respeito, ou com quem quer que haja escrito ou ainda venha a escrever sobre assunto público ou privado, quer o faça em versos como os poetas, quer sem metro, como os prosadores?

e *Fedro* — Perguntas se há necessidade? E para que vivemos, ouso a dizer, se não for para os prazeres dessa natureza? Não há de ser por causa dos que são necessariamente precedidos de algum sofrimento, sem o qual não haveria prazer, como se dá com os prazeres do corpo e que, por isso mesmo, são denominados servis.

Sócrates — Tudo indica que nos sobra tempo,
259 a não é verdade? E só parece que com o ardor da calma as cigarras que cantam por cima de nossas cabeças e conversam umas com as outras, contemplam-nos. Se elas nos vissem fazer o que todos costumam, parar de conversar ao meio-dia e, por preguiça mental, cochilar ao embalo do seu canto, com todo o direito zombariam de nós, imaginando que dois escravos lhe invadiram o pouso, à feição de carneiros que nessa hora dormem a sesta ao pé

da fonte. Porém, se se certificarem que conversamos e que nosso barco passa ao largo sem nos deixarmos
b seduzir pelo seu canto de sereia, talvez, de satisfeitas, nos concedam a dádiva que por favor dos deuses soem conferir aos homens.

XLI — *Fedro* — Que dádiva? Nunca ouvi falar em semelhante coisa.

Sócrates — Não é bonito para um amigo das Musas declarar que nunca ouviu falar de semelhante coisa. Contam que antigamente as cigarras eram gente, antes de haverem nascido as Musas. Mas, com o aparecimento das Musas, tendo surgido o canto, de tal modo alguns homens ficaram em-
c bevecidos ante o novo deleite, que não faziam outra coisa senão cantar, e, esquecidos de comer e de beber, morreram sem dar por isso. Dessa gente é que provém a raça das cigarras; elas receberam das Musas o privilégio de não se alimentarem e de cantarem sem comer nem beber desde o nascimento até à morte, para depois irem contar às Musas quem as cultua na terra e como cada uma é particularmente venerada. A Terpsícore dizem o nome dos que as honraram nos coros, o que a deixa benevolente
d para com eles; a Érato, os que a cultuam em seus poemas amorosos, e assim com todas, conforme o culto peculiar a cada uma. À mais antiga delas, Calíope, e à que se lhe segue, Urânia, identificam quem passa a vida a filosofar e aprecia a música que lhe é própria. São essas as Musas que se ocupam particularmente com os discursos divinos e humanos e as de voz mais agradável. Por tais razões é que não devemos dormir ao meio-dia, mas entretermo-nos a conversar.

Fedro — Então, conversemos.

e XLII — *Sócrates* — E agora, passaremos a examinar o que nos propusemos antes: como ou quando se fala e escreve bem, e quando não?

Fedro — Sem dúvida.

Sócrates — Para falar certo e com elegância, não será necessário haver no pensamento de quem fala o conhecimento do que constitui a verdade do assunto a ser desenvolvido?

Fedro — A esse respeito, meu caro Sócrates,
260 a ouvi dizer que quem quer ser orador não precisa saber o que é, de fato, justo, mas apenas o que

sobre isso opina a maioria, que é de quem, afinal, depende o julgamento, nem o que é, realmente, bom e belo, mas apenas o que parece ser. Nisso é que se funda a persuasão, não na verdade.

Sócrates — Não, Fedro; não pode ser de somenos valor a palavra dos sábios. Precisamos, então, ver se ela é justa, e se o que disseste precisa ser admitido ou rejeitado.

Fedro — Falas com muito acerto.

Sócrates — Examinemos a questão do seguinte modo.

Fedro — Como será?

b *Sócrates* — Admitamos que chego a convencer-te de que para combater o inimigo precisarás adquirir um cavalo, mas que nenhum de nós sabe o que seja cavalo e que a respeito de tua maneira de pensar só sei dizer que dos animais domésticos Fedro é de opinião que cavalo é o animal de orelhas mais compridas.

Fedro — Seria ridículo, Sócrates.

Sócrates — Não, ainda é cedo. E se eu tivesse, mesmo, grande empenho de convencer-te e compusesse um discurso, verdadeiro elogio do asno, que eu diria ser cavalo, acrescentando tratar-se de uma aquisição valiosíssima, tanto para os serviços domésticos como para as campanhas militares, e tão útil para ser montado nos combates como para c carregar fardos, e mil coisas mais do mesmo gênero?

Fedro — Agora, sim; seria o cúmulo do ridículo.

Sócrates — Porém, não é preferível o ridículo do amigo do que a força do inimigo?

Fedro — Sem dúvida.

Sócrates — Assim, sempre que um orador, desconhecendo o bem e o mal, fala para uma cidade tão ignorante quanto ele, e procura persuadi-la, não da maneira por que elogias a sombra de um asno, a que ele desse o nome de cavalo, porém com o elogio do mal, apresentado como bem, e depois de sondar a opinião da maioria, a induzisse a praticar o mal, em lugar do bem: depois disso, que frutos acreditas venha a retórica a colher de tudo d o que semeou?

Fedro — Não muito recomendáveis, certamente.

XLIII — *Sócrates* — Porventura, meu caro, não tratamos a retórica com mais rudeza do que fora necessário? Ela poderia objetar-nos: Que mentirada, amigos, estais aí a desfiar? Eu não forço a aprender a falar quem não conhece a verdade; porém, se minha opinião tem algum valor, procure-me quem quiser, depois de adquirir a verdade. Só vos digo uma coisa: sem mim, o conhecimento da realidade não basta para persuadir segundo as regras da arte.

e *Fedro* — E com razão se expressaria desse modo.

Sócrates — Sem dúvida, se os argumentos que depõem a seu favor admitissem que se trata de uma arte, pois tenho a impressão de ouvir outras vozes que se aproximam e afirmam ser mentira, por tratar-se, não de arte, mas de uma simples rotina. Sem a verdade, diria algum espartano, nunca houve nem poderá haver autêntica arte da palavra.

261 a *Fedro* — Merecem ouvidos semelhantes argumentos, Sócrates; chama-os para cá e estuda mais a fundo o que possam significar.

Sócrates — Aproximai-vos, criaturinhas interessantes, e demonstrai a Fedro, pai de tão encantadores filhos, que se ele não estudar em profundidade a filosofia, jamais ficará em condições de falar sobre o que quer que seja. Agora, cabe a Fedro responder.

Fedro — Então, pergunta.

Sócrates — De modo geral, a retórica não é a arte de conduzir as almas por meio da palavra, e isso não apenas nos tribunais e em outras reuniões públicas, como também nos ajuntamentos particulares, sempre igual a si mesma nos grandes b e nos pequenos assuntos, e cujo emprego, digo, aplicação honesta, não é menos meritória nos negócios sérios que nos de menor valia? Não é assim que tens ouvido falar a seu respeito?

Fedro — Não, por Zeus! Não é bem assim. Nos tribunais, principalmente, é onde impera a arte de bem falar e escrever. Sim, também nas assembléias populares. De outras aplicações não tenho idéia de que já me falassem.

Sócrates — Nunca ouviste falar das artes oratórias de Nestor e de Odisseu, por eles compostas nos intervalos da campanha diante dos muros de Tróia?

E nas de Palamedes, também nunca ouviste falar nada?

c *Fedro* — Nunca, por Zeus, nem nas de Nestor, a menos que tenciones apresentar-nos Górgias como Nestor, ou um Trasímaco e um Teodoro como Odisseu.

XLIV — *Sócrates* — É possível. Porém deixemo-los de lado e dize-me o seguinte: Que fazem as partes nos tribunais? Não contesta cada orador as afirmações de seus opositores?

Fedro — Isso mesmo.

Sócrates — A respeito do justo e do injusto?

Fedro — Certo.

Sócrates — Sendo assim, quem obtém esse mes-
d mo resultado por meio da arte, não fará parecer ora justas ora injustas as mesmas coisas às mesmíssimas pessoas, conforme entender?

Fedro — Por que não?

Sócrates — E nas assembléias populares, não julgará boa a cidade uma determinada coisa, como poderá julgá-la precisamente o oposto disso?

Fedro — Exatamente.

Sócrates — E do Palamedes de Eléia, não sabemos ter sido de tão arrebatadora eloqüência, que as mesmas coisas pareciam aos seus ouvintes iguais ou dissemelhantes, unas e múltiplas, em repouso e em movimento?

Fedro — Isso mesmo.

Sócrates — Logo, não é apenas nos tribunais
e e nas assembléias populares que tem aplicação a arte da controvérsia. Ao que parece, a arte é uma só — se é que realmente existe semelhante arte — de aplicação genérica para tudo o que se fala, com a qual fica apta qualquer pessoa para deixar tudo igual para todos em todas as circunstâncias imagináveis, e o oposto disso: desmascarar e deixar manifestas as aproximações de quem recorrer aos mesmos expedientes.

Fedro — Que queres dizer com isso?

Sócrates — Acho que para quem investiga, a questão se esclarece da seguinte maneira: Como é mais fácil provocar ilusão: entre coisas muito diferentes ou entre as que diferem pouco?

262 a *Fedro* — Entre as que diferem pouco.

Sócrates — Quer dizer: no caso de te deslocares de mansinho, mais facilmente passarás despercebido até alcançares o lado oposto, do que se o fizesses de corrida?

Fedro — Como não?

Sócrates — Logo, quem quiser enganar os outros, sem deixar-se iludir, terá de conhecer exatamente a semelhança e a dessemelhança das coisas.

Fedro — Necessariamente.

Sócrates — Será, então, possível para quem desconheça a natureza de uma determinada coisa, decidir se ela é pouco ou muito parecida com outras coisas?

b *Fedro* — Impossível.

Sócrates — Logo, quem conclui em desacordo com a realidade e acaba por enganar-se, só erra por efeito de certas semelhanças.

Fedro — É, realmente, o que acontece.

Sócrates — Possuirá alguém a arte de levar outras pessoas, por mudanças mínimas, de similitude em similitude, a passar da verdade de cada caso para o seu contrário, sem deixar-se também iludir, se não conhecer a verdade de cada uma dessas coisas?

Fedro — Nunca!

c *Sócrates* — Então, companheiro, quem não conhece a verdade e só se afana no rasto da opinião, tornar-se-á ridículo, ao que parece, por desconhecer a arte.

Fedro — É possível.

XLV — *Sócrates* — Aceitarás a idéia de procurarmos no discurso de Lísias que está aí contigo, e nos que proferimos, algumas passagens feitas com arte ou sem o seu conhecimento?

Fedro — Com todo o prazer, tanto mais que nossa exposição está ficando desornada de exemplos.

Sócrates — Foi muita sorte, parece, termos d pronunciado dois discursos com exemplos de como o orador que conhece a verdade e sabe jogar com as palavras é capaz de confundir os ouvintes. É um achado, Fedro, que eu atribuo às divindades locais. Sem dúvida, as profetisas das Musas que cantam por cima de nossas cabeças nos concederam esse privilégio. De minha parte, confesso-me inteiramente jejuno na arte de bem falar.

Fedro — Será como dizes; porém precisarás provar tua assertiva.

Sócrates — Então, relê o começo do discurso de Lísias.

e *Fedro* — "Sabes qual é a minha situação, como penso que já te falei nas vantagens, para ambos, de realizarmos isso. Tenho que não poderão frustrar-se minhas pretensões, justamente por eu não pertencer ao número de teus apaixonados, pois, de regra, os amantes se arrependem..."

Sócrates — Pára aí! Em que consiste o erro e a falta de arte é o que precisamos explicar, não é isso mesmo?

263 a *Fedro* — Perfeitamente.

XLVI — *Sócrates* — Não é evidente para todo o mundo que, em assuntos dessa natureza, sobre alguns pontos nos declaramos de acordo e sobre outros discordamos?

Fedro — Creio apanhar o que dizes; porém sê mais explícito em tua exposição.

Sócrates — Quando alguém pronuncia a palavra Ferro ou Prata, não pensamos todos a mesma coisa?

Fedro — Sem dúvida.

Sócrates — E com as palavras Justo e Bom? Não sai cada um por um lado e não discordamos de todos e de nós mesmos?

Fedro — Perfeitamente.

b *Sócrates* — Declaramo-nos, por conseguinte, de acordo nalgumas coisas e noutras não.

Fedro — Certo.

Sócrates — De que lado, então, estamos mais expostos a enganos, e em que casos a retórica é mais eficiente?

Fedro — Nem há dúvida: nos casos em que ficamos indecisos.

Sócrates — Sendo assim, quem quiser exercer a arte da retórica, de início terá de distinguir os dois caminhos e ficar conhecendo os respectivos caracteres, tanto o em que a opinião dos muitos fica forçosamente a flutuar, como o em que tal não acontece.

c *Fedro* — Excelente noção, Sócrates, adquiriria quem alcançasse semelhante conhecimento.

Sócrates — Depois, conforme creio, em cada caso concreto não avançar às tontas, mas determi-

nar com precisão a que gênero pertence o assunto de que vai tratar.

Fedro — Como não?

Sócrates — E com relação ao amor? Dirêmos que se inclui na classe dos temas sujeitos a contestação, ou que não se inclui?

Fedro — Inclui-se, evidentemente. A não ser assim, como terias podido dizer o que disseste mesmo a seu respeito, que era prejudicial para o amante e para o amado, e, logo depois, afirmares que é o maior dos bens?

d *Sócrates* — Ótima observação. Porém dize-me também o seguinte, já que o entusiasmo de que fui tomado não me permite recordar tudo: No começo do meu discurso, cheguei a definir o amor?

Fedro — Sim, por Zeus, e com bastante rigor, até.

Sócrates — Não me digas! Isso prova que em matéria de eloqüência as Ninfas, filhas de Aquelôo e de Pã, filho de Hermes, são imensamente superiores a Lísias, filho de Céfalo. Se mal não me lembro, no começo do seu Tratado do Amor, Lísias

e obrigou-nos a aceitar que o Amor se revestia da natureza que ele próprio concebera, tendo feito girar todo o resto do discurso em torno dessa concepção. Não queres que leiamos mais uma vez aquele começo?

Fedro — Se isso for do teu agrado; porém aí não encontrarás o que procuras.

Sócrates — Não faz mal; lê, para ouvirmos o próprio autor.

XLVII — *Fedro* — "Sabes qual é a minha situação, como penso que já te falei nas vantagens, para

264 a ambos, de realizarmos isso. Tenho que não poderão fracassar minhas pretensões, justamente por eu não pertencer ao número de teus apaixonados, pois, de regra, os amantes se arrependem do bem que tenham feito, tão logo se extinga neles o desejo..."

Sócrates — Não há dúvida, o autor está longe de haver feito o que procuramos; começou pelo fim e tenta subir a corrente do discurso nadando de costas. Por isso, principiou por onde terminaria o amante que se dirigisse ao seu amado. Ou não terá sentido o que eu disse, Fedro, querida cabeça?

b *Fedro* — Realmente, Sócrates, ele começa o discurso pelo fim.

Sócrates — E o resto? Não temos a impressão de que ele nos jogou as outras partes do discurso numa grande emburilhada? Como te parece? O que vem em segundo lugar teria forçosamente de estar aí mesmo e não qualquer outra parte de tudo o que ele falou? Eu, pelo menos, na minha ignorância, quer parecer-me que o autor foi escrevendo com destemor quanto lhe vinha à cabeça. Poderias apontar alguma necessidade de ordem estilística que o levasse a dispor as idéias precisamente naquela seqüência?

Fedro — É excesso de bondade julgares-me

c capaz de penetrar nos segredos de um escritor de tal magnitude.

Sócrates — Porém uma coisa, quero crer, terás de admitir: que todo discurso precisa ser construído como um organismo vivo, com um corpo que lhe seja próprio, de forma que não se apresente sem cabeça nem pés, porém com uma parte mediana e extremidades bem relacionadas entre si e com o todo.

Fedro — Nem poderia ser de outra maneira.

Sócrates — Então, examina o discurso do teu amigo e vê se ele foi construído desse modo. Há de parecer-te igualzinho à inscrição que dizem ter sido colocada sobre o túmulo de Midas, da Frígia.

Fedro — Que inscrição? E que tem ela de particular?

Sócrates — É a seguinte:

Virgem de bronze aqui estou reclinada na tumba
[de Midas
Enquanto as águas correrem e folhas nascerem
[das árvores
No monumento me encontro banhada de pranto
[perene
Aos forasteiros proclamo que Midas repousa aqui
[dentro

e Não faz nenhuma diferença ficar este ou aquele verso no começo ou no fim. Creio que já o percebeste.

Fedro — Zombas de nosso discurso, Sócrates.

XLVIII — *Sócrates* — Então, deixemo-lo de lado, a fim de não aborrecer-te, conquanto, a meu ver, pudesse fornecer-nos bastos exemplos que fora de vantagem analisar, para não serem imitados. Passemos aos outros. Contêm algo sobre o que precisaria meditar quem quisesse aprofundar-se na arte da eloqüência.

265 a *Fedro* — Que queres dizer com isso?

Sócrates — É que eles se contradizem reciprocamente. Um pretende que só se deve ceder às instâncias do indivíduo que ama, e o outro, às de quem não revele amor.

Fedro — E com que ardor o fazem!

Sócrates — Pensei que fosses empregar o termo verdadeiro: Com que loucura! É justamente o que eu procurava, pois dissemos que o amor se assemelha à loucura, não é isso mesmo?

Fedro — Sem tirar nem pôr.

Sócrates — Mas, há dois gêneros de loucura: a produzida por doenças humanas e a que por uma revulsão divina nos tira dos hábitos cotidianos.

b *Fedro* — Perfeitamente.

Sócrates — Na loucura divina distinguimos quatro espécies, referentes a quatro divindades: a Apolo atribuímos a inspiração mântica; a Dioniso, a telésica ou de iniciação nos mistérios; às Musas, a poética; e a quarta, a erótica, considerada a melhor de todas, a Afrodite e a Eros. E não sei de que jeito, Fedro, ao nos representarmos a emoção amorosa, atingindo, sem dúvida, por vezes, a verdade, como também nos afastando dela, encaixamos um discurso c não de todo carecente de persuasão, uma espécie de hino mítico, equilibrado e piedoso, em louvor de Eros, nosso comum senhor e protetor dos belos adolescentes.

Fedro — Ouvi-lo foi para mim ocasião de indizível deleite.

XLIX — *Sócrates* — Aprendamos, então, neste passo, de que maneira o discurso trocou a censura pelo elogio.

Fedro — Que queres dizer com isso?

Sócrates — O que eu penso é que tudo o mais não passava de um jogo. Porém há dois pontos d naquilo em que tivemos a sorte de falar, cuja virtude seria de vantagem analisar a fundo.

Fedro — Quais serão?

Sócrates — Primeiro: concentrar numa idéia única, por meio de uma visão de conjunto, os elementos dispersos, a fim de ressaltar pela definição, em cada caso, o ensinamento que se deseja comunicar. Foi como fizemos há pouco com o amor, quer tenha sido boa nossa definição, quer não tenha. Pelo menos, daí decorre tudo o que nosso discurso possa conter de claro e coerente.

Fedro — E em que consiste, Sócrates, o segundo ponto de tua referência?

e *Sócrates* — Em dividir as idéias pelas articulações naturais, sem decepar nenhum dos seus elementos, como quem procedesse à maneira de açougueiro desajeitado. Foi o que fizemos há pouco com os nossos dois discursos, ao reduzirmos a uma idéia geral o elemento irracional da alma. E assim como 266 a de um só corpo nascem membros duplos, que recebem o mesmo nome, o da direita e o da esquerda: do mesmo modo, nossos discursos consideraram como uma forma única a perturbação do espírito, depois do que um deles passou a dividir e subdividir a do lado esquerdo, sem parar de cortar, enquanto não foi dar numa espécie de amor sinistro, que ele, com todo o direito, vilipendiou. O outro nos levou para a loucura do lado direito, do mesmo nome da primeira, e havendo descoberto nela uma espécie de amor divino, deixou-o patente e o enalteceu como b gerador dos maiores bens para todos nós.

Fedro — Só dizes a verdade.

L — *Sócrates* — Eis aqui, Fedro, o de que me declaro apaixonado: esse processo de divisões e aproximações. Com isso aprendo a falar e a pensar. E se encontro alguém que se me afigura com a aptidão de dirigir a vista para a unidade e a multiplicidade naturais, Sigo-lhe o rasto tal como se um deus ele fosse. Quem for capaz de semelhante coisa — só c Deus sabe se estou ou não com a razão — mas, até ao presente dou-lhe o nome de dialético. E agora me dize como devemos chamar os que praticam contigo ou com Lísias? Tratar-se-á, porventura, nesse estudo, daquela arte da palavra cujo emprego permitiu a Trasímaco e a outros tornarem-se oradores e transmitirem essa mesma capacidade aos que

se dispõem a cumulá-los de presentes, como se eles fossem reis?

Fedro — Todos são homens régios, sem dúvida; porém não será isso devido ao conhecimento a que te referiste. Aliás, com o nome de Dialética designaste com acerto aquela faculdade; mas, quer parecer-me que a Retórica continua a evitar-nos.

d *Sócrates* — Que me dizes? Fora da dialética haverá algum belo processo de que a arte se aproprie? Esforcemo-nos, eu e tu, por não desfazer nele, e digamos logo em que consiste essa porção restante da retórica.

Fedro — Num mundo de coisas, Sócrates, que vamos encontrar nos livros relativos à arte de bem falar.

LI — *Sócrates* — Fizeste bem em lembrar-me desse ponto. Se não estou enganado, o Proêmio deve vir no começo do discurso. A isso dás o nome de Sutilezas da Arte, não é verdade?

e *Fedro* — Certo.

Sócrates — Em segundo lugar, vem a Exposição, seguida das Testemunhas; em terceiro, as Provas, e no quarto, as Probabilidades. Fala-se, também, se não me trai a memória, em Confirmação e Superconfirmação; isso, pelo menos no dizer do admirável Dédalo dos discursos, o homem de Bizâncio.

Fedro — Referes-te ao hábil Teodoro?

267 a *Sócrates* — Quem mais poderia ser? Ensina também como deve ser a Refutação, e o Complemento da Refutação, tanto na acusação como na defesa. E, por que não chamar para o meio deles o egrégio Eveno, de Paros? Foi o primeiro a inventar a Insinuação e o Elogio Indireto, como dizem que também inventou a Censura Indireta, posta em versos como recurso mnemotécnico; era um homem habilíssimo. Deixemos que Tísias e Górgias continuem a dormir; descobriram que a probabilidade deve ser tida em maior apreço do que a verdade, pois só com os recursos da palavra fazem o pequeno

b parecer grande, e o inverso: o grande parecer pequeno; falam das coisas novas em linguagem arcaica, e o contrário disso: das velhas em estilo fluente, além de haverem inventado o discurso condensado ao extremo e o esparramado ao infinito, sobre todos os assuntos. De uma feita, ao ouvir-me discorrer a esse

respeito, Pródico pôs-se a rir e disse que fora ele, exclusivamente, o inventor da verdadeira arte de falar: nem concisão nem prolixidade, mas a medida certa.

Fedro — Muito bem, sapientíssimo Pródico!

Sócrates — E de Hípias, nada diremos? Penso que o forasteiro de Élida concordaria com ele.

Fedro — Por que não?

Sócrates — E de Polo, que dizer, com o seu c Santuário das Musas, seus Desdobramentos, suas Máximas e suas Imagens, em que aplica o Vocabulário, presente de Licímnio, por haver ele escrito A Beleza da Linguagem?

Fedro — E Protágoras, Sócrates, não escreveu algo nesse estilo?

Sócrates — Sim, menino; umas Regras para falar com correção, e muitas coisas mais de igual beleza. Mas, para arrancar lágrimas vivas de comiseração com discursos sobre a velhice ou a pobreza, a meu parecer ninguém chega aos pés do gigante de Calcedônia. É tão capaz de enraivecer as mul- d tidões, como o inverso: acalmar esses mesmos homens alvorotados, como ele próprio nos relata, apenas com a magia do seu verbo. Para levantar calúnias está só, ou para desfazê-las, sejam de que natureza forem. Quanto ao fim do discurso, parece que o acordo é geral, muito embora alguns designem essa parte pelo nome de Epânodo, ou Recapitulação, e outros empreguem termo diferente.

Fedro — Referes-te ao Resumo Final, em que é chamada a atenção dos ouvintes para o que ficou dito?

Sócrates — Era o que eu tinha que expor; porém, quem sabe se tens mais alguma observação a respeito da arte da eloqüência?

Fedro — Coisinhas de somenos importância.

268 a *Sócrates* — Então, deixemos de lado as coisinhas, para examinarmos em luz plena a grande questão do poder da retórica e em que casos esta se patenteia.

Fedro — É muito grande a sua força, Sócrates, pelo menos nas assembléias populares.

Sócrates — Sem dúvida; porém vê, caro amigo, se a trama não está tão frouxa como se me afigura.

Fedro — Não; expõe tu mesmo.

LII — *Sócrates* — Dize-me o seguinte: se alguém se aproximasse de teu camarada Erixímaco, ou de seu pai, Acumeno, e lhe dissesse: Com o emprego de certas drogas conheço o modo certo de b deixar o corpo quente, se assim o quiser, ou frio, ou de provocar vômitos, à vontade, ou evacuações, além de muitos outros efeitos da mesma natureza. E porque sei tudo isso, tenho-me na conta de médico e também com a capacidade de fazer um médico da pessoa a quem eu transmitir esses conhecimentos... Como imaginas que lhe responderia quem o ouvisse expressar-se dessa maneira?

Fedro — Que mais poderia fazer, a não ser perguntar se também sabia a quem aplicar tudo aquilo, o tempo certo e a dose para cada caso?

Sócrates — E se ele contestasse: Dessas coisas não entendo patavina; porém suponho que quem c aprender comigo aquilo tudo, ficará em condições de responder a tais perguntas.

Fedro — Diriam, segundo penso: Este homem é louco! Só porque leu um livro, ou encontrou casualmente alguns remédios, considera-se médico, ainda que nada entenda de tal arte.

Sócrates — E então? E se alguém procurasse Sófocles ou Eurípides e lhes declarasse que sabia compor tiradas enormes sobre temas insignificantes, ou pequeníssimas sobre assuntos de alta monta, como bem entendesse, ou discursos comoventes, e o inverso: terríveis e ameaçadores, e tudo o mais pelo d mesmo estilo, convencido de que, com transmitir a alguém esses conhecimentos, ensinar-lhes-ia o modo de compor uma tragédia?

Fedro — A meu parecer, Sócrates, eles ririam nas bochechas de um tipo desses, por imaginar que a tragédia seja outra coisa que não uma composição em que todos aqueles elementos se combinam e estão convenientemente relacionados com o conjunto.

Sócrates — Porém acho que não o increpariam com rusticidade; à maneira de qualquer músico que encontrasse um homem convencido de conhecer harmonia, só pelo fato de saber como deixar uma corda com o som mais grave ou mais agudo, não e lhe diria de modo muito grosseiro: Estás louco, idiota! Não; exatamente por ser músico, falaria com brandura: Caríssimo, quem quiser ser músico, for-

çosamente terá também de saber isso; porém nada impede que ignore totalmente a harmonia quem tiver essa disposição. Só possuis as noções preliminares do estudo da harmonia; mas, a própria harmonia, essa nem suspeitas o que seja.

Fedro — É muito certo.

269 a *Sócrates* — Dessa mesma forma falaria Sófocles àquele gabarola: que ele só possuía noções rudimentares da arte trágica, não a própria tragédia, como Acumeno teria respondido ao outro, que ele dispunha apenas de noções da propedêutica médica, não da medicina.

Fedro — Perfeitamente.

LIII — *Sócrates* — E o melífluo Adrasto, ou Péricles, se ouvissem tudo o que acabamos de enumerar, acerca desses maravilhosos artifícios do estilo conciso e do figurado, e tudo o mais que nos propu-
b semos examinar à luz do dia, é de acreditar que se indignariam e deixariam escapar, como eu e tu fizemos por pura rusticidade, alguma expressão menos delicada contra os que escreveram e ensinaram semelhantes despautérios com o título de retórica? Ou, mais sábios do que nós, se expressariam deste modo, incluindo-nos na censura: Fedro e Sócrates, em vez de censurar, o que é preciso é desculpar os que, por desconhecimento da dialética, não estão em condições de definir o que seja retórica. Com toda a sua ignorância, por haverem encontrado casualmente uns
c poucos conhecimentos, pensam que descobriram a retórica, e pelo fato de transmitirem a outras pessoas essas mesmas noções, estão convencidos de que lhes ensinaram toda a arte de bem falar. Quanto a disporem esses elementos com vistas à persuasão e à contextura do conjunto, consideram isso matéria secundária que os alunos descobrirão sozinhos, quando prepararem seus discursos.

Fedro — É muito possível, Sócrates, que tudo se passe desse modo na arte que tais indivíduos apresentam com o rótulo de retórica em seus escritos e em aulas, querendo parecer-me que te as-
d siste toda a razão. Mas a verdadeira arte de falar e de persuadir, onde e como podemos adquiri-la?

Sócrates — A capacidade, Fedro, tanto neste caso como no do lutador consumado, com muita probabilidade, ou melhor, necessariamente, é como

em tudo: se nasceste com o dom da palavra, chegarás a ser um orador ilustre à custa de estudo e de exercício; porém, se te faltar qualquer dessas condições, no mesmo passo tua formação se ressentirá. Quanto a essa arte, não creio que a alcancemos pelo caminho seguido por Lísias e Trasímaco.

Fedro — Qual é, então, o caminho?

e *Sócrates* — Com toda a probabilidade, amigo, devemos crer que entre os oradores foi Péricles o mais completo na sua arte.

Fedro — Como assim?

LIV — *Sócrates* — É que todas as artes verda-

270 a deiramente grandes não dispensam certa verbosidade e essas especulações vazias sobre a natureza. Pelo jeito, é daí que vem aquele ar de dignidade e a facilidade de levar a cabo todos os empreendimentos, qualidades essas, ao lado de outros dotes naturais, que Péricles possuía em grau eminentíssimo. Pelo menos, é como o vejo: havendo encontrado em Anaxágoras um homem dessa espécie e se tendo imbuído de seus altos pensamentos, compenetrado da natureza do que é inteligente e do que carece de inteligência, tema predileto de Anaxágoras, soube tirar daí o que era aplicável à arte da oratória.

Fedro — Que queres dizer com isso?

b *Sócrates* — A medicina está no mesmo caso da retórica.

Fedro — Como assim?

Sócrates — Em ambas terás de analisar a natureza: na primeira, a do corpo; na outra, a da alma, se quiseres vencer a rotina e a experiência, para alcançar a arte. No caso do corpo, a fim de deixá-lo forte e saudável, graças à alimentação e aos remédios; no da alma, por meio do ensino e de instituições legais, comunicar-lhe convicções e a virtude com que pretendes adorná-la.

Fedro — Tudo leva a crer, Sócrates, que é assim mesmo.

c *Sócrates* — E como te parece: pode-se compreender a natureza da alma sem conhecer a natureza em universal?

Fedro — A acreditarmos no Asclepíade Hipócrates, nem o corpo será possível conhecer, se não for por esse caminho.

Sócrates — Pois ele está certíssimo, camarada. Mas, além de Hipócrates, precisaremos consultar a razão, para vermos se combina com ele.

Fedro — De acordo.

LV — *Sócrates* — Procura, então, saber o que Hipócrates e a razão verdadeira dizem a respeito da natureza. Para estudarmos a natureza seja do d que for, não será preciso procedermos da seguinte maneira? Inicialmente, decidir se é simples ou múltiplo o objeto que desejamos dominar por meio da arte e ensinar aos outros; de seguida, no caso de ser simples, examinar suas propriedades e o modo de atuar naturalmente sobre determinados objetos, ou o inverso: como sofre a influência destes. Vindo a ter muitas formas, começar por enumerá-las e determinar para cada uma o que foi feito antes para a forma única: ver como e em que atua por sua natureza ou por que coisas e em que condições ela pode ser afetada.

Fedro — É possível, Sócrates.

Sócrates — Sem esse método, qualquer investi- e gação é como o caminhar dos cegos. Porém de forma alguma deverá ser comparado a um cego ou a um surdo quem analisa com arte determinado assunto. É evidente que o ensino da eloqüência, quando feito com arte, permite perceber com exatidão a natureza do objeto primacial do discurso. E esse objeto terá de ser a alma.

Fedro — Que mais poderia ser?

271 a *Sócrates* — Esse é o fim a que tendem todos os seus esforços, pois se propõe a despertar convicções, não é isso mesmo?

Fedro — Certo.

Sócrates — É, pois, evidente que tanto Trasímaco como quem quer que se disponha a ensinar a fundo a arte da oratória, terá de começar por descrever exatamente a alma e deixar patente se ela é, por natureza, una e homogênea ou, como os corpos, polimórfica. A isso é que se chama mostrar a natureza das coisas.

Fedro — Perfeitamente.

Sócrates — Em segundo lugar, explicar de que modo e sobre quê atua naturalmente, ou como e por quê é afetada.

Fedro — Isso também.

b *Sócrates* — Em terceiro lugar, depois de distinguir os vários gêneros de discursos e de almas e suas respectivas afecções, individualizará as causas, acomodando gênero com gênero, para mostrar a razão de persuadir determinado discurso esta ou aquela alma e de deixar uma terceira de todo indiferente.

Fedro — Seria esse, de fato, o caminho certo.

Sócrates — Sim, caro amigo; nem pode haver outro método de demonstração ou de explicação seja do que for, por meio da palavra ou da escrita. c Os que hoje escrevem Tratados de Retórica, de que já ouviste falar, são tipos dissimulados que sabem muitíssimo bem o que se passa na alma. Por isso, enquanto não se manifestarem neste sentido, tanto oralmente como por escrito, não acreditaremos que saibam escrever com arte.

Fedro — A que te referes?

Sócrates — Não é fácil explicar isso com todas as palavras. Nada obstante, disponho-me a mostrar-te, na medida do possível, como deve escrever quem quiser observar as regras da arte.

Fedro — Então, fala.

LVI — *Sócrates* — Dado que a função essencial d de todo discurso é conduzir almas, quem quiser ser orador terá necessariamente de conhecer quantas espécies há de almas. Ora, as almas podem ser deste ou daquele jeito, com estas ou aquelas qualidades, do que decorre nascerem os homens com aptidões diferentes. Assentadas todas essas distinções, haverá, por outro lado, tais e tais modalidades de discursos, cada um constituído de um jeito. Daí a possibilidade de certos homens se deixarem convencer num determinado sentido, por meio de tais discursos e de tais causas, enquanto outros, pelas mesmas razões, resistem a esses mesmos processos e de persuasão. Uma vez aprendidas essas distinções, terá de transportar o problema para a vida prática e de observá-lo com a máxima atenção, sem o que continuará no mesmo ponto de quando freqüentava a escola. Porém, quando alguém é capaz de declarar por qual discurso se deixará convencer determinado indivíduo e, à vista desse indivíduo, reconhecê-lo de pronto e dizer a si mesmo: Eis o homem; foi esta a

272 a natureza estudada na escola; vejo-o de corpo inteiro em minha frente; chegou o momento de aplicar-lhe aquela espécie de discurso para convencê-lo de tais e tais coisas... De posse de todos esses elementos, acrescidos do conhecimento das ocasiões em que se deve falar ou silenciar, de empregar o estilo conciso ou o comovedor ou o patético e todos os mais recursos aprendidos com os mestres, além de conhecer a oportunidade de tudo isso: então, e só então, sua arte será bela e perfeita. Porém, se lhe faltar o menor desses requisitos, ao ensinar, dis-
b cursar ou escrever, por mais que presuma falar de acordo com a arte, dos dois o mais sabido é o que não se deixa convencer. Como? talvez pergunte nosso autor: é assim que pensais, Fedro e Sócrates, ou achais que precisamos recorrer a outro método para ensinar retórica?

Fedro — Não é possível existir outro, Sócrates, em que seja tarefa dificílima.

Sócrates — Falaste com muito acerto. Por isso mesmo, precisamos examinar de cima a baixo tudo o que já foi dito sobre esse assunto, para vermos se porventura encontramos caminho mais fácil e mais direto para essa arte, a fim de não nos en-
c fiarmos por alguma estrada longa e cansativa, quando podemos dispor de outra mais curta e sem subidas. Se puderes dar-nos alguma ajuda com o que ouviste nas aulas de Lísias ou de outro qualquer, procura recordar-te e fala sem rebuços.

Fedro — Se a questão fosse apenas procurar, seria fácil; porém expor semelhante assunto é coisa muito diferente.

Sócrates — Queres que te reproduza o que já ouvi dos entendidos na matéria?

Fedro — Como não?

Sócrates — De acordo, Fedro, com o dito popular, é justo ouvir o próprio lobo.

d *Fedro* — Então, faze isso mesmo.

LVII — *Sócrates* — Dizem que não há necessidade de levar a coisa tão a sério nem de ir pegar o assunto de muito longe e com tantos rodeios. Realmente, como já dissemos no começo do presente estudo, para ser bom orador não há necessidade, em absoluto, de participar da verdade sobre o que seja justo ou injusto com relação aos negócios ou a

qualquer pessoa, nem de saber se essas qualidades são naturais ou adquiridas. Nos tribunais, por exemplo, ninguém se preocupa no mínimo com a verdade,
e só se esforçando por persuadir; ao estudo da verossimilhança é que precisa aplicar-se quem se propõe falar de acordo com as regras do bem dizer. Casos há em que não devem ser mencionados os próprios fatos, quando têm contra si as aparências; será suficiente a probabilidade, tanto na acusação como na defesa. De qualquer jeito, quem fala terá de ir empós apenas
273 a da aparência e dizer adeus à verdade. Conservar a verossimilhança do começo ao fim do discurso: eis no que consiste toda a arte da oratória.

Fedro — Isso mesmo, Sócrates; toda tua exposição concorda inteiramente com o que dizem os que se apresentam como mestres da oratória. Recordo-me de que já tratamos disso, de passagem, tema de primeiríssima importância para os que estudam essa matéria.

Sócrates — Sei que aproveitaste bastante com os ensinamentos de Tísias. Então, diga-nos agora Tísias se o que ele entende por verossimilhança
b difere do que pensa o vulgo.

Fedro — Como poderia ser de outra maneira?

Sócrates — Havendo descoberto, como suponho, essa regra preciosa, imaginou o seguinte caso: Se um indivíduo, fraco e corajoso, assalta um homem robusto, porém pusilânime, e lhe toma o manto ou qualquer outro objeto, e depois é chamado à Justiça, nenhum dos dois deverá confessar a verdade: o cobarde terá o cuidado de afirmar que não foi dominado por um assaltante apenas, enquanto o outro
c persistirá em demonstrar que eles estavam sós, recorrendo ao seguinte argumento: De que jeito um indivíduo como eu poderia agredir um homem tão possante? O outro, por sua vez, não aceitará sua cobardia, porém recorrerá a nova mentira, de que talvez o adversário se aproveite para contra-atacá-lo. E assim em tudo o mais na denominada arte de bem falar, não é isso mesmo, Fedro?

Fedro — Como não?

Sócrates — Oh! Pelo jeito, Tísias desencavou uma arte espantosa, ele ou outro qualquer, de nome

assim ou assado. Porém, não seria bom, camarada, dizermos a esse indivíduo...

d *Fedro* — Que será?

LVIII — *Sócrates* — O seguinte: Acontece, Tísias, que há muito tempo, antes mesmo de chegares, falávamos aqui, muito à puridade, que essa verossimilhança se impõe às multidões em virtude de sua parecença com a verdade, e agora mesmo assentamos que só quem conhece a verdade está em condições de descobrir a semelhança em todas as suas manifestações. Por isso mesmo, dado que tenhas algo novo a dizer-nos a respeito da arte da oratória, de muito bom grado te ouviremos; em caso contrário, ficaremos fiéis ao que determinamos há pouco, a
e saber: quem não fizer a enumeração exata da natureza dos ouvintes nem distribuir os objetos de acordo com as respectivas espécies e não souber reduzir a uma idéia única todas as idéias particulares, jamais dominará a arte da oratória, dentro das possibilidades humanas. Mas, sem trabalho ninguém consegue chegar a esse ponto. Não é para falar com os homens nem para tratar com eles que o sábio despende tanto esforço, mas para falar o que agrade aos deuses e também para lhes comprazer com suas ações, na medida do possível. Porque o homem de senso, Tísias — conforme opinam varões mais sá-
274 a bios do que nós — não deverá esforçar-se para agradar seus companheiros de escravidão; pelo menos não porá nisso o principal intento, nem o fará de ligeiro, porém a bons mestres e de boa origem. Por isso, se o caminho for longo, não tens de que admirar-te. Terá de percorrê-lo quem quiser alcançar coisas grandes, não como imaginas. Aliás, nosso argumento demonstrou que só dessa maneira tudo aquilo poderá ser conseguido pelo melhor.

Fedro — Falaste admiravelmente, Sócrates, é o que eu penso; resta saber se alguém é capaz de alcançar semelhante desiderato.

Sócrates — Quando nos esforçamos por atingir
b o belo, é também belo agüentar as conseqüências do que vier depois.

Fedro — Sem dúvida.

Sócrates — A respeito de arte ou de falta de arte nos discursos, é quanto basta.

Fedro — Certo.

Sócrates — Só nos resta tratar da conveniência ou inconveniência de escrever e de como nos desempenharmos dessa tarefa por modo decente ou desairoso.

Fedro — Exato.

LIX — *Sócrates* — Sabes qual é a maneira mais agradável à divindade, quando se trata de compor ou de dizer algum discurso?

Fedro — Eu, não; e tu?

c *Sócrates* — Já ouvi contar uma história dos homens de antigamente. Eles conheciam a verdade. Se pudéssemos descobri-la, ainda nos importaríamos com a opinião dos homens?

Fedro — Que pergunta engraçada! Porém, conta a tua história.

Sócrates — Ouvi dizer que havia nos arredores de Náucratis, no Egito, uma dessas velhas divindades a quem os naturais da terra consagravam o pássaro denominado íbis. Esse demônio era conhecido pelo d nome de Teute. Foi ele o primeiro a descobrir os números e o cálculo, a geometria e a astronomia, o jogo do gamão e dos dados, e também os caracteres da escrita. Nesse tempo, Tamuz reinava em todo o Egito, com residência na grande cidade da região alta que os helenos denominam Tebas Egípcia, e davam à divindade o nome de Amão. Esse rei foi procurado por Teute, que lhe apresentou suas artes, com a sugestão de serem ensinadas aos egípcios. O e rei perguntou para que serviam; e, conforme Teute as explicava, ele criticava ou elogiava. Dizem que Tamuz fez muitas observações a favor e contra cada uma das artes, que fora longo enumerar. Porém, quando chegou aos caracteres da escrita, Aqui está, majestade, lhe disse Teute, uma disciplina capaz de deixar os egípcios mais sábios e com melhor memória. Está descoberto o remédio para o esquecimento e a ignorância. Ele a falar, e o rei a responder: Engenhosíssimo Teute, uma coisa é inventar as artes, e outra, muito diferente, discorrer sobre a utilidade ou desvantagem para quem delas tiver de fazer uso. 275 a Tal é o teu caso, como pai da escrita: dada a afeição que lhe dedicas, atribuis-lhe ação exatamente oposta à que lhe é própria, pois é bastante idônea para levar o esquecimento à alma de quem aprende, pelo fato de não obrigá-lo ao exercício da memória.

Confiante na escrita, será por meios externos, com a ajuda de caracteres estranhos, não no seu próprio íntimo e graças a eles mesmos, que passarão a despertar suas reminiscências. Não descobriste o remédio para a memória, mas apenas para a lembrança. O que ofereces aos que estudam é simples aparência do saber, não a própria realidade. Depois de ouvirem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido, considerar-se-ão ultra-sábios, quando, na grande maioria, não passam de ignorantões, pseudo-sábios, simplesmente, não sábios de verdade.

b

Fedro — Com que facilidade, Sócrates, inventas um conto egípcio ou da terra que entenderes!

Sócrates — O que dizem, amigo, no santuário de Zeus, em Dodona, é que as primeiras expressões divinatórias saíram de um carvalho. Os homens daquele tempo, que não eram sábios como vós, os moços de hoje, na sua simplicidade contentavam-se com escutar as pedras e os carvalhos que falassem a verdade. Para ti, porém, é de muito maior importância saber quem fala e de qual região provém; só com uma coisa não te preocupas: saber se tudo se passa realmente assim ou de outro modo.

c

Fedro — É justa a reprimenda. E também quer parecer-me que com relação às letras o Tebano tinha razão.

LX — *Sócrates* — Logo, quem presume ter deixado num livro uma arte em caracteres escritos, ou quem a recebe, na suposição de que desses caracteres virá a sair algum conhecimento claro e duradouro, revela muita ingenuidade e o desconhecimento total do oráculo de Amão, dado que imagine ser o discurso escrito mais do que um meio para quem sabe, a fim de lembrar-se do assunto de que trata o documento.

d

Fedro — É muito certo.

Sócrates — É que a escrita, Fedro, é muito perigosa e, nesse ponto, parecidíssima com a pintura, pois esta, em verdade, apresenta seus produtos como vivos; mas, se alguém lhe formula perguntas, cala-se cheia de dignidade. O mesmo passa com os escritos. És inclinado a pensar que conversas com seres inteligentes; mas se, com o teu desejo de aprender, os interpelares acerca do que eles mesmos dizem, só respondem de um único modo e sempre a mesma

e coisa. Uma vez definitivamente fixados na escrita, rolam daqui dali os discursos, sem o menor discrime, tanto por entre os conhecedores da matéria como os que nada têm que ver com o assunto de que tratam, sem saberem a quem devam dirigir-se e a quem não. E no caso de serem agredidos ou menoscabados injustamente, nunca prescindirão da ajuda paterna, pois por si mesmos são tão incapazes de se defenderem como de socorrer alguém.

Fedro — A esse respeito, também, falaste com muito acerto.

276 a *Sócrates* — E então? Analisaremos agora outra modalidade de discurso, irmão legítimo do primeiro, para vermos como se forma e quanto é melhor e mais possante do que o outro?

Fedro — A que discurso te referes e de que jeito se forma?

Sócrates — O que é escrito com o conhecimento na alma de quem estuda, e que não somente é capaz de defender-se, que de falar e silenciar quando preciso.

Fedro — Referes-te ao discurso de quem sabe, discurso vivo e animado, do qual, com toda a justiça, pode ser considerado simples simulacro o discurso escrito.

b LXI — *Sócrates* — Esse mesmo. E agora, dize-me uma coisa: um lavrador inteligente que se interessasse por suas sementes e se empenhasse em vê-las frutificar, iria semeá-las, em pleno verão, nalgum jardim de Adônis, para alegrar-se ante o belo espetáculo da germinação em oito dias? Se o fizesse, seria à guisa de divertimento e na oportunidade de algum festival, não é verdade? Porém, as sementes que lhe fossem verdadeiramente caras, confiaria ao terreno apropriado, de acordo com as regras da agricultura, considerando-se felicíssimo se oito meses depois todas elas houvessem germinado com perfeição.

c *Fedro* — Faria assim mesmo, Sócrates; com toda a seriedade com estas; e com as outras, como disseste, por maneira diferente.

Sócrates — E o homem que dispuser do conhecimento do justo, do belo e do bom, diremos que seria menos ajuizado do que o lavrador com suas sementes?

Fedro — De forma alguma.

Sócrates — Não irá, por conseguinte, escrever na água suas coisas, semeando com cálamo e tinta discursos incapazes de se defenderem por meio da palavra, como são incapazes de ensinar suficientemente a verdade.

Fedro — Pelo menos, não é de esperar que assim proceda.

d *Sócrates* — Não, sem dúvida; só por brincadeira, como parece, é que ele semeará e escreverá nos jardins de escrita. Com seus escritos estará formando um tesouro de reminiscências para quando chegar a velhice esquecida, para si próprio e todos os que lhe vierem no rasto. Assim, alegrar-se-á com o espetáculo do crescimento de suas plantazinhas; e enquanto outros procuram distrações e divertimentos do mesmo gênero, ele, ao invés disso, viverá o tempo todo entregue às recreações a que me referi.

e *Fedro* — Enunciaste um admirável passatempo, Sócrates, ao lado de outros tão rasteiros, o de quem é capaz de distrair-se e com a composição imaginosa de discursos sobre a justiça e os demais temas a que te referiste.

Sócrates — É muito certo, meu caro Fedro. Porém, no meu modo de pensar, muito mais admirável ainda é ocupar-se um com estas coisas quando se escolhe alguma alma apropriada e, seguindo em tudo as prescrições da arte dialética, semeia e planta com discernimento discursos tanto capazes de defenderem a si próprios como a quem os semeou, e que,

277 a muito longe de serem infrutuosos, contêm um germe que em almas diferentes fará nascer outros discursos com esse mesmo princípio de imortalidade, tornando felizes seus possuidores quanto o permite a natureza humana.

Fedro — No que acabas de dizer há, realmente, muito mais beleza.

LXII — *Sócrates* — Agora, Fedro, estamos em condições de decidir nossa questão, já que sobre todos esses pontos nos declaramos de acordo.

Fedro — Qual será?

Sócrates — Aquela que nos propusemos esclarecer e nos trouxe até aqui, a saber, se Lísias era

b passível de censura por escrever discursos, e também a dos próprios discursos, quando escritos com

arte ou sem ela. Quer parecer-me que explicamos à maravilha e suficientemente o que caracteriza a presença ou ausência da arte.

Fedro — Parece-me também que sim; porém será conveniente avivares-me algum tanto a memória.

Sócrates — Enquanto não se conhecer a verdade da constituição de cada coisa de que se fala ou escreve e não se puder definir cada uma por si mesma, e, depois de definida, dividi-la em espécies até atingir o indivisível; enquanto não se conhecer c a natureza da alma e puder determinar que espécie de discurso convém a cada natureza, adornando-os de acordo com esse critério, para oferecer a uma alma complexa discursos também complexos e de variadas harmonias, e para almas simples discursos igualmente simples, não se ficará em condições de manejar a arte da oratória com a perfeição exigida pela natureza desse gênero de composição, não só para ensinar como para convencer, conforme o demonstrou nossa argumentação anterior.

Fedro — Perfeitamente; foi isso mesmo que nos pareceu.

d LXIII — *Sócrates* — Quanto ao sabermos se é belo ou vergonhoso escrever discursos ou pronunciá-los, e em que casos temos ou não o direito de criticá-los, já não ficou esse ponto esclarecido no que dissemos agora mesmo?

Fedro — De que se trata?

Sócrates — É o seguinte: se Lísias ou outro qualquer já escreveu ou vier a escrever a respeito de assunto público ou particular, propondo leis ou redigindo escritos políticos, no pressuposto de que se trata de algo sólido e de clareza sem par, tais composições só acarretarão opróbrio para seus autores, quer sejam discutidos de público quer não sejam. Pois, não ser capaz de distinguir, nem acordado nem e em sonhos, entre o bem e o mal, o justo e o injusto, é vergonha das maiores, de que jamais poderia limpar-se, ainda que todo o povo o aplaudisse.

Fedro — Não, de fato.

Sócrates — Porém, quem pensa que todo discurso escrito, não importando o assunto, terá, por força, de conter boa dose de brincadeira, e que não há peça oratória em verso ou prosa digna de ser

escrita ou pronunciada, tal como acontece com as composições dos rapsodos, que não permitem exame e nada ensinam, pois só têm a finalidade de per-
278 a suadir, não passando os mais bem logrados discursos de recurso mnemotécnico para os que sabem; e o inverso: os discursos escritos para serem estudados ou pronunciados com fins didáticos, e que são verdadeiramente escritos na alma, tendo como tema o justo, o belo e o bom, são os únicos eficientes, perfeitos e dignos de consideração e merecedores de serem denominados filhos legítimos de seu autor, em primeiro lugar, os que nele vivem como invenção de seu próprio espírito; ao depois, os filhos ou irmãos
b daqueles, nascidos noutras almas, em condições idênticas... Um homem assim, que não dá a mínima atenção às outras modalidades de discursos, é que poderia muito bem tornar-se, meu caro Fedro, o que eu e tu desejaríamos ser.

Fedro — É o que almejo de todo o coração e faço votos para que tudo seja assim mesmo como disseste.

LXIV — *Sócrates* — Já nos entretivemos bastante a conversar a respeito da eloqüência. Agora, procura Lísias e lhe dize que nós dois descemos até ao córrego das Ninfas e seu santuário, onde
c ouvimos discursos que nos incumbiram de comunicar a Lísias e a quem mais compuser discursos, a Homero e a quantos escreveram poesias simples ou musicadas, e finalmente a Solão e a todos os autores de discursos políticos que, sob o nome de leis, redigiram seus escritos, para comunicar-lhes, dizia, que se se ocuparam com tudo isso cientes do que seja a verdade, e se forem capazes de sair em defesa de seus escritos, quando chamados, e se, como oradores, com seus argumentos deixarem o autor dos escritos em posição secundária: um indivíduo nessas condições não deverá ser designado por nenhum dos nomes correntes entre nós, mas apenas pelo que se relaciona com o objeto a que ele se dedicou tão
d desinteressadamente.

Fedro — Que denominação lhe dás?

Sócrates — O nome de sábio, Fedro, me parece excessivo; só vai bem com referência a Deus; o de amigo da sabedoria, ou outra designação equivalente, sobre ser mais modesto, conviria melhor.

Fedro — E não seria fora de propósito.

Sócrates — Em compensação, quem nada pode apresentar de mais precioso do que o que ele mesmo rabiscou ou ajeitou de cima a baixo com um e trabalhão enorme, acrescentando aqui, cortando acolá, poderás com toda a justiça denominar poeta, ou fazedor de discursos ou redator de leis.

Fedro — Sem dúvida.

Sócrates — Comunica isso, portanto, ao teu companheiro.

Fedro — E tu, que pretendes fazer? Pois não podemos esquecer o teu amigo.

Sócrates — Quem é ele?

Fedro — O belo Isócrates. Que lhe dirás, Sócrates, e que denominação lhe daremos?

Sócrates — Isócrates ainda é muito novo, Fedro.
267 a Não obstante, vou dizer-te o que auguro a seu respeito.

Fedro — Que será?

Sócrates — A meu parecer, como orador ele foi muito bem dotado pela natureza para o compararmos a Lísias, além de ser de caráter mais nobre. Por isso, não será de admirar se, com os anos, no gênero de discursos em que presentemente se exercita, ele chegue a ultrapassar, como o faz o homem feito com as crianças, quantos já se ocuparam com a eloqüência. E mais: dado que venha a desgostar-se dessa arte, uma impulsão divina o arrastará para coisas mais grandiosas; é que a natureza, amigo, pôs b certa filosofia na alma desse homem. Vou comunicar isso mesmo ao meu favorito Isócrates, da parte das divindades locais. Do teu lado, conta ao teu querido Lísias tudo o que conversamos.

Fedro — Sim, farei assim mesmo. Porém vamos logo; o fervor da calma já cedeu.

Sócrates — Não ficará melhor, primeiro fazermos uma oração, para depois partirmos?

Fedro — Por que não?

Sócrates — Querido Pã, e todas vós, divindades locais: dai-me alcançar a beleza interna, e que tudo o que eu tenho no exterior fique em consonância c com o que trago dentro de mim; rico me pareça exclusivamente o sábio, e seja todo o meu ouro o que apenas o homem temperante necessite e possa carregar. — Devemos pedir mais alguma coisa, amigo

Fedro? Penso que fui bastante comedido em minha súplica.

Fedro — Formula iguais votos para mim, pois entre amigos tudo é comum.

Sócrates — Então, separemo-nos aqui mesmo.

CARTAS

SÓ TENDE a aumentar o valor das treze cartas de Platão que chegaram até nós, à medida que os estudiosos se dispõem a aproveitá-las como documentos pessoais de impossível substituição, máxime se levarmos em conta que nenhuma delas se destinava, inicialmente, à publicidade. Quão diferente seria o retrato que fazemos de Cícero, se sua correspondência se tivesse perdido e só dispuséssemos, para o conhecimento dessa figura maior no palco da história antiga, dos seus escritos que se salvaram e das referências contraditórias dos contemporâneos.

No caso das Cartas de Platão, a deusa Fortuna foi menos generosa do que com Cícero; mas, ainda assim, só podemos ser-lhe infinitamente agradecidos por nos ter conservado esse tesouro de confissões do mais lúcido pensador da antiguidade, cujas obras ela mesma se incumbiria de preservar em sua totalidade, para mais sólida estruturação da nascente cultura ocidental.

Os historiadores, primeiro — Grote e Eduardo Meyer — para só falarmos nos maiores, e a pouco e pouco os platonistas — conceito de amplitude igual ao da filosofia — com Taylor e Ottomar Wichmann a encabeçar a lista, hoje pode-se afirmar sem receio de contestação que já passou em julgado o célebre processo da inautenticidade dessas cartas, tirante as ressalvas indicadas no lugar devido. Para os leitores das obras de Platão da edição da Universidade Federal do Pará, poderia parecer desnecessária uma notícia especial para a edição das Cartas, visto disporem de informes precisos na introdução geral do volume *Marginalia,* cuja publicação precedeu à dos Diálogos propriamente ditos, além do estudo mais particularizado acerca da Carta sétima, no mencionado volume.

Sem dúvida nenhuma, é a Carta sétima o mais importante desses documentos, não apenas por sua extensão, como e principalmente por oferecer-nos um flagrante inestimável do escritor, no ato de recapitular os acontecimentos do passado recente, que o levaram a tomar parte ativa na vida política do seu tempo, quando da batalha de vida e de morte que o mundo helênico travava com Cartago.

Todavia, essa preferência justificada prejudica a apreciação dos outros documentos da mesma procedência, pelo perigo de serem considerados de importância secundária. Nesse particular, o que importa corrigir de início é o defeito de perspectiva do leitor moderno que se defronte com essas epístolas na ordem em que nos foram transmitidas. Longe de facilitar a sua compreensão, só será fonte de equívocos o relato de fatos históricos sem o menor respeito à sua verdadeira sucessão, sabendo-se que entre a primeira, em data, dessas cartas, e a última da série medeiam vinte anos, ricos de acontecimentos e de emoções.

Importa, assim, de início, dispor na ordem natural os documentos que se vão ler, ou melhor, restabelecer a sua cronologia, para a justa apreciação de todos eles, já que não é possível nem aconselhável tocar de leve na seqüência em que foram fixadas nas edições do texto original desde a época do Renascimento, em fiel observância, nesse particular, aos códices medievais.

Semelhante correção deve estender-se até mesmo a certos tópicos das Cartas, quando o próprio missivista se dispensa de ater-se a um rigorismo exagerado e expõe seu pensamento com a naturalidade e a fluência requeridas pelo estilo epistolar. Dirigindo-se a Dionísio II, o Moço, e falando das visitas que lhe fizera e do banimento de Dião da corte do Tirano, continua Platão:

"Foi o que se passou comigo por ocasião da minha primeira estada em Siracusa e do meu retorno, são e salvo, para a pátria. Da segunda vez, mandaste-me chamar. . ." (317 a). Mas, a rigor, "a primeira estada de Platão em Siracusa" ocorrera vinte anos antes desta agora mencionada, em visita à corte de Dionísio pai, e a que Platão por várias vezes se refere na Carta sétima, quando passa a relatar *ab ovo* a história de suas atribulações naquela corte.

"Por ocasião da minha primeira viagem a Siracusa eu poderia ter quarenta anos. Dião seria da idade que Hiparino tem agora. . ." É que naquela outra carta, a terceira da série, dirigindo-se ao moço Dionísio só importava comentar o que com ele se passara nas duas visitas que lhe fizera com intervalo de

seis anos, tão prenhes desses imprevistos com que o Acaso — ou, como diz o próprio Platão na carta maior, um Poder superior — se compraz sempre em conturbar nossas mais bem fundadas intenções.

Desse modo, ganhamos alguns pontos de referência para enquadrar na biografia de Platão as treze cartas que se salvaram da enorme correspondência mantida por ele com seus amigos ou discípulos no vasto mundo helênico.

Ano 386 a.C., data da sua primeira viagem a Siracusa, em visita a Dionísio pai, interrompida abruptamente com a resistência do velho Tirano à doutrinação política de Platão, no sentido de transformar em realeza a tirania de Siracusa e dar um cunho austero à vida de dissipação da corte. "Tuas palavras cheiram a mofo", teria dito o velho autócrata. "E as tuas, a tirania," foi a resposta do Filósofo Posto a bordo de um barco de Esparta, com recomendações especiais, foi Platão vendido como escravo em Egina, então em guerra com Atenas, e ali mesmo resgatado por Anicérides, um dos seus admiradores e talvez discípulo. Platão contava quarenta anos, conforme já vimos; Dião, a metade disso.

366. Segunda viagem a Siracusa. Platão com sessenta anos; Dião com quarenta; Dionísio II com vinte e cinco. Este assumira o governo de Siracusa no lugar do pai, sem estar preparado para o cargo, pois o velho Dionísio jamais cogitara de transmitir-lhe legitimamente o poder, e o criara, ou melhor, deixara-o crescer longe de suas vistas e da agitação da corte, ou, pelo menos, sem participar no mínimo da administração da coisa pública. Nos últimos momentos falhou a tentativa de Dião de influir no ânimo do monarca para instituí-lo como tutor dos filhos menores de sua irmã Aristômaca, a um dos quais, provavelmente a Hiparino, ele, Dião, na qualidade de regente, transmitiria oportunamente o poder. Porém, com mais decisão e rapidez agiu o partido da oposição, conseguindo do médico-assistente de Dionísio que lhe desse uma poção soporífica, sob os efeitos da qual o doente passou desta para melhor. Filisto, antigo companheiro de Dionísio na conquista do poder, foi chamado do exílio para assumir o seu posto de direção na corte, afirmando-se, de então em diante, como o mais ferrenho defensor das prerrogativas da tirania e, conseqüentemente, contrário às veleidades do partido estudantil, de inaugurar a realeza constitucional em Siracusa e levar avante a reforma dos costumes.

Todavia, era um fato a ascendência de Dião sobre o espírito do novo governante e a sua indiscutível competência na direção da República, principalmente no que se referia às re-

lações com Cartago, desde o tempo do primeiro Dionísio, que sempre lhe dera mão forte. Por sua sugestão, Dionísio dirigiu insistentes convites a Platão para visitar Siracusa, enquanto Dião o inteirava por carta das boas intenções do monarca e do seu sincero amor ao estudo. Era a oportunidade tão procurada, de entronizar a Filosofia, uma vez que o moço Dionísio se mostrava entusiasmado com a idéia de promover a reforma política nos seus domínios, sob a inspiração direta dos ensinamentos de Platão.

"Não cessarão os males para o gênero humano antes de alcançar o poder a raça dos verdadeiros e autênticos filósofos ou de começarem seriamente a filosofar, por algum favor divino, os dirigentes das cidades" (*Cartas*, 326 b).

No começo, o entusiasmo foi geral; nos salões do palácio respirava-se uma atmosfera carregada, de tanto giz, ou areia, aplicada no soalho para a solução de problemas geométricos indispensáveis na formação política e filosófica dos futuros estadistas. Foi radical a reforma dos costumes; pelo menos em palácio "a cozinha siciliana" perdeu o seu prestígio; e quando, de uma feita, o arauto, no decorrer da sóbria refeição servida a todos, desejou, como de hábito, que a tirania se perpetuasse em Siracusa, Dionísio deu provas de suas convicções recentes apostrofando-o com veemência: "Pára com isso, amigo! Não chames sobre nós semelhante maldição!"

Mas, a oposição não dormia. Não demorou a reação dos patriotas, quando se avolumou a onda de queixas, partidas do palácio, sobre a perda de liberdade política para a todo-poderosa Atenas: o que não conseguira o exército e a invencível armada da maior potência política da Hélade, fragorosamente destroçados na Sicília por ocasião da expedição de Alcibíades, de perenal memória, obtivera com o mais completo êxito um sofista de lábia, com doutrinar em seu próprio palácio o chefe da nação. Urgia, pois, cortar o mal pela raiz, com afastar da corte o responsável pela reforma em curso.

Com Filisto à frente, nessa ordem de idéias foi fácil convencer Dionísio a mudar de opinião, ante o perigo de vir a perder o trono em benefício de Dião, que a outra coisa não visava com o perfilhamento das idéias de Platão no seu curso de filosofia. Sob a falsa acusação de confabular com os cartagineses foi chamado Dião à Acrópole e, sem direito nem tempo de defesa, metido numa embarcação adrede preparada e jogada na praia fronteira da península italiana, como exilado político da Sicília.

Crítica por demais, daí em diante, foi a posição de Platão na corte de Siracusa, correndo a seu respeito os mais desencontrados boatos, por toda a Sicília e nas cidades fronteiriças do continente: ora, que fora assassinado por ordem de Dionísio; ora, que este só fazia o que Platão mandava, tão afeiçoado se lhe tornara depois da partida de Dião. Um pequeno trecho da Carta sétima ilustra a contento essas contradições e arremata naturalmente o relato das ocorrências da segunda visita de Platão àquela corte.

"Depois daqueles acontecimentos, lancei mão de todos os recursos para convencer Dionísio de que me deixasse partir. Assumimos um compromisso recíproco para ser cumprido logo que a paz se restabelecesse, pois nessa época havia guerra na Sicília. Dionísio prometeu que nos chamaria, a mim e a Dião, assim que seu poder se consolidasse um pouco mais, e pediu a Dião que não considerasse sua partida como exílio, porém simples mudança de residência. Vendo-o com tal disposição, prometi voltar" (338 ab).

Eis chegado o momento de localizar no tempo estas epístolas, o que só será possível com uma margem de tolerância compatível com a antiguidade dos próprios documentos. A primeira carta da coleção foi também a primeira a ser escrita. O único reparo a fazer-se é que essa epístola não é da autoria de Platão e nem foi a ele dirigida; é de Dião para Dionísio, havendo sido escrita ainda sob os efeitos do impacto emocional da injustiça de que fora vítima o signatário. Como nada podemos saber do critério dos primeiros colecionadores desses documentos, teremos de louvar-lhes o cuidado de salvar o pouquinho que não se perdera da vasta correspondência de Platão, toda ela escrita em tabuinhas revestidas de cera, como era então de uso, e por muito tempo ainda na faixa civilizada do Mediterrâneo. Se só restava aquela amostra de tudo o que Dião escrevera, nada mais justo do que incorporá-la aos raros espécimes que fora possível encontrar da correspondência de Platão. Hoje falamos em correspondência ativa e passiva, na edição de cartas particulares.

365-361. Os cinco anos seguintes passou-os Platão na Academia, freqüentada também por Dião, porém sem obrigações, de sua parte, de aluno matriculado, que não pudesse faltar às aulas. Graças à sua imensa fortuna e aos dotes naturais de espírito, tornara-se na Grécia figura conhecida pela discreta e persistente propaganda política a que se dedicava, contra o potentado de Siracusa. Essa aproximação despertou ciúmes em Dionísio, que timbrava em apresentar-se em Siracusa e alhures, principalmente entre os pitagóricos de Taren-

to — com Arquitas à frente do poder local e da *inteligentzia* de toda a Magna Grécia — como o único discípulo de Platão capaz de discutir com o Mestre, em termos de igualdade, problemas filosóficos. Em Siracusa, como aliás em outras cidades do vasto mundo helênico, era grande a afluência de sofistas, ou professores de sabedoria, ansiosos de vender por bom dinheiro seus conhecimentos, com vistas à preparação da mocidade para a vida prática. Porém o nome de Platão era o de maior brilho naquela constelação de luminares. Daí o empenho de Dionísio em atrair para o seu círculo de influência o mais famoso filósofo então vivo, e de monopolizar essa amizade, para incremento do seu prestígio pessoal. São dessa época as duas primeiras cartas autênticas de Platão e conservadas nesta pequena coletânea: a décima terceira e a segunda, escritas, como tudo faz crer, nessa mesma ordem, a saber: primeiro, a última do maço e, a seguir, a segunda.

Partindo do pressuposto lógico de que esses poucos documentos representam apenas uma parcela insignificante da correspondência trocada entre Platão e Dionísio e do nenhum valor literário atribuído então a documentos dessa natureza, o que a leitura da Carta treze nos revela é que nos anos que se seguiram à segunda viagem de Platão a Siracusa continuou sempre vivo o intercâmbio entre os dois próceres, com remessas periódicas para Dionísio de escritos do próprio Platão e de outras obras, e até de pessoas capacitadas para explicar com mais particularidades passagens obscuras desses escritos ou de desenvolver pontos de doutrina em que Dionísio não se mostrasse muito firme. Referindo-se a seus contactos com Dião, alude Platão muito por alto a um assunto delicado a respeito do que não ousara conversar com o interessado, por estar convencido de que ele se insurgiria, indignado, contra tal idéia.

Tudo leva a crer que se tratava do propósito de Dionísio de promover o divórcio de Dião e de sua mulher legítima, Arete, filha do primeiro Dionísio, o que o tirano viria a pôr em prática, como um dos itens do seu plano mais vasto de arruinar Dião e privá-lo dos recursos de que dispunha com a renda de suas propriedades na Sicília. Seria a maneira mais fácil, ou a única possível, de impedi-lo de prosseguir na sua campanha política no estrangeiro. O que admira é que Dionísio tratasse de tal assunto em carta dirigida a Platão, dado o cuidado que até então tivera de não lhe revelar seus verdadeiros intuitos nem de lhe tirar a esperança de ainda poder acomodar as coisas.

"Falemos agora de Dião. Sobre o resto, nada poderei dizer, enquanto não receber as cartas prometidas. Mas, a respeito daquele assunto que me proibiste de lhe falar, nem conversamos nem lhe fiz a menor referência; porém sondei-o para ver de que modo ele se comportaria, se com ânimo sereno ou revoltado, e tive a impressão de que se insurgirá, no caso de vir a idéia a concretizar-se. Em tudo o mais, com referência à tua pessoa, pareceu-me moderado, por atos e por palavras." (363 a).

Nesse tom, de amigo e confidente, é vazada toda a epístola, que termina com uma expressão muito lisonjeira de cortesia: Guarda esta carta, o original ou uma cópia, e continua sendo o que és." (363 e).

Já na Carta segunda, foi invertida a recomendação de conservar o autógrafo, além da sensível mudança de disposição de ânimo do signatário, no que entende com certas reclamações de Dionísio, para que Platão proibisse aos freqüentadores da Academia falarem mal dele, conforme lhe constara que acontecera no último festival de Olímpia. "É que decerto tens ouvido mais fino do que eu, pois a verdade é que nada percebi. A meu parecer, o que te cumpre fazer daqui por diante, sempre que te contarem algo a nosso respeito, é interpelar-me por carta, pois só direi a verdade, sem vacilações nem constrangimento" (310 d).

Dião precisava convencer-se, continua, de que ambos, tanto ele como Platão, eram objeto constante da conversação em todos os círculos, pois todo o mundo sabia, por assim dizer, que aquela amizade não fora passageira nem clandestina. Por uma lei natural a inteligência e o poder tendem a encontrar-se: procuram-se, aproximam-se e unem-se, folgando não apenas os homens nos colóquios mais íntimos, como também os poetas em suas composições, de uni-los em seus elogios. São conhecidos os exemplos da história recente, com Periandro, Príncipe de Corinto, e Tales de Mileto; Péricles e Anaxágoras, Creso e Solão.

Daí a recomendação final sobre a maneira de se comportarem de então em diante, cabendo a Dionísio a iniciativa nas demonstrações de apreço à sua filosofia, para não darem a impressão, na hipótese contrária, de que ele, Platão, só admirava a riqueza e atrás dela se empenhava, "o que para todo o mundo, como sabemos, não tem nome que se recomende" (312 c).

Postos os pingos nos ii, sobre a pretensão de Dionísio, de discutir em pé de igualdade com Platão problemas de filosofia, e depois de reconduzi-lo à sua posição originária, de sim-

ples "tirano" de uma cidade famosa pela riqueza e por seus esbanjamentos, passa Platão a discorrer, como mestre, sobre os primeiros princípios de sua doutrina, que Dionísio até então não conseguira compreender. Mas o faz muito por cima, falando, como o declara expressamente, por enigmas, de medo de que acontecesse algum acidente com aquela tabuinha, nos recessos do mar ou da terra, e não viesse a ler o seu contexto quem a encontrasse por acaso. Em resumo: o leitor daquelas divagações sibilinas não adiantaria um passo na compreensão de tais problemas, terminando Platão por insistir na impossibilidade de expressar essas questões de forma satisfatória. "Tu, porém, me declaraste à sombra dos loureiros do teu jardim que já havias meditado sobre esse ponto e feito descoberta original; ao que te respondi que, a ser, de fato, como dizias, me economizavas largas explanações." Contudo, felicita-o pela idéia de lhe haver enviado um mensageiro capaz para colher dele próprio os ensinamentos solicitados e lhos transmitir de viva voz: "Fizeste bem em mandar Arquedemo; mais para diante, depois que ele te houver levado minha resposta, é possível que outras dúvidas te assoberbem. Então, se bem te aconselhares contigo mesmo, voltarás a enviar-me Arquedemo, que retornará com nova mercadoria" (313 d).

É nesta altura que se insere a célebre declaração, de nunca haver ele escrito nada a respeito de tais questões. Não há escritos de Platão, nem nunca haverá; o que por aí corre com esse nome é de Sócrates remoçado.

Daí em diante, os fatos se precipitaram, para forçar Platão a embarcar novamente na aventura de uma terceira visita a Siracusa. A vaidade do Tirano só se satisfaria com ter Platão como ornamento de sua corte, no pressuposto razoável de que cresceria com isso o seu prestígio junto dos governantes da baixa Itália, todos eles filiados à tradição pitagórica que dera seus melhores frutos na Magna Grécia. Para tanto, precisava acenar-lhe com a possibilidade de uma provável e até próxima reconciliação com Dião, de acordo com a versão que o próprio Platão nos deixou na Carta sétima:

"Tocando em todos esses tópicos, começava a carta mais ou menos nestes termos: Dionísio a Platão. De seguida, depois das fórmulas mais usuais de saudação e sem maiores preâmbulos, entrava diretamente na matéria: Se desta vez te dobrares a nosso pedido e vieres à Sicília, inicialmente os negócios de Dião se acomodarão de acordo com teus desejos, pois estou certo de que só pedirás o que for justo e que de antemão eu te concedo. Porém, se não vieres, nenhum assun-

to referente à sua pessoa ou a seus negócios será resolvido conforme desejaras" (339 c).

Pouco adiante, Platão arremata: "Era assim que me solicitavam naquele tempo: da Sicília e da Itália me puxavam, enquanto os amigos de Atenas, literalmente me empurravam com suas exortações, insistindo todos no mesmo ponto: que eu não devia trair Dião nem os hóspedes e amigos de Tarento."

Mas, entretidos com o relato dos acontecimentos da Sicília, quase nos esquecemos do nosso propósito de enquadrar as Cartas na moldura da história, com o que deixamos de tratar das cartas quinta, nona e décima segunda, todas elas, ao que parece, escritas antes da terceira viagem a Siracusa. A nona e a décima segunda são dirigidas a Arquitas de Tarento, sendo que desde a antiguidade foi posta em dúvida a autenticidade desta última. "Contesta-se que seja de Platão", é a observação que se encontra nos mais antigos códices, o que só fala a favor do escrúpulo dos organizadores da coleção, que, aliás, não rejeitam categoricamente o documento; apenas levantam suspeitas quanto à sua autenticidade. Nenhuma dessas cartas se prende aos acontecimentos políticos da Sicília relatados acima.

A Carta quinta, dirigida a Perdicas da Macedônia, é indício seguro do prestígio político da Academia no tempo que se situa entre as duas últimas viagens a Siracusa, quando devera ter sido intensa a correspondência de Platão com seus ex-alunos que passaram a ocupar postos de direção nas cidades de origem. Nas presentes conexões, o que torna interessante essa epístola, é vermos como Platão se sentiu na obrigação de justificar-se por só saber aconselhar os jovens, sem nunca decidir-se a tomar parte ativa na política de sua terra. É um trecho de ouro, que não pode ser resumido; servirá como amostra do estilo epistolar de Platão, quando obrigado a falar de si mesmo na terceira pessoa.

"Quem me ouvir falar dessa maneira, talvez observe: Ao que parece, Platão presume conhecer o que é vantajoso para a democracia; no entanto, sendo-lhe facultado falar ao povo e dar-lhe conselhos, nunca se levantou para dirigir-lhes uma só palavra. A resposta para isso, tenho-a pronta: Platão nasceu em sua pátria muito tarde e encontrou o povo já bastante velho e mal habituado por seus antepassados a fazer muitas coisas em contrário à sua maneira de pensar. Sem dúvida, nada lhe fora mais grato do que aconselhar o povo, como de filho para pai, se não pensasse que com isso se exporia inutilmente, sem probabilidades de beneficiar ninguém" (322 ab).

As outras duas cartas desse período só tratam de estudos, empenhando-se Platão em encorajar o amigo para não considerar malbaratado o tempo aplicado nos negócios do Estado. Quando a pátria manda que nos ocupemos com seus assuntos, não ficaria feio fazermo-nos desentendidos? É que a figura tão simpática de Arquitas ainda não representava o ideal platônico da fusão, numa única pessoa, do estadista e do sábio; nele o estudioso predominava sobre o homem de ação.

Acerca da terceira visita de Platão a Siracusa, muito haveria que dizer, se o fim da presente exposição não visasse apenas a fixar algumas datas na parábola da vida do Filósofo, para melhor enquadramento de suas cartas. Por isso, convém resumir. Platão demorou-se na Sicília mais de um ano, preso, literalmente, em Siracusa por Dionísio e impossibilitado de locomover-se. Lá pelas tantas, o Tirano, que já havia despido a face da máscara tão ridícula, de estudioso de filosofia, o desalojou de sua residência do jardim do palácio, sob o pretexto de que as mulheres da cidade precisavam daquele local para a prática de certos ritos religiosos, e pô-lo a dormir com os mercenários, entre os quais Platão só contava com desafetos, visto como todos o responsabilizavam por tudo o que de ruim acontecia em Siracusa. Além do mais, proibiu a todos os capitães de barco de o tomarem a bordo como passageiro, de volta para a Grécia. Quanto aos "negócios de Dião", não teve o menor escrúpulo em fazer tudo ao contrário do que tinha prometido e, havia muito, maquinava: depois de declarar que metade da fortuna de Dião lhe pertencia na qualidade de tutor legítimo de seus filhos, pôs à venda tudo aquilo pelo preço que quis e a quem bem lhe pareceu, além de promover, sem maiores delongas, o divórcio projetado, casando Arete com Timócrates, um dos seus apaniguados. As leis lhe facultavam semelhante arbitrariedade.

Custou a Platão muito trabalho para escapar daquela ratoeira. Havendo conseguido comunicar-se com Arquitas de Tarento, enviou este uma trirreme armada a Dionísio com uma embaixada, que implicava, para o bom entendedor, advertência muito séria, sobre a necessidade de repor Platão são e salvo no Peloponeso. Naqueles tempos, com a proverbial insegurança dos caminhos do mar e da terra, tudo era de esperar-se.

"Chegando ao Peloponeso, estive com Dião em Olímpia, por ocasião dos jogos, e lhe contei o que se passara." É como Platão arremata o relato de sua viagem atribulada. Tudo isso se passou no ano 360. Platão está com 68 anos de idade. Considerava-se velho e pouco indicado, por isso mesmo, para participar da campanha projetada, de tomarem de assalto Sira-

cusa. Suas palavras são incisivas, assim na maneira de desligar-se em definitivo do amigo de muitos anos, como na crítica severa à sua conduta, em vista dos últimos acontecimentos.

"Depois de ouvi-lo, deixei-o à vontade para convidar os meus amigos que quisessem acompanhá-lo; mas, quanto a mim, lhe falei, tu e outros, de algum modo me forçaram a participar da mesa, da casa e dos sacrifícios de Dionísio; este, embora chegasse a acreditar no que diziam os caluniadores, que eu conspirava contigo para derrubá-lo e ao seu governo, teve escrúpulos de mandar matar-me. Já não estou em idade de associar-se com quem quer que seja numa campanha militar; de preferência, servirei como elemento de ligação entre ambos, no caso de desejardes reatar essa amizade e de vos decidirdes por algo bom; mas, enquanto só pensardes em maldades, procurai outra pessoa" (Carta sétima, 350 cd).

As cartas três e quatro desta coletânea são o reflexo fiel da equanimidade de Platão, em face da guerra de vida e de morte que então se iniciara, sobre o domínio de Siracusa. A terceira pode ser datada de 359, logo depois do seu retorno para Atenas. Apesar de não haver rompido com o Tirano e de ser fato notório que não tomava parte ativa nos preparativos da falada expedição, não se coíbe de criticar-lhe severamente a conduta e, sobretudo, os mexericos de que ele próprio era o principal divulgador, sobre a pretensa ingerência de Platão na política de Siracusa, com o fito de impedir que Dionísio levasse a cabo a idéia de abolir a tirania e libertar do jugo cartaginês as comunidades helênicas da Sicília. "Se tal falatório te é de alguma vantagem, só tu o saberás; mas, considero ofensa dizeres o contrário do que se passou." E depois de algumas observações de ordem geral, volta a falar na importância da insistência de Dionísio, para que ele realizasse a terceira viagem a Siracusa. "Para ser franco, acanha-me falar no mundo de cartas enviadas por ti e outros, a instâncias tuas, da Itália e da Sicília, para mim e meus familiares e amigos, cheias de exortações para que fizesse aquela viagem e não deixasse de satisfazer ao teu pedido" (317 b). Na sua comitiva, além de outras figuras de prol, seguiram seu sobrinho Espeusipo, que o sucedeu na direção da Academia, Xenócrates e Helicão, todos intimamente ligados à Academia.

A Carta número quatro é dirigida a Dião, depois de sua vitória inicial sobre Dionísio e de se haver instalado como *autocrátor* no governo de Siracusa, por entre a aclamação dos naturais do lugar. Mas, a seus olhos de lince não passaram despercebidos os prenúncios da oposição que se formava sob a chefia manifesta de Heráclides e Teodoto, muito nossos

conhecidos da Carta sétima, quando Platão nos fala de como Dionísio reclamava de sua afeição a esses próceres siracusanos, por serem ambos amigos de Dião. Embora de longe, Platão acompanhava o desenrolar dos acontecimentos e se inquietava com a falta de notícias animadoras ou com os rumores que lhe chegavam de outras fontes. "Os boatos são muitos, porém nada sabemos com certeza. Agora mesmo, acabam de chegar à Lacedemônia e a Egina cartas de Teodoto e de Heráclides; mas, como disse, apesar de ouvirmos tantas coisas, ignoramos tudo" (321 b).

Conhecendo, como conhecia, o amigo, e tendo-o em alta consideração, não era cego para seus defeitos. Reprovava nele, sobretudo, aquele traço de altivez que, por vezes, o levava a tratar com pouco caso seus próprios auxiliares mais chegados, e o orgulho à Coriolano, que o levava a evitar, até com asco, o menor contacto com a ralé. Nesse particular, o fecho da carta é sintomático, quando concita Dião a mostrar-se mais comunicativo do que costumava.

"Chamo também tua atenção para o seguinte: na opinião de certas pessoas, és menos afável do que fora preciso. Lembra-te, pois, de que o êxito junto dos homens é produto da estima, e que o orgulho convizinha com a solidão. Sê feliz."

Essa carta poderá ser datada de 355, e foi trazida logo à baila por uma questão de método e para não interromper a narrativa. Pouco antes, teriam sido enviadas a Carta onze, dirigida a Laodamante de Taso (ano 358), e a décima (357-5), para Aristodoro, também de Taso, matemático e político de valor, além de irmão de armas de Dião na campanha em curso.

As Cartas sete e oito trazem a data dos acontecimentos nelas relatados, depois do falecimento de Dião, por traição de seus companheiros de campanha, e um ano depois de ele haver sido aclamado libertador de Siracusa. Serão do ano 353.

Finalmente, a Carta seis, dirigida a Hérmias, Erasto e Corisco, da Ásia Menor, será a última em data (348-7), já no fim da vida do filósofo, testemunho eloqüente de como o prestígio de Platão, como diretor espiritual das novas gerações, só tendia a aumentar na vasta área da cultura helênica.

Assim, com esses dados ficou fácil levantar o quadro cronológico dessas cartas. Ao todo, são treze, assim distribuídas:

1.ª — Carta n.º 1, de Dião para Dionísio. O conteúdo, e o próprio estilo, com aquele excesso de citações de poetas, traem facilmente o autor. Ano 366.

2.ª — Carta n.º 13, de Platão para Dionísio; ano 365, a que se segue com dois anos de intervalo a

3.ª — Carta n.º 2, de 364-3.
4.ª — Carta n.º 5, dirigida a Perdicas da Macedônia, de doutrinação política, mas sem nenhuma relação com os acontecimentos desenrolados em Siracusa (365-2).
5.ª — Carta n.º 9, a Arquitas de Tarento, e
6.ª — Carta n.º 12, também dirigida a Arquitas. Sua autoria foi contestada na antiguidade; porém não repugna aceitá-la como legítima (365-1).
7.ª — Carta n.º 3, de Platão para Dionísio, depois do seu retorno à Grécia pela terceira vez. Ano 359.
8.ª — Carta n.º 11, a Laodamante de Taso (359-7).
9.ª — Carta n.º 10 — a Aristodoro (357-5).
10.ª — Carta n.º 4, a Dião, depois da tomada de Siracusa. Ano 355.
11.ª e 12.ª — Cartas n.º 7 e 8, aos amigos e parentes de Dião, depois de sua morte. Ano 353.
13.ª — Carta n.º 6, a Hérmias, Erasto e Corisco, já nos últimos anos de vida do Filósofo. 348-7. Platão sobreviveu seis anos à morte de Dião. Faleceu no ano de 347.

Nesta altura, não parece descabida uma observação com vistas aos estudantes que se sentirem atraídos para a leitura das Cartas de Platão. Hoje, ninguém contesta o valor desses documentos para a compreensão de um determinado período da história da Grécia e da Sicília. Mas, o que é preciso tomar em consideração é que, para maior proveito de tal leitura é de mister conhecer um pouquinho mais a história daquele período, prolongando o presente excurso até à entrada no cenário político da figura em tudo ímpar desse varão desconhecido da maioria dos leitores, que se chamou em vida Timoleão. Para tanto, o melhor caminho, verdadeira estrada suave, seria a leitura de duas *Vidas* de Plutarco: a de Dião e a do mencionado Timoleão. A menos que lhes ocorresse a feliz idéia de ler os dois capítulos do tomo décimo primeiro da monumental obra de George Grote: *A History of Greece*, também acessível em tradução francesa.

O que de mais agradável poderá acontecer a esse leitor ávido de informações é fazer, daí em diante, da *Vida de Timoleão* sua biografia predileta, tal o relevo que assumirá na imaginação de todos a figura desse "Varão de Plutarco", na mais lídima acepção da palavra.

Em relação com o presente estudo a obra de Grote é insubstituível, por ter sido esse historiador um dos primeiros a proclamar a autenticidade das Cartas de Platão e a tirar de tais documentos todo o proveito que seria de esperar para a elucidação da história daquele período. Além do mais, é só com o conhecimento da vida de Timoleão que ficamos sabendo do ulterior destino das principais personagens da tragédia ocorrida em Siracusa e dos horrores inseparáveis das guerras fratricidas, que culminaram com o trucidamento da família de Dionísio — mulher e filhos — pelo povo da Lócrida, na Itália, aproveitando-se da ausência casual do tirano do seu refúgio e fortaleza, e em desagravo ao pesado jugo a que se viam submetidos, desde a entrada em cena, sessenta anos antes, do primeiro Dionísio.

Para a fama póstuma de Dião foi de todo inoportuna a designação de Timoleão, por parte de Corinto, para libertar Siracusa da fúria dos partidos ou dos herdeiros e continuadores da tirania, e do próprio jugo de Cartago com forças de mar e terra sob o comando esclarecido de Magon: cento e cinqüenta trirremes em pé de guerra e sessenta mil homens na terra firme. Timoleão é o exemplo típico do herói lendário protegido pelos deuses, que baixavam do Olimpo para interferir ostensivamente nos negócios humanos a favor de algum mortal de sua predileção. Onde quer que aparecesse era para cantar vitória fácil, apesar de quase sempre entrar em combate com uma desproporção incrível de forças, quando não era o caso de capitular o inimigo antes de travar-se a peleja, como se deu com Dionísio, que negociou a sua rendição com a cláusula única de passar a residir em Corinto sem ser molestado por ninguém e com a permissão de levar consigo todos os bens móveis que pudesse retirar da cidadela de Ortígia, a tradicional Bastilha construída pelo velho Dionísio na entrada do porto de Siracusa.

Nas suas sucessivas comunicações para o governo de Corinto Timoleão nunca atribuiu a seus méritos as vitórias alcançadas. Ele próprio estava certo de que os poderes de cima o amparavam naquela conjuntura. De uma feita, os próprios elementos manifestaram sua parcialidade, quando, já no ponto de inciarem uma batalha, baixou a noite de improviso sobre os montes, com um temporal de violência nunca vista e interminável saraivada, acompanhada de raios e trovões, e que, poupando os soldados de Timoleão por atingi-los pelas costas, batia de cheio no rosto dos cartagineses, que, além de fisicamente combalidos, ficaram em pouco tempo desmoralizados.

A notícia dessa espetacular derrota produziu pânico em Cartago, achando de bom aviso os dirigentes daquela feitoria comercial chamar do exílio o seu mais prestigioso general, Giscon, filho de Hano, para levar tropas frescas para a Sicília e tomar a direção da guerra naquela frente de combate. Mas, o ponto alto da sua fama foi atingido com a demolição da fortaleza de Ortígia e do monumento que Dionísio II mandara erigir em memória de seu pai, ao que se seguiu a construção, nesse mesmo local, do que hoje denominaríamos o Palácio da Justiça, o mais impressionante feito de toda a história antiga, no dizer de Grote.

O paralelo com a queda da Bastilha acode facilmente à pena dos historiadores do nosso tempo, sempre que se referem àquelas ocorrências. Foi o primeiro ato público de Timoleão ao entrar em Siracusa como libertador e depois de assenhorear-se das demais cidades satélites, outros tantos focos de resistência da tirania: Acradina, Tica, Nápoles e Epípola. Convidou os siracusanos, por proclamação, a concorrerem à Ortígia com suas picaretas e outros instrumentos de trabalho, a fim de ajudá-lo na demolição daquela construção descomunal, a um só tempo fortaleza, cadeia e residência dos diferentes déspotas que se sucediam no poder. Era, acima de tudo, um gesto de confraternização com os siracusanos abatidos por meio século de escravidão e o mais valioso penhor da sinceridade das suas intenções democráticas, até então recebidas com justificado cepticismo por uma população sofredora, que se vira tantas vezes burlada nas suas mais caras esperanças.

Realizada integralmente sua missão de libertar as comunidades gregas da Sicília e extirpar do seu solo a tirania, apelou Timoleão para Corinto, no sentido de recolonizar Siracusa, totalmente arruinada pela guerra e reduzida a escombros fumegantes. Alcançado esse desiderato, recolheu-se à vida privada, depois de solicitar dispensa do seu cargo de comando. Em reconhecimento a seus serviços, por votação unânime os siracusanos lhe ofereceram uma casa na cidade e uma das melhores vilas do subúrbio, onde Timoleão passou a residir com a mulher e os filhos, que ele mandou vir de Corinto.

Estava, assim, conjurado o perigo temido por Platão, quando previa a extinção da cultura grega na Sicília. "Se tal calamidade, tão provável quanto de lamentar, vier a concretizar-se, podemos ter como certo o fim da língua grega na Sicília, por ficar esta sob o domínio e império dos fenícios e dos ópicos" (Carta oitava, 353 e).

Sem dúvida, se fosse dado a Platão acompanhar em vida o desenrolar desses acontecimentos, teria o nosso Filósofo

aplaudido neste pró-homem de Corinto a mais feliz combinação das qualidades antagônicas com que se comprazia em adornar os dirigentes de sua república ideal, conforme vimos:

"Não cessarão os males para o gênero humano antes de alcançar o poder a raça dos verdadeiros e autênticos filósofos ou de começarem seriamente a filosofar, por algum favor divino, os dirigentes das cidades."

Não seria, ainda, a reprodução perfeita do seu esquema traçado no sossego da Academia, porém a mistura mais consentânea com a constituição humana e os caprichos imprevisíveis da história. O que Dião não chegou a compreender em sua longa fase de aprendizagem e no pouquinho tempo em que enfeixou nas mãos todo o poder de Siracusa, Timoleão executou quase sem nenhum esforço, desde o instante em que pôs os pés naquele solo conturbado: Não pode conferir a liberdade a povos oprimidos o comandante que se reserva a maior parte das regalias inerentes ao poder, só merecendo a confiança de seus concidadãos o chefe que desde o início der insofismáveis provas de desinteresse. Apoderando-se do poder após uma luta em que não faltaram traços de nobreza, e instalando-se na fortaleza de Ortígia com toda a sua máquina de guerra, Dião mostrava aos siracusanos que a tirania só mudara de representante, ao mesmo tempo que despertava, com isso, a cobiça de seus próprios generais, sequiosos, todos eles, de dividir a bela herança da dinastia derrubada.

Com esta edição das *Cartas* de Platão, a Universidade Federal do Pará põe ao alcance dos estudantes brasileiros um documento de alto valor para o conhecimento da vida e do pensamento do Filósofo que mais se ocupou com os problemas da organização da sociedade e da arte de formar homens e de regê-los. Compete, agora, aos jovens aproveitar a deixa, e mergulhar na leitura desses escritos que lhes proporcionarão, a um só tempo, ilustração e deleite.

CARTAS

PRIMEIRA CARTA

Platão a Dionísio. Felicidades.

St. III

309 a Durante todo o tempo em que estive ao lado de vós outros, distinguido pela mais alta confiança na administração de vosso poder, só auferistes vantagens da minha atuação, enquanto sobre mim recaíam calúnias de toda a natureza. Mas, animava-me a certeza de que ninguém me suporia cúmplice da- b quelas crueldades, o que poderão atestar vossos auxiliares, pois não têm conta os que eu socorri ou livrei de penalidades graves. Após haver governado tantas vezes a cidade como senhor absoluto, fui dispensado do meu cargo por maneira humilhante, como não o faríeis com um mendigo, e intimado a embarcar, depois de tão longa convivência.

Por tudo isso, daqui em diante determino viver longe dos homens, ao passo que tu ficarás sozinho, c como tirano que és. O ouro brilhante que mandaste para minha viagem te será devolvido por Báquio, portador desta carta. Nem chegava para os gastos da passagem, nem me permitiria viver decentemente; vindo de tua mão, só poderia desonrar-te, e a mim não menos, no caso de aceitá-lo. Por isso, o recuso. Para ti é indiferente receber ou dar quantia tão irrisória; aceita-a, pois, de volta, e adula com ela d qualquer dos teus auxiliares. Já me adulaste bastante. Vem a pêlo, agora, lembrar aquilo de Eurípides, para quando vires desmoronar tudo à tua volta:

> Um homem nessas condições, quisera
> encontrar ao meu lado.

Desejo também lembrar-te que quase todos os trágicos, quando representam a queda de algum tirano pela mão de um assassino, levam-no a gritar:

310 a Morro — oh dor! — e os amigos me abandonam. Mas, por falta de dinheiro nunca nenhum o fez morrer. Às pessoas de senso, também, não parecerão mal os seguintes versos:

Nem o ouro luzente, tão raro na mísera vida dos [homens,
Nem mesmo os diamantes, baixelas de prata, que [todos cobiçam,
Ou a terra infinita com suas planícies pejadas de [frutos:
Tudo isso, para o homem de bem, não suplanta a [harmonia de idéias.

b Adeus. Reconhece que procedeste mal comigo, para que possas tratar melhor os outros.

SEGUNDA CARTA

Platão a Dionísio. Felicidades.

310 b Disse-me Arquedemo que, segundo tua maneira de pensar, não eu apenas deverei calar-me; todos os meus familiares terão também de acautelar-se para nada falarem ou fazerem que possa aborrecer-te. Só c excluíste Dião. Ora, essa cláusula, precisamente, Exceto Dião, demonstra que eu nada influo no ânimo dos amigos; pois se eu valesse alguma coisa junto de alguém, de ti ou de Dião, é o que afirmo, nós todos e os helenos em geral só teríamos que lucrar. Numa coisa, apenas, consiste meu merecimento: viver de acordo com determinados princípios. Digo isso, porque não há a menor sinceridade em tudo o d que Crastítolo e Políxeno te contaram, ao declarar um deles que em Olímpia ouvira falarem mal de ti na roda dos meus íntimos. É que, decerto tens ouvido mais fino do que eu, pois a verdade é que nada percebi. A meu parecer, o que te cumpre fazer daqui por diante, sempre que te contarem algo a nosso respeito, é interpelar-me por carta, pois só direi a verdade, sem vacilações nem constrangimento.

Entre mim e ti as coisas se encontram no seguinte pé: Não há heleno, por assim dizer, que não
e nos conheça nem deixe de falar de nossas relações, como também podes ter a certeza de que os pósteros não se calarão, visto muita gente saber que nossa amizade nem foi passageira nem clandestina. Com que intenção digo isso agora? Contarei tudo do começo. Por uma lei natural, a inteligência e o poder tendem a encontrar-se: procuram-se, aproximam-se e unem-se. Ademais, os homens folgam de conversar ou de ouvir falarem a esse respeito, não
311 a somente quando se juntam em grupos como em suas composições poéticas. É assim que ao tratarem de Hierão e de Pausânias da Lacedemônia, referem-se com visível satisfação a suas relações com Simônides, mencionando tudo o que este fez ou disse com referência aos outros; o mesmo costume os leva a unir em seus elogios Periandro, príncipe de Corinto, e Tales de Mileto, Péricles e Anaxágoras, Creso e Solão, na qualidade de sábios, e Ciro, na de potentado. Nesse ponto são imitados pelos poetas que reúnem
b Creão e Tirésias, Políido e Minos, Agamêmnone e Nestor, Odisseu e Palamedes, pela mesma razão, me parece, que os homens de antanho aproximaram Zeus e Prometeu. De alguns, narram que se desavieram; de outros, como a amizade os aproxima; agora íntimos, agora hostis de todo, alternadamente,
c acordos ou dissensões recíprocas. Menciono tudo isso, só para lembrar que depois de morrermos não emudecerão os comentários a nosso respeito. Estou convencido de que temos o dever de pensar no futuro. Pela ordem natural do mundo, os caracteres mais servis são os que menos se preocupam com esse fato, enquanto as pessoas de merecimento tudo fazem para alcançar o elogio da posteridade. De onde
d concluo que os mortos conservam alguma percepção das coisas cá de baixo; os espíritos mais elevados têm o pressentimento de que tudo se passa desse modo; os mais crassos o negam. Porém são mais verdadeiros os presságios dos varões divinos do que os dos outros. O que eu acho, é que se os homens do passado, a que me referi há pouco, tivessem a possibilidade de corrigir as falhas dessas relações, tudo fariam para que só dissessem bem de todos eles. Graças a Deus, ainda podemos endireitar, por meio de atos

ou de palavras, o que porventura não estiver certo entre nós dois. Direi apenas que a opinião verda- e deira que se fizer da filosofia será melhor se formos irrepreensíveis, e o contrário disso, na conduta irregular. Nada é tão piedoso como nos preocuparmos com esse fato, nem mais ímpio do que parecermos negligentes.

Como devemos proceder, e da maneira mais justa, é o que passarei a expor. Quando cheguei à Sicília, gozava da fama de estar muito por cima dos 312 a outros filósofos, e em Siracusa esperava de tua parte demonstrações nesse sentido, a fim de que a filosofia crescesse no conceito geral. Porém não sucedeu o que eu cuidava. Abstenho-me de alegar a razão que ocorreria a muita gente; só direi que, pelo fato de não confiares em mim, decidiste, de algum modo, dispensar-me, com o propósito, também, de sondar minhas intenções; e tudo, conforme declarei, por falta de confiança. Não faltou quem assoalhasse, então, que me desprezavas e te preocupavas com b outras coisas. Era o que todos apregoavam. Agora ouve o que me parece justo fazer, pois nisso consistirá minha resposta à tua pergunta, sobre a maneira, minha e tua, de nos comportarmos daqui por diante. Se desdenhas de todo a filosofia, solta-a de uma vez; se aprendeste com alguém ou descobriste por ti mesmo doutrina superior à que te ensinei, dedica-lhe tua estima. Porém, se a minha é que te agrada, terás de distinguir-me sobre tudo. Agora, como no c princípio, vai na frente, que eu te acompanharei. Sendo honrado por ti, saberei honrar-te; se o não for, ficarei quieto. Além do mais, se me honrares e tomares nisso a iniciativa, darás a impressão de prezar a filosofia, e, pelo próprio fato de investigares também noutros domínios, crescerás como filósofo no conceito de muita gente. No caso, porém, de eu honrar-te sem que me pagues na mesma moeda, parecerá que só admiro a riqueza e que só atrás dela me afano, o que para todo o mundo, como sabemos, não tem nome que se recomende. Numa palavra: vindo de ti a demonstração de apreço, é enobrecedora para os dois; se partir de mim, para ambos será infamante. d Sobre isso, é quanto basta.

A pequena esfera não está certa; é o que Arquedemo te demonstrará quando voltar. Ademais,

ele precisará explicar-te bem aquele assunto mais divino e importante, a respeito do qual pediste alguns aditamentos. Pelo que ele disse, ainda não encontraste explicação satisfatória para a natureza do Primeiro. Forçoso, então, será manifestar-me; mas, só o farei por enigmas, porque, no caso de acontecer algum acidente com esta tabuinha, nos recessos do mar ou da terra, quem a ler não chegue e a compreender o seu contexto. Trata-se do seguinte: Tudo gravita em torno do Rei do universo; esse é o fim de todas as coisas e a causa de tudo o que é belo; em torno do Segundo se encontram as segundas coisas; e do Terceiro, as terceiras. Aspirando a conhecer como são constituídos esses princípios, a alma humana considera o que lhe é afim, mas a que falta, em conjunto, a perfeição; é o que, em absoluto, 313 a não se dá com respeito ao Rei e o que mencionei primeiro. Acerca do que se lhe segue, cabe à alma perguntar: Em que consiste sua natureza? Essa questão, filho de Dionísio e de Dóride, é a fonte de todos os males, ou melhor, é o que provoca na alma as dores de parto; e enquanto a alma não superar esse entrave, jamais alcançará a verdade. Tu, porém, me declaraste à sombra dos loureiros do teu jardim b que já havias meditado sobre esse ponto e feito descoberta original; ao que te respondi que, a ser, de fato, como dizias, me economizavas largas explanações. Acrescentei, então, nunca haver encontrado quem houvesse ido tão longe, mas que eu próprio me aplicava na solução desse problema. Decerto ouviste aquilo de alguém ou foste levado por disposição divina a semelhante resultado; mas as demonstrações de que te consideravas capaz, nunca as apresentaste, deixando apenas que os produtos de tua c fantasia esvoaçassem de um lado para outro, em todo o ponto alheados da questão fundamental. Não és a primeira pessoa a quem isso acontece; fica certo de que o mesmo se passa com todos os que me ouvem pela primeira vez. Uns têm mais trabalho para libertar-se; outros, menos; para ninguém é fácil.

Uma vez que as coisas sempre foram e serão dessa maneira, tenho a impressão de já haver respondido à pergunta de tua carta, sobre sabermos como devemos conduzir-nos daqui por diante em

nossas relações. E, se discutes essas doutrinas com
d outras pessoas e as estudas em si mesmas ou as comparas com as dos outros, sendo bem dirigido teu esforço, verás como ganham consistência e aos poucos te familiarizas com elas e conosco. Como não vir a realizar-se esse ponto e tudo o mais de que tratamos? Fizeste bem em mandar Arquedemo; mais para diante, depois que ele te houver levado minha resposta, é possível que outras dúvidas te assoberbem; então, se bem te aconselhares contigo mesmo, voltarás a enviar-me Arquedemo, que retornará com nova mercadoria. E se o mesmo fizeres pela segunda e
e terceira vez e examinares a preceito quanto eu te mandar, muito me admirarei se não encontrares mais facilidade no estudo dos temas que presentemente te perturbam. Coragem, pois, e continua!
314 a Não poderias imaginar, nem Arquedemo pôr em prática, ocupação mais bela nem mais agradável aos deuses. Porém toma cuidado para que tais ensinamentos não cheguem ao conhecimento dos leigos; não conheço nada mais ridículo para o vulgo, nem mais indicado para entusiasmar as naturezas bem dotadas. Só à força de repetir o mesmo tema e de constantemente ouvi-lo durante anos seguidos com trabalho insano, é que chegaremos a purificá-lo como fazemos com o ouro. Agora escuta o que em tudo isso é de admirar. Há certos homens, em grande número, aliás, que adquiriram tais noções;
b indivíduos dotados de compreensão, boa retentiva, e capazes, até, de criticá-las e de analisá-las a fundo, de idade provecta todos eles e que, haverá pelo menos trinta anos, ouviram falar nisso. Ora, todos são unânimes em declarar que o que então se lhes afigurava incrível, hoje não apenas lhes parece digno de toda a fé como bastante convincente, e o que lhes merecia aprovação suscita agora justamente o contrário. Reflete nesse ponto e acautela-te para que não venhas algum dia a arrepender-te por haveres divulgado levianamente tais noções. Para alcançar semelhante desiderato, a primeira medida
c é nada escreveres, porém guardar tudo de memória, pois não há meio de evitar que os escritos se tornem conhecidos. Essa, a razão de eu nunca haver escrito nada acerca de semelhantes questões. Não há escritos de Platão, nem nunca haverá; o que por

aí corre com esse nome é de Sócrates belo e remoçado. Adeus, aceita meu conselho: queima esta carta depois de a leres várias vezes.

Sobre isso, é o bastante. Admiras-te de que eu
d haja enviado Políxeno. A respeito de Licófrone e dos mais que compõem teu séquito, insisto no que sempre disse: que na dialética és superior a todos eles, tanto pelos dotes naturais como pela maneira de conduzir a discussão. Nenhum aceita críticas, como muitos apregoam; só cedem a contragosto. No entanto, quer parecer-me que vives em boas relações com todos e que sabes recompensá-los. Se achares
e que podes aprender algo com Filístio, aproveita-o ao máximo, e também com Espeusipo; mas, depois dispensa-o. Espeusipo também precisa de teu amparo; Filístio me escreveu que viria de bom grado a Atenas, na hipótese de o dispensares. Quanto ao preso da pedreira, fizeste bem em soltá-lo; o pedido relativo à sua família, e a Hegesipo, filho de Aristão,
315 a é fácil de atender. Escreveste que se chegasses a saber que ele ou os outros receberam alguma ofensa, não o permitirias. A respeito de Lisíclides, também, precisarei dizer o que penso: de quantos vieram da Sicília para Atenas, foi o único que nada alterou na história de nossas relações; só fala bem de tudo o que ocorreu, e tece comentários de todo o modo favoráveis.

TERCEIRA CARTA

315 a6 Platão a Dionísio, viva! Será esse o melhor
b começo de carta? Ou, mais de acordo com meu costume, deverei dizer: Felicidades! que é a fórmula de saudação para os amigos? Tu próprio saudaste a divindade de Delfos, conforme relatam os participantes da romaria, com essa mesma expressão aduladora; é o que dizem:

Felicidades! A vida conserva jucunda ao tirano.

c Jamais me ocorreria formular semelhantes votos a um mortal; muito menos a um dos deuses. Não à divindade, por ser incompatível semelhante sauda-

ção com a natureza divina, cuja essência é tão estranha à dor como aos prazeres; nem aos homens, porque, na maioria das vezes, o prazer e a dor causam dano, gerando na alma embotamento, oblívio, insensatez e orgulho. Sobre a saudação é assim que penso. Depois de leres esta, escolhe a que melhor te parecer.

Não são poucos os que por aqui assoalham que, de uma feita, eu te ouvi revelar a embaixadores presentes à tua corte certo projeto de restaurar as cidades helênicas da Sicília e de aliviar Siracusa, com transformar em realeza a tirania, e que disso, então, eu te teria dissuadido, conforme asseveraste; porém, agora concito Dião a pôr em prática o mesmo plano, para te despojarmos do poder, valendo- e -nos de tuas próprias idéias. Se tal falatório te é de alguma vantagem, só tu o saberás; mas, considerarei ofensa dizeres o contrário do que se passou. Bastam as calúnias que Filístides e outros me assacaram junto dos mercenários e do povo de Siracusa, por eu haver ficado residindo na Acrópole, e que os de fora me atribuíssem quanto de errado acontecia, sob a alegação de que me obedecias em tudo. No entanto, sabes perfeitamente que em matéria de 316 a política, só no começo e, assim mesmo, por muito pouco tempo consenti em auxiliar-te, por imaginar que estava em condições de prestar-te algum serviço; mas, em matéria de administração, afora uns poucos assuntos irrelevantes, só me apliquei algum tanto na redação dos preâmbulos das leis, excluído, naturalmente, o que tu e outros acrescentaram depois. Ouço dizer que posteriormente certas pessoas modificaram tudo aquilo; mas, os que conhecem minhas idéias, saberão distinguir de imediato o que foi feito por mim e o que provém de mão estranha. Por isso mesmo, volto a insistir, não vejo porque eu deva ser caluniado de novo junto dos siracusanos ou de quem b mais consigas persuadir; o que importa é limpar-me da calúnia anterior e da que se lhe ajuntou depois, muito mais grave do que a primeira. Para rebater essa dupla acusação, precisarei defender-me de dois modos: primeiro, mostrar que me assistia razão de não querer imiscuir-me no teu governo; depois, que não partiram de mim os conselhos ou as objeções

acerca do projeto de restaurar as cidades helênicas, c a que eu me teria oposto. Escuta logo o ponto a que me referi em primeiro lugar.

Fui a Siracusa a teu convite e de Dião, meu hóspede antigo e de amizade comprovada, então na força da idade, condição exigida até mesmo por pessoas menos perspicazes, para quem se propõe deliberar sobre assuntos da importância dos teus naquela época. Eras, então, muito jovem, de todo d em todo carecente da experiência que precisarias ter, e, para mim, inteiramente desconhecido. Logo depois, — influência de algum homem ou divindade, ou do próprio Destino, com tua participação? — baniste Dião e te isolaste. Nessas condições, admites a possibilidade de alguma cooperação da minha parte, depois de eu haver perdido o companheiro prudente e de ver o outro, o insensato, envolvido por uma turba de desclassificados, e que, muito longe de dirigi-los, conforme se lhe afigurava, era dirigido por toda aquela gente? Em tais circunstâncias, que me competia fazer? Não foi, justamente, o que me vi obrigado a escolher, isto é, afastar da idéia e a política e premunir-me contra os dardos da inveja, e, quanto a vós ambos, apesar de desunidos e em discórdia, tudo tentar para que vos tornásseis outra vez amigos? Nesse ponto, és testemunha de que nunca afrouxei um nada para alcançar meu intuito.

De qualquer forma, com muita relutância acor- 317 a damos em que eu me embarcasse de volta para casa, visto estardes atarefados com a guerra, e que, uma vez restabelecida a paz, eu e Dião, a teu chamado, voltaríamos para Siracusa. Foi o que se passou comigo por ocasião da minha primeira estada em Siracusa e do meu retorno, são e salvo, para a pátria. Da segunda vez mandaste-me chamar; mas, em desacordo com o que ficara combinado, estipulaste em tua missiva que eu deveria ir sozinho; noutra ocasião, conforme acrescentaste, Dião também seria convidado a voltar. Por tudo isso deixei de ir, b com o que desgostei Dião enormemente, pois ele achava melhor que eu aceitasse o convite e me embarcasse. Um ano depois, chegou uma trirreme com cartas tuas, numa das quais me dizias que, se eu me decidisse a ir, os negócios de Dião se arranjariam segundo meus desejos; e o contrário disso, se não

fosse. Para ser franco, acanha-me falar no mundo de cartas enviadas por ti e outros, a instâncias tuas, da Itália e da Sicília, para mim e meus familiares ou amigos, cheias de exortações para que fizesse aquela viagem e não deixasse de satisfazer ao teu pedido. A começar por Dião, todos eram de parecer que eu deveria vencer a indecisão e embarcar logo. A todos eu alegava minha idade e mostrava que não me seria possível escapar das insídias dos que só trabalhavam para semear a inimizade entre nós dois. Então, como agora, percebia que a riqueza d excessiva dos particulares e dos governantes em geral, quanto maior, mais caluniadores alimenta e adeptos dos prazeres degradantes e nocivos, flagelo terrível, que a opulência fomenta e outras fontes do poder. E contudo, havendo posto de lado esses escrúpulos, determinei ir, por considerar que não devia dar aso aos amigos para me acusarem de negligência e de ter contribuído para que Dião viesse e a perder todos os seus bens, quando estava em mim impedir semelhante descalabro.

Ao chegar — sabes perfeitamente tudo o que se passou — insisti contigo para que chamasses Dião, conforme havias prometido em tuas cartas, e o restituísses à tua afeição, apelando para os laços de parentesco que vos unia. Se me ouvisses naquela ocasião, talvez os acontecimentos tivessem tomado um rumo mais favorável, tanto para ti e os siracusanos como para os demais helenos; esse, pelo menos, é meu vaticínio retrospectivo. Depois, fiz tudo para que os bens de Dião ficassem com sua 318 a família, longe da mão dos administradores que bem conheces. Afora isso, era de parecer que suas rendas lhe deviam ser enviadas anualmente, porém não diminuídas, aumentadas por efeito da minha presença. Nada havendo conseguido, pensei em regressar. Nessa altura, insististe para que eu ficasse mais um ano e prometeste vender os bens de Dião e enviar b para Corinto metade do produto da venda, deixando a outra metade com seu filho. Muito haveria ainda que dizer a respeito de promessas não cumpridas; a própria extensão da matéria me obriga a resumir. Sem a anuência de Dião, vendeste tudo o que lhe pertencia, quando é verdade haveres dito que só o farias se ele aprovasse tal idéia. Foi assim, rapaz

extravagante, que coroaste com o orgulho próprio da idade tuas admiráveis promessas. Excogitaste um plano nada belo nem elegante nem justo nem vantajoso, imaginando que me atemorizarias, como se eu ignorasse o que se passava, para me impedires,
c assim, de exigir a remessa do dinheiro. Quando exilaste Heráclides, nem eu nem os siracusanos achamos justa a medida. Juntamente com Teodoto e Euríbio, procurei-te para pedir que nada fizesses, o que tomaste como pretexto para alegar que, havia muito, percebias como eu não fazia caso de ti e só me preocupava com Dião e os parentes e amigos de Dião; e como Teodoto e Heráclides eram então suspeitos, por
d serem amigos de Dião, recorri a todos os meios para livrá-los do castigo.

Cifra-se nisso minha participação no teu governo. Se percebeste em mim mais alguma coisa estranha em relação a tua pessoa, podes ter a certeza de que tudo se origina daquilo. Nem é de admirar. Com toda a razão, eu pareceria indigno aos olhos de qualquer pessoa de senso, se me deixasse influir pela grandeza de teu poderio e abandonasse um hóspede
e antigo e mui querido, infelicitado por ti e que em nada te é inferior — preciso ser franco — e te preferisse com toda a tua injustiça, passando a fazer o que me mandasses, certamente por amor ao dinheiro. Sim, porque ninguém acharia outra explicação para meu procedimento, se eu chegasse a mudar a esse ponto. Tais foram os fatos que, por tua atuação exclusiva, criaram entre nós essa amizade de lobo e impossibilitaram qualquer cooperação entre nós dois.

Assim, passando naturalmente de um tópico para outro, tratarei agora do segundo ponto da minha defesa, que, conforme disse, também exige
319 a explicação. Ouve-me, pois, e presta a máxima atenção, para ver se me apanhas em falso em tudo o que eu disser.

O que afirmo é que, de uma feita, no jardim, cerca de vinte dias antes de minha viagem de Siracusa para Atenas, na presença de Arquedemo e Aristócrito, disseste-me em tom de censura o que ainda hoje propalas por aí tudo, a saber: que eu me preocupava mais com os interesses de Heráclides e de outros do que com os teus. Perguntaste na frente

de ambos se eu não me lembrava de te haver
b concitado, logo à minha chegada, a libertar as cidades helênicas. Respondi afirmativamente, havendo acrescentado que ainda considerava esse o melhor plano. Mas, nessa altura, Dionísio, será preciso também não omitir o que foi dito logo a seguir, pois te perguntei se esse fora o único conselho dado por mim, e se não havia outro? Respondeste-me agastado, e num tom, segundo pensavas, assaz ofensivo — o que naquele tempo era suposta ofensa, agora deixou de ser sonho para transformar-se em reali-
c dade — e, se bem me recordo, com um sorriso escarninho: Sim, insististe para que antes eu me instruísse, sem o quê, seria melhor abster-me de tudo. Respondi que tinhas excelente memória. Depois, voltaste a perguntar: Em geometria, pois não? e de que modo? Nessa ocasião, mal pude reter a resposta que estava para escapar-me da boca, de medo de, por uma palavrinha de nada, vir a fechar-se a porta do desejado embarque, em vez de conservar-se aberta para minha saída. Mas, o ponto a que eu quero chegar com esta longa digressão é o seguinte: Não prossigas com tais calúnias, afirmando que
d eu não te deixei libertar as cidades gregas oprimidas pelos bárbaros nem aliviar os siracusanos com a mudança da tirania em realeza. Não podias inventar uma mentira menos condizente com minha maneira de pensar, e, sobretudo, fácil de rebater com argumentos, se se me ensejasse um tribunal competente, a fim de mostrar que a idéia partiu de mim e que tu não te decidiste a pô-la em prática. Sem a menor dúvida, não haveria dificuldade em provar por maneira exaustiva que da execução desse projeto só
e adviriam vantagens, não apenas para ti e os siracusanos como para os sicilianos em geral. Por isso, meu caro, se deres o dito por não dito, declarar-me-ei satisfeito. E se o confessares, caso admitas a sabedoria de Estesícoro e queiras imitá-lo em sua palinódia, passa da mentira para a verdade.

QUARTA CARTA

Platão a Dião de Siracusa. Felicidades.

320 a Penso haver deixado bem claro como acompanho com interesse os últimos acontecimentos e que não poupo esforços para que tudo termine bem, b movido apenas pelo amor às belas causas. Acho muito justo desfrutarem da merecida fama os homens verdadeiramente virtuosos que se comportam sempre de acordo com seus princípios. Até agora, graças a Deus, vai tudo bem; porém daqui por diante a luta será árdua. Muita gente se distingue pela coragem, pela força ou pela agilidade; mas a verdade, a justi- c ça e a magnanimidade, bem como a distinção inerente a essas virtudes, forçoso será confessar que são naturalmente superiores os que timbram em cultivá-las. Minhas palavras são muito claras; contudo, não será excessivo lembrar a nós mesmos, que certos homens — sabes perfeitamente a quem me refiro — precisam distinguir-se mais dos outros do que o comum das pessoas se distingue das crianças. Temos de provar que somos, de fato, o que pretendemos ser, d tanto mais que, Deus querendo, tudo se conseguirá facilmente. Há quem precise percorrer muitos lugares para ser conhecido; mas, é tal a tua situação neste momento, que o mundo inteiro, por infantil que te pareça minha linguagem, converge as vistas para um único ponto e nele destaca especialmente a tua pessoa. Exposto, como estás, a todos os olhares, prepara-te para ser um segundo Ciro ou um Licurgo, esses famosos legisladores de antanho, e quantos se ilustraram pelo caráter e pelas instituições por eles mesmos criadas, tanto mais que não faltará quem diga, ou melhor, é o que todos proclamam, que, vindo a desaparecer Dionísio, com toda a probabilidade fracassará esse empreendimento, por causa de tua ambição, de Heráclides, de Teodoto e de outros comandantes. É de desejar que ninguém se deixe contaminar dessa moléstia. Mas, se alguém a contrair, a ti é que compete virar médico para que 321 a tudo volte a entrar nos eixos. Talvez consideres ridículas essas observações, por tudo conheceres tão bem quanto eu. Porém observo nos teatros que os

lutadores são estimulados até pelas crianças e, com maioria de razões, por seus partidários, por acreditarem que tais exortações sejam sinceras e mostras de simpatia. Lutai, portanto, agora, e se precisardes de alguma coisa, escrevei-me. Tudo por aqui continua mais ou menos como deixastes. Es- b crevei-me a respeito do que já conseguistes ou estais na iminência de realizar. Os boatos são muitos, porém nada sabemos com certeza. Agora mesmo, acabam de chegar à Lacedemônia e a Egina cartas de Teodoto e de Heráclides; mas, como disse, apesar de ouvirmos tanta coisa, ignoramos tudo. Chamo também tua atenção para o seguinte ponto: na opinião de certas pessoas, és menos afável do que fora preciso. Lembra-te, pois, de que o êxito junto dos homens é produto da estima, e que o orgulho c convizinha com a solidão. Sê feliz.

QUINTA CARTA

Platão a Perdicas. Felicidades.

321 c Conforme pediste em tua carta, recomendei a Eufraio que tomasse a peito teus negócios e lhes dedicasse todo o seu tempo. Por seres meu hóspede, d compete-me dar-te o conselho a que dão o nome de sagrado, acerca de tudo aquilo a que te referiste, particularmente a respeito do modo de aproveitares os serviços de Eufraio. Esse homem te poderá ser muito útil, máxime no que mais necessitas na tua idade, por não encontrarem os moços muitos conselheiros dessa espécie. Cada forma de governo tem linguagem própria, como se dá com certos animais; a democracia fala de um jeito, como a oligarquia e ou a monarquia, de maneira diferente. Muita gente presume distinguir essas diferentes linguagens; a verdade, porém, é que, com raríssimas exceções, estão longe de compreendê-las. Todo governo que fala linguagem própria no trato dos deuses e dos homens e pauta seus atos de acordo com ela, prospera e se conserva; vindo a adotar outra, perecerá. Nisto, pelo menos, Eufraio poderá prestar-te bons serviços, conquanto seja homem para muito mais.

322 a Estou em que ele te ajudará a encontrar a linguagem adequada à monarquia tão bem como qualquer um dos que te cercam. Se o empregares nesse sentido, só terás a ganhar, ao mesmo tempo que lhe serás de bastante proveito.

Quem me ouvir falar dessa maneira, talvez observe: Ao que parece, Platão presume conhecer o que é vantajoso para a democracia; no entanto, sendo-lhe facultado falar ao povo e dar-lhe conselhos, nunca se levantou para dirigir-lhes uma só palavra. A resposta para isso, tenho-a pronta: Platão nasceu em sua pátria muito tarde e encontrou o povo já b bastante velho e mal habituado por seus antepassados a fazer muitas coisas em contrário à sua maneira de pensar. Sem dúvida, nada lhe fora mais grato do que aconselhar o povo, como de filho para pai, se não pensasse que com isso se exporia inutilmente, sem probabilidade de beneficiar ninguém.

Acho que meu conselheiro não procederia de maneira diferente; se me considerasse um caso perc dido, mandar-me-ia passear e se absteria de emitir opinião a meu respeito ou de meus negócios. Sê feliz.

SEXTA CARTA

Platão a Hérmias, a Erasto e a Corisco. Felicidades.

322 c Quer parecer-me que alguma divindade vos apresta, com largueza e generosidade, um destino feliz. Depende, agora, de saberdes aproveitá-lo. Como vizinhos, tendes bastas oportunidades de prestar uns d aos outros serviços relevantes. Sob todos os aspectos, a influência pessoal de Hérmias não crescerá tanto pelo número de seus cavalos nem pelo aparato bélico ou o afluxo de maior quantidade de ouro, como pela aquisição de amigos certos e de caráter. Quanto a Erasto e Corisco, além da bela sabedoria de idéias — é o que afirmo, apesar de velho — carecem e do conhecimento que lhes permitiria precatarem-se contra os perversos e injustos, como também se ressentem de certa incapacidade para se defenderem. São inexperientes, por haverem passado conosco boa parte da existência, gente pacata e sem malí-

cia. Eis o motivo de eu afirmar que eles necessitam desse apoio, para não serem levados a negligenciar a verdadeira sabedoria e se entregarem mais do que fora conveniente às atividades mundanas. Ora, dessa capacidade Hérmias é dotado — tanto quanto posso julgar sem conhecê-lo pessoalmente — assim pela
323 a natureza como pela arte nascida da experiência.

Mas, a que vem tudo isso? O que te asseguro, Hérmias, por conhecer Erasto e Corisco há mais tempo do que tu, o que declaro e afirmo, é que não te será fácil encontrar pessoas mais dignas de confiança do que teus vizinhos. Por isso mesmo, aconselho-te a ligar-te o mais possível a esses varões, sem imaginares que se trata de algo destituído de importância. Por outro lado, insisto com Erasto e
b Corisco para que se unam a Hérmias e procurem formar com esse entrelaçamento uma amizade sólida. E se parecer que um de vós, de algum modo, ameaça romper tais laços — pois tudo o que é humano carece de firmeza — escrevei-me e aos meus amigos uma carta em que exporeis vossas queixas. No caso de não ser irreparável o dissídio, espero que as ponderações daqui enviadas com respeito e justiça contribuirão, melhor do que qualquer encantamento, para
c vos aproximar e restaurar vossa antiga amizade. Se todos praticarmos dessa maneira a sabedoria, eu e vós, tanto quanto possível e o permitirem as condições de cada um, é certeza realizar-se o que ora profetizo. Sobre o que acontecerá na hipótese contrária, não me manifestarei; só formulo bons vaticínios. O que afirmo é que levaremos tudo isso a bom termo, se Deus quiser.

Importa que todos três leiam juntos esta carta. Não sendo isso possível, dois pelo menos, o maior número de vezes que puderdes. Considerai-a como
d um pacto com força de lei, sobre o qual jurareis o que for justo, com aquele tom de sinceridade que não exclui a graça e a brincadeira, irmã da severidade. Jurai em nome da divindade diretora de todas as coisas presentes e futuras e no pai todo-poderoso do diretor e da causa que todos conhecemos, se de fato, praticarmos a filosofia por maneira tão clara quanto possível, como convém a homens que já alcançaram a beatitude.

SÉTIMA CARTA

Platão, aos amigos e parentes de Dião. Felicidades.

323 d Escrevestes-me para que eu tenha a certeza de que vossos projetos são iguais aos de Dião, e pedis ajuda de minha parte, na medida do possível, por
324 a atos ou por palavras. Eu, de mim, só vos digo que se vossa maneira de pensar e vossos planos forem como os dele, disponho-me a ajudar-vos; no caso contrário, precisarei refletir com mais calma. Sobre suas idéias e aspirações, não falo por simples conjecturas, mas com conhecimento de causa.

Por ocasião de minha primeira viagem a Siracusa, eu poderia ter quarenta anos; Dião seria da
b idade que Hiparino tem agora, e o que então ele pensava continuou a pensar enquanto viveu, sobre serem livres os siracusanos e se governarem de acordo com as melhores leis. Não é de admirar, portanto, que alguma divindade haja inspirado a Hiparino idéias políticas iguais às de Dião. Qual tenha sido a origem dessas idéias é o que moços e velhos precisarão saber. Por isso, vou tentar expor-vos do começo tudo o que houve, por parecer-me oportuna semelhante confissão.

Quando moço, aconteceu comigo o que se dá com todos: firmei o propósito, tão logo me tornasse
c independente, de ingressar na política. Por essa época, a situação em Atenas era a seguinte: ante os reiterados ataques às instituições vigentes operou-se uma revolução, do que resultou serem postos como chefes do novo governo cinqüenta e um cidadãos, onze dos quais ficaram na cidade, e dez no Pireu, para dirigirem, respectivamente, a ágora e adminis-
d trarem as duas localidades; os outros trinta foram investidos com autoridade suprema e poder absoluto. Ora, acontece que muitos deles eram meus parentes ou conhecidos, os quais logo me fizeram ver a conveniência de eu participar dos negócios públicos. Levando-se em conta a minha mocidade, não é de admirar que eu tivesse ilusões. Por isso, imaginava que eles governariam a cidade fazendo-a passar das vias da injustiça para as da justiça, o que me despertou a curiosidade de ver como se comportariam

em semelhante conjuntura. Ora, o que eu vi, foi
que em pouquíssimo tempo esses homens deixaram
parecida a antiga ordem de coisas com a verdadeira
idade de ouro. Como exemplo de suas arbitrarieda-
e des, bastará notar o que fizeram com o meu velho
amigo Sócrates, que eu não vacilo em proclamar o
varão mais justo do seu tempo; incumbiram-no de,
325 a com outros, trazer à força um cidadão para ser
executado, o que era meio de obrigá-los a apoiar
sua política. Porém Sócrates não acatou a ordem,
preferindo expor-se aos maiores perigos a tornar-se
cúmplice de tais crimes. À vista de semelhantes
fatos e de outros de não menor gravidade, senti-me
revoltado e me conservei afastado daquelas práticas
odientas. Pouco depois, caíram os Trinta e, com eles,
sua forma de governo. De novo, embora com menor
b entusiasmo, fui tomado da paixão política e do dese-
jo de participar da administração da cidade. Como
resultado da agitação do meio, ocorreram, então,
fatos revoltantes, não sendo, assim, de admirar que
passassem da conta os atos de vingança pessoal,
muito embora os exilados, de retorno, procedessem
com certa moderação. Mas, por um azar inexplicável
algumas pessoas de influência levaram aos tribunais
c esse nosso amigo, Sócrates, assacando-lhe uma acusa-
ção odiosa que ele absolutamente não merecia. Uns
o perseguiram por impiedade e outros o condenaram,
com o que fizeram morrer o homem que se recusara
a tomar parte na prisão ímpia de um dos seus
companheiros de exílio, numa época em que eles
próprios, exilados como aquele, se encontravam em
situação inferior. Considerando esse fato e os ho-
mens que dirigiam a política, quanto mais estudava
as leis e os costumes e, com o tempo, me tornava
d mais velho, mais difícil me parecia dirigir bem os
negócios públicos; nada era possível fazer sem amigos
nem colaboradores de confiança, o que não era fácil
encontrar, por já não ser a cidade administrada
de acordo com os costumes e as instituições de nossos
pais; só com muito trabalho se poderia adquirir
novos. A tal ponto as leis escritas e os costumes
e se achavam desmoralizados, que eu próprio, a prin-
cípio, tão cheio de ardor para dedicar-me à causa
pública, considerando a situação reinante e vendo
como tudo se achava na mais completa dissolução,

acabei tomado de vertigens. Todavia, não desanimei
326 a de encontrar remédio para esse estado de coisas, sempre à espera de ocasião oportuna para poder agir. Por fim, cheguei à conclusão de que as cidades do nosso tempo são mal governadas, por ser quase incurável sua legislação, a menos que se tomassem medidas enérgicas e as circunstâncias se modificassem para melhor. Daí, ter sido levado a fazer o elogio da verdadeira filosofia, com proclamar que é por meio dela que se pode reconhecer as diferentes formas da justiça política ou individual. Não ces-
b sarão os males para o gênero humano antes de alcançar o poder a raça dos verdadeiros e autênticos filósofos ou de começarem seriamente a filosofar, por algum favor divino, os dirigentes das cidades.

Tais eram minhas convicções, quando fui à Itália e a Siracusa pela primeira vez. Logo à minha chegada, não me agradou, em absoluto, a vida a que por aquelas bandas dão o nome de feliz, passada em festins o dia todo, à maneira itálica ou siciliana, em que a gente se empanturra de comida
c duas vezes ao dia e só dorme acompanhado, e tudo o mais que faz parte daquele programa de vida. Com tais hábitos, não há debaixo do céu quem, com semelhante regime desde moço consiga tornar-se temperante — que constituição seria capaz de semelhante proeza? — valendo idêntico raciocínio para as demais virtudes. Nenhuma cidade, também, tenha as leis que tiver, poderá viver tranqüila, quando os cidadãos consideram de bom aviso
d gastar dessa maneira e não ocupar-se com mais nada se não for comer e beber à farta, só pensando nos prazeres do amor. Fatalmente as cidades desse tipo passarão por todas as formas de governo: tirania, oligarquia, democracia, sem que os detentores do poder admitam sequer ouvir o nome de um governo de justiça e igualdade.

Entregue a tais reflexões e relacionando-as com
e as precedentes, estendi meu passeio a Siracusa. Talvez fosse obra do acaso; mas, quis parecer-me que um Poder superior dava início aos trabalhos que Dião e os siracusanos passariam a enfrentar. Outros, ainda, são de temer, muito mais graves, se não aceitardes os conselhos que vos dou pela segunda vez.

327 a De que expressões me valerei para dizer-vos que minha visita à Sicília foi a causa provocadora daqueles acontecimentos? Pode bem dar-se que, em minhas relações com Dião — ele era, naquela época, muito moço — ao expor-lhe oralmente o que me parecia o melhor para os homens e ao aconselhá-lo a pôr em prática tais idéias, não percebesse que, assim fazendo, de algum modo trabalhava para derrubar a tirania. Com seu espírito vivaz, principalmente para o que eu lhe expunha naquela ocasião, Dião tudo assimilava com facilidade, como eu nunca observara em qualquer outro jovem do meu conhecimento. Determinara viver, daí por diante, de maneira diferente da maioria dos italiotas e sicilianos, pondo a virtude acima da sensualidade e da dissipação. Por isso mesmo, sua conduta se tornou odiosa aos que se sentiam bem no regime tirânico, até à morte de Dionísio.

A partir desse instante, firmou o propósito de não guardar só para si as noções aprendidas com o ensino verdadeiro. Observou, ademais, que essas doutrinas eram aceitas por outros, ainda que poucos; daí, ter afagado a esperança de, com o favor dos deuses, vir a conquistar Dionísio, imaginando, assim, que a vida dele, Dionísio, e dos demais siracusanos atingiria um grau de felicidade incalculável. De resto, era de parecer que, de todo o jeito, eu deveria ir o mais depressa possível a Siracusa, lembrado de quão facilmente nossa convivência lhe havia inspirado o desejo de uma vida melhor e mais bela. Se conseguisse influir em Dionísio nesse sentido, alimentava muita esperança de promover, desde logo, uma vida feliz e verdadeira em todo o país, sem massacres nem derramamento de sangue nem todas essas calamidades que ocorreram depois. Cheio de boas intenções, Dião convenceu Dionísio a me mandar buscar, ao mesmo tempo que me concitava por carta a partir o mais depressa possível, de qualquer jeito, antes que outras influências desviassem Dionísio do ideal da vida perfeita. Vejo-me forçado a relembrar seus argumentos, ainda mesmo com o perigo de tornar-me prolixo. Que melhor oportunidade, me dizia, poderíamos desejar, do que esta que o favor divino nos enseja? De seguida, referia-se ao

328 a domínio de Dionísio na Sicília e na Itália, e à sua influência naquelas paragens, a mocidade de Dionísio, o gosto muito vivo para a filosofia e a educação do espírito, acrescentando que os sobrinhos e parentes de Dionísio eram fáceis de conquistar para os princípios e a vida que eu sempre defendera e que todos se declaravam dispostos a nos ajudar, no sentido de convencer Dionísio. Nunca houvera uma ocasião como aquela, de vir a concretizar-se nos mesmos homens a união da filosofia e do governo das
b cidades. Tais foram suas exortações, além de muitas outras do mesmo estilo. Quanto a mim, de um lado sentia-me apreensivo a respeito de como se comportariam os moços; de desejos sempre mutáveis, muitas vezes vão de um extremo para outro. Além do mais, também confiava no caráter de Dião, naturalmente firme, por ele já ser de idade madura. Tudo bem considerado, como vacilasse entre aceitar ou não seus conselhos e empreender a viagem, acabou de decidir-me a consideração de que era chegado o
c momento de tentar pôr em prática meus projetos de legislação e de governo. Bastava persuadir um único homem, para que tudo me saísse bem.

Foi com tal disposição de espírito e esses planos audaciosos que eu saí de casa, não com o intento que muita gente me atribui; sobretudo, envergonho-me diante de mim mesmo à só idéia de passar por charlatão incapaz de realizar nada concreto e de
d trair tão cedo a hospitalidade e a amizade de Dião, numa ocasião em que ele se expunha aos maiores perigos. Se lhe acontecesse alguma desgraça e fosse expulso por Dionísio ou adversários outros e, como exilado, aparecesse na minha frente e me falasse: É como proscrito, Platão, que te procuro, não porque me faltassem hoplitas e cavaleiros para defender-me de meus adversários; faltavam-me, sim, aqueles discursos persuasivos com que conseguirias, tenho certeza, orientar os jovens para a justiça e a virtude, e uni-los para sempre com os laços in-
e quebrantáveis da amizade e da camaradagem. Foi por carecer dessa ajuda que deixei Siracusa e me dirigi para cá. Minha sorte, porém, não é para ti o maior motivo de vexame; a própria filosofia, que não cessas de exaltar e proclamas desprezada pelo resto dos homens, como negar que não traíste sua

329 a causa juntamente com a minha, no que dependia de ti? Se eu residisse em Mégara, terias corrido em meu socorro logo que te chamasse, para não te desmoralizares diante dos homens. E agora, com alegares viagem demorada e fadigas da travessia, acreditas mesmo que, de futuro, poderás eximir-te da pecha de cobarde? É o que nunca se dará.

Se me falasse desse modo, que resposta plausível eu poderia dar-lhe? Nenhuma. Parti, então, por motivos razoáveis e justos, tanto quanto podem ser b justos os motivos humanos, abandonando minhas ocupações habituais, que não deixavam de ser honrosas, para entregar-me a uma tirania à toda luz inadequada a minha pessoa e a meus ensinamentos. Com essa viagem, desobrigava-me diante de Zeus hospitaleiro e eximia de toda culpa o filósofo que em mim se teria manchado se, por timidez ou comodidade eu me tivesse desmoralizado.

Ao chegar — precisarei resumir — só encontrei c discórdias na corte de Dionísio, e Dião caluniado junto do tirano. Defendi-o o mais que pude, mas podia muito pouco; porém, passados cerca de quatro meses Dionísio acusou Dião de conspirar contra a tirania, meteu-o numa pequena embarcação e o baniu ignominiosamente. Depois desse fato, todos os amigos de Dião ficamos receosos de algum de nós ser acusado e castigado como participante das maquinações de Dião. A meu respeito, correu o boato de que Dionísio me mandara matar, como princi- d pal responsável por tudo o que se dera. Porém ele, vendo-nos naquele estado e receando que nosso medo tivesse conseqüências graves, tratou-nos com bondade; a mim, particularmente, encorajou-me, concitando-me a ter confiança nele e, de toda maneira, a não partir, pois minha fuga não lhe ensejaria nada bom, o que se daria se eu ficasse. Por isso mesmo, insistia tanto comigo. Ora, todos nós sa- e bemos que os pedidos dos tiranos são sempre decorrência da necessidade. Como sua intenção fosse impedir minha partida, fez-me conduzir e alojar na Acrópole, de onde nenhum capitão de barco me teria retirado, a não ser com a apresentação de uma ordem expressa de Dionísio, para não formularmos a hipótese de que o fizesse contra sua vontade. Outrossim, nenhum comerciante ou fiscal da

fronteira, se me visse na iminência de sair da cidade, no mesmo instante não deixaria de prender-me e levar-me de volta para Dionísio, máxime por
330 a se ter então espalhado novo boato, em tudo contrário do primeiro: que Dionísio se afeiçoara extremamente a Platão.

De onde surgiu semelhante balela? Será preciso contar a verdade. Sim, com o passar dos dias, cada vez mais ele se afeiçoava a mim, à medida que se familiarizava com minhas maneiras e meu caráter; porém queria que eu me considerasse mais seu amigo do que de Dião, pondo nisso o maior empenho. Porém o meio mais certo de alcançar esse deside-
b rato — admitindo-se tal possibilidade — seria aproximar-se de mim como ouvinte de minhas dissertações filosóficas. Ora, nesse ponto, justamente, ele vacilava, por temer, segundo as insinuações de meus caluniadores, que com isso viesse a ficar tolhido em sua liberdade, e tomassem corpo os projetos de Dião. Agüentei tudo, sempre fiel ao propósito que me levara até ali e com a esperança de que ele se enamorasse da vida filosófica. Porém sua renitência anulou todos os meus esforços.

Foram esses os acontecimentos que assinalaram
c os primeiros tempos da minha visita à Sicília e minha permanência por lá. Depois disso, fiz nova viagem e voltei à Sicília, em atenção aos insistentes chamados de Dionísio. Quais fossem minhas intenções e como procedi por maneira razoável e justa, é o que só vos direi depois de aconselhar-vos sobre o que importa fazer na presente conjuntura. Mais para diante, cuidarei de responder aos que querem saber com que intuito eu lá fora pela segunda vez, pois desse modo não farei do acessório assunto principal da minha narrativa.

Quem tivesse de aconselhar a algum doente sub-
d metido a dieta prejudicial à saúde, não precisaria, antes de mais nada, mudar o seu regime? E no caso de ser obedecido, continuar a aconselhá-lo? Mas, ante a obstinação formal do doente, terei na conta de homem direito e de verdadeiro médico quem se negasse a dar-lhe novas consultas, e o contrário disso, cobarde e ignorante da arte quem cedesse nalgum ponto de suas convicções. O mesmo se verifica com as cidades, quer sejam dirigidas por

um homem apenas, quer por muitos. Quando o go-
e verno avança no caminho indicado pelas instituições e solicita algum parecer sobre questões de utilidade pública, é dar prova de cordura executar o que ele pede. Mas, as cidades que se afastam inteiramente das instituições sadias e se recusam em absoluto a seguir-lhes as pegadas, com ordenarem aos con-
331 a selheiros que deixem a constituição tranqüila e não a tirem do lugar, sob pena de morte se tal fizerem, e só desejem que todos se dobrem a seus caprichos e paixões e lhes indiquem os meios mais rápidos e fáceis de satisfazê-los no futuro: consideraria desbriado quem se sujeitasse a dar conselhos em semelhantes condições, e o contrário disso, valoroso, quem se recusasse a fazê-lo.

Com semelhantes sentimentos, sempre que alguém me consulta acerca de alguma questão vital,
b ou seja sobre a maneira de ganhar dinheiro, ou os cuidados que devemos dar ao corpo e à alma, se o seu modo de vida me parecer aceitável e que ele acolherá bem meus conselhos na matéria consultada, com a melhor boa vontade lhe direi o que penso, sem cingir-me a uma resposta superficial por mero desencargo de consciência. Porém, no caso de nada perguntar, ou se vir que não tomará na devida consideração meu parecer, por iniciativa própria não irei aconselhar essa pessoa, como também a ninguém forçarei, ainda mesmo que se tratasse do meu próprio filho. A um escravo, sim, poderei dizer alguma coisa, até mesmo contra sua vontade e com empre-
c go de violência. Com relação a pai e mãe, considero ímpio constrangê-los, a menos que revelem perturbação mental. Porém, se desaprovar sua norma de conduta, não irei aborrecê-los inutilmente com admoestações nem adulá-los com obséquios para satisfazer paixões que, a me dizerem respeito, tornar-me-iam a vida insuportável. É assim que o varão prudente precisará comportar-se em relação à pátria. Se achar que está sendo mal governada, pode falar, porém só na hipótese de não fazê-lo inutilmente e
d de não arriscar a vida, e sem recorrer à violência para mudar a constituição local, se só puder conseguir outra melhor com proscrições e derramamento de sangue. Mantenha-se quieto e limite-se a formu-

lar votos de felicidade para si e para a comunidade. São dessa natureza os conselhos que me ocorreria dar-vos, tal como fiz no começo com Dionísio, de acordo com Dião, para que organizasse sua vida de todos os dias, aumentasse cada vez mais o domí-
e nio sobre si próprio e adquirisse novos correligionários e amigos de confiança, para não acontecer com ele o que se deu com seu pai, o qual, havendo conquistado muitas cidades da Sicília devastadas pelos bárbaros, foi incapaz, depois, de libertá-las e de conferir a qualquer delas instituições duráveis, que ele poria sob a direção de amigos certos, quer
332 a escolhesse estrangeiros, não importando a procedência, quer mesmo seus irmãos, educados por ele mesmo, por serem mais moços, e que de simples particulares ele fizera dirigentes, e de pobres, imensamente ricos. Nem pela persuasão ou pela educação, nem por benefícios e laços de parentesco acabou com algum deles que compartilhasse do governo, no que se mostrou sete vezes inferior a Dario, o qual confiou em pessoas que nem eram seus irmãos nem
b tinham sido educadas por ele, mas apenas o haviam ajudado a vencer o eunuco, e dividiu o reino em outras tantas regiões, cada uma das quais era maior do que a Sicília, tendo encontrado em todos eles colaboradores de confiança que nunca lhe criaram dificuldades nem se desavieram entre si. Com isso, deu o exemplo de como deve ser o bom legislador e o bom rei, pois graças às leis por ele promulgadas manteve coeso até hoje o império persa. Vejamos também o exemplo dos atenienses: não colonizaram as inúmeras cidades invadidas pelos bárbaros, senão
c que as receberam já formadas; apesar disso, conservaram-nas por mais de setenta anos, porque em todas elas souberam fazer amigos. Dionísio, pelo contrário, havendo concentrado toda a Sicília numa única cidade, por julgar-se muito esperto para confiar em alguém, a muito custo se manteve no poder; era pobre de amigos e de correligionários fiéis. Ora, o mais seguro sinal de virtude ou de vício é a penúria ou a abundância de homens desse tipo.

d Tais eram os conselhos que eu e Dião dávamos a Dionísio, pois a situação criada por seu pai o privara da sociabilidade que a educação proporciona e da que advém das boas relações de família. Antes

de tudo, lhe dizíamos, teria de conquistar amigos entre seus próprios parentes e companheiros de infância que estivessem de acordo entre si para praticar a virtude e se mostrassem em consonância com ele, por ser isso mesmo o de que ele mais necessitava. Evidentemente, não lhe falávamos nesses termos; seria contraproducente, mas por maneira velada, esforçando-nos por demonstrar, com o que dizíamos, que ninguém poderá salvar-se e a seus súditos, a e não ser dessa maneira, e que, se assim não procedesse chegaria a resultados diametralmente opostos. Ingressando no caminho por nós indicado e tornando-se reflexivo e prudente, reconstruiria as cidades arruinadas da Sicília, por meio de leis e constituições que estreitassem suas relações recíprocas e as aproximassem dele próprio, no interesse comum 333 a de resistirem aos bárbaros; e com isso, não duplicaria, simplesmente, o domínio paterno, senão que o aumentaria muitas vezes. Se tudo isso viesse a realizar-se, ficaria em muito melhores condições para vencer os Carquedônios do que Gelão, ao passo que ainda recentemente seu pai se vira obrigado a pagar tributo aos bárbaros.

Era isso que nós conversávamos e o aconselhávamos, nós dois, os pretensos conspiradores contra Dionísio, conforme assoalhavam por toda a parte, b boatos esses que prevaleceram contra Dionísio e acabaram por exilar Dião e incutir-nos bastante temor.

E agora, para arrematar o rol de uma multidão de fatos que se sucederam em muito pouco tempo, Dião retornou do Peloponeso e de Atenas para dar uma lição a Dionísio, por meio de atos, não simplesmente com palavras. Depois de haver ele libertado duas vezes a cidade e de a ter restituído a si própria, os siracusanos procederam com Dião como Dionísio havia feito quando ele se esforçava para instruí-lo e fazer dele um rei digno do seu posto e de associar-se-lhe para o resto da vida. Porém c Dionísio só acreditava nos maldizentes, ao afirmarem estes que tudo quanto Dião fazia naquela época visava apenas à tirania, por esperar que Dionísio, encantado com o estudo, se desinteressasse do mais e lhe confiasse as rédeas do governo, com o que Dião acabaria por expulsá-lo de uma vez e se instalaria, com dolo, no poder. Semelhantes calúnias,

que antes já haviam prevalecido, de novo espalhadas entre os siracusanos acabaram vencendo mais uma vez, vitória absurda e, sobretudo, vergonhosa para os que com ela se beneficiaram.

Precisarei contar o que se passou, já que me d chamastes para trabalharmos juntos. Na qualidade de ateniense, amigo de Dião e seu aliado, procurei o tirano, a fim de trocarmos a guerra pela amizade. Porém fui derrotado na luta contra os difamadores. E quando Dionísio, por meio de distinções e presentes de dinheiro, tentou atrair-me para seu lado e fazer de mim um amigo e testemunha para justificar o banimento de Dião, nada conseguiu. Mais e tarde, de volta para a pátria, Dião levou de Atenas dois irmãos, amizade que não nasceu da filosofia, mas dessa camaradagem vulgar de que se origina a maioria das relações entre os hóspedes e os iniciados do primeiro e do segundo grau. Tais foram os amigos que o acompanharam de volta, cujo conhecimento começou como eu disse, e que mais se acen-334 a tuou com os serviços que por aquela época lhe prestaram. Chegados à Sicília, ao perceberem que os nativos desconfiavam de aspirar Dião à tirania, não apenas traíram o amigo e hospedeiro, como o mataram com suas próprias mãos, uma vez que acorreram de armas em punho para ajudar os assassinos. Não posso deixar de referir-me a esse ato ignominioso e sacrílego, mas também não descerei a particularidades; muita gente já se incumbiu de narrá-lo e muitas mais o contarão no futuro. O que b faço questão de rebater é o que falam a respeito dos dois atenienses que com seu procedimento infame cobriram de opróbrio nossa cidade. Só direi que também era ateniense quem nunca traiu Dião, quando poderia tê-lo feito a troco de dinheiro e de outras vantagens. Não se tornaram amigos por interesses mesquinhos, mas por se ufanarem de uma educação liberal, em que o homem sensato deve c confiar mais do que nas afinidades do corpo e do espírito. Não é justo, pois, que recaia sobre nossa cidade a vergonha dos assassinos de Dião, como se em qualquer tempo eles tivessem gozado de algum prestígio entre seus concidadãos.

Relembro tudo isso à guisa de advertência aos amigos e parentes de Dião. Repito pela terceira

vez o mesmo conselho e a mesma advertência, por me terdes consultado em terceiro lugar. A Sicília não deve sujeitar-se a nenhum déspota, nem ela nem qualquer outra cidade — pelo menos, é assim que eu penso — mas às leis; ninguém tira proveito de uma aventura desse tipo, nem os dominados

d nem os que vêm a dominá-los, ou seus filhos e os filhos de seus filhos. Sempre a experiência tem sido calamitosa. Vantagens dessa natureza são próprias apenas de almas mesquinhas e servis, incapazes de conhecer as coisas divinas e humanas, tanto nas circunstâncias presentes como nas futuras. Foi o que procurei mostrar primeiro a Dião e depois a Dionísio, tal como faço agora convosco. Ouvi-me, então, por amor de Zeus, a quem ofereço a terceira libação, e depois voltai as vistas para Dionísio e Dião. O primeiro não me deu ouvidos, e ainda vive,

e porém na ignomínia; o segundo, que acreditou em minhas palavras, teve morte honrosa; sim, quem só procura para si mesmo ou para sua cidade o que há de mais belo, só lhe pode acontecer o que for justo e belo, sofra o que sofrer. Nenhum de nós é de natureza imortal, e se chegasse a sê-lo não ficaria feliz, como o vulgo imagina. Pois não há nem bem

335 a nem mal dignos de menção para o que não tem alma; só esta é que adquire experiência de ambos, quer esteja unida ao corpo, quer separada dele. Precisamos aceitar as antigas e sagradas tradições que nos falam da imortalidade da alma e contam como estas são julgadas e sofrem terríveis castigos depois de libertadas do corpo. Por isso mesmo, devemos considerar menor mal ser vítima de grandes crimes ou de grandes injustiças, do que vir a cometê-las.

b O indivíduo ávido de riquezas, porém de alma tacanha, não escuta esses discursos, e, quando os ouve, é para ridicularizá-los, conforme acredita. Despudorado, sempre, como verdadeiro animal de rapina, pilha de todos os lados tudo o que sirva para comer ou beber, ou para fartar-se do prazer servil e grosseiro a que indevidamente ligamos o nome de Afrodite. É um cego que não enxerga as conseqüências dos seus atos ímpios nem o mal que o acompanha no rastro dos seus crimes. Essa impiedade a alma injusta carrega necessariamente consigo

c enquanto se acha na terra e quando realiza embaixo

da terra uma viagem vergonhosa e, sob todos os aspectos, miserável.

Foi com esses discursos e outros do mesmo gênero que eu convenci Dião. Tenho razões de sobra, também, para indignar-me contra seus assassinos e, no mesmo passo, contra Dionísio. É que eles me prejudicaram enormemente, a mim e a todos os homens, por assim dizer: aqueles, por tirarem a vida a um homem que se achava no ponto de realizar a justiça; o outro, por se ter recusado a praticá-la durante todo o seu governo, quando tinha para isso possibilidades incalculáveis. Se a filosofia e o poder se tivessem reunido em sua pessoa, ele faria luzir aos olhos dos helenos e dos bárbaros e gravar no espírito dos homens a noção verdadeira de que não podem ser felizes nem as cidades nem os indivíduos, se todos não viverem sabiamente sob o amparo da justiça, ou por lhe serem inatas essas virtudes, ou por eles terem sido criados e instruídos por maneira justa sob a direção de governantes piedosos. Foi esse o dano causado por Dionísio, em comparação com o qual tudo o mais carece de importância. Quanto ao assassino de Dião, ignora que procedeu exatamente como Dionísio. Porque Dião, tenho certeza absoluta — tanto quanto pode tê-la um homem em relação aos sentimentos de qualquer pessoa — se houvesse alcançado o poder, jamais teria adotado outra forma de governo. Depois de haver tirado Siracusa, sua pátria, da escravidão, e de a ter adornado com as vestes da liberdade, lançaria mão de todos os recursos para enfeitá-la com melhores e mais convenientes leis. De seguida, ter-se-ia aplicado em repovoar a Sicília e livrá-la dos bárbaros, expulsando uns e submetendo outros mais facilmente do que fez Hierão. Se tudo isso houvesse sido levado a cabo por um homem justo, corajoso, temperante e filósofo, então a maior parte dos homens teria feito da virtude a mesma idéia, que viria a prevalecer, pode-se afirmar, no espírito de todos se Dionísio me houvesse escutado, sendo certo que ela os teria salvo. Porém agora um demônio ou divindade vingadora desencadeou sobre todos vós um franco desprezo das leis e dos deuses e, principalmente, a audácia que só a ignorância

confere e que é o terreno onde todos os males da humanidade deitam suas raízes, engrossam e, com o tempo, produzem frutos amaríssimos para os próprios semeadores. Foi essa ignorância que pela segunda vez tudo arruinou e pôs a perder.

c Porém agora só tenhamos boas palavras, para que na terceira vez nos seja favorável o augúrio. Não deixarei, portanto, de exortar-vos, como a amigos de Dião, a imitá-lo na sua dedicação à pátria e sua inquebrantável norma de conduta, e também a tentar levar avante seus projetos, mas desta vez sob melhores auspícios. Já vos expus com toda a clareza quais eram seus desígnios. Se entre vós houver quem não possa viver à maneira dórica, como d o fizeram nossos antepassados, e prefira acompanhar o gênero de vida dos assassinos de Dião e o dos sicilianos, nem o chameis como sócio nem imagineis que tal pessoa seja capaz de qualquer ato sadio e de confiança. Quanto aos outros, convidai-os para povoar a Sicília e viver no regime da igualdade perante as leis, ou sejam da própria Sicília ou dalguma parte do Peloponeso. E não tenhais medo dos atenienses, pois lá também há homens que se destacam pela virtude e odeiam a vileza e abjeção dos assassinos de seus próprios hóspedes. Mas, se tudo isso só puder realizar-se a e longo prazo e estiverdes agora assoberbados com as sedições e dissídios que a todo instante surgem entre os partidos, quem quer que, por disposição divina, seja dotado de um pouquinho de bom senso, há de compreender que não poderão cessar as desgraças próprias das revoluções antes de deixarem os vencedores de exercer represálias sob a forma de combates sangrentos, banimentos e execuções, e 337 a de persistirem em vingar-se de seus inimigos. Ao contrário, precisarão dominar-se, para estabelecer leis comuns que tanto beneficiem os vencidos como a eles próprios, recorrendo a meios duplamente compulsórios para a todos obrigar a obedecer a essas leis, com respeito e temor: temor, a fim de demonstrar-lhes que lhes são superiores pela força; e respeito, por se revelarem capazes de dominar os apetites e de se submeterem voluntariamente às leis. A não ser assim, não cessarão os males de qualquer b cidade convulsionada pelas revoluções; as facções,

as inimizades, o ódio e a desconfiança prevalecerão nas comunidades de governo sujeitos a tais abalos.

O que é preciso, então, é que os vencedores, se, de fato, visam à salvação comum, escolham entre eles mesmos as pessoas de maior prestígio entre os helenos, preferentemente varões de idade madura, casados e com filhos, de ascendência tão nume- c rosa, ilustre e modelar quanto possível, e, ainda, suficientemente ricos. Quanto ao número, bastarão cinqüenta para uma cidade de dez mil habitantes. Será preciso atraí-los com pedidos insistentes e honrarias de toda natureza, e depois de convocados, suplicar-lhes e até mesmo constrangê-los pela força dos juramentos a criar leis que não favoreçam vencidos nem vencedores, mas concedam direitos iguais e comuns a todos os cidadãos. Uma vez estabelecidas essas leis, tudo dependerá do seguinte: passando os vencedores a mostrar-se mais submissos d à lei do que os vencidos, a salvação geral e a felicidade ficarão desde logo asseguradas, desaparecendo, no mesmo passo, todos os males. A não ser assim, não chameis nem a mim nem a ninguém para colaborar com quem repele as sugestões acima expostas. O plano de agora é irmão do que eu e Dião nos propusemos realizar em benefício de Siracusa, numa segunda tentativa. A primeira foi a que empreendemos com o próprio Dionísio, para benefício de todos; mas, uma fatalidade mais poderosa que os homens a inutilizou. Esforçai-vos, agora, e para serdes mais felizes, com a ajuda dos deuses e melhor sorte.

Esses conselhos e determinações vão à guisa de complemento do relato de minha primeira viagem à corte de Dionísio. Quanto foram justos e razoáveis os motivos de minha segunda viagem e travessia, é o que passarão agora a ouvir os interessados. O 338 a primeiro tempo de minha estada na Sicília decorreu exatamente como contei antes de corresponder-me com os amigos e parentes de Dião. Depois daqueles acontecimentos, lancei mão de todos os recursos para convencer Dionísio de que me deixasse partir. Assumimos um compromisso recíproco para ser cumprido logo que a paz se restabelecesse, pois nessa época havia guerra na Sicília. Dionísio prometeu que nos chamaria, a mim e a Dião, assim que

seu poder se consolidasse um pouco mais, e pediu a Dião que não considerasse sua partida como exí- (b) lio, porém simples mudança de residência. Vendo-o com tal disposição, prometi voltar. Concluída a paz, mandou chamar-me, porém pediu a Dião que esperasse ainda um ano. Quanto a mim — batia sempre nesse ponto — teria de ir de qualquer jeito. Dião, por seu lado, instava comigo para eu embarcar, pois da Sicília nos chegavam notícias insistentes de que Dionísio passara a revelar gosto extraordinário para a filosofia. Por isso, Dião me concitava a não desatender ao chamado de Dionísio. (c) De minha parte, eu sabia muito bem que entre os moços é freqüente tal interesse pela filosofia; porém achei mais prudente deixar de lado, por enquanto, Dião e Dionísio, descontentando a ambos com lhes responder que me considerava muito velho e que nada fora feito de acordo com o que havíamos combinado. Nesse em meio, se não me falha a memória, Arquitas visitou Dionísio, pois é fato que antes de sair de lá, eu mesmo promovera o conhecimento (d) de Dionísio com Arquitas e seus tarentinos, apertando entre eles os laços de amizade e hospitalidade, o que se deu pouco antes do meu regresso. Muita gente de Siracusa assistira a minha conversa com Dião, e outros, ainda, ouviram alguma coisa dos primeiros, de forma que todos se achavam mais ou menos empanturrados de fórmulas filosóficas mal digeridas. Ao que parece, alguns tentaram discutir certos temas com Dionísio, convencidos de que ele se achava em dia com meus ensinamentos. Ora, Dionísio, que, de fato, apanhava as coisas com facilidade, era excessivamente vaidoso. Decerto, comprazia-se no (e) que falavam, mas acanhava-se de mostrar que nada aprendera durante minha estada entre eles; daí, o desejo de vir a informar-se melhor dessas questões, a que o levava, também, uma boa dose de vaidade. Na exposição que vos fiz há pouco, contei o motivo de não ter ele ouvido aquelas lições por ocasião da minha primeira viagem. Depois de eu regressar são e salvo para casa e de recusar o segundo convite, conforme acabei de dizer, parece que Dionísio considerou questão de honra vir alguém a suspeitar que eu não o tinha na devida consideração, e que, inteirado de seu natural, do caráter muito próprio e de

339 a sua maneira de viver, eu me desgostara e decidira nunca mais pôr os pés em sua corte. É de inteira justiça contar-vos a verdade, ainda mesmo que, depois de inteirar-se do que se passou, venha alguém a desprezar minha filosofia e ter em maior apreço a inteligência do tirano. O certo é que, numa terceira tentativa, Dionísio me enviou uma trirreme para facilitar a viagem; além de outros conhecidos da Sicília, mandou-me Arquedemo, um dos discí- b pulos de Arquitas, que, segundo cria, era dos sicilianos quem eu mais considerava. Todos me contavam a mesma história, de ser, realmente, admirável, o progresso de Dionísio no terreno da filosofia. Escreveu-me, também, uma carta longa, por conhecer meus sentimentos com relação a Dião e o desejo que este sempre manifestara de que eu fosse a Siracusa. Tocando em todos esses tópicos, começava a carta mais ou menos nestes termos: Dionísio a c Platão. De seguida, depois das fórmulas mais usuais de saudação e sem maiores preâmbulos, entrava diretamente na matéria: Se desta vez te dobrares a nosso pedido e vieres à Sicília, inicialmente, os negócios de Dião se acomodarão de acordo com teus desejos, pois tenho certeza de que só pedirás o que for justo e que de antemão eu te concedo. Porém se não vieres, nenhum assunto referente à sua pessoa ou a seus negócios será resolvido conforme desejaras.

É como se expressava; seria por demais longo e d fora de propósito citar o resto. Outras cartas, ainda, me chegaram às mãos, de Arquitas e vários amigos de Tarento, só de elogios para a filosofia de Dionísio e com a advertência de que, se eu perdesse aquela oportunidade, a amizade entre eles e Dionísio, que eu mesmo promovera, viria a ressentir-se, o que, às luzes da política, era da máxima importância. Era assim que me solicitavam naquele tempo: da Sicília e da Itália me puxavam, enquanto os amigos de Atenas, literalmente, me e empurravam com suas exortações, insistindo sempre no mesmo ponto: que eu não devia trair Dião nem os hóspedes e amigos de Tarento. Do meu lado, não se me afigurava estranho que um jovem de grandes qualidades e que até então pouca atenção concedera a conversas elevadas, fosse tomado subitamente

do desejo de seguir uma vida perfeita. Urgia, pois, verificar o que se passava, sem eximir-me da responsabilidade nem dar azo a que me acusassem de

340 a tão grave ofensa, no caso de ser verdade o que diziam.

De olhos vendados com esse raciocínio, parti bastante apreensivo e sem prever nada bom de tudo aquilo. Cheguei e devo a Zeus salvador a terceira taça, pois nisso, ao menos, fui bem sucedido, sendo certo que, depois da divindade, devo minha salvação a Dionísio, pois havendo muita gente com desejo de matar-me, não o permitiu, revelando certo respeito à minha pessoa.

b Ao chegar, meu primeiro cuidado foi certificar-me se Dionísio era mesmo unha e carne com a filosofia, ou se não passava de boato sem fundamento o que se falava em Atenas. Para semelhante prova há um processo não de todo carecente de nobreza e muito adequado para os tiranos, principalmente para os que se entopem de expressões filosóficas mal compreendidas, como era o caso de Dionísio, o que percebi tão logo desembarquei. Para gente desse estofo, é preciso mostrar toda a extensão dos estu-

c dos filosóficos, sua natureza, as dificuldades muito próprias e quanto esforço exigem de nós. Depois de ouvir toda essa exposição, se se tratar, realmente, de um amante da sabedoria e se for dotado de natureza divina, além de revelar vocação para tais estudos, ficará maravilhado com o caminho apontado e no mesmo instante se decidirá a enveredar por ele e a não viver de outra maneira. Ao depois, avançando resolutamente e arrastando consigo o próprio guia, não se deterá antes de atingir a meta que

d se impôs ou de adquirir a capacidade necessária para conduzir-se sem o auxílio de ninguém. É nesse estado de espírito que tal homem vive; e até mesmo nas ocupações mais triviais, a todo instante e em quaisquer circunstâncias não se despega da filosofia, daquele gênero de vida que o deixara com o espírito sóbrio e capaz de aprender, boa memória e raciocínio lesto. O regime contrário ao seu lhe é simplesmente intolerável. Porém, os que não são verdadeiros filósofos e só receberam um verniz de opiniões superficiais, à maneira dos corpos queimados pelo sol,

e considerando a imensidade do que é preciso estudar e quanta aplicação se faz necessária, e que esse regime de vida cotidiano é o único adequado para semelhante empresa, concluem que tudo aquilo é muito difícil para eles, senão mesmo impossível,
341 a com o que acabam desistindo do estudo. Alguns chegam a convencer-se de que conhecem suficientemente a matéria e que daí em diante não precisarão esforçar-se. Essa é a mais certa e segura prova para as pessoas dadas aos prazeres e incapazes de qualquer esforço. Evidentemente, de nada poderão culpar o guia; queixem-se de si próprios, uma vez que se revelaram incapazes de levar avante os estudos preliminares.

Quanto ficou dito acima foi conversado com
b Dionísio, apesar de eu não lhe haver exposto toda a matéria nem ele ter exigido isso de mim. Dava-se ares de saber muitas coisas e de dominá-las, principalmente as mais importantes, por tê-las apanhado de ouvida com outras pessoas. Posteriormente, soube que chegara a escrever um tratado acerca das questões aprendidas comigo, que ele apresentava como trabalho original, não simples reprodução de conversa com estranhos. Mas, sobre isso nada posso dizer com segurança. O que sei, é que outros já escreveram a respeito de tais assuntos, porém gente de tanto valor que nem a si mesmo se conhece. O que estou em condições de afirmar
c de quantos escreveram e ainda virão a escrever com a pretensão de conhecer as questões com que me ocupo, quer as tenham ouvido de mim mesmo ou de outras pessoas, quer as descobrissem por esforço próprio, é que, no meu modo de pensar, eles não entendem nada de nada de todas essas questões. De mim, pelo menos, nunca houve nem haverá nenhum escrito sobre semelhante matéria. Não é possível encontrar a expressão adequada para problemas dessa natureza, como acontece com outros conhecimentos. Como conseqüência de um comércio prolongado e de uma existência dedicada à meditação
d de tais problemas é que a verdade brota na alma como a luz nascida de uma faísca instantânea, para depois crescer sozinha. Melhor do que ninguém tenho consciência de que somente eu poderia expor minhas idéias, de viva voz ou por escrito, como

também sou eu quem mais viria a sofrer, se a redação me saísse defeituosa. Se me parecesse necessário deixá-las ao alcance do povo, que poderia haver de mais belo na vida do que divulgar doutrinas tão salutares, e esclarecer os homens sobre a
e natureza das coisas? Porém, não acredito que de tais explicações advenha proveito para ninguém, com exceção de uns poucos que, com indicações sumárias, sejam capazes de descobrir sozinhos a verdade. Quanto aos outros, ou se encheriam de um desprezo imerecido e fora de propósito, com relação à filosofia, ou de esperança exagerada e fátua,
342 a como se tivessem aprendido verdade de importância transcendental. Aliás, a esse respeito precisarei ser mais explícito; com isso, talvez algumas questões se tornem compreensíveis. Há uma razão de peso, que não pode ser afastada por quem se dispuser a escrever seja o que for acerca de semelhantes questões, de que já tratei bastantes vezes, mas sobre o que me parece de necessidade insistir.

Para cada ser há três elementos que nos permitem conhecê-lo; o quarto é o próprio conhecimento,
b vindo a ser o quinto a coisa conhecida e que verdadeiramente existe. O primeiro é o nome; o segundo, a definição; o terceiro, a imagem, e o quarto, o conhecimento. Para melhor compreensão do que acabo de expor, tomai de um exemplo e depois o aplicai aos demais casos. Há o que se chama Círculo, cujo nome é precisamente o que acabamos de pronunciar. Vem a seguir a definição, composta de substantivos e verbos: o que tem sempre a mesma distância entre as extremidades e o centro; tal é a definição do que denominamos redondo, circunfe-
c rência, círculo. Em terceiro lugar, vem a forma que se desenha e apaga, ou que se fabrica no torno e pode ser destruída, enquanto o círculo em si mesmo, a que tudo isso se refere, nada sofre por ser de todo em todo diferente. O quarto é o conhecimento, a inteligência, a opinião verdadeira, relativa a esse mesmo objeto, que devemos englobar numa só classe e que não reside nem nos sons proferidos nem nas figuras materiais, porém nas almas, do que se torna manifesto que é de natureza diferente da do círculo em si mesmo e dos três modos indicados. De
d todos esses elementos, o que mais se aproxima do

quinto é a inteligência, por afinidade e semelhança; os demais estão muito afastados.

O mesmo vale para as figuras retilíneas ou as esféricas, as cores, o bem, o belo, o justo, os corpos fabricados pela natureza, o fogo, a água e tudo o mais do mesmo gênero, os seres vivos, as qualidades da alma e também as ações e paixões de
e toda espécie. Se não apreendermos, de um jeito ou de outro, esses quatro elementos, jamais alcançaremos o conhecimento perfeito do quinto. Acrescentemos que esses elementos pretendem exprimir, com a debilidade irremediável de nossa linguagem, não
343 a apenas as qualidades do ser, como também sua essência. Por isso mesmo, nenhuma pessoa de senso confiará seus pensamentos a tal veículo, principalmente se este for fixo, como é o caso dos caracteres escritos.

O exemplo anterior precisará ser bem compreendido. Cada círculo concreto, fabricado no torno ou simplesmente desenhado é cheio de tudo o que contraria o quinto, pois em todas as suas partes ele roça de leve na linha reta; mas o círculo em si mesmo, é o que afirmamos, não contém nem muito nem pouco da natureza contrária à sua. Declaramos
b outrossim, que nenhum desses nomes é fixo e que nada impede de darmos o qualificativo de retas às coisas que presentemente denominamos curvas, ou o de curvas às que chamamos retas, não vindo a ficar, com isso, os nomes menos fixos depois de trocarmos sua aplicação, pois cada uma passaria a significar precisamente o seu contrário. O mesmo é válido para a definição, por ser constituída de substantivos e verbos, em que nada há absolutamente firme. Ademais, poder-se-ia provar de mil maneiras diferentes a obscuridade desses quatro elementos; porém a mais convincente demonstração é a que mencionamos há pouco: como há dois princí-
c pios, a essência e a qualidade, o que a alma procura conhecer não é a qualidade, mas a essência. Ora, justamente o que cada um dos quatro elementos apresenta à alma, nos raciocínios e nos fatos, é o que ela não procura, e como tudo o que é expresso ou manifesto é facilmente refutável pelos sentidos, todo o mundo, por assim dizer, se enche de obscuridades e de incertezas. Nas coisas em que,

de regra, não procuramos a verdade, por motivo de educação viciosa, contentando-nos com a primeira imagem que se apresente, sem, com isso, cairmos
d no ridículo, ficamos em condições de responder aos que nos interrogam, pelo fato de rejeitarmos e contestarmos esses quatro elementos. Porém, quando, em nossa resposta, somos obrigados a nos referirmos ao quinto elemento, quem conhecer a arte de refutar basta querer para levar a melhor e convencer à maioria dos ouvintes que quem expõe sua doutrina por meio de discursos, de escritos ou de respostas, nada entende do que se propõe falar ou escrever. Mas, o que eles não sabem é que não é o espírito do escritor ou do orador que se refuta, senão a natureza de cada um dos quatro elementos, essen-
e cialmente defeituosa. É à força de considerá-los, subindo e descendo de um para outro, que se gera com muito trabalho no espírito naturalmente capaz, o conhecimento do que por natureza é certo. Mas, se as disposições naturais não forem boas, como é o caso da maioria das almas com o que diz respeito ao conhecimento do que denominamos costumes, ou
344 a se essas disposições estiverem corrompidas, gente assim nem o próprio Linceu deixará vendo. Numa palavra: quem lhe faltar afinidade com o objeto, a esse nada fará ver, nem memória excelente nem facilidade de espírito, pois a visão não se forma em condições desvantajosas. Por isso mesmo, nem os que não têm afinidade nem laços naturais com o justo e tudo quanto é belo, ainda que dotados de boa memória e facilidade de aprender, nem os que possuem essa afinidade porém são remissos para o estudo e de fraca retentiva: nem estes nem aqueles
b chegarão a aprender sobre a virtude e o vício toda a verdade que é possível conhecer. Porque é de necessidade forçosa aprender os dois ao mesmo tempo, a respeito do ser em universal: o falso e o verdadeiro, o que demanda tempo e trabalho, conforme disse no começo. Só depois de esfregarmos, por assim dizer, uns nos outros, e compararmos nomes, definições, visões, sensações, e de discuti-los nesses colóquios amistosos em que perguntas e respostas se formulam sem o menor ressaibo de inveja, é que brilham sobre cada objeto a sabedoria e o entendi-

mento, com a tensão máxima de que for capaz a
c inteligência humana.

Eis a razão de todo homem de senso abster-se de escrever sobre esses temas sérios e de expô-los à inveja e à incompreensão do público. Daí, podermos tirar a seguinte conclusão: quando vemos alguma composição escrita, ou seja de um legislador, a respeito de leis, ou de outro indivíduo sobre assunto diferente, é certeza não ter o autor levado muito a sério o seu trabalho, ainda mesmo que se trate de um sujeito grave, por haver ficado retido o pensa-
d mento na porção mais nobre de sua alma. Mas, se, de fato, o confiou à escrita, como coisa da mais alta importância, então, é que os humanos, não os eternos do Olimpo, fizeram que ele o juízo perdesse.

Quem acompanhou minha exposição e a competente digressão, concluirá sem dificuldade que se Dionísio ou alguém de maior ou menor capacidade escreveu algo acerca dos primeiros princípios da natureza, a meu ver nada do que ele expôs se baseia em lições suficientes ou num sadio autodidatismo. A não ser assim, ele se teria mostrado tão reverente como eu, para não dar a essas idéias uma publicidade descabida e fora de lugar. Outrossim, não as fixou na escrita para ajudar a memória,
e pois se trata de verdades que se não esquecem, uma vez apreendidas pelo espírito, já que tudo se resume em muito pouca coisa. Não; foi levado pela mais vil ambição que ele as redigiu, se é que chegou a fixá-las na escrita, quer apresentasse essa doutrina como original, quer como fruto de um aprendizado de que ele não era digno, por não dar o
345 a devido valor à fama que lhe adviria dessa participação. Se uma aula, apenas, bastava para Dionísio, não direi que não; mas, como foi possível tal coisa, itto Zeus, como diz o Tebano, só Zeus o saberá. Conforme já declarei, a respeito de tais assuntos só conversei com ele uma única vez, sem que nunca mais voltássemos a falar nisso. Quem tiver interesse de saber porque em tais circunstâncias as coisas se passaram precisamente desse modo, deverá considerar a razão de não conversarmos sobre semelhante
b tema nem a segunda ou a terceira vez nem nunca mais. Será que, depois de ouvir-me naquela ocasião, Dionísio achou que já bastava, e que, de fato, sabia

muito, por ter descoberto sozinho aquelas verdades ou aprendido com outros antes de mim? Terá, talvez, atribuído pouco valor a meus ensinamentos, ou então — seria essa a terceira hipótese a considerar — concluíra que tais noções não lhe convinham, por ultrapassarem de muito sua inteligência e não ser ele capaz de viver para a sabedoria e a virtude? Se julga insignificante minha doutrina, terá de haver-se com uma infinidade de testemunhos em contrário, juízes, em tais assuntos, de muito maior competência do que Dionísio. Se descobriu ou aprendeu com outros essas verdades e as considera in- c dicadas para a formação de uma alma livre, por que, então — a menos que se trate de um homem extraordinário — menosprezou com tamanha leviandade seu mestre e guia nesses assuntos? E como desfez em mim, é razão que vos exponha agora com mais particularidades.

Depois de todos esses fatos, sem maior perda de tempo, Dionísio, que até então havia deixado Dião no gozo pacífico de seus bens e de suas rendas, não permitiu que seus procuradores os enviassem para o Peloponeso, como se estivesse de todo esquecido de sua carta. Esses bens, argumentava, não pertencem a Dião, mas a seu filho, sobrinho dele, d Dionísio, de quem ele era, por conseguinte, tutor legal. Foi tudo o que aconteceu até aquela época. Diante de tais fatos, percebi claramente a que tendia o zelo de Dionísio para a filosofia, motivo de sobra para indignar-me, quer o quisesse quer não. Já começara a estação quente, época em que os navios se fazem ao mar. Refletindo no que se passara, achei que havia menos motivos de zangar-me com Dionísio do que comigo mesmo e todos os que e me obrigaram a enfrentar, pela terceira vez, o estreito de Cila,

e novamente passar por Caribde funesta.

Assim, determinei declarar a Dionísio que não me era possível continuar ali mais tempo, já que Dião fora tratado por maneira tão indecorosa. Dionísio procurou acalmar-me e instou para que eu ficasse, por imaginar que deporia contra seu prestígio deixar-me partir com notícias daquela natureza. Não

346 a conseguindo convencer-me, declarou que ele mesmo cuidaria da viagem. Eu pensava em fazer a travessia num cargueiro; achava-me profundamente irritado e disposto a tudo enfrentar se me criassem dificuldades, visto não haver cometido crime algum e ser o único prejudicado. Vendo que nada me demovia do propósito de partir, imaginou a seguinte traça para reter-me durante aquela temporada. Na manhã seguinte a essa prática, me

b dirigiu um discurso capcioso: Que entre mim e ti, me falou, não haja esse obstáculo de Dião e seus interesses, causa de tão freqüentes desentendimentos entre nós dois. Em consideração à tua pessoa, pretendo conceder a Dião a seguinte regalia: depois de ele reentrar na posse de seus bens, convidá-lo-ei a residir no Peloponeso, não na qualidade de exilado, mas com o direito de voltar para cá logo que todos estivermos de acordo: eu, ele e vós outros, seus amigos. Mas, isso só se dará se ele não conspirar. Servireis de fiadores nesse caso, tu e os teus e os parentes de Dião aqui residentes, competindo-lhe dar-vos a caução necessária. O di-

c nheiro que ele receber será entregue nas mãos de quem determinardes, no Peloponeso ou em Atenas. Dião fruirá das rendas, porém não poderá dispor do capital sem vossa anuência. Não confio muito nele, para admitir que me seja leal no uso que vier a fazer de tamanha fortuna; sim, porque se trata de uma soma nada desprezível. Só tenho confiança em ti e nos teus. Vê se estás de acordo com isso; fica conosco mais este ano, sob essa con-

d dição, para viajares na estação próxima, levando contigo todo o seu capital. Tenho certeza de que Dião ficará satisfeito por me fazeres isso em atenção à sua pessoa.

Essas palavras me aborreceram sobremodo; todavia, respondi que ia pensar e no dia seguinte lhe comunicaria o que decidisse. Foi o que combinamos. Depois de ficar só, voltei a considerar o assunto na maior perplexidade. Nesse estado de espírito, foi esta a primeira reflexão a que me en-

e treguei: Ora bem! Se Dionísio não tem a menor intenção de cumprir essas promessas, e, após a minha partida, escrever a Dião uma carta astuciosa, mandando que o mesmo façam seus asseclas, com

o relato daquelas condições, a fim de convencê-lo de que ele, Dionísio, tinha as melhores intenções a seu respeito, mas que eu repeli todas as propostas, por não me interessarem absolutamente os negócios de Dião, e se, além do mais, não me deixar

347 a partir, não por dar ordem expressa nesse sentido aos comandantes de navio, porém insinuando claramente que eu viajo contra sua vontade, haverá um, sequer, que me aceite como passageiro, quando eu deixar o palácio de Dionísio? Para cúmulo do azar, hospedei-me no jardim anexo ao palácio, de onde o porteiro não me permitiria sair sem ordem de Dionísio. Se eu ficar mais um ano, poderei escrever a Dião contando o que houve e quanto me

b esforcei, e se Dionísio cumprir alguma parte de suas promessas, não será tão ridículo ter procedido como procedi, pois a fortuna de Dião, numa avaliação muito baixa, talvez suba a cem talentos. Mas, se as coisas tomarem o caminho que prevejo, como é provável que aconteça, não sei como decidir-me. Assim como assim, será preciso ter paciência mais um ano e aguardar os acontecimentos para desmascarar as manhas de Dionísio.

Feitas essas reflexões, na manhã seguinte apresentei a Dionísio minha resposta: resolvera ficar.

c Porém te peço, continuei, que não me consideres procurador de Dião; enviemos-lhe uma carta para notificá-lo do que decidimos acerca de sua situação e perguntar se ele está de acordo com tudo; e, no caso de ocorrer-lhe alguma modificação, escreva-nos o mais cedo possível; mas, até lá não faças nenhuma inovação dos seus negócios.

Foi isso que conversamos e ficou assentado, mais ou menos nesses termos. Daí a pouco, partiram todos os navios, o que definitivamente me privou da possibilidade de viajar. Só depois disso

d foi que lembrou a Dionísio comunicar-me que Dião tinha direito apenas à metade daqueles bens; a outra metade era do filho. Acrescentou que iria vender tudo e me entregaria metade do que apurasse, para que eu a enviasse para o dono; a outra metade ele reteria para o menino. Seria esse o arranjo mais equitativo. Atordoado com tal comunicação, considerei ridículo objetar fosse o que fosse, havendo,

no entanto, declarado que achava melhor aguardar a resposta de Dião e depois voltar a escrever-lhe nesse sentido. Mas, sem a menor responsabilidade, e pôs-se Dionísio a vender os bens de Dião por qualquer preço e a quem bem lhe pareceu, sem nunca mais trocar palavra comigo a respeito de tal assunto. Do meu lado, também, não voltei a falar-lhe nos negócios de Dião, convencido da inutilidade dos meus esforços.

Foi assim que até aquela data eu trabalhei em prol da filosofia e dos meus amigos. A partir de 348 a então, vivemos, eu e Dionísio, da seguinte maneira: eu, olhando para fora, como passarinho impaciente de escapar da prisão; Dionísio, excogitando algum meio de acalmar-me, porém sem me entregar a menor parcela dos bens de Dião. E contudo, a Sicília inteirinha nos tinha na conta de grandes amigos.

Neste comenos, Dionísio tentou abaixar o soldo dos mercenários mais antigos no serviço, contrariando nisso os dispositivos paternos. Furiosos, os soldados promoveram uma reunião para impedir que tal medida fosse posta em prática. Dionísio b tentou recorrer à força, mandando fechar as portas da Acrópole, porém eles logo se atiraram contra as muralhas, entoando uma espécie de peã bárbaro e guerreiro, o que infundiu tamanho pavor ao tirano que, no mesmo instante, concedeu não apenas o que eles pediam como tornou extensivo o aumento aos peltastas que haviam feito causa comum com os reclamantes. Na mesma hora espalhou-se o boato c de que Heráclides fora o inspirador daquela agitação. Vindo Heráclides a saber do que se falava, retraiu-se e se escondeu. Desejando prendê-lo, e sem saber como proceder, Dionísio chamou Teodoto ao seu jardim, onde por acaso eu passeava. Ignoro o que falaram antes, por não ter ouvido o começo da conversa; porém ainda me lembro muito bem do que Teodoto disse a Dionísio na minha presença.

Platão, me falou, estou tentando demonstrar a Dionísio a conveniência de trazer para aqui Heráclides, a fim de responder às acusações levantadas recentemente contra ele; e se Dionísio achar que ele não pode continuar na Sicília, consinta ao menos d no seu embarque para o Peloponeso com a mulher e o filho, onde passará a residir, sem nada tentar

contra Dionísio e no pleno gozo de sua fortuna. Já mandei recado nesse sentido para Heráclides e vou insistir mais uma vez, com a esperança de ser bem sucedido numa dessas tentativas. E no caso de Heráclides vir a ser preso, na campanha e ou mesmo aqui, rogo e suplico a Dionísio não lhe infligir nenhum castigo, além do de retirar-se do país, até que Dionísio mude de parecer. Concordas com isso? concluiu, dirigindo-se a Dionísio.

Concordo, respondeu; ainda mesmo que ele seja encontrado perto de tua casa, não sofrerá nenhum incômodo, além do que acabamos de combinar.

Porém na tarde do dia seguinte, Euríbio e Teodoto me procuraram muito assustados, tendo falado Teodoto: Platão, me disse, não foste testemunha, ontem, do que Dionísio prometeu, a mim e a ti, com relação a Heráclides? Como não? lhe falei. Pois agora, continuou, os peltastas o procuram por toda a parte, havendo probabilidade de que ele se encontre nas imediações. Precisas acompanhar-nos, de qualquer jeito, para falarmos com Dionísio.

349 a Pusemo-nos logo a caminho e fomos recebidos pelo tirano. Os outros dois se conservaram de pé, com os olhos marejados de lágrimas; eu, porém, lhe falei: Meus companheiros receiam que tomes certas medidas contra Heráclides, em contrário do que prometeste ontem. Consta que ele foi visto nas imediações.

A essas palavras Dionísio se inflamou, chegando a mudar de cor, como se dá com quem se encoleb riza. Teodoto lançou-se-lhe aos pés, e segurando-lhe a mão, a chorar, pediu que não fizesse tal coisa. Para animá-lo, lhe falei: Dionísio não pensa em fazer nada em contrário do que nos prometeu ontem.

E este, lançando para mim aquele olhar de tirano: Nunca fiz promessa a ninguém, me gritou; nem grande nem pequena. Sim, pelos deuses, respondi-lhe; precisamente a respeito do que este aqui te pede que não faças. Assim dizendo, dei-lhe as c costas e me retirei. Daí em diante, ele se empenhou na caça de Heráclides; porém Teodoto mandou insistentes recados a este último, aconselhando-o a fugir. Dionísio pôs Tísias no seu encalço, com um corpo

de peltastas; mas Heráclides se lhes antecipou, segundo dizem, de uma pequena fração do dia, e passou-se para Cartago.

Depois desse incidente, achou Dionísio que sua irritação contra mim lhe fornecia pretexto plausível para executar seu antigo plano de não restituir os bens de Dião, tendo começado por expulsar-me d da Acrópole, sob o pretexto de que as mulheres iriam fazer um sacrifício de dez dias no jardim em que eu morava. Determinou que eu passasse fora essa temporada, em casa de Arquedemo. Quando me encontrava lá, Teodoto mandou chamar-me, revelando-se indignado com tudo o que havia acontecido, e se queixou amargamente de Dionísio. Este soube que eu estivera em casa de Teodoto, no que descobriu novo motivo para desentender-se comigo, e irmão gêmeo do primeiro, tendo logo mandado alguém perguntar-me se eu, realmente, visitara Teodoto a chamado deste. Sem dúvida, respondi. Sendo assim, continuou o emissário, ele manda dizer que procedeste muito mal, por dares mais importância a Dião e seus amigos do que a ele. Depois desse recado, nunca mais me reconduziu para o palácio, como se daí em diante fosse caso resolvido que eu era amigo de Teodoto e de Heráclides e inimigo dele. Ademais, tinha certeza de que eu não podia, em absoluto, ser afeiçoado a uma pessoa que delapidara os bens de Dião. A partir desse 350 a momento, passei a residir entre os mercenários, fora da Acrópole. Nessa ocasião, recebi muitas visitas, entre outras as de alguns fâmulos, meus compatriotas, originários de Atenas, que me revelaram como eu estava sendo caluniado entre os peltastas, os quais ameaçavam matar-me, se chegassem a apanhar-me vivo. Para salvar-me, imaginei a seguinte traça: mandei informar a Arquitas e a outros amigos de Tarento a situação em que me encontrava. b Assim, sob o pretexto de uma embaixada oficial, eles enviaram um barco de trinta remos, da qual fazia parte Lamisco, que desde a chegada intercedeu a meu favor junto de Dionísio, declarando-lhe que eu desejava partir e pedindo que ele não se opusesse à minha determinação. Concordou imediatamente e me deu dinheiro para a viagem; quanto aos bens de

Dião, nem reclamei coisa alguma nem ele me deu nada.

Chegando ao Peloponeso, estive com Dião em Olímpia, por ocasião dos jogos, e lhe contei o que se passara. Tomando Zeus como testemunha, na c mesma hora concitou-me e a meus amigos e parentes a nos vingarmos de Dionísio; no nosso caso, por haver Dionísio violado as leis da hospitalidade — foi como qualificou sua conduta — e no dele, Dião, pela injustiça de seu exílio e banimento. Depois de ouvi-lo, deixei-o à vontade para convidar os meus amigos que quisessem acompanhá-lo; mas, quanto a mim, lhe falei, tu e outros, de algum modo me forçaram a participar da mesa, da casa e dos sacrifícios de Dionísio; este, embora chegasse a acreditar no que diziam os caluniadores, que eu conspirava contigo para derrubá-lo e ao seu governo, d teve escrúpulos de mandar matar-me. Já não estou em idade de associar-me com quem quer que seja numa campanha militar; de preferência, servirei como elemento de ligação entre ambos, no caso de desejardes reatar essa amizade e de vos decidirdes por algo bom; mas, enquanto só pensardes em maldades, procurai outra pessoa.

Assim lhe falei, ainda sob a impressão desagradável de minha falta de sorte e da peregrinação aventurosa pela Sicília. Porém eles não me escutaram e repeliram minhas tentativas de reconciliação, tornando-se, assim, culpados de todas as desgraças de que eles próprios foram, a um tempo, e causadores e vítimas. Se Dionísio houvesse restituído os bens de Dião ou se se reconciliasse com ele, nada daquilo teria acontecido, dentro das previsões humanas; fora-me fácil conter Dião e aconselhá-lo para o bem. Mas, atirando-se um contra 351 a o outro, como fizeram, só semearam desastres por toda a parte.

Quanto a Dião, era animado de bons desejos, posso assegurá-lo, tanto quanto eu ou qualquer pessoa de senso; relativamente a seu estado, seus amigos e a própria cidade, só aspirava ao poder e às honrarias para espalhar benefícios às mancheias. Ora, não é essa a conduta de quem se enriquece e deixa ricos seus amigos e a pátria, conspirando e aliciando conjurados quando é pobre e incapaz de

dominar-se, e que na sua fraqueza se deixa vencer facilmente pelas paixões e mata indiscriminadamente os cidadãos de posse a que chama de inimigos, dilapida-lhes os bens e concita os companheiros e auxiliares a fazerem o mesmo, para que nenhum venha a atirar-lhe em rosto sua pobreza. O mesmo é válido para quem a cidade honra como a benfeitor, por decretar a distribuição pelo povo dos bens de uns poucos cidadãos, ou o que, à frente de uma grande cidade, senhora de outras de menor importância, atribui à sua os bens das cidades menores, em detrimento da justiça. De caso pensado, nem Dião nem ninguém procuraria alcançar o poder que chamasse uma maldição eterna sobre ele próprio e seus descendentes; só ambicionava implantar nova constituição e leis melhores e mais justas, com o menor número possível de execuções ou penas de banimento.

b

c

Com esse plano de ação, Dião preferiu ser vítima de injustiça a cometê-la, e muito embora tomasse suas precauções, tropeçou quando já estava quase no ponto de vencer os adversários, o que não é de admirar. Um homem pio, prudente e refletido nunca se engana de todo acerca do caráter de tais homens, não sendo de estranhar que com ele tenha acontecido como com o piloto hábil, que, embora anuncie tempestade iminente, não prevê sua violência descomunal e em todo o ponto inesperada, vindo, assim, fatalmente a perecer. A derrota de Dião dependeu desse pouquinho: é certeza haver reconhecido a malícia dos que o derrubaram; porém não soube calcular nem a profundidade de sua cegueira nem a extensão da cobiça e da maldade dos homens. Morreu por haver errado, e com a sua morte cobriu a Sicília de luto infinito.

d

e

352 a Já vos disse quase tudo o que pretendia dizer nesta exposição, e é quanto basta. Se voltei a falar de minha segunda viagem à Sicília, foi porque me pareceu necessário relatá-la, em virtude da estranheza e inverossimilhança das interpretações que por aí correm a seu respeito. Se vos parecer razoável minha explicação e satisfatório o relato de tais ocorrências, considerarei também razoável e suficiente a presente exposição.

OITAVA CARTA

352 b Platão aos parentes e amigos de Dião. Felicidades.

Como devem ser vossos sentimentos para que alcanceis a felicidade, é o que tentarei expor do melhor modo possível. Espero dar bons conselhos; e, conquanto vos sejam dirigidos em particular, c também o são aos siracusanos e até mesmo a vossos adversários e inimigos, com exceção de quem houver cometido ato sacrílego, por ser falta imperdoável de que jamais ninguém se purifica. Prestai a máxima atenção ao que vou dizer.

Derrubada a tirania, em toda a Sicília a luta, agora, cifra-se no seguinte: enquanto uns desejam retomar o poder, outros se esforçam por suprimir, de vez, a tirania. Em situações como essa, o único d conselho do agrado das multidões é fazer todo o bem aos amigos e o maior mal possível aos inimigos. Porém não é fácil causar muito mal aos outros, sem, de retorno, sofrer também as conseqüências. Não é preciso ir muito longe para reconhecer essa verdade, bastando considerar o que ora se passa na Sicília, em que uns se encontram na ofensiva, enquanto outros procuram repelir os atacantes. Só e com relatardes a outras pessoas semelhantes fatos, vos tornareis excelentes professores. Exemplos não faltam. Mas, o que seja preciso fazer para tornar-se útil tanto aos amigos como aos inimigos, ou causar a todos o menor mal possível, eis o que não é fácil perceber, nem, depois de visto, realizar. Um conselho desse tipo ou a simples tentativa de explicação será 353 a mais propriamente um voto piedoso. Pois que seja isso mesmo, um voto piedoso — já que em todos os discursos e pensamentos devemos sempre começar pelos deuses — e que venha a positivar-se logo, com inspirar-nos as seguintes reflexões.

Desde o começo da guerra, domina-vos, e em parte também a vossos inimigos, uma única família, que vossos pais instalaram no poder, quando se encontravam em extrema dificuldade e a Sicília helênica se viu na iminência de ser devastada pelos catargineses e reduzida à barbárie. Tal fato os b levou a escolher Dionísio, moço de espírito guer-

reiro, para dirigir as operações militares que tão bem condiziam com seus talentos. Na qualidade de conselheiro e auxiliar mais idoso, deram-lhe Hiparino e conferiram a ambos, para a salvação da Sicília, poderes ditatoriais. Se a salvação foi devida ao favor divino ou apenas da Fortuna ou simplesmente da capacidade dos generais, e talvez mesmo da reunião desses dois fatores, secundados pela cooperação dos cidadãos daquele tempo, é o que cada um tem a liberdade de explicar como en-
c tender. O fato é que foi salva aquela geração, sendo, pois, de inteira justiça que vos mostreis reconhecidos a vossos libertadores. É verdade que a tirania não usou como devia a dádiva da cidade; Mas, em parte já pagou por isso e em parte continua a sofrer.

Na presente situação, qual seria a pena necessariamente justa a lhes ser aplicada? Se vos fosse possível ficar livres deles sem trabalhos nem perigo de morte, ou se eles pudessem reconquistar o poder sem maiores dificuldades, seriam fora de propósito as considerações que seguem. Para o momento, o
d que importa é terdes presente ao espírito e vos lembrardes sempre quantas e quantas vezes ambos os partidos chegaram a imaginar que faltava um nada para conseguir o que todos ambicionavam, mas que esse pouquinho, até ao presente, foi causa de um sem-número de desgraças, pois sempre o que parece ser o fim de um mal antigo se prende ao começo de outro mal, ameaçando esse encadeamento
e destruir não apenas o partido da tirania como também o da democracia. Se tal calamidade, tão provável quanto de lamentar, vier a concretizar-se, podemos ter como certo o fim da língua grega na Sicília, por ficar esta sob o domínio e o império dos fenícios e dos ópicos. Por isso, os helenos precisam envidar esforços para descobrir o remédio apropriado. Se alguém conhecer algum melhor e mais eficaz do
354 a que o adiante exposto, apresente-o à vossa apreciação, para ser proclamado, com inteira justiça, amigo dos helenos.

Procurei mostrar-vos com toda a lealdade, em linguagem imparcial e justa, como vejo a presente conjuntura. De alguma forma, falo como árbitro que se dirige a partidos antagônicos: o que exerceu a tirania e o que lhe sofreu as conseqüências, e,

considerando cada um deles como único, apresento-lhes o conselho há muito formulado. Agora mesmo, concitaria os tiranos a evitar, de todo o jeito, o nome e a coisa, e, se possível, transformar seu governo em realeza. E tanto é de razão o que peço, que isso mesmo já o demonstrou com os fatos um varão
b sábio e virtuoso: Licurgo. Ao perceber que seus parentes de Argos e de Messena haviam transformado a realeza em poder despótico e causado, de lado a lado, sua própria ruína e a da cidade, preocupado com o destino da pátria e da família apresentou como remédio a instituição do senado a que associou o laço moderador dos éforos. Desse modo assegurou
c gloriosamente a salvação do poder real durante tantas gerações, por ser a lei que se tornou rainha e soberana dos homens, não o homem, tirano das leis.

Eis o que meu discurso recomenda a todos vós: aos partidários da tirania, afastar-se e fugir com o maior empenho daquilo que os indivíduos insaciáveis e faltos de senso consideram felicidade, esforçar-se por passar desse regime para a forma monárquica e submeter-se a leis soberanas, não aceitando as honrarias supremas senão quando oriundas da
d vontade dos homens e das leis. Para os que se batem por um regime de liberdade e fogem do jugo da servidão como de um mal, aconselho a se acautelarem, para que o desejo imoderado de uma liberdade inoportuna não os faça cair na doença de seus antepassados, originada da anarquia então reinante e conseqüência do amor exagerado de liberdade. Antes do governo de Dionísio e de Hiparino, os sículos viviam bem, segundo criam, naquele regime de dissipação, em que todos mandavam em seus
e próprios comandantes. Chegaram, até, a lapidar, sem julgamento legal, os dez generais que governavam antes de Dionísio, só para mostrar que eram livres e que não obedeciam a nenhum senhor, ainda mesmo que este fosse justo e governasse com o apoio das leis. Foi assim que conheceram a tirania. Em excesso, tanto é um grande mal a servidão como a liberdade; moderadas, inestimável bem. Na medida
355 a justa, o homem é servo de Deus; sem regra, escravo dos homens. Deus é a lei para os homens sensatos; a dos insensatos é o prazer. E, uma vez que

tudo é assim por natureza, concito os amigos de Dião a transmitir estes conceitos aos siracusanos em geral, como se partissem de mim e dele ao mesmo tempo. Meu papel será de simples intérprete do que ele vos exporia, se estivesse vivo e vos dirigisse a palavra. E que nos dirá, talvez perguntem, o conselho de Dião acerca dos acontecimentos do nosso tempo? O seguinte.

Antes de tudo, siracusanos, aceitai leis que vos
b pareçam inadequadas para orientar vossos pensamentos e vossos apetites na direção do ganho e da riqueza. Havendo três bens a considerar: a alma, o corpo e também a riqueza, concedei preeminência à virtude da alma; em segundo lugar, à do corpo, que está abaixo daquela virtude; e em terceiro e último às riquezas, feitas para servir o corpo e a alma. Uma instituição que impusesse tal ordem,
c faríeis bem em adotá-la, por deixar verdadeiramente felizes os que a ela obedecessem. Chamar de felizes os ricos é uma expressão funesta em si mesma, linguagem insensata de mulheres e crianças, que deixa insensatos os que nela acreditarem. Eis a verdade que vos aconselho, e se tentardes pôr em execução quanto vos disse a respeito das leis, convencer-vos-ei pelos próprios fatos que para todas as coisas a melhor pedra de toque é a experiência.

d Depois de receberdes essas leis, visto perigar a Sicília e não serdes nem vencedores completos nem vencidos ao último extremo, seria justo e vantajoso para todos que escolhêsseis um meio-termo, tanto para os que querem evitar um governo despótico, como para os que aspiram a reconquistar o poder inaugurado por seus antepassados, que muito fizeram com salvar os helenos do domínio dos bárbaros. Graças a eles, podeis agora discorrer acerca do valor das constituições. Se naquela ocasião eles tivessem sido dominados, não vos restaria neste momento nem discussão nem esperança de qualquer espécie. Aceitem, pois, uns tantos a liber-
e dade sob a forma de governo real, enquanto outros exercerão esse poder responsável, com leis que comandem soberanamente os cidadãos e os próprios reis, no caso de praticarem estes qualquer ato arbitrário. Para organizar tudo isso, sem dolo e com espírito sadio, invocada a ajuda dos deuses elegei

como rei, em primeiro lugar a meu filho, por dupla consideração, a mim e a meu pai; foi este

356 a quem, no passado, livrou dos bárbaros a cidade, enquanto eu, no presente, por duas vezes vos livrei da tirania, como vós mesmos podeis certificar. Depois, como segundo rei, o que tem o mesmo nome de meu pai e é filho de Dionísio, em virtude do auxílio que vos presta agora e de sua conhecida retidão de caráter. Conquanto provenha de um tirano, empenha-se na libertação da cidade, com o que adquire honra em vez de uma tirania efêmera, tanto para ele como para toda sua geração. Em terceiro lugar, será preciso chamar para a realeza de Siracusa, por sua vontade e com a anuência do

b povo, a Dionísio filho de Dionísio, o atual comandante das forças inimigas, no caso de resolver-se a adotar a forma monárquica, de medo da inconstância da fortuna e reverência à pátria, aos túmulos e templos abandonados, e a fim de que sua ambição não ponha tudo a perder, para maior alegria dos bárbaros. Havendo três reis, quer confirais a todos eles o poder dos reis da Lacedemônia, quer entreis em acordo para cercear algum tanto sua

c autoridade, estabelecei-os da seguinte maneira, conforme já expliquei noutro lugar. Se, para o bem da Sicília, a família de Dionísio e de Hiparino quiser pôr termo aos males presentes, com aceitar dignidades para eles e sua geração, agora e no futuro, convocai sob as condições expostas os senadores que eles apontarem, com plenos poderes para tratar da reconciliação, ou sejam nativos ou estrangeiros,

d ou, ainda, das duas procedências e em número que achardes conveniente. Ao chegarem, cuidarão, em primeiro lugar, de legislar e promulgar uma constituição que conferirá aos reis, como convém, a alta direção do culto e de tudo o que de direito cabe a antigos benfeitores. Para comandar no tempo de guerra e no de paz, será preciso criar guardas das leis, em número de trinta e cinco, de acordo com o povo e o senado. Diversos tribunais tratarão dos diferentes assuntos, só cabendo, porém, aos trinta e cinco julgar os casos de pena de morte ou de exílio. A esses, serão associados juízes, tirados sempre dos magistrados dos anos anteriores, um

e de cada magistratura, e sempre o melhor e mais

justo, na opinião geral. Eles todos é que no ano subseqüente julgarão os processos que envolvam pena de morte ou exílio. Não será permitido aos reis funcionar em semelhantes processos, pois, na qualidade de sacerdotes, terão de estar puros de
357 a crimes de morte, de prisão e de exílio.

Tais são os planos que durante a vida inteira pretendi realizar em vosso benefício e que ora vos entrego. Depois de haver, com vossa ajuda, triunfado de meus inimigos, se as Erínias, sob a figura de hóspedes, não o tivessem impedido, sem dúvida teria levado a bom termo esses projetos e, logo depois, vindo a coroar os meus desígnios, passaria a colonizar toda a Sicília e a expulsar os bárbaros que presentemente a ocupam e não combateram pela
b liberdade comum contra a tirania, bem como teria reconduzido para as moradas de seus pais os primitivos habitantes das regiões helênicas. Hoje ainda vos aconselho a adotar e pôr em prática esses mesmos planos; estimulai-vos uns aos outros nesse sentido, devendo ser olhado como inimigo público quem se eximir a tal obrigação. Nada é impossível. O que duas almas concebem e à reflexão se apresenta como o melhor partido, só será impossível para
c quem não estiver são do juízo. Com a expressão Duas almas, refiro-me a Hiparino, filho de Dionísio, e a meu próprio filho. Uma vez que eles se declarem de acordo, ficarão de seu lado os demais siracusanos, digo, quantos se preocupam com o bem-estar de Siracusa. Oferecei, pois, aos deuses preces, bem como a todos que convém homenagear, depois dos deuses; e, a seguir, insisti amigavelmente e sem desânimo junto de vossos adversários
d e de vossos amigos, até que nossas palavras, à maneira de um sonho divino que se vos apresentasse no estado de vigília, se mudem para vós na mais feliz e promissora realidade.

NONA CARTA

Platão a Arquitas de Tarento. Felicidades.

Aqui chegaram Arquipo, Filônides e seus acom-
e panhantes com a carta que lhes confiaste e notí-

cias verbais a teu respeito. Terminaram felizmente os assuntos da cidade, mesmo porque não havia nenhuma complicação a resolver. Depois me falaram do teu aborrecimento, por não poderes livrar-te da maçada dos negócios públicos. É certo; compreende-se que não há nada tão agradável como ocupar-

358 a -se um com seus próprios interesses, principalmente quando se pode escolhê-los, como é o teu caso. É mais do que claro. Porém, deves considerar que nenhum de nós nasceu apenas para si mesmo; a pátria reclama uma boa porção de nossa vida; outra, os parentes; outra, ainda, os amigos, mas alguma coisa sempre fica dependente de circunstâncias ocasionais. Quando a pátria manda que nos

b ocupemos com seus assuntos, não ficaria feio fazermo-nos desentendidos? Desse modo, só facilitaríamos o acesso de gente desclassificada, que não se aproxima dos negócios públicos com boas intenções. Sobre isso, basta. No que se refere a Equécrates, ocupo-me presentemente com ele, como não deixaremos de fazer no futuro, não apenas por consideração à tua pessoa e à de seu pai Frinião, como à do próprio mancebo.

DÉCIMA CARTA

358 b Platão a Aristodoro. Felicidades.

c Ouço dizer que és, como sempre foste, um dos mais íntimos amigos de Dião, e que revelas disposição promissora para os estudos filosóficos. Sim, firmeza, lisura, fidelidade, eis o que, a meu parecer, define o verdadeiro amante da sabedoria. Os demais conhecimentos e habilidades que visam a fins diferentes, creio defini-los à justa com lhes dar o nome de meros adornos. Passa bem e persevera na orientação que te traçaste.

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

358 d Platão a Laodamante. Felicidades.

Já te comuniquei por carta que para os assuntos de que me falaste é imprescindível tua vinda a Atenas. Mas, uma vez que declaras não ser isso possível, o segundo recurso seria ir eu mesmo, ou e Sócrates, conforme sugeriste. Porém Sócrates está sofrendo de estranguria. Quanto a mim, seria decepcionante desembarcar aí sem possibilidades de levar a bom termo o empreendimento a que me concitas. Ora, acontece que eu não alimento grandes esperanças de êxito. Para explicar-te tudo com minúcias, precisaria escrever uma carta mais longa. De resto, em minha idade não conto com a resistência física necessária para arrostar os perigos de terra e do mar; hoje em dia, os caminhos só oferecem peri- 359 a gos aos viajantes. E contudo, posso dar-te conselhos e aos colonizadores.

Dito por mim, parece muito simples, segundo aquilo de Hesíodo; mas, em verdade é bastante difícil de conceber. Pois, imaginar que basta promulgar leis, sejam elas quais forem, para haver bom governo, sem alguém com autoridade para cuidar dia por dia do regime de vida dos cidadãos, tanto os servos como os homens livres, é engano manifesto. Só se alcançará semelhante desiderato, se houver al- b guém à altura do poder. Mas, se necessitardes de quem vos forme o caráter, sou de opinião que não achareis entre vós outros nem mestres nem discípulos; só vos resta o recurso de invocar a ajuda dos deuses. Foi mais ou menos desse modo que as primeiras cidades se formaram, para depois serem bem dirigidas e governadas, quando acontecimentos importantes, ou fosse campanha militar ou de outra natureza, criaram condições propícias para o surgimento de algum varão de prol revestido de auto- c ridade ilimitada. Enquanto isso não acontece, refleti em minhas palavras, como vos cumpre e é preciso. Considerai o problema tal como vo-lo apresento, sem imaginardes levianamente que é fácil realizar seja o que for. Felicidades.

DÉCIMA SEGUNDA CARTA

359 c Platão a Arquitas de Tarento. Felicidades.

Com indizível satisfação recebemos os escritos d que nos enviaste, cujo autor nos despertou a mais viva admiração. Pareceu-nos varão digno de seus longínquos antepassados. Segundo contam, eram gente de Mira, do número dos troianos que deixaram a pátria sob o comando de Laomedonte, todos eles varões de bem, conforme reza a tradição. Quanto aos escritos a que te referes em tua carta, carecem da última demão; todavia, eu tos enviarei exatamente como se encontram. A respeito do cuidado e com que devem ser guardados, pensamos do mesmo modo, não havendo, pois, necessidade de insistir sobre esse ponto.

(Contesta-se que seja de Platão)

DÉCIMA TERCEIRA CARTA

360 a Platão a Dionísio, tirano de Siracusa. Felicidades.

Que este começo de carta também sirva de penhor de que eu sou o que te escrevo. No dia do banquete por ti oferecido aos jovens lócrios estavas reclinado longe de mim; mas, num dado momento te levantaste, vieste para o meu lado e me dirigiste um cumprimento extremamente amável. Pelo menos, assim me pareceu e a meu vizinho — rapaz b de fina educação — que, então, te interpelou: Vê-se, Dionísio, que lucraste bastante com Platão no terreno da sabedoria. Ao que lhe respondeste: E em muitas coisas mais; comecei a lucrar desde o convite que lhe fiz e pelo próprio fato de convidá-lo. Ora bem; conservemos sempre essa disposição, para que só venha a crescer o proveito que um retira do outro. É nesse sentido que hoje te envio alguns escritos pitagóricos e as Divisões, bem c como o homem de que falamos naquela ocasião, o qual tu e Arquitas, pelo menos, se porventura Arquitas te visitar, podereis ocupar em muitas oportunidades. Chama-se Helicão, é natural de

Cízico e discípulo de Eudoxo, cujas doutrinas ele conhece a fundo. Além disso, freqüentou as aulas de um dos discípulos de Isócrates e as de Políxeno, discípulo de Brisão. Ademais — particularidade muito rara, sem dúvida — é de presença agradável
d e parece não ser de mau caráter, porém doce e afável. Digo isso com algumas ressalvas, porque falo de um homem, e o homem é um animal, não direi ruim de todo, porém muito inconstante, excetuados alguns poucos em circunstâncias excepcionais. Com medo, pois, e um tanto desconfiado foi que o estudei em vários encontros e procurei informar-me a seu respeito junto de seus próprios concidadãos, não havendo ninguém que não fizesse boas ausências dele. Observa-o também e toma tuas precauções.
e Mas, se tiveres tempo disponível, instrui-te com ele sem descurar-te da filosofia. Não sendo isso possível, incumbe alguém de assistir suas aulas, com quem depois conversarás mais de espaço, para tornar-te melhor e conquistar alto nome. Desse jeito lucrarás alguma coisa por meu intermédio. Sobre isso, basta.

361 a Quanto aos objetos que me encomendaste por carta, o Apolo que Léptines te leva foi feito a meu pedido por um artista jovem de muito talento, de nome Leócares. Havia também na sua oficina outra peça que me pareceu bem trabalhada: comprei-a com a intenção de oferecê-la à tua mulher, que sempre cuidou de mim, na doença e na saúde, por maneira digna de mim e de ti. Oferece-lha em meu nome, se não fores de outro parecer. Envio também uma dúzia de jarras de vinho doce para teus filhos,
b e dois potes de mel. Chegamos depois da época dos figos; as bagas de mirto apodreceram no depósito. De outra vez, tomaremos mais cuidado. Léptines te dirá como vão as plantas.

O dinheiro para todas essas compras e o destinado para o pagamento de impostos na cidade pedi emprestado a Léptines. Além de ser verdade, por parecer-me justo, contei-lhe que me pertencia a soma aplicada no navio de Lêucade, mais ou menos
c dezesseis minas. Recebi dele essa importância, gastei-a comigo e na compra dos objetos que ora te envio. Com relação a recursos, ouve em que pé estão

os capitais que eu e tu dispomos em Atenas. Conforme já escrevi, usarei de teu dinheiro como faço com o de outros amigos, isto é: retiro o menos possível, apenas o indispensável e que me pareça justo e conveniente para mim e para quem mo empresta.

d Nesta data minha situação é a seguinte: tenho comigo quatro filhas de minhas sobrinhas, daquelas que faleceram na época em que recusei a coroa, apesar de tuas instâncias nesse sentido. A primeira está em idade de casar; a segunda já fez oito anos; e a última tem menos de um ano. É minha obrigação providenciar, com a ajuda dos parentes, o dote das que se casarem enquanto eu estiver vivo; com as outras não me preocupo. Também não precisarei pensar no dote daquelas cujos pais vierem a ficar mais ricos do que eu. Mas, por enquanto sou eu o

e mais abastado, como fui eu, também, quem dotou as mães delas três, juntamente com Dião e outros. Uma vai casar-se com Espeusipo, seu tio materno; não precisará de mais de trinta minas, o que, para nossas condições, constitui pecúlio apreciável. No caso, também, de minha mãe vir a falecer, não gastarei mais de dez minas na construção do túmulo. Nas presentes circunstâncias, cifra-se nisso o estrictamente necessário para essas despesas. Se aparecer mais alguma, pública ou particular, por motivo de minha ida até aí, farei como te disse há tempos: procurarei reduzir os gastos o mais pos-

362 a sível, porém recairá sobre ti quanto exceder de minhas posses.

Passo agora a falar da aplicação de teu dinheiro em Atenas. Para começar, se eu tiver de dispender qualquer importância com alguma coregia ou coisa parecida, não haverá um único hóspede que se disponha a adiantar-me seja o que for, conforme imaginávamos que acontecesse. Ademais, na hipótese de algum negócio de que só redundariam vantagens com o pagamento imediato, e o contrário disso se houver protelação para aguardar a chegada de teu representante, além de desagradável, tua situação

b seria humilhante. Eu mesmo já fiz essa experiência, com enviar Andrômedes, de Egina, a Erasto, teu hóspede, a quem me mandaste recorrer em caso de necessidade, quando eu tencionava despachar outros artigos mais caros, de tua encomenda. Deu-me a

seguinte resposta, muito natural e muito humana: que já havia emprestado dinheiro a teu pai, mas fora reembolsado com muito trabalho. Agora, poderia emprestar-te quantia pequena; grande, de jeito nenhum. Por isso, tomei-a de Léptines, com o que Léptines só merece encômios, não por haver emprestado, simplesmente, mas por tê-lo feito de bom

c coração, e também porque em tudo o mais sempre se revelou amigo verdadeiro com relação à tua pessoa, por atos e por palavras. É bom que te conte as coisas boas e também seus contrários, conforme me pareçam os sentimentos de cada um, em tudo o que te diga respeito. Em questões de dinheiro, usarei da máxima franqueza; além de ser de justiça, falo com a experiência adquirida em tua corte. Os que têm por ofício tratar contigo das despesas de cada caso particular, evitam tocar nisso, de medo de

d aborrecer-te. Habitua-os, pois, e força-os a usar de franqueza, tanto nisso como no mais. Tanto quanto possível, precisas conhecer tudo e decidir como juiz, sem medo de saber o que se passa. É o que pode haver de mais vantajoso para teu governo. A ordem nas despesas e o pagamento pontual das dívidas, fator de importância capital em todos os setores, mas principalmente na administração dos bens, é o que decerto reconheces e terás de confirmar. Que não te caluniem, pois, perante os homens os que se mostram solícitos contigo. Para tua reputação não

e é bonito nem de vantagem passar por homem difícil de tratar.

363 a Falemos agora de Dião. Sobre o resto, nada poderei dizer, enquanto não receber as cartas prometidas. Mas, a respeito daquele assunto que me proibiste de lhe falar, nem conversamos nem lhe fiz a menor referência; porém sondei-o para ver de que modo ele se comportaria, se com ânimo sereno ou revoltado, e tive a impressão de que se insurgirá, no caso de vir a idéia a concretizar-se. Em tudo o mais, com referência à tua pessoa, pareceu-me moderado, por atos e por palavras.

A Cratino, irmão de Timóteo e meu amigo, daremos de presente uma dessas couraças flexíveis, de uso em nossa infantaria pesada, e para as filhas de Cebete, três túnicas de sete côvados, não daquelas muito caras, de Amorgo, mas das de linho da Sicí-

lia. Decerto não desconheces o nome de Cebete; ocorre nos Diálogos socráticos, ao lado de Símias, e discute com Sócrates no Diálogo sobre a Alma; é sujeito de boa índole e muito nosso amigo.

b Quanto ao distintivo que ponho em minhas cartas, para diferençá-las das que o não são, penso que ainda não o esqueceste. Todavia, será bom voltares a pensar nisso, com a máxima atenção, pois muita gente quer corresponder-se comigo, sem que me seja fácil recusar-lhes abertamente o que me pedem. Minhas cartas sérias principiam sempre por Deus; as que o são menos, por Os deuses.

Os embaixadores me pediram também que te escrevesse, o que é razoável; em toda a parte, não se cansam de elogiar-te e a mim, especialmente Fílagro, que naquele tempo sofria de uma das mãos; c Filedes, que acaba de chegar do Grande Rei, também me falou de ti. Se esta carta já não estivesse tão longa, eu te contaria o que ele disse. Informa-te com Léptines.

Se enviares a couraça ou qualquer dos artigos a que me referi, confia-os a quem quiseres; se não tiveres portador, entrega-os a Terilo; é desses indivíduos que não se cansam de viajar, grande amigo nosso e entendido em muitas coisas, especialmente em filosofia. É genro de Tisão, que por ocasião do meu embarque exercia o cargo de edil.

Passa bem; cultiva a filosofia e concita os rad pazes a fazer o mesmo; saúda em meu nome teus companheiros de jogo de bola, e recomenda a todos, principalmente a Aristócrito, que se chegar para ti alguma palavra ou carta, procurem informar-te logo logo e lembrar-te da necessidade de cuidares das minhas encomendas. E agora, não te esqueças de pagar a Léptines, o mais cedo possível, o que lhe deves, para que, à vista desse exemplo, outros se disponham também a servir-nos.

e Látrocles, que eu libertei já faz tempo, logo depois de Mirômides, está em caminho com os artigos que te enviei. Toma-o a teu serviço, e emprega-o no que quiseres. Guarda esta carta — o original ou uma cópia — e continua sendo o que és.

O PRIMEIRO ALCIBÍADES

Havendo Platão fundado a Academia em 387, aos quarenta anos de sua idade, quando o seu nome já se impusera em todo o mundo helênico, na linha dos escritores de orientação política que se batiam em prol da reabilitação da memória de Sócrates, seria de esperar que a biblioteca daquele Instituto Superior de Ensino fosse bem organizada, e que nas suas prateleiras pejadas de manuscritos se destacassem, na estante de mais fácil acesso, as obras do Escolarca. E mais: que não teria havido desacordo sobre a autenticidade de determinados livros ali catalogados — tão fácil era a identificação de todos pelo organizador da coleção! — não apenas entre os auxiliares efetivos do Instituto, como entre os sábios itinerantes e de passagem por Atenas que ali fizessem conferências. Máxime se considerarmos que, em decorrência de sua própria feitura, constituíam os Diálogos a alavanca primordial do ensino das disciplinas de predileção do fundador: política, educação e filosofia e, nesta, de modo geral, a teoria do conhecimento. Nem mesmo como hipótese de trabalho poderia admitir-se que o predomínio do ensino oral, a que Platão sempre deu irrestrita preferência, com parcial e condenável menosprezo da palavra escrita, levasse o autor a descuidar-se de seus próprios manuscritos e não zelasse por sua conservação, expondo, assim, a se perderem os originais dali retirados, digamos, pelos alunos interessados em sua leitura mais demorada, como hoje fazemos com os livros das bibliotecas circulantes, para com eles obter cópias autênticas.

Falamos em tese, pois é sabido como era intensa naquela época, e por muito tempo ainda, a atividade dos "editores" ou copistas profissionais, destacando-se Atenas neste particular das demais cidades da comunidade helênica, como centro de grande atividade, assim na qualidade como na quantidade das obras

lançadas no mercado de livros. Decorridos trezentos anos, o romano Ático para ali se exilou voluntariamente, por amor ao estudo e para fugir da política de sua terra, e naquela capital espiritual do mundo antigo passou a operar como editor dos livros do seu amigo Cícero, em latim, e fornecedor de obras raras dos escritores gregos, graças ao corpo de operários especializados, por ele pagos e que trabalhavam sob sua direção.

Seja como for, só podemos ser agradecidos à divindade que presidiu ao destino ulterior dos manuscritos de Platão, fosse ela o Acaso, de tão difícil conceituação filosófica, ou mesmo a própria Sorte, bem disposta, sempre, para a Europa, no que diz respeito à sobrevivência da sua cultura incipiente naquela fase perigosa de crescimento. O certo é que de Platão se salvaram todos os escritos reconhecidamente seus, e mais alguns títulos de procedência duvidosa com que desde a antiguidade se tem ocupado a crítica abelhuda. Todavia, não será fora de propósito formular, nesta altura, ligeiras considerações que visem a esclarecer algumas dúvidas.

Inicialmente, insistamos no fato de que a fundação da Academia — depositária tradicional dos manuscritos de Platão — não coincide com o início de suas atividades literárias e pedagógicas. Muito antes daquela data começara Platão a congregar à sua volta os jovens da nobreza ateniense, incentivando neles aquele pendor para o estudo da filosofia que tão prejudicial se afigurava a Cálicles na educação dos moços, por desviá-los das práticas do bem-falar do Forum e das assembléias populares. Se não bastassem as farpas desse representante típico do homem-forte, com o intuito de ridicularizar o vício de "Sócrates", de viver e cochichar nos cantos com três ou quatro jovens — os primeiros discípulos de Platão, já que o verdadeiro Sócrates, de carne e osso, protestou até à morte que nunca fizera discípulos nem ensinara coisa alguma — o testemunho insuspeito e, sobretudo, inesperado do próprio Platão, na Carta segunda, nos transporta para esse alvor tão procurado, de suas atividades, mas que não se deixava localizar com precisão. É na passagem em que Platão conversa com Dionísio, o Moço, de Siracusa, antes da ruptura definitiva entre eles, e o concita a perseverar no estudo dos problemas magnos da filosofia, sem desânimo nem vacilações, ainda mesmo que não conseguisse apreender, assim de pronto, o sentido das questões apresentadas.

Com todo o mundo acontecia a mesma coisa. Só à força de repetir os temas e de constantemente ouvi-los durante anos seguidos e com trabalho insano é que chegaremos a purificá-los, como fazemos com o ouro. Até nas cartas, a linguagem de Platão é imaginosa. Mas, com o tempo, continua, o que hoje se te afigura impenetrável tornar-se-á transparente e de fácil com-

preensão. Exemplos não faltavam. É nessa altura que se insere o trecho de ouro que nos revelará quanto eram em Platão inseparáveis as atividades literárias — digamos: filosófico-pedagógicas — e o gosto do proselitismo, essa constante que se afirmaria durante toda a vida do Poeta-pensador.

"Agora escuta o que em tudo isso é de admirar. Há certos homens, em grande número, aliás, que aprenderam comigo essas noções; indivíduos dotados de compreensão, boa retentiva, e capazes, até, de criticá-las a fundo; de idade provecta todos eles e que, *haverá pelo menos trinta anos,* ouviram falar nisso" (*Cartas,* 314 a b).

Para nosso intento, não consistirá violência interromper nesta altura a citação, sem dizer como aqueles amantes da sabedoria fizeram, sem dar por isso, com o passar dos anos uma reviravolta na confrontação com tais problemas: o que então lhes parecia obscuro tornara-se claro como água; e o inverso: impenetráveis e de todo o modo inapreensíveis o que na mocidade se lhes afigurava muito fácil. O que importa, antes de mais nada, é fixar a data. Sendo essa carta, com toda a probabilidade, de 364, escrita logo depois de voltar Platão de Siracusa, quando da sua primeira visita a Dionísio II, transporta-nos aquela citação para o ano 394, ou sejam, sete anos após o julgamento de Sócrates. Até mesmo sem nos aproveitarmos da elasticidade da expressão "haverá pelo menos trinta anos," o que nos permitiria recuar honestamente de alguns pontos, no passado, o nosso farolim, para dissipar as trevas ali acumuladas pelo tempo, é-nos grato surpreender os colóquios quase clandestinos de alguns rapazes em Mégara, e incidentalmente em Atenas, em que, sob a direção indiscutida do moço Aristocles adquiriram forma literária os primeiros frutos da herança filosófica de Sócrates.

Até na adopção da máscara de Sócrates, com apagar seu nome de tudo o que lhe fluía da pena — ou do estilete — andou Platão com acerto. Compreendeu, de início, quanto lucravam suas idéias com serem expostas pela imagem transfigurada de Sócrates, o que lhes asseguraria duração sempiterna, por isso mesmo que soariam aos ouvidos dos pósteros como mensagem emanada da própria essência do homem, sem os entraves condicionados pelas contingências individuais.

As doutrinas dos filósofos jônios poderão passar, com toda a brilhantez das descrições da Physis, o mundo material; os ensinamentos dos sofistas — mera agitação de superfície — não irão além da sua própria geração, apagando-se, porventura, mais rapidamente, ainda, do que as estrepitosas ovações de que foram alvo, de abalar as colunas do Liceu, por ocasião das conferências. Mas, as palavras de Sócrates alcançariam ressonância

universal, como de fato alcançaram e o certificam dois milênios de fecunda e decisiva atuação na cultura da Europa. Hoje diríamos: do Ocidente.

Evidentemente, nada nos conservou a tradição sobre as perdas ou desvios de livros da biblioteca da Academia depois da morte do Filósofo, nem sobre a autenticidade dos originais ali guardados desde a sua fundação. Em todos os tempos não são os autores de livros os mais exigentes colecionadores de seus próprios manuscritos; muito menos, dos livros impressos. Antes de ter a Academia sede própria, as mudanças de domicílio e as viagens de longo curso contribuiriam para desfalcar o acervo daqueles manuscritos ou para dispersar publicações recentes, à medida que a variedade de temas para discussões em classe afastava do círculo de interesses do autor determinados Diálogos, já comentados de sobejo, para serem discutidos novos temas ou reformuladas em bases diferentes questões já debatidas: Se a virtude pode ser ensinada, a fundamentação filosófica da pólis, ou a apologia de Eros e do valor da Mania das Musas para a filosofia e a poesia...

Mas, voltando para o nosso tema; mesmo que admitamos, por hipótese, que chegara à quase perfeição a catalogação das obras de Platão pelos biblioteconomistas da Academia, muito deixaria a desejar esse serviço após a morte do Filósofo, quando o seu sobrinho Espeusipo assumiu a direção do Estabelecimento — de 343 a 339 — e, depois dele, muitos: Xenócrates da Calcedônia — de 339 a 314, seguido imediatamente de Polemão, que ele próprio convertera para a Filosofia, a darmos crédito à bela anedota de Eliano: Havendo Polemão entrado abruptamente numa sala de aulas da Academia quando Xenócrates falava, tal como se apresentou Alcibíades no *Banquete* de Platão: ébrio e coroado de flores, não interrompeu Xenócrates a lição, pois dissertava, precisamente, a respeito da intemperança e da sua ação devastadora para os homens, continuando a dirigir-se aos alunos presentes como se aquele intruso ali não se encontrasse. Meio confuso no começo, tão abalado ficou o visitante com o sermão do professor, que na mesma hora firmou o propósito de regenerar-se e se matriculou na Academia, na qualidade de ouvinte de Xenócrates e discípulo dedicado, até vir a sucedê-lo na direção da casa.

Com Filipe de Opúncia aviva-se nosso interesse para esta relação de nomes, por ter sido ele o autor de *Epínomis,* excluído hoje, por quase unanimidade, da relação platoniana, como apêndice a *Leis,* o derradeiro Diálogo de Platão, cujos originais o próprio Filipe revira e publicara em primeira edição.

Não admira, assim, que, um século depois, o catálogo das obras de Platão organizado pelos Alexandrinos — merecedores de todo o nosso apreço, pelo muito que realizaram no domínio da crítica literária, máxime na fixação do texto oficial de Homero — acusasse algumas falsificações. É o Corpus platonicum que chegou até nós através de vicissitudes que não importa esmiuçar. Para o restaurador moderno desse texto, vários são os critérios a adotar, a fim de desembaraçar a meada inextricável, com o propósito de confirmar a autoria de Platão com respeito aos títulos conhecidos, o que se consegue na grande maioria dos casos — dezenove vigésimos, conforme a estimativa mais aceita — ou para rejeitar os escritos que lhe foram falsamente atribuídos.

Não apenas como indício, senão como prova de certeza, é aceita a autoridade de Aristóteles nas suas referências a Platão. Infelizmente, esse testemunho não se estende a todos os Diálogos, havendo, mesmo, transcrições de trechos ou de simples frases sem nenhuma conotação da fonte originária, mas que os comentadores se permitem identificar. O assunto já foi bem estudado.

Tomando como guia o prestimoso Ueberweg — nona edição, revista por Max Heinze, de 1903, porém nada envelhecida nesse particular — teremos as seguintes possibilidades para nos decidirmos sobre a autenticidade ou não dos referidos escritos: a) Apenas três Diálogos são citados com a indicação dos títulos e do nome do autor. São eles: *República, Timeu* e *Leis.* b) Ao depois, somente o título, sem designação do autor, porém com alusões à verdadeira procedência: *Fedão, O Banquete* — título alterado para "Discursos Amatórios" — *Fedro* e *Górgias.* c) Apenas o título, porém sem relação indubitável com a pessoa de Platão: *Menão, Hípias* — e devemos entender que se trata de *O Pequeno Hípias* — e *Menéxeno* — referido como "Oração fúnebre." d) Com o nome de Platão, porém sem nenhuma alusão à fonte, cita Aristóteles passagens de *Teeteto* e do *Filebo,* e frases do diálogo *Sofista.* e) Sem indicação nem nome do autor nem dos Diálogos, parece que Aristóteles alude aqui e ali a determinadas passagens do *Político,* da *Apologia,* de *Líside,* de *Laquete,* talvez de *Protágoras* e possivelmente de *Eutidemo* e do *Crátilo.* Vinte, ao todo.

É dos mesmos autores — Ueberweg-Heinze —a condenação sumária, sem especificação de nomes, de certa crítica do século passado, de visão curta e deturpada (in übertriebener kurzsichtiger Kritik), já agora inteiramente superada. Mas, como simples ilustração do mesmo tema, mencionemos apenas o caso de Schaarschmidt, cuja obra, de título quilométrico, *Die Sammlung*

der platonischen Schriften, zur Scheidung der echten von den unechten untersucht, é de 1866. Para esse autor, somente nove Diálogos devem ser aceitos como autênticos: *Protágoras, Górgias, Teeteto, Fedro, O Banquete, Fedão, A República, Timeu* e *Leis*. O exagero é patente, não valendo como atenuante o fato incontestável de abrangerem esses nove títulos o que de mais belo e valioso nos foi legado pela pena de Platão, e perfazerem, em conjunto dois terços dos escritos componentes do Corpus platonicum tradicional. A crítica que nega autenticidade a Diálogos como *O Político, O Sofista, Filebo, Parmênides, A Apologia* e a tantos outros, não pode ser tomada em consideração. Nem fora possível a nenhum estudioso dos nossos dias compreender Platão, isto é, formar para uso próprio uma síntese destilada daqueles nove escritos — em que pese à excelência de todos eles — se fizer tábula rasa das duas dezenas de Diálogos rejeitados.

Um retrato de Platão em que não entrassem os Diálogos da primeira fase, com o perfil de Sócrates como ele o concebia, transfigurado pela imaginação do Poeta, e tão fiel quanto possível ao original do indivíduo Sócrates que se comprazia em conversar de sol a sol com os atenienses de todas as camadas, na Praça do Mercado e junto das bancas dos cambistas, não seria apenas um retrato inexpressivo, senão mesmo de todo em todo falso. É impossível avaliar a originalidade do pensamento de Platão só com o estudo dos Diálogos denominados da velhice, nos quais Sócrates se contenta com o papel de mero espectador, quando não chega a desaparecer de todo, se primeiro não explicarmos a razão de ser da dedicação de um moço ateniense de tradição aristocrática, aos ensinamentos de um filósofo saído da classe dos *banáusoi*, dos trabalhadores braçais, e sem nenhum atrativo pessoal, se não fosse apenas o dom irresistível da palavra, mas que timbrou em apagar-se diante do seu ídolo e a riscar o próprio nome de tudo o que escrevia para exaltar a figura inimitável daquele excêntrico pensador.

A leitura, ou melhor, o estudo de todos esses escritos é imprescindível para quem quiser conhecer, de fato, o pensamento de Platão. Daí, a necessidade de nos enfronharmos em todos os escritos da primeira fase e em muitos da maturidade, que Schaarschmidt e outros atiraram, com uma penada, para a cesta de papéis inúteis. Espúrios, é natural que haja, e precisarão ser apontados; porém sem essas mostras de barbarismo.

Afinal, a depuração reduz-se a poucos escritos de importância secundária, secundaríssima, sendo que muitos já chegaram até nós com o diploma de bastardia assinado pelos primeiros diretores da Casa de Platão. Nesse particular, ainda são

válidas as conclusões de Jowett, ao dar o balanço final dessa questão, nos comentários do primeiro Apêndice da sua tradução dos Diálogos, quando trata desses títulos duvidosos. Somente escritos de pequenas dimensões são passíveis de suspeição de fraude ou de receberem designação ilícita, com serem atribuídos a um falso dono, nunca os de maiores proporções. Certas espécies de trabalhos prestam-se mais do que outros a tais contrafações: epístolas e panegíricos, composições sofisticadas ou falsamente arcaizantes, e, ainda, alguns escritos que por sua própria estrutura traem a condição original de exercícios de retórica. E mais: não há um único exemplo de escritos longos e de bom acabamento que houvesse sido posteriormente desclassificado, para se revelarem como embuste de algum espertalhão. Nenhum escritor de mérito tinha interesse em atribuir a Platão algum dos seus trabalhos. E, quanto aos assalariados das letras floridas, de Alexandria ou de Atenas, sempre muito intrometidos... Os deuses jamais conferiram gênio nem originalidade a gente dessa espécie.

Além do mais, o gênero "diálogos" não é privativo de Platão, que talvez mesmo não tenha sido o criador dos Diálogos socráticos, senão o seu ilustrador mais brilhante. Ao lado dele e depois dele muitos o fizeram: Ésquines, Euclides, Fedão, Antístenes e, na geração seguinte, o grande Aristóteles. Compreende-se, assim, que, com o passar dos anos, fosse fácil a confusão, numa época em que os livros editados não traziam obrigatoriamente o título na lombada nem o nome do autor e a data. Mesmo porque os rolos de papiro não comportavam lombada. Nesse ponto, os historiadores asseguraram sabiamente os seus direitos, com declararem, de início, o nome próprio e o lugar do nascimento:

O ateniense Tucídides escreveu a guerra que travaram entre si os atenienses e os peloponésios...

E carecendo todos eles de qualquer noção do que hoje denominamos direitos autorais, os copistas com sede de maiores lucros podiam lançar na praça os livros que entendessem. As obras de autores conhecidos do passado recente alcançavam bom preço no mercado, e se havia vantagem em atribuir a outrem qualquer trabalho espúrio, não constituía obstáculo de monta a semelhança ou identidade de título com os das obras tradicionais. Para contornar semelhante escolho, havia o recurso das distinções no próprio título: "Hípias maior," para diferençá-lo do "menor," ou vice-versa; ou "O Primeiro Alcibíades" e o "segundo" ou quantos mais aparecessem. Neste particular, certos tipos históricos exerciam atração especial sobre os escritores de Diálogos, que não se corriam de batizá-

-los sempre do mesmo modo. Sem falarmos de Sócrates, que deu origem a enorme literatura, chegou até nós a notícia de cinco ou seis diálogos diferentes com o nome do formoso Alcibíades. Essa particularidade, só por si, bastaria de sobejo para pôr de quarentena os dois Diálogos de igual nome incluídos nas obras de Platão, e também pelo fato de nenhum desses bonifrates suportar confronto com o Alcibíades a que fomos apresentados no Banquete de Agatão e outros pândegos — e não nos esqueçamos do indefectível Aristófanes — no dia seguinte ao do prêmio ganho por ele com a sua primeira tragédia, diante de trinta mil espectadores.

— Onde tens a cabeça, Glauco? Pois não sabes que há muitos anos Agatão não vem a Atenas, e que, da minha parte, ainda não se passaram três anos, desde que freqüento a companhia de Sócrates e me esforço por saber, dia por dia, o que ele conversa ou faz?

Aí é que bate o ponto, por parecer, à primeira vista que, depois de escrever *O Banquete* e de apresentar-nos Alcibíades de corpo inteiro na porção final desse Diálogo, com aquela espontaneidade no elogio de Sócrates que toca às raias da inconveniência, porque fruto de bebedeira engraçadíssima, se dispusesse Platão a rabiscar umas baboseiras sobre o mesmo Alcibíades, dignas apenas de algum aprendiz da difícil arte de escrever, sem originalidade nem promessa de vir algum dia a dominar a técnica. Nem literária nem filosoficamente a leitura desse Diálogo nos adianta um ponto, ao menos, para melhor compreendermos o pensamento de Platão, se o não fizer apenas com o fato de fortalecer em nosso íntimo a convicção da sua origem duvidosa. Mas, o que em tudo isso admira é o comportamento dos pósteros com relação a tais escritos e a diversidade de opinião no ajuizar do valor intrínseco de cada unidade em separado. Poucos foram os títulos sumariamente eliminados pelo juízo tácito da posteridade; a respeito da maior parte até hoje digladiam os entendidos, desde os neoplatônicos, com Proclo à frente e o seu comentário do *Primeiro Alcibíades*, até os mais acatados platonistas do presente século. É uma questão insolúvel, sendo inútil e até pueril pensarmos agora em resolvê-la pela contagem de votos. Sem falar que "Sócrates" seria o primeiro a troçar do nenhum valor desse argumento democrático, é certeza que, para cada autoridade que um dos grupos apresentasse, apareceriam duas outras não menos decididas nos arraiais da oposição. Paul Friedländer, Croiset, Stefanini — a nacionalidade não importa; o que conta é o nome consagrado dos batalhadores — são acérrimos defensores da causa da legitimidade, em oposição a nomes de brilho não

menor na cintilante galáxia de platonistas deste século. O critério da recentidade — *vient de paraître!* — para nos resguardarmos com a opinião dos mais novos comentaristas, também não oferece segurança. Nunca se pode saber quem dirá a última palavra; nesse terreno, como em tudo o mais, o pêndulo da diatética não pára de oscilar, levando cada comentador a contestar a tese do seu antecessor imediato, com argumentos cortantes e, para tudo dizer, definitivos, o que parece ser a única maneira de mostrar-se original e de provar independência no domínio das idéias. Que é o mais prezado título para os estudiosos da filosofia. E o mais difícil de alcançar.

Nesta altura vai bem uma explicação. Não creia o leitor amável, que no calor da discussão de tais problemas me tenham escapado da pena, sem o querer, expressões incompatíveis com a elevação do assunto e o respeito que devemos a nós próprios nas refertas desse tipo, em que está em jogo o nome e a glória do maior pensador — de um dos maiores, tanto faz — de todos os tempos. Nesse ponto a nossa herança portuguesa, de aquém e de além-mar, com polemistas que só desciam à liça em mangas de camisa — um Camilo ou um Teófilo, um Sílvio Romero ou o Tobias — poderia aprestar-nos alguma maroteira, contra o que nunca serão excessivas as precauções tomadas.

Porém o certo é que, neste terreno, aqui e em toda a parte, se as discussões não se travam com pancadaria, também não se destravam com frases cor-de-rosa. Quando nada, sempre que importa contestar a autenticidade de algum desses escritos atribuídos a Platão, não se correm os expositores de mudar de tom e de apostrofar com veemência a petulância daquele intrometido, como se o fizessem com a certeza de serem ouvidos ou lidos por ele mesmo e todo o bando de sua claque literária, em Alexandria ou em Atenas. Parece mesmo que não é possível entrar na apreciação de tais assuntos sem nos sentirmos afogueados e algum tanto trêmulos, em virtude do aumento de adrenalina no meio circulante.

Para citar apenas um platonista qualificado, Hermann Gauss não usa meias-tintas para rejeitar *O Primeiro Alcibíades,* com a perspectiva que lhe faculta no terreno da filosofia o seu grande saber. Não lhe bastou mostrar — e até mesmo demonstrar — a superficialidade da conversa de Alcibíades, o tom anti-socrático de certos argumentos, o elogio que Sócrates faz de si mesmo e que só ficaria bem na boca de um Protágoras — "Ó caro filho de Clínias e de Dinômaque, é que sem a minha colaboração não te será possível levar a bom termo todos esses projetos, tão grande é a influência que eu presumo ter sobre ti e tudo o que te diz respeito. . ." — as expressões tiradas do *Górgias*

ou da *República,* posteriores, por conseguinte, à época em que o autor pretendia localizar a feitura do Diálogo, e, sobretudo, o entusiasmo tão primitivo com que essa contrafação de Sócrates se refere ao luxo da corte do Grande Rei, aos latifúndios dos lacedomônios e à colossal quantidade de ouro que estes teriam conseguido acumular no decurso da sua história, diante da qual se sente envergonhada a pequenina Atenas: tudo é a tal ponto revelador do espírito anti-socrático do seu autor, com essa apologia das conquistas materiais e da riqueza, que nem com a maior boa-vontade poderemos atribuir esse Diálogo a Platão.

"Voltemos — continua Gauss — à crítica anterior do texto, por mais razoável, e releguemos *O Primeiro Alcibíades* para o lugar que, por direito, lhe pertence: qualquer Instituto-para-a--manipulação-de-produtos-falsificados, do comecinho da época helenística" — in einer frü-hellenistischen Falsifikationsproduktionsanstalt —. (Quando nada, para o leitor brasileiro servirá a citação como exemplo humorístico da capacidade da língua alemã de compor longos vocábulos por justaposição, o que lhe permite dizer com duas palavras a mesma coisa que nós dizemos com doze.)

"Baiúca" helenística ("Garküche" — as aspas são do Autor) para a falsificação de obras literárias, é outra expressão de Gauss, com referência ao diálogo *Hípias Maior,* folgando o autor em aduzir a opinião de Gigon *(Sokrates,* p. 264) acerca desse mesmo Diálogo e redigida, aliás, em termos comedidos: "Por isso mesmo, é-nos grato citar a nosso favor a reconhecida autoridade de Gigon no terreno da Filologia, o qual se manifesta deste modo com relação ao *Hípias Maior:* Com absoluta certeza, esse Diálogo não pertence a Platão, e que, tal como se deu com *O Primeiro Alcibíades,* foi confeccionado desajeitadamente com material heterogêneo de vária procedência, em época pouco posterior ao período clássico."

Como não poderia deixar de ser, no tribunal da crítica literária na maioria dos casos a sentença se baseia num critério subjetivo decorrente do contraste entre as impressões que nos ficam de determinada leitura e a imagem que formamos de Platão depois do estudo dos seus escritos. Quando se nos deparam, num determinado Diálogo "philosophúmena", ou, digamos, visões ou temas filosóficos de diferentes fases da vida literária do Autor, dispostos uns ao lado dos outros sem nenhuma relação orgânica, ou lançados ao acaso no decurso da composição, podemos concluir, sem medo de errar, que se trata de alguma obra de carregação e de fabricação tardia, que deve ser sumariamente rejeitada.

Nessa apuração de votos tão acalorada, a favor ou contra a autenticidade de alguns escritos atribuídos a Platão, quem menos se exaltaria, e talvez mesmo nem tomasse conhecimento do assunto, seria o próprio Platão, com a placidez que o caracterizava na contemplação das coisas e, no mundo dos livros, por dar importância quase nula à palavra escrita. Em vários Diálogos e nas Cartas, como já vimos, não se cansou de insistir no valor do ensino oral, quando a palavra viva semeia a boa semente na alma do discípulo de natureza nobre, por não confiar no recurso duvidoso do papel para reforço da memória.

"Depois de lerem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido, considerar-se-ão ultra-sábios, quando, na grande maioria, não passam de ignorantes, não sábios de verdade."

Essa postura tranqüila, que, de nenhum modo, significa alheamento, senão apenas completo domínio de si próprio diante do espetáculo da vida, e que tão bem se reflete no busto de Silânio, não escapou aos poetas cômicos, com suas referências maldosas aos tipos que, de uma maneira ou de outra, se diferençavam da plebe indistinta de Atenas. E, como de hábito, e até por injunções do ofício, com traços caricaturais. Sócrates que o diga, com as deturpações das *Nuvens* de Aristófanes, que tanto influíram para o desfecho fatal do seu processo.

Sem confundi-lo com os sofistas da época, de fama pouco lisonjeira, e até mesmo sem qualquer referência a seus ensinamentos, o poeta cômico Anfíside zomba do seu jeito calmo de apresentar-se em público, nada expansivo nem risonho, e que o palhaço da platéia interpretava como sinais de atrabile de um severo censor dos homens e do mundo em universal.

> Tal qual um caracol, Platão, passeias
> de rosto carrancudo, contemplando
> por onde vais o mundo feio e triste,
> tal qual um caracol.

É passagem da comédia *Dexidêmide*, tal como Diógenes Laércio no-la transmitiu na *Vida de Platão*.

Infinitamente mais valiosa, como flagrante de Platão no convívio com os homens, fora da Academia e esquecido, por assim dizer, de aulas e demais obrigações do ensino, é a encantadora anedota que nos conta Eliano *(Varia Historia* IV, 9), que ficara despercebida pelos estudiosos do nosso tempo e para a qual chamou a atenção Constantino Ritter na sua obra maior sobre Platão *(Platon,* I, 173) (Citado por Ottomar Wichmann: *Platon, ideelle Gesamtdarstellung und Studienwerke,* p. 580. Darmstadt, 1966).

Numa de suas temporadas em Olímpia, por ocasião dos jogos, Platão tornou-se amigo de dois companheiros casuais de barraca, no acampamento improvisado, porém sem identificar-se como professor disto ou daquilo, ou, digamos, sem apresentar os seus títulos "acadêmicos;" era um simples particular e, como todos, interessado apenas em acompanhar as emocionantes fases das competições em curso. Provavelmente, com suas preferências bem definidas e, melhor ainda, defendidas.

Deixo ao cargo da imaginação do leitor evocar as conversas animadas dos novos conhecidos, sobre os mais variados temas, por ocasião dos jogos, com as indefectíveis "torcidas," ou noutras oportunidades, em passeios pelos arrabaldes, nos locais de refeição e até mesmo no próprio acampamento durante as horas de descanso. Limitar-me-ei a lembrar a passagem da Carta sétima, muito nossa conhecida, em que ele conta como, de uma feita, ali mesmo em Olímpia, discutira acaloradamente com Dião e outros exilados políticos da Sicília, sobre a delicadeza da sua situação com referência a Dionísio, para concluir pela impossibilidade de aderir à conspiração que eles tramavam para depor o Tirano. Aceitaria de bom grado o papel de apaziguador entre os dois partidos irredutíveis. Quanto a seus amigos particulares, pertencentes ou não à Academia, deixava-os com inteira liberdade para se decidirem conforme melhor lhes parecesse. Já não estava em idade de embarcar numa aventura desse tipo.

Tudo isso, noutra ocasião. Agora, terminados os jogos da temporada, certo dia seus dois companheiros de barraca, de passagem por Atenas foram visitá-lo, conforme decerto haviam prometido. E, na qualidade de turistas de larga experiência, haviam pretraçado seu programa de visitas. Passadas as primeiras efusões do encontro, pediram a Platão que lhes indicasse onde morava o seu homônimo de que tanto se falava em toda a Hélade. E ele, esboçando aquele sorriso discreto que lhe era peculiar, e que mais se manifestava nos olhos do que na mímica do rosto, lhes falou: Pois é; esse tal. . . sou eu mesmo.

O que deixou encabulados, continua Eliano, os ilustres visitantes, que não acabavam consigo de admirar-se, por haverem convivido durante tanto tempo com aquele senhor tão simples, de nome Platão, sem suspeitarem nem de longe da sua identidade.

Com esse gênio, e com tantas obras publicadas, é difícil imaginar que em qualquer tempo cedesse Platão às exigências das nossas pequeninas vaidades e a que damos tanto valor, para organizar e afixar na portada de seus novos livros a relação completa de tudo o que escrevera até aquela data. E

numerar, como fazemos, até os artigos de jornal, com os respectivos títulos, para assombro dos amigos e correligionários, também de número infinito.

Se fosse o caso, hoje estaríamos sossegados, nem haveria surgido em tempo algum o problema da identificação de suas obras. Mas, como a História nos pregou essa peça de mau gosto e nos legou tantos problemas com sua bibliografia lacunosa, o mais aconselhável, agora, será abstermo-nos de tomar partido por maneira ostensiva, e não rejeitar nenhum dos títulos da sua grande produção literária nem inquiná-los de suspeição.

No ponto a que chegamos, a medida de ordem prática mais consentânea com a reverência que devemos à tradição, é traduzir indiscriminadamente todo o Corpus platonicum, sem a preocupação de purificá-lo com a eliminação de algum escrito duvidoso. Tanto mais que, a cada dia que passa, as surpresas se sucedem, a qual mais desconcertante, com a louvável tendência de reabilitar a quase totalidade daqueles escritos. A obra de Ottomar Wichmann, acima citada, se inicia, como de praxe, pelo estudo dos denominados Diálogos socráticos, porém agora incluindo, sem o menor vislumbre de polêmica, muitos títulos até então inquinados de bastardia: *Do Justo, Da Virtude, Hiparco, Os Rivais, Teágenes*, lado a lado com *Laquete, Cármides* e tantos outros que nos são familiares. E termina — mirabile dictu! — lá pelas páginas 700, com a reabilitação de *Epínomis*, cuja autoria parecia definitivamente esclarecida com atribuí-la a Filipe de Opúncia, editor de *Leis*, conforme reza a tradição.

Em tal perplexidade, só nos resta terminar em aporia, sem resolver nada, a exemplo do grande mestre da Dialética em alguns dos seus Diálogos. Mais de uma vez, Sócrates obriga o contendor a bater em retirada, ao convidá-lo para recomeçarem a discussão em bases diferentes, visto não haverem chegado, até àquela altura, a nenhuma conclusão satisfatória. Foi o que se deu com o meritório Protágoras, com toda a sua vaidade — "Acerca dessas questões, mais para diante, caso queiras, voltaremos a conversar; agora, assunto urgente me reclama noutro lugar." — e com o superficial Eutífrone, a suar frio e ansioso de safar-se daquela enleada em que se metera sem querer: "Noutra ocasião, Sócrates; agora estou com pressa; é tempo de ir-me embora."

É a saída menos desairosa que se nos oferece. Aí estão os Diálogos de Platão: autênticos, apócrifos e duvidosos, tal como no-los transmitiu a antiguidade. Só há vantagem para os estudiosos em se habilitarem, com a sua leitura, para tomar parte ativa nessas discussões de alto nível.

O PRIMEIRO ALCIBÍADES

(*Sobre a natureza do homem.* Gênero maiêutico)

Sócrates — Alcibíades

St. II

103 a I — Ó filho de Clínias, deves estar admirado de que, tendo sido eu o primeiro a te amar, seja o único que não te abandonasse, quando todos se afastaram, apesar de não te haver dirigido a palavra durante tantos anos em que a turba te importunava com suas atenções. Não foi humana a razão desse meu proceder, mas impedimento divino, de cuja natureza oportunamente te falarei. E hoje, que tal impedimento cessou, aproximo-me de ti com a esperança de que, daqui por diante, não mais se manifeste. Durante todo esse tempo, observei como te comportavas com relação aos teus amigos. Por mais numerosos e altivos que fossem, não houve um só

104 a que não saísse corrido pelo teu desdém. Vou explicar-te a razão de ser de teu orgulho. Estás convencido de que não necessitas de ninguém para nada, pois, tendo tudo com larga margem de sobra, de nada virás a precisar, a começar pelo corpo e a acabar pela alma. Em primeiro lugar, julgas-te o mais belo e o mais alto dos cidadãos, com o que há de concordar quem tiver olhos de ver; a seguir, pertences a uma das mais esforçadas famílias de tua própria cidade, a qual, por sua vez, é a maior

b da Hélade, e nela, por parte de pai, dispões de numerosos e influentes amigos e parentes, todos eles dispostos a servir-te na ocasião oportuna. Do lado materno, de igual modo, contas com parentes não menos numerosos que influentes. Porém o que consideras de mais importância que tudo é a in-

fluência de Péricles, filho de Xantipa, que teu pai deixou como teu tutor e de teu irmão, o qual pode fazer o que quiser tanto em nossa cidade como em toda a Hélade e em muitas e poderosas nações bár-
c baras. Acrescentarei a isso que pertences ao número das pessoas ricas, conquanto se me afigure que seja particularidade a que não dás grande importância. Envaidecido por todas essas vantagens, sobrepuseste-te aos teus admiradores, que aos poucos se afastaram de ti, o que não te passou despercebido. Sei, portanto, muito bem, que te admiras de eu não desistir de amar-te, e te perguntas em que posso fundar minhas esperanças para persistir no meu intento, quando todos os outros já se retiraram.

II — *Alcibíades* — Talvez ignores, Sócrates,
d que te antecipaste a mim de um quase nada, pois eu tinha precisamente a intenção de procurar-te para perguntar o que pretendes e o que esperas, para me importunares desse modo, obstinando-te em seguir-me por toda a parte. Em verdade, não atino com o que se passa contigo, e muito te agradeceria se me dissesses o que há.

Sócrates — Se desejas saber, como dizes, o que se passa comigo, ouve-me, como cumpre, com boa disposição. Vou falar como quem se dirige a quem se dispõe a escutar e a não retirar-se antes do fim.

Alcibíades — Está bem. Podes falar.

e *Sócrates* — Toma cuidado, pois não seria de admirar que tanto me custe terminar, como começar.

Alcibíades — Fala, meu caro Sócrates, que te ouvirei.

Sócrates — Vou falar, embora seja difícil a qualquer pessoa apresentar-se em caráter de apaixonado a quem não se rende a nenhum dos seus admiradores. Ainda assim, atrevo-me a expor meu pensamento. Se eu tivesse visto, meu caro Alcibíades, que te mostravas satisfeito com as vantagens que há momentos enumerei e que te contentarias com elas
105 a para o resto da vida, tenho certeza de que há muito tempo já teria arrefecido a afeição que te dedico. Vou revelar-te os teus verdadeiros pensamentos com relação a ti próprio, para que vejas como sempre foste objeto de minhas cogitações. Sou de parecer que se algum dos deuses te dissesse: Ó Alcibíades,

que preferiras: continuar vivo com o que presentemente possuis, ou morrer agora mesmo, caso não te fosse possível aumentar teu cabedal? estou certo de que escolherias morrer. Vou dizer-te agora de que esperança vives. Estás convencido de que logo que te apresentares para falar na assembléia dos
b atenienses — o que se dará dentro de poucos dias — imediatamente demonstrarás a todos que és mais merecedor de consideração do que Péricles ou qualquer dos varões ilustres dos séculos passados, demonstração que te granjeará a autoridade suprema da cidade entre os teus concidadãos. Uma vez assegurado o poder entre nós, dominarás em todos os helenos, digo melhor, não apenas nos helenos, mas nas populações de bárbaros que habitam o mesmo
c continente que nós. E se aquela divindade voltasse a falar e te dissesse que o teu império deveria ficar circunscrito à Europa, não te sendo permitido passar para a Ásia nem imiscuir-te nos negócios de lá, tenho certeza de que não quererias viver sob essa condição, já que não te era possível encher o mundo todo — por assim dizer — com o ruído do teu nome e do teu poder. Estou convencido de que, com exceção de Ciro e de Xerxes, ninguém mais se te afigura merecedor de consideração. Que essa é a tua esperança, tenho absoluta certeza; não se trata de conjecturas. E como estás ciente de que falo a ver-
d dade, decerto me perguntarás: Muito bem, Sócrates; porém que relação pode haver entre a explicação que me querias dar e o teu propósito de não me deixares? Ao que eu te responderia: Ó caro filho de Clínias e de Dinômaque, é que sem a minha colaboração não te será possível levar a bom termo todos esses projetos, tão grande é a influência que eu presumo ter sobre ti e tudo o que te diz respeito. Essa é a razão, quero crer, de me haver a divindade impedido durante tanto tempo de conversar contigo e de ter eu ficado à espera de sua permissão. E assim como pretendes demonstrar à cidade que és digno das maiores honrarias, para de pronto alcan-
e çares poder absoluto sobre ela, eu também, do meu lado, espero provar-te que te sou indispensável, e de tal forma indispensável que nem o teu tutor, nem teus parentes, nem ninguém mais se encontra em condições de entregar-te em mãos o poder que

tanto ambicionas, senão eu somente, com a ajuda da divindade, bem entendido. Quer parecer-me que enquanto eras jovem e não te achavas tão inflado por essas esperanças, a divindade não me permitia

106 a conversar contigo. Agora, porém, ela o consente, por estares em condições de ouvir-me.

III — *Alcibíades* — Acho-te muito mais estranho agora, Sócrates, depois de começares a falar, do que quando me seguias sem dizer palavra, apesar de não ser pequena a estranheza que durante esse tempo me causavas. Quanto aos pensamentos que me atribuis e que aceitas, ao que parece, como matéria pacífica, de nada me adiantaria protestar para convencer-te do contrário. Que fique assim mesmo. Admitindo-se, pois, que alimento, de fato, esses projetos, de que modo, com a tua ajuda, conseguirei concretizá-los, e, sem ela, nada poderei fazer? Quererás explicar-me?

b *Sócrates* — Perguntas se eu posso dar-te num discurso longo a explicação pedida, como estás habituado a ouvir? Não é esse o meu feitio. Todavia, penso que me será possível demonstrar-te a verdade do meu dito, bastando para isso que me faças um pequeno favor.

Alcibíades — Estou pronto a atender-te, se não for muito difícil.

Sócrates — Achas difícil responder a perguntas?

Alcibíades — Não, de fato.

Sócrates — Então, responde.

Alcibíades — Interroga-me.

c *Sócrates* — Vou fazê-lo, no pressuposto de alimentares os projetos que te atribuí.

Alcibíades — Que seja, se assim o queres, para vermos o que vais dizer.

Sócrates — Então, comecemos. Como disse, tencionas dentro de pouco apresentar-te aos atenienses em caráter de conselheiro. Suponhamos que, no instante preciso de subires à tribuna, eu te detenha para perguntar-te: Ó Alcibíades, no momento em que os atenienses se reúnem para deliberar, por que motivo te apresentas para ministrar-lhes conselhos? Não será por julgares que conheces melhor do que eles o assunto de que vão tratar? Que me responderias?

d *Alcibíades* — Decerto respondera que conheço o assunto melhor do que eles.

Sócrates — És, por conseqüência, bom conselheiro a respeito de assuntos do teu conhecimento?

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — E tudo o que conheces, não foi aprendido com outras pessoas ou descoberto por ti mesmo?

Alcibíades — Como poderia ser de outra maneira?

Sócrates — E poder-se-ia dar o caso de teres aprendido ou encontrado alguma coisa sem que tivesses querido aprender com alguém, nem houvesses investigado por conta própria?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — E te resolverias a aprender ou a investigar alguma coisa que supusesses já ser do teu conhecimento?

Alcibíades — Nunca.

e *Sócrates* — E o que porventura sabes neste momento, não houve tempo em que presumias ignorar?

Alcibíades — Necessariamente.

Sócrates — Creio estar mais ou menos a par de tudo o que aprendeste. Se eu omitir alguma coisa, nomeia-a. Tanto quanto posso lembrar-me, aprendeste a ler e a escrever, a tocar lira e a lutar. Não quiseste aprender a tocar flauta. Isso é o que sabes, a menos que tenhas aprendido mais alguma coisa escondido de mim, o que me parece improvável, pois não saías de casa, nem de dia nem de noite, sem que eu o percebesse.

Alcibíades — Não; só tive professores disso mesmo.

107 a IV — *Sócrates* — Sendo assim, sempre que os atenienses se reunirem para discutir a respeito de alguma questão de ortografia, pretendes levantar-te para dar tua opinião?

Alcibíades — Não, por Zeus!

Sócrates — Ou sobre o modo de pulsar a lira?

Alcibíades — Também não.

Sócrates — Eles não costumam, outrossim, deliberar na assembléia sobre as regras da luta?

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Então, a respeito de quê pretendes aconselhá-los em suas deliberações? Não há de ser sobre construções.

Alcibíades — Não.

b *Sócrates* — Melhor conselheiro do que tu, para esse caso, seria um arquitecto.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Nem, tampouco, quando estiverem tratando de adivinhação.

Alcibíades — Não.

Sócrates — A esse respeito, um adivinho leva vantagem sobre ti.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Pouco importando que ele seja de grande ou pequena estatura, bonito ou feio, de nobre ou de vil ascendência.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Para ser bom conselheiro, o que importa não é a riqueza, porém o saber.

Alcibíades — Como não?

Sócrates — Assim, quer seja rico, quer pobre o autor do conselho, não faz diferença para os ate-

c nienses, quando se põem a deliberar a respeito da saúde pública; só exigem que o conselheiro seja médico.

Alcibíades — E com razão.

Sócrates — Então, a respeito de que assunto poderás aconselhá-los, quando eles estiverem deliberando?

Alcibíades — Quando tratarem de seus próprios negócios.

Sócrates — Referes-te, por exemplo, a construções navais, quando discutirem que tipo de navios é preciso construir?

Alcibíades — Sobre isso, não, Sócrates.

Sócrates — Suponho que nada entendes da técnica da construção. Ou haverá outro motivo?

d *Alcibíades* — Não; é esse mesmo.

Sócrates — Então, a que negócios próprios te referes, de cuja discussão pretendes participar?

Alcibíades — Questões de guerra, Sócrates, e de paz, ou qualquer outro negócio de estado.

Sócrates — Já sei: é quando eles estiverem discutindo com quem devem concluir paz, ou contra quem declarar guerra, e como levá-la a efeito?

Alcibíades — Isso mesmo.

Sócrates — E que devem declará-la contra quem for mais conveniente?

Alcibíades — Sim.

e *Sócrates* — E no momento mais oportuno?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E durante todo o tempo que lhes convier?

Alcibíades — Isso mesmo.

Sócrates — Se os atenienses tivessem de decidir contra quem fora preciso empenhar-se em luta, ou lutar só com as mãos, sem tocar no corpo, e sobre as regras da competição, quem lhes poderia dar melhores conselhos, tu ou o pedótriba?

Alcibíades — O pedótriba, é claro.

Sócrates — Saberás dizer-me em que se basearia o pedótriba para aconselhá-los a lutar com este ou aquele, ou a dissuadi-los de tal propósito, e a indicar-lhes o momento oportuno e a maneira mais certa? Em outros termos: não lhes diria que fora conveniente lutar contra quem lhes ofereça maior probabilidade de vitória? Ou não?

Alcibíades — Sim.

108 a *Sócrates* — E sempre que for melhor fazê-lo?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E na ocasião mais oportuna?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Outro exemplo: por vezes, além de pulsar a cítara, não precisa o cantor acertar o passo ao canto?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Tudo isso no momento certo?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E sempre que for melhor fazê-lo?

Alcibíades — De acordo.

b V — *Sócrates* — Pois bem; já que empregas a mesma expressão. Melhor, tanto com relação à luta como ao canto acompanhado de cítara, quero que me digas que nome dás a esse melhor no canto? Eu, na palestra, dou-lhe o nome de ginástico. E tu, como designas o outro?

Alcibíades — Não compreendo.

Sócrates — Então, procura imitar-me. Eu responderia que para mim o melhor é o absolutamente

correto, sendo correto tudo o que é feito de acordo com a arte. Aceitas isso?

Alcibíades — Aceito.

Sócrates — Não é a ginástica uma arte?

Alcibíades — Como não?

c *Sócrates* — Digo, portanto, que em matéria de luta o melhor se denomina ginástico.

Alcibíades — Foi o que disseste.

Sócrates — E não estará certo?

Alcibíades — Parece-me que sim.

Sócrates — Agora é tua a vez; precisas iniciar-te na dialética. Começo por perguntar-te que nome dás à arte que compreende o canto certo, o toque de cítara e o ritmo dos passos? Em conjunto, como se denomina? Ainda não saberás dizê-lo?

Alcibíades — Ainda não.

Sócrates — Tentemos por outro modo. Quais são as deusas que presidem a essa arte?

Alcibíades — Estás pensando nas Musas, Sócrates?

d *Sócrates* — Justamente. Como se chama a arte que delas tira o nome?

Alcibíades — Quero crer que te referes à música.

Sócrates — É isso mesmo. Agora dize-me que nome se dá ao que é excelente em relação à arte da música. Assim como eu te indiquei o termo exato que se aplica à execução, quando feita de acordo com as regras de outra arte — a ginástica — dize-me agora, por tua vez, que nome tem na música o que é feito com todas as regras da arte.

Alcibíades — Creio que é músico.

Sócrates — Muito bem. Continua. E quando se atinge a excelência em matéria de paz e de e guerra, de que modo a nomeias? Assim como nos outros casos deste o nome de músico ao que é excelente na música, e o de ginástico ao que sobreexcele em ginástica, procura agora designar também o melhor em questão de paz e de guerra.

Alcibíades — Para ser franco, não sei.

Sócrates — Ora, fora vergonhoso, se estivesses falando com alguma pessoa e dando conselhos a respeito de alimentos, e dissesses que tal alimento era melhor do que outro, em tal tempo ou em tal quantidade, e essa pessoa te perguntasse: Que en-

tendes por melhor alimento, Alcibíades? não lhe responderias que era o mais sadio, muito embora não te apresentasses como médico? No entanto, quando te formulam uma pergunta sobre assunto que declaras conhecer e a respeito do que te apresentaste
109 a para falar como entendido, não te sentirias envergonhado de não saberes responder, ao te formularem essa pergunta? Ou não te parece vergonhoso?

Alcibíades — Muito.

Sócrates — Então reflete um pouco, e procura explicar em que consiste o melhor a respeito de paz, quando for preciso ser firmada, ou com relação à guerra levada a cabo contra o adversário certo.

Alcibíades — Por mais que reflita, não atino com a resposta.

Sócrates — Ora, quando estamos em guerra, não sabes as queixas que alegamos reciprocamente
b para justificá-la, e de que expressões nos valemos para esse fim?

Alcibíades — Sei! Que fomos enganados, ou nos fizeram violência, ou que nos tomaram algo.

Sócrates — Continua. E como procedemos nessas ocasiões? Procura a expressão que possa aplicar-se a todos os casos em particular.

Alcibíades — Queres dizer, Sócrates, que em cada caso procedemos justa ou injustamente?

Sócrates — É isso mesmo.

Alcibíades — Mas a diferença é enorme!

Sócrates — E então? Contra que adversários aconselharias os atenienses a marchar para a guerra: contra os que procederam injustamente com eles, ou contra os que obraram com justiça?

c *Alcibíades* — Pergunta difícil, essa, de responder, Sócrates, pois ainda mesmo que alguém se dispusesse a atacar os que procederam com justiça, jamais o confessaria.

Sócrates — Não seria legítima sua conduta, ao que parece.

Alcibíades — Não, decerto; nem honesta, quero crer.

Sócrates — Assim, tomarias a justiça como base de teus conselhos?

Alcibíades — Necessariamente.

Sócrates — Sendo assim, esse melhor que te pedi me definisses, quando se vai ou não se vai para

a guerra, contra quem deve ser ou não deve ser declarada, e qual o momento mais oportuno de iniciá-la ou não, vem a ser simplesmente o justo, não é verdade?

Alcibíades — Evidentemente.

d VI — *Sócrates* — Mas, então, meu caro Alcibíades, como não percebeste que ignoravas isso, ou dar-se-á o caso de haveres freqüentado, sem o saberes, algum professor que te ensinou a distinguir entre o justo e o injusto? Quem é ele? Dize-me quem seja, e apresenta-me a ele, para que eu também me aproveite de suas lições.

Alcibíades — Estás zombando, Sócrates.

Sócrates — Não, pelo deus amigo de nós dois, e cujo nome eu não invocaria em vão; se esse professor existe, dize-me como se chama.

Alcibíades — Mas se nunca houve tal professor! Não admites que por outros meios eu possa ter aprendido a conhecer o justo e o injusto?

Sócrates — Sim, se o descobriste por ti mesmo.

Alcibíades — E achas que eu nunca poderia descobri-lo?

Sócrates — Sem dúvida; bastaria procurar.

Alcibíades — E não admites que o tenha feito?

Sócrates — Sim, no caso de pensares que não o conhecias.

Alcibíades — E não houve época em que eu pensava dessa maneira?

Sócrates — Muito bem. Poderás indicar-me esse tempo em que pensavas não conhecer a na-110 a tureza do justo e do injusto? Vejamos: no ano passado procuraste conhecê-lo, por imaginares que ainda o ignoravas? Ou pensavas já conhecê-lo? Dize a verdade, para que não venhamos a falar em vão.

Alcibíades — Bem; pensava sabê-lo.

Sócrates — E há três anos, e há quatro, ou há cinco anos, tua situação não era a mesma?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Antes desse tempo, ainda eras criança, não é verdade?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Porém tenho certeza de que nessa época imaginavas saber.

Alcibíades — Certeza, como?

b *Sócrates* — Muitas vezes, no tempo de menino, em casa do professor ou alhures, quando jogavas dados com teus colegas ou te entregavas a qualquer outro divertimento, não revelavas nenhuma indecisão com respeito à natureza do justo e do injusto, mas em voz alta e corajosamente chamavas fosse qual fosse dos teus companheiros de mau e injusto e o acusavas de estar roubando. Não é verdade?

Alcibíades — E que deveria fazer, Sócrates, quando me roubavam no jogo?

Sócrates — Se nesse tempo ainda ignoravas se era justo ou injusto o que te faziam, como perguntas o que deverias fazer?

c *Alcibíades* — Por Zeus, não o ignorava; sabia perfeitamente que estavam praticando comigo uma injustiça.

Sócrates — Pelo que se vê, és de parecer que desde criança conheces a natureza do justo e do injusto.

Alcibíades — Sim; conhecia, realmente.

Sócrates — E em que época a descobriste? Não, decerto, no tempo em que pensavas conhecê-la.

Alcibíades — Não, sem dúvida.

Sócrates — Quando, então, presumias ignorá-la? Pensa bem; não podes dizer em que tempo foi isso?

Alcibíades — Com efeito, Sócrates, por Zeus! Não sei o que dizer.

d *Sócrates* — Então não aprendeste tal coisa por a teres descoberto.

Alcibíades — É o que parece.

Sócrates — Mas há pouco disseste que não conhecias isso por haver aprendido. Ora, se não o descobriste por ti mesmo, nem aprendeste com ninguém, de que modo e de onde te veio tal conhecimento?

VII — *Alcibíades* — Decerto não respondi direito, quando disse que o havia descoberto.

Sócrates — Então, como deveria ter respondido?

Alcibíades — Creio que aprendi com todo o mundo.

Sócrates — Voltamos, assim, ao ponto de partida. Com quem aprendeste? Dize-me.

e *Alcibíades* — Com todo o mundo.

Sócrates — Não te acolhes a professores recomendáveis, com te refugiares entre o vulgo.

Alcibíades — Como assim? O vulgo não é capaz de ensinar nada?

Sócrates — Nem sequer a jogar gamão, que é muito menos difícil de aprender do que a justiça. Não pensas desse modo?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Se não é capaz de ensinar o mais fácil, como poderá fazê-lo com o mais difícil?

Alcibíades — Penso que pode; o vulgo tem capacidade para ensinar coisas mais difíceis do que esse jogo.

Sócrates — Que coisas?

111 a *Alcibíades* — Ora, aprendi com eles a falar grego, pois o certo é que não poderei indicar meu professor nessa matéria, se não for, justamente, o que te parece tão pouco recomendável.

Sócrates — Sim, caro amigo; são ótimos professores de grego, dignos, nesse ponto, dos maiores encômios.

Alcibíades — Por quê?

Sócrates — Por serem dotados das qualidades indispensáveis aos bons professores.

Alcibíades — Que queres dizer com isso?

Sócrates — Não sabes que a condição essencial para ensinar alguma coisa é conhecê-la? Ou não?

b *Alcibíades* — Perfeitamente.

Sócrates — E que os que conhecem essa coisa devem estar sempre de acordo, sem nunca divergirem de opinião?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Dirias que eles conhecem os assuntos em que estão em desacordo?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — E então? Acreditas que os do vulgo venham a ficar em desacordo a respeito do que seja pau ou pedra? Qualquer pessoa a quem te dirigires, não te daria sempre uma única resposta c e não correria para o mesmo objeto, se se tratasse de apanhar um pau ou uma pedra? E assim com tudo o mais, o que eu suspeito ser mais ou menos o que entendes por falar grego. Ou não?

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Ora, como dizíamos, não é verdade que nesse ponto todos estão de acordo entre si e

cada um consigo mesmo, e que do mesmo modo não discrepam publicamente e empregam sempre as mesmas expressões?

Alcibíades — Com efeito.

d *Sócrates* — É de presumir, portanto, que todos sejam excelentes professores nessa matéria.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Sendo assim, no caso de querermos deixar alguém em condições de falar corretamente a língua grega, faríamos bem em encaminhá-lo para a escola das multidões?

Alcibíades — Perfeitamente.

VIII — *Sócrates* — Porém se não quiséssemos saber apenas o que é homem e o que é cavalo, mas que homens ou que cavalos são bons ou maus corredores, os da maioria ainda seriam os mais indicados para no-lo ensinar?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — A melhor prova de que eles des-
e conhecem o assunto e de que não são professores competentes nessa matéria é nunca chegarem a um acordo entre eles mesmos.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — E então? Se quiséssemos saber, não apenas o que são os homens, porém que homens são sadios ou doentes, estaria ainda a maioria em condições de no-lo ensinar?

Alcibíades — Não, de fato.

Sócrates — E a prova de que eles são maus professores nessa matéria, não na terias no fato de vê-los sempre em desacordo?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E agora? A respeito de homens ou
112 a de negócios justos ou injustos, és de parecer que os da multidão estão de acordo uns com os outros, ou cada um consigo mesmo?

Alcibíades — Pior ainda, Sócrates, por Zeus!

Sócrates — Não é sobre isso que se revela maior entre eles o desacordo?

Alcibíades — Sem dúvida!

Sócrates — Por outro lado, quero crer que nunca viste nem nunca ouviste dizer que os homens se desaviessem a respeito do que é são ou do que é doentio, a ponto de chegarem às vias de fato e de se matarem?

Alcibíades — Nunca.

b *Sócrates* — Mas com relação a disputas sobre o justo e o injusto, embora talvez nunca tivesses presenceado nenhuma, estou certo de que já ouviste referências a muitos casos, principalmente em Homero. Conheces a Ilíada e a Odisséia.

Alcibíades — Seguramente, Sócrates.

Sócrates — O argumento desses poemas não é o desacordo de sentimentos sobre o justo e o injusto?

Alcibíades — É.

Sócrates — Foi esse desacordo a causa das batalhas e da morte de acaios e de troianos, bem como c dos pretendentes de Penélope, na Odisséia.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Quero crer, também, que os atenienses, lacedemônios e beócios, que morreram em Tânagra, bem como posteriormente em Coronéia, onde também teu pai Clínias veio a falecer, não foi outra a causa de tantas mortes e batalhas senão a desavença a respeito do justo e do injusto, não é verdade?

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — No entanto, apelas para esses mesmos professores, cuja ignorância és o primeiro a reconhecer.

Alcibíades — É possível.

Sócrates — Como poderemos convir, então, que sabes o que seja a natureza da justiça e da injustiça, se aberras tanto nas tuas respostas, por ser evidente que nem a aprendeste com alguém, nem a encontraste por esforço próprio?

Alcibíades — Pelo que dizes, não é possível.

e IX — *Sócrates* — Não percebes, Alcibíades, como te exprimes com pouca precisão?

Alcibíades — A respeito de quê?

Sócrates — De pensares que eu disse tal coisa.

Alcibíades — Como assim? Não foste tu quem disseste que eu nada sei a respeito do justo e do injusto?

Sócrates — Eu, não.

Alcibíades — Então fui eu?

Sócrates — Sem dúvida.

Alcibíades — De que modo?

Sócrates — É o seguinte: suponhamos que eu te perguntasse qual dos dois números é maior: um ou dois. Não responderias que dois é o maior?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Maior, quanto?

Alcibíades — Uma unidade.

Sócrates — Qual de nós dois é o que diz que dois é uma unidade maior do que um?

Alcibíades — Eu.

113 a *Sócrates* — Logo, eu fui o que perguntei, e tu, o que respondeste?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Sobre esse assunto, portanto, quem é que se manifesta: eu que pergunto, ou tu que respondes?

Alcibíades — Eu.

Sócrates — E se eu te pedisse que me dissesses as letras da palavra Sócrates, quem se manifestaria, eu ou tu?

Alcibíades — Eu.

Sócrates — Falemos agora em tese: quando se estabelece uma troca de perguntas e respostas, quem é que se manifesta, quem pergunta ou quem responde?

Alcibíades — Parece-me, Sócrates, que é quem responde.

b *Sócrates* — Ora, em toda a nossa conversação anterior, não era eu o único a perguntar?

Alcibíades — Era.

Sócrates — E tu eras o que respondias?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Quem se manifestou, portanto, sobre o que ficou dito?

Alcibíades — Do que admitimos, Sócrates, sou forçado a concluir que fui eu.

Sócrates — E não ficou dito, também, que Alcibíades, o belo, filho de Clínias, ignorando a natureza do justo e do injusto, mas presumindo conhecê-la, pretendia apresentar-se à assembléia para dar conselhos aos atenienses a respeito de questões de que ele nada entendia?

c *Alcibíades* — Parece.

Sócrates — Aplica-se ao nosso caso, Alcibíades, aquilo de Eurípides: ouviste isso de ti mesmo, não de mim; não fui eu que o disse, porém tu, que me

acusas sem razão. O que disseste é muito certo. É verdadeira loucura, meu caro, levar avante o teu projeto de pretender ensinar aos outros o que nem sabes nem te deste ao trabalho de aprender.

d X — *Alcibíades* — Penso, Sócrates, que muito raramente os atenienses e os demais helenos discorrem em suas assembléias sobre o que seja mais justo ou mais injusto. Para eles todos, trata-se de uma questão evidente por si mesma. Por isso, deixam-na de lado e consideram apenas as resoluções de que possam auferir maiores vantagens. Segundo o meu modo de pensar, não é a mesma coisa o justo e o vantajoso; muitos homens tiram grande proveito de injustiças por eles mesmos praticadas, enquanto outros, é o que penso, nada lucraram com terem sido justos.

e *Sócrates* — E então? Admitindo-se que o justo e o vantajoso sejam diferentes, terás a pretensão de saber o que é vantajoso para os homens, e a razão de o ser?

Alcibíades — Por que não, Sócrates? Salvo se me perguntares outra vez com quem o aprendi ou de que modo o encontrei por mim mesmo.

Sócrates — Vês como te comportas? Se cometeres algum equívoco que possa ser refutado pelos mesmos argumentos de que nos servimos antes, insistes, apesar disso, em querer ouvir nova argumentação, como se os primeiros argumentos não passassem de vestes safadas, que já não poderias usar. Forçoso será que te apresentem argumentos puros

114 a e imaculados. Não obstante, vou deixar de lado todo esse preâmbulo, para perguntar-te novamente onde aprendeste o que sabes sobre o útil, quem foi o teu professor, e tudo o mais de há pouco, apresentado agora de uma só vez. Mas, é evidente que vais voltar à situação anterior, sem poderes demonstrar que sabes isso por o teres descoberto por ti mesmo ou aprendido com alguém. Como, porém, te revelaste de paladar muito delicado, para não teres

b necessidade de provar duas vezes os mesmos argumentos, desisto de procurar saber se conheces ou não conheces o que é útil aos atenienses, e apenas te formulo uma pergunta: o útil e o justo são idênticos ou distintos? Por que não demonstras o teu

ponto de vista interrogando-me, como eu fiz contigo, ou, se o preferires, desenvolvendo tu mesmo teu pensamento?

Alcibíades — Não sei, Sócrates, se tenho capacidade para apresentar em termos exatos o problema.

Sócrates — Ora, meu caro; faze conta que eu sou a assembléia e o povo. Forçosamente terás de convencer na assembléia cada indivíduo isoladamente considerado, não é assim?

Alcibíades — Justamente.

c *Sócrates* — Não é possível a qualquer pessoa converter ao seu modo de pensar ou um indivíduo apenas ou uma reunião de muitos indivíduos? Não é isso que se dá com o professor de ginástica, que tanto ensina um aluno, como muitos?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E a respeito de números, uma só pessoa não poderá, do mesmo modo, convencer um ouvinte apenas, ou muitos ouvintes?

Alcibíades — É isso mesmo.

Sócrates — Desde que essa pessoa, naturalmente, conheça o assunto, isto é, bastando que seja matemático?

Alcibíades — É evidente.

Sócrates — Logo, se fores capaz de convencer muitas pessoas reunidas, poderás, do mesmo modo, convencer uma só.

Alcibíades — Creio que sim.

Sócrates — Se se tratar, é claro, de assunto do teu conhecimento.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — A diferença, portanto, entre o orador que fala perante uma assembléia e o que discorre numa conversa como a nossa, não consiste apenas em persuadir o primeiro muitas pessoas ao mesmo tempo, e o segundo, uma só, isoladamente?

d

Alcibíades — Parece que sim.

Sócrates — Muito bem; e já que se tornou evidente que o orador capaz de convencer muitas pessoas é também capaz de convencer uma só, exercita-te comigo e procura demonstrar-me que nem sempre o justo é vantajoso.

Alcibíades — És violento, Sócrates.

Sócrates — Pois só por violência vou provar-te precisamente o contrário daquilo que não quiseste demonstrar-me.

Alcibíades — Então fala.

Sócrates — Basta responderes ao que te perguntar.

e *Alcibíades* — Não; fala sozinho.

Sócrates — Como assim? Não admites que te possas deixar convencer por alguém?

Alcibíades — Quantas vezes for preciso.

Sócrates — E para ficares convencido, não é de mister que tu mesmo declares que as coisas se passam como eu disse?

Alcibíades — Penso que sim.

Sócrates — Então responde. Se não vieres a ouvir de ti mesmo que o justo é vantajoso, nunca mais acredites em ninguém.

Alcibíades — Não creio; mas vou responder ao que me perguntares, por não ver em que possa isso prejudicar-me.

115 a XI — *Sócrates* — És bom adivinho. Então dize-me: segundo o teu modo de pensar, entre as coisas justas algumas são vantajosas e outras não?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E então? Não haverá entre elas algumas bonitas e outras que o não sejam?

Alcibíades — Que queres dizer com isso?

Sócrates — Pergunto se já viste alguém cometer uma ação feia, porém justa.

Alcibíades — Nunca.

Sócrates — Nesse caso, todas as ações justas são belas?

Alcibíades — São.

Sócrates — E com relação às coisas belas, serão todas boas, ou algumas o serão, com exclusão de outras?

Alcibíades — A meu ver, Sócrates, algumas coisas belas são más.

Sócrates — E há coisas feias que sejam boas?

Alcibíades — Há.

Sócrates — Que queres dizer com isso? Exemplificando, não será o caso dos soldados na guerra, que vêm a morrer por ferimentos recebidos, quando saem em socorro de algum parente ou companheiro,

enquanto outros, que tinham o dever de fazer o mesmo, porém não o fazem, retiram-se incólumes?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Por outro lado, consideras má essa mesma ação, por implicar morte e ferimentos, não é?

Alcibíades — Sim.

c *Sócrates* — Mas uma coisa é a coragem, e outra a morte, não é verdade?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Sendo assim, socorrer os amigos não pode ser belo e feio ao mesmo tempo.

Alcibíades — Não, evidentemente.

Sócrates — Considera agora se o que deixa bela essa ação, também não a deixa boa, como no caso anterior. Foste o primeiro a conceder que, como ato corajoso, era belo o auxílio prestado. Agora, procura saber se a coragem é boa ou má. Reflete sobre isso. Que escolherias, o bem ou o mal?

Alcibíades — O bem.

d *Sócrates* — E, sem dúvida, o maior bem possível?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Do qual por modo nenhum desejarias ver-te privado?

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — E o que me dizes da coragem? Por que preço consentirias em ficar dela privado?

Alcibíades — Preferira não viver a ser cobarde.

Sócrates — A teus olhos, portanto, a cobardia é o maior dos males.

Alcibíades — É o que eu penso.

Sócrates — Igual à morte, ao que parece.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E o extremo oposto da morte e da cobardia, não será a vida e a coragem?

Alcibíades — Sim.

e *Sócrates* — Disto, então, desejarias para ti o máximo, e de seus contrários, o mínimo?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E isso, por considerares melhores aqueles, e estes piores?

Alcibíades — De acordo.

Sócrates — Entre as melhores coisas, portanto, incluis a coragem, e, entre as piores, a morte?

Alcibíades — É o que eu penso.

Sócrates — Assim, qualificas de bela a ação de socorrer os amigos na guerra, enquanto ato de coragem.

Alcibíades — Penso que sim,

Sócrates — Porém má, por causa da morte que se lhe segue?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Essa é a maneira certa de qualificar cada uma de nossas ações: à que produz mal darás o nome de má; porém terás de considerar boa a

116 a que produz algum bem.

Alcibíades — É também o que eu penso.

Sócrates — E enquanto boa não será bela, e enquanto má não será feia?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Sendo assim, quando dizes que socorrer os amigos na guerra é uma ação bela, porém má, é o mesmo que dizeres que se trata de uma ação boa, porém má.

Alcibíades — Acho que tens razão, Sócrates.

Sócrates — Logo, nada belo, enquanto belo, é mau, nem nada feio, enquanto feio, é bom.

b *Alcibíades* — É o que parece.

XII — *Sócrates* — Considera de igual modo também o seguinte: quem executa uma bela ação não se comporta bem?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E os que se comportam bem, não são felizes?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — E não serão felizes por possuírem algum bem?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E só alcançam esse bem por seu comportamento belo e bom?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Logo, comportar-se bem é bom.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E o bom comportamento será belo?

Alcibíades — É.

c *Sócrates* — Assim, mais uma vez o belo e o bom se nos revelam como idênticos.

Alcibíades — É o que parece.

Sócrates — Logo, se é válido o nosso raciocínio, sempre que acharmos que uma coisa é bela, teremos também de considerá-la boa.

Alcibíades — Forçosamente.

Sócrates — E então? O que é bom não é vantajoso?

Alcibíades — É.

Sócrates — Ainda te recordas do que concluímos a respeito do justo?

Alcibíades — Se bem me lembro, foi que quem pratica uma ação justa, necessariamente realiza um ato belo.

Sócrates — Assim, as belas ações são boas?

Alcibíades — São.

d *Sócrates* — E o que é bom é vantajoso?

Alcibíades — É o que parece.

Sócrates — E então? Quem o declara não és tu, e não sou eu o que pergunto?

Alcibíades — Sou eu, realmente.

Sócrates — Logo, se alguém se levantasse para aconselhar os atenienses ou os peparétios, por pretender conhecer o que é justo e o que é injusto, e dissesse que por vezes as coisas justas são feias, não e te ririas dessa pessoa, já que tu mesmo afirmas que o justo e o útil são idênticos?

Alcibíades — Pelos deuses, Sócrates, já não sei o que falo; encontro-me numa situação esquisita; quando me interrogas, ora sou de uma opinião, ora de outra.

Sócrates — E ignoras, amigo, de onde te vem essa perturbação?

Alcibíades — Completamente.

Sócrates — Acreditas que se alguém te perguntasse se tens dois olhos ou três, duas mãos ou quatro, ou qualquer coisa do mesmo teor, responderias ora de um jeito, ora de outro, ou todas as vezes da mesma forma?

117 a *Alcibíades* — Conquanto já me encontre desconfiado de mim mesmo, creio que daria sempre resposta idêntica.

Sócrates — E a causa disso? Não é por conheceres o assunto?

Alcibíades — Creio que sim.

Sócrates — É evidente, portanto, que sempre que respondes contraditoriamente, sem o quereres, é por desconheceres o assunto em debate.

Alcibíades — Decerto.

Sócrates — E não reconheces que varias em tuas respostas a respeito do justo e do injusto, do belo e do feio, do ruim e do bom, do vantajoso e do desvantajoso? Não é evidente que isso só acontece por ignorares o assunto?

b *Alcibíades* — De acordo.

XIII — *Sócrates* — E não será isso um caso geral? Se alguém ignora determinado assunto, forçosamente vacilará na sua apreciação.

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — E então? Sabes de que modo se sobe ao céu?

Alcibíades — Não, por Zeus!

Sócrates — E revelas alguma indecisão acerca desse assunto?

Alcibíades — Nenhuma.

Sócrates — E a razão disso, conhece-la, ou será preciso que eu ta revele?

Alcibíades — Dize qual seja.

Sócrates — É que, amigo, ignorando o assunto, como ignoras, não presumes conhecê-lo.

c *Alcibíades* — Que queres dizer com isso?

Sócrates — Raciocina comigo. Revelas-te perplexo naquilo que tens a certeza de ignorar? Por exemplo: sabes muito bem que ignoras como se preparam os alimentos.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E como te comportas a esse respeito? Pões-te a refletir sobre a maneira do preparo e te mostras vacilante, ou recorres a alguém que entenda do assunto?

Alcibíades — Assim farei.

Sócrates — E se estivesses viajando, ficarias atrapalhado por não saberes se era preciso virar o
d timão do leme para dentro ou para fora, ou, de preferência, recorrerias ao piloto e te deixaras ficas tranqüilo?

Alcibíades — Recorreria ao piloto.

Sócrates — Logo, não vacilas a respeito do que ignoras, sempre que tens consciência de que o ignoras?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Percebes, portanto, que os erros na vida prática decorrem dessa modalidade de ignorância, que consiste na presunção de sabermos o que não sabemos?

Alcibíades — Que queres dizer com isso?

Sócrates — Quando nos dispomos a fazer determinada coisa, não é por estarmos certos de saber o que fazemos?

Alcibíades — Sim.

e *Sócrates* — E, ao contrário: não recorre a outra pessoa quem tem consciência da própria ignorância?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — Sendo assim, os ignorantes desse tipo atravessam a vida sem cometer erros, porque deixam ao cuidado dos outros os assuntos que eles ignoram.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Se não são, portanto, nem os que sabem, nem os ingnorantes que sabem que não sabem,

118 a restam apenas os que, não sabendo, presumem saber.

Alcibíades — São esses, realmente.

Sócrates — E não é essa modalidade de ignorância a causa de todos os males e a mais repreensível das ignorâncias?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E quanto mais importante for o assunto, mais nociva e vergonhosa será ela.

Alcibíades — Muito!

Sócrates — E, agora, conheces assunto mais importante do que o relativo ao justo, o belo, o bom e o útil?

Alcibíades — Nenhum.

Sócrates — E não é precisamente a respeito deles, conforme o declaraste, que te mostras indeciso?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E se erras a respeito deles, não é evidente, do que ficou dito, que, não somente desconheces os assuntos mais importantes, como, des-

b conhecendo-os, presumes conhecê-los?

Alcibíades — É o que parece.

Sócrates — Ah, meu caro Alcibíades, de que doença estás sofrendo! Vacilo em qualificá-la; todavia, já que estamos sós, é preciso que o diga. Coa-

bitas, meu caro, com a pior espécie de ignorância, o que tua conversação te demonstrou, ou melhor, tu a ti mesmo. Por isso, atiras-te à política antes de te haveres instruído. Aliás, não és o único a sofrer de semelhante mal, mas quase todos os que se ocupam

c com os negócios da República, com exceção de uns poucos e, naturalmente, do teu tutor, Péricles.

XIV — *Alcibíades* — Dizem, Sócrates que ele não aprendeu o que sabe por esforço próprio, porém no trato e conversação com muitos sábios, entre os quais Pitóclides e Anaxágoras; e agora mesmo, na idade a que chegou, mantém relações com Damão, para o mesmo fim.

Sócrates — E então? Já viste ser alguém sábio em qualquer matéria e incapaz de transmitir a outrem o conhecimento de sua especialidade? Por exemplo: quem te ensinou a ler, não somente era sábio nessa matéria, como te deixou sábio nisso, a ti e a muitas pessoas mais que lhe aprouvesse ensinar, não é verdade?

Alcibíades — Sim.

d *Sócrates* — E tu, instruído por ele, és capaz, por tua vez, de ensinar outras pessoas?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — O mesmo se dá com os professores de cítara e de ginástica?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — A melhor prova, portanto, que pode alguém dar de que possui determinado conhecimento, é ser capaz de transmitir a outrem esse mesmo conhecimento.

Alcibíades — É também o que eu penso.

Sócrates — Pois bem: poderás apontar-me quem Péricles já deixou sábio, a começar pelos seus próprios filhos?

e *Alcibíades* — Como, Sócrates! Se os dois filhos de Péricles são deficientes!

Sócrates — Ou então o teu irmão Clínias?

Alcibíades — Por que mencionares Clínias, esse louco?

Sócrates — Bem; uma vez que Clínias é louco e os filhos de Péricles, deficientes, por que motivo se descuida ele de tua educação, sendo tu tão bem dotado como és?

Alcibíades — Decreto é minha a culpa, por não prestar atenção ao que ele diz.

119 a *Sócrates* — Então cita-me alguém entre os demais atenienses e estrangeiros, ou seja escravo ou homem livre, que se tenha tornado mais sábio com a convivência de Péricles, como eu poderia citar-te Pitodoro, filho de Isóloco, e Cálias, filho de Calíades, que muito aproveitaram no convívio com Zenão e se tornaram varões sábios e preclaros, para o que pagou cada um a Zenão cem minas.

Alcibíades — Por Zeus, não poderei fazê-lo.

Sócrates — Está bem. E quais são os teus planos a teu próprio respeito? Pretendes continuar como estás, ou aplicar-te a alguma coisa?

b XV — *Alcibíades* — Isso é assunto para deliberarmos juntos, Sócrates. Aliás, compreendo o que dizes e declaro-me de pleno acordo contigo. Nossos homens públicos, com pouquíssimas excessões, se me afiguram de todo incompetentes.

Sócrates — E daí?

Alcibíades — Se fossem cultos, os que se propusessem medir-se com eles teriam de instruir-se e exercitar-se como se tivessem de haver-se com atletas; como, porém, se dedicam à política sem nenhum c preparo prévio, por que se exercitarem os outros e se cansarem em aprender? Eu, de mim, sei perfeitamente que os excedo de muito em dotes naturais.

Sócrates — Que proposição avançaste, meu caro! Não vai bem isso com o teu físico e demais qualidades.

Alcibíades — Onde está o exagero, Sócrates, e por que dizes isso?

Sócrates — Sinto-o por ti e pela afeição que te dedico.

Alcibíades — E a razão disso?

Sócrates — Por imaginares que a competição que tens em mira diz respeito à gente daqui.

Alcibíades — E a quem mais dirá respeito?

d *Sócrates* — Isso é pergunta que possa fazer quem se considerar magnânimo?

Alcibíades — Queres dizer que não é com eles que eu terei de haver-me?

Sócrates — Se te dispusesses a governar uma trirreme prestes a entrar em combate, contentar-te-ias com ser o mais hábil piloto da tripulação? Ou,

de preferência, aceitando como natural essa superioridade, não te compararias com os teus verdadeiros adversários, e não, como agora fazes, com os companheiros de campanha? A estes a tal ponto
e deves avantajar-te, que nem lhes ocorra a idéia de rivalizarem contigo; ao contrário, tratados como inferiores, lutarão ao teu lado contra os inimigos. É o que farias, se de fato pretendes realizar algo belo e, sobretudo, digno de ti e da cidade.

Alcibíades — É isso, realmente, o que pretendo fazer.

Sócrates — E considerarás suficiente seres superior aos nossos soldados, sem lançares as vistas para os comandantes dos inimigos, com o intuito de sobrepujá-los em toda a linha, estudando-os e tomando tuas medidas em relação a eles?

120 a *Alcibíades* — A que inimigos te referes, Sócrates?

Sócrates — Ignoras que nossa cidade está em constante guerra com os lacedemônios e com o Grande Rei?

Alcibíades — É certo o que dizes.

XVI — *Sócrates* — Logo, se formas o projeto de tornar-te chefe da nossa gente, deves admitir como certo que terás de disputar o primado contra o Rei dos lacedemônios e o dos persas.

Alcibíades — É possível que tenhas razão.

Sócrates — Não, não, amigo! Enganei-me! É para Mídias que deves olhar, o criador de codornas,
b e para outros que tais, que se abalançam a tratar dos negócios da cidade tendo ainda na alma, como diriam as mulheres, o corte de cabelo dos escravos, de tão incultos que são, até mesmo no hábito externo, e que com o seu linguajar bárbaro não vieram governar o povo, porém adulá-lo. É para esses, digo, que deves olhar, sem te preocupares com o modo de
c aprender o que é preciso ficares conhecendo no momento em que te encontras na iminência de principiar uma luta séria, e sem praticares o que fora de necessidade praticar antes de te iniciares nos negócios públicos,

Alcibíades — Acho, Sócrates, que tens razão nesse ponto, mas também sou de parecer que tanto os generais lacedemônios como o Rei dos persas em nada diferem dos demais.

Sócrates — Reflete mais de espaço, meu caro, no juízo que acabas de emitir.

Alcibíades — Sob que aspecto?

Sócrates — Em primeiro lugar, sobre se não virias a tomar mais cuidado contigo mesmo, no d caso de teres medo deles e de os considerares adversários temíveis, do que se pensasses o contrário?

Alcibíades — É evidente que procederia dessa maneira, se me arreceasse deles.

Sócrates — E achas que esses cuidados te prejudicariam em alguma coisa?

Alcibíades — De forma alguma; ganharia imensamente com isso.

Sócrates — Sendo assim, tal modo de pensar te acarreta pelo menos esse prejuízo.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — Em segundo lugar, tudo faz crer que semelhante juízo não procede.

Alcibíades — Como assim?

Sócrates — Em que raças há maior probabilidade de encontrarmos as melhores naturezas, nas e mais nobres ou nas inferiores?

Alcibíades — Nas mais nobres, evidentemente.

Sócrates — E não é certo, também, que as boas naturezas, quando bem cultivadas, chegam a alcançar a perfeição na virtude?

Alcibíades — Forçosamente.

XVII — *Sócrates* — Estabeleçamos, então, um confronto entre eles e nós, começando por perguntar se os lacedemônios e o rei dos persas parecem ser de raça inferior à nossa. Não é certo sabermos que aqueles descendem de Héracles e o outro dos Aquemênidas, e que a linha de Héracles e a dos Aquemênidas são tidas como originárias de Perseu, filho de Zeus?

121 a *Alcibíades* — E a nossa Sócrates, vai entroncar-se em Eurísace, e a de Eurísace, em Zeus.

Sócrates — E a nossa, nobre Alcibíades, em Dédalo, e por intermédio de Dédalo, em Hefesto, filho de Zeus. Porém no caso deles, a principiar por eles mesmos, trata-se de uma seqüência ininterrupta de reis que vão bater em Zeus. Uns reinaram em Argos e na Lacedemônia; os outros sempre reinaram na Pérsia e, muitas vezes, mesmo, como presente-

mente, na Ásia, ao passo que nós e nossos pais não
b passamos de simples particulares. Imagina só o ridículo a que te exporias, se na frente de Artaxerxes, filho de Xerxes, quisesses fazer praça de teus antepassados, de Salamina, pátria de Eurísaces, e de Egina, pátria de Ajaz! Examina bem, se além de inferiores quanto ao berço, não o somos também no que diz respeito à educação. Nunca ouviste falar na extensão das propriedades dos reis dos lacedemônios, cujas esposas ficam sob a guarda pública dos éforos, para evitar, na medida do possível, que
c venha a reinar alguém estranho à raça dos Heráclidas? E tão grande, nesse sentido, é a superioridade do Rei dos persas, que nem se concebe a possibilidade de suspeitar alguém que algum monarca possa ser filho de outro rei. Daí ser a melhor guarda da rainha o próprio medo que ela inspira. Quando nasce o primogênito, herdeiro presuntivo da coroa, logo é festejado o acontecimento por todo o povo e os próprios governantes; daí por diante, todos os anos, no dia do aniversário do príncipe, a Ásia inteira comemora a efeméride com festejos e sacri-
d fícios. Ao passo que quando eu e tu nascemos, Alcibíades, nem mesmo os vizinhos, como diz o poeta cômico, o percebem. Desde o início, não fica o príncipe real sob os cuidados de alguma ama sem préstimo, porém dos melhores eunucos do palácio, que tomam conta do recém-nascido e se esforçam por deixá-lo fisicamente o mais belo possível, endireitando-lhe os membros e ajeitando-os, ofício esse que lhes granjeia na corte alta consideração. Quando
e os príncipes atingem a idade de sete anos, dão-lhes mestres de equitação e o iniciam na caça. Com duas vezes sete anos, são entregues aos chamados preceptores reais, pessoas escolhidas entre os persas de maior conceito e no vigor da idade, em número de quatro: o mais sábio, o mais justo, o mais moderado
122 a e o mais valente. O primeiro o instrui no magismo de Zoroastro, filho de Oromásio, que consiste no culto dos deuses. Ensina-lhe também a arte de reinar. O mais justo o ensina a dizer sempre a verdade. O mais moderado o ensina a não se deixar dominar por nenhum prazer, para que se habitue a ser livre e rei, de fato, o que começa pelo domínio das paixões, para delas não vir a ser escravo. O mais

corajoso o ensina a ser intrépido e isento de medo, inculcando-lhe que temor é escravidão. Ao passo
b que tu, Alcibíades, Péricles instituiu como teu preceptor um dos seus escravos, Zópiro de Trácia, que de tão velho se tornara imprestável. Poderia alongar-me ainda em particularidades a respeito da criação de teus adversários e da maneira de educá-los; porém seria cansativo; o que ficou dito basta para ilustrar tudo o mais que se lhe segue. Quanto ao teu nascimento, Alcibíades, e tua educação, bem como a de qualquer outro ateniense, ninguém dá a menor importância, por assim dizer, com exceção de algum dos teus apaixonados. Mas se quiseres considerar a riqueza, os divertimentos, as vestes lu-
c xuosamente enfeitadas, o uso de ungüentos perfumados, o séquito numeroso de servidores e todos os demais requintes da vida opulenta dos persas, ficarias envergonhado de ti mesmo, por perceberes quão longe te encontras de alcançá-los.

XVIII — Do mesmo modo, se lançares as vistas para a temperança dos lacedemônios, sua modéstia, amenidade, brandura, magnanimidade, disciplina, coragem, pertinácia, paixão do trabalho, amor da glória e o gosto das distinções que lhes é próprio,
d haverias de considerar-te menino em confronto com eles. Até mesmo com relação à riqueza, se imaginas que nesse particular te sobressais, não interrompamos nosso paralelo, para que possas adquirir consciência de quanto realmente vales. Se considerares sob esse aspecto a fortuna dos lacedemônios, serás obrigado a confessar que nós outros, em relação a eles, ficamos muito atrás. Ninguém pode entre nós competir com eles na extensão das propriedades e fertilidade das terras, tanto no seu próprio país como em Messênia; ou no número de escravos,
e principalmente hilotas, de cavalos e dos demais rebanhos criados por eles nos pastos de Messênia. Deixando, porém, tudo isso de lado, há mais ouro e prata entre os lacedemônios do que entre os demais helenos tomados em conjunto, pois desde muitas gerações é o que para lá converge de todo o mundo helênico e, por vezes mesmo, dos povos bárbaros; porém de lá nunca sai nada. Como na fábula de
123 a Esopo, diz a raposa para o leão: estão bem visíveis as marcas do dinheiro que entra na Lacedemônia,

porém não se vê nenhuma do dinheiro que sai, do que podemos inferir com segurança que, de todos os helenos, sejam os habitantes da Lacedemônia os mais ricos em ouro e prata, principalmente os reis, aos quais toca em partições freqüentes o lote mais opimo. Acrescentemos a isso o tributo, que não é pequeno, pago pelos lacedemônios. Todavia, b com ser grande a riqueza dos lacedemônios, quando comparada com a dos demais helenos, é nada em confronto com a dos persas e do seu Rei. Contou-me pessoa fidedigna, conhecedora da corte do Rei, que atravessou um terreno fértil, da extensão de um dia de jornada mais ou menos, a que os moradores da região dão o nome de Cinto da rainha; há outro, ainda, denominado Véu, e outros mais, de primeira qualidade todos eles, reservados para os adornos da c rainha, e que recebem denominação especificada, de acordo com os nomes de seus diferentes ornatos. Por isso ponho-me a pensar que se alguém fosse dizer à mãe do rei, Améstride, mulher de Xerxes: O filho de Dinômaque tenciona declarar guerra a teu filho, sendo que o guarda-roupa dela poderá valer cinqüenta minas, se tanto, enquanto o filho tem uma propriedade em Erquia de menos de trezentos pletros, ela, sem dúvida se perguntaria, admi- d rada: Em que confia esse Alcibíades, para atrever-se a atacar Artaxerxes? e concluiria consigo mesma que ele só conta para essa aventura com sua diligência e sabedoria, as únicas coisas a que os helenos dão valor. E quando ela ouvisse dizer que o Alcibíades da idéia de semelhante empreendimento tem vinte anos incompletos, que é de todo falto de instrução, e que, além do mais, ao lhe dizer o seu admirador e que antes de entrar em luta com o rei precisaria instruir-se, aperfeiçoar-se e exercitar-se, ele protestou, asseverando ser bastante para esse empreendimento o que já sabe, quero crer que ela se mostraria espantada e perguntaria: com que, então, conta esse adolescente? E se lhe disséssemos que ele conta com sua beleza, estatura, nascimento, riqueza e dotes do espírito, decerto, Alcibíades, ela nos tomaria por loucos, ao comparar todas essas vantagens com o que ela própria está habituada a ver no meio dos seus.
124 a E quero crer, ainda, que Lâmpido, filha de Leotíquides, mulher de Arquidamo e mãe de Ágis, que

foram todos reis, revelaria igual admiração, depois de confronto idêntico, ao saber que com toda a tua falta de preparo tencionavas entrar em luta com seu filho. Não achas que é humilhante ajuizarem a nosso respeito as mulheres de nossos adversários com mais acerto do que nós mesmos? Não, meu b ditoso Alcibíades, deixa-te convencer por mim e pela inscrição de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo", porque os teus adversários são como eu te disse, não como os imaginas, e só pela indústria e pelo saber nos será possível sobrepujá-los. Se te descurares nesse sentido, terás de desistir de alcançar nome e fama entre os helenos e os povos bárbaros, que é o que parece desejar acima de tudo quanto possam desejar os homens.

XIX — *Alcibíades* — Não quererás dizer-me, Sócrates, em que será preciso que me esforce? Mais do que em tudo, há grande viso de verdade nisso que afirmaste.

c *Sócrates* — De muito bom grado; mas será preciso que investiguemos juntos o melhor modo de nos aperfeiçoarmos, porque tudo o que eu vier a dizer a respeito de educação não se aplica menos a mim do que a ti. Só numa coisa eu levo vantagem sobre ti.

Alcibíades — Qual será?

Sócrates — Meu tutor é melhor e mais sábio do que Péricles, que é o teu.

Alcibíades — Quem é ele, Sócrates?

Sócrates — Foi Deus, Alcibíades, que até este dia me impediu de conversar contigo; é a fé que tenho nele que me leva a asseverar-te que só por meu intermédio chegarás a conseguir a glória ambicionada.

d *Alcibíades* — Estás gracejando, Sócrates.

Sócrates — É possível; de qualquer forma, falo a verdade quando afirmo que todos os homens precisam esforçar-se, e nós dois, mais do que ninguém.

Alcibíades — No que me diz respeito, não te enganas.

Sócrates — Nem com relação a mim.

Alcibíades — Então, que será preciso fazer?

Sócrates — Não revelar nem hesitação nem tibieza, caro amigo.

Alcibíades — Isso mesmo, Sócrates.

Sócrates — Não é verdade? Porém raciocinemos juntos. Dize-me, não é fato que desejamos aperfeiçoar-nos o mais possível? Ou não? (e)

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Em que virtude?

Alcibíades — Evidentemente, na que distingue os homens bons.

Sócrates — Bons em quê?

Alcibíades — Evidentemente, na gestão de seus negócios.

Sócrates — Que negócios? A equitação?

Alcibíades — Não, é claro.

Sócrates — Para isso recorreríamos ao tratador de cavalos.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Referes-te a negócios náuticos?

Alcibíades — Não.

Sócrates — A esse respeito, recorreríamos aos marinheiros.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Que negócios poderão ser? E quem os executa?

Alcibíades — Os negócios com que se ocupam os homens bons de Atenas.

125 a *Sócrates* — Dás o qualificativo de bom aos indivíduos sensatos ou aos insensatos?

Alcibíades — Aos sensatos.

Sócrates — E cada um de nós é bom naquilo em que é sensato?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E o insensato é ruim?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — O sapateiro, por exemplo, é sensato com relação à feitura de calçados?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — É bom, portanto, esse sapateiro?

Alcibíades — Bom.

Sócrates — E a respeito do preparo de roupas, é destituído de senso o sapateiro?

Alcibíades — É.

b *Sócrates* — Logo, nisso ele é ruim?

Alcibíades — É.

Sócrates — Desse modo, de acordo com o nosso raciocínio, o mesmo indivíduo vem a ser bom e mau?

Alcibíades — Parece.

XX — *Sócrates* — Mas dirias que os homens bons são ruins?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Então, a quem dás o nome de bom?

Alcibíades — Aos cidadãos capazes de governar.

Sócrates — Sim, governar; porém não cavalos.

Alcibíades — É claro.

Sócrates — Homens, então?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Homens doentes, porventura?

Alcibíades — Não!

Sócrates — Ou navegantes, quem sabe?

Alcibíades — Não me refiro também a esses.

Sócrates — Aos que trabalham na ceifa?

Alcibíades — Não.

c *Sócrates* — Aos que nada fazem, ou aos que fazem alguma coisa?

Alcibíades — Aos que fazem algo, é o que eu digo.

Sócrates — Que é o que fazem? Procura explicar-mo.

Alcibíades — Os que têm comércio entre si e se servem dos outros homens, no jeito em que vivemos nas cidades.

Sócrates — Referes-te, portanto, ao governo de homens que se servem de outros?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Por exemplo: o patrão dos remadores, quando marca o tempo de remar?

Alcibíades — Esses, não.

Sócrates — Isso é ofício do piloto.

Alcibíades — Sim.

d *Sócrates* — Referes-te, porventura ao governo dos tocadores de flauta, com a direção dos cantores e dos coreutas?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Isso faz parte do ofício do mestre do coro.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Então, o que quererás dizer com a expressão Ser capaz de servir-se de outros homens?

Alcibíades — Refiro-me aos que participam dos negócios públicos, e que têm comércio entre si. O governo nas cidades é isso.

XXI — *Sócrates* — Quais são as características desse ofício? Por exemplo, se eu tornasse a perguntar-te, como o fiz há pouco, qual é a arte que deixa os homens capazes de governar marinheiros em viagem?

Alcibíades — A arte do piloto.

e *Sócrates* — Os que participam do canto, a que há momentos nos referimos, que arte permite governá-los?

Alcibíades — A que há pouco mencionaste, a disciplina coral.

Sócrates — E os que participam da política, como denominaremos a arte de governá-los?

Alcibíades — Diria que é a arte de bem aconselhar, Sócrates.

Sócrates — Como assim? Achas que a arte do piloto consiste em aconselhar mal?

Alcibíades — de forma alguma.

Sócrates — Porém em bem aconselhar?

126 a *Alcibíades* — É o que eu penso, para segurança dos que viajam.

Sócrates — Muito bem. E o bom conselho a que te referiste, em que consiste?

Alcibíades — Na boa administração da cidade e na sua preservação.

Sócrates — E quais serão as coisas, cuja presença ou ausência condicionam a boa administração e a preservação da cidade? Suponhamos que eu te perguntasse: Quais são as coisas que, por presentes ou ausentes, regulam ou preservam o corpo? Dirias, decerto que são: a saúde, quando presente, e a doença, enquanto ausente. Não pensas desse modo?

b *Alcibíades* — Penso.

Sócrates — E se me perguntasses: Que é o que pela sua presença deixa os olhos em bom estado? Do mesmo modo, eu te diria que é a vista, quando presente, e a cegueira, quando ausente, e com relação aos ouvidos, diria que funcionam melhor se se conservam em boas condições com a ausência da surdez e a presença da audição.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — E com relação à cidade? Que é o que, presente ou ausente, a deixa em melhores condições e mais bem administrada?

c *Alcibíades* — Sou de parecer, Sócrates, que é quando reina amizade entre os cidadãos e se acham ausentes o ódio e as sedições.

Sócrates — O que entendes por amizade: concórdia ou desavença?

Alcibíades — Concórdia.

Sócrates — Qual é a arte que deixa concordes as cidades a respeito de números?

Alcibíades — É a aritmética.

Sócrates — E com relação aos particulares, não é também a aritmética?

Alcibíades — É.

Sócrates — E não é ainda por ela que cada um de nós fica de acordo consigo mesmo?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E por meio de que arte cada um d fica de acordo consigo mesmo, sobre qual seja maior, o palmo ou o cúbito, não é a arte da medida?

Alcibíades — Que outra poderia ser?

Sócrates — Ela também é que estabelece o acordo a esse respeito entre os particulares e as cidades?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E com relação a pesos, não se passa a mesma coisa?

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — Então, em que consiste essa concórdia a que te referiste, acerca de que se manifesta, e qual é a ciência que a estabelece? Deve ser de tal natureza, que assim como faz com as cidades, faz com os indivíduos, quer seja cada um consigo mesmo, quer seja com todos entre si?

Alcibíades — É precisamente assim.

Sócrates — Então, de que natureza é essa concórdia? Não te enfades com minhas perguntas e e responde de boamente.

Alcibíades — Sou de opinião que a amizade e a harmonia a que me referi devem ser como as que condicionam a concórdia existente entre o pai e a mãe afetuosos e seus filhos, o irmão e a irmã, a mulher e o marido.

XXII — *Sócrates* — Achas mesmo, Alcibíades, que o marido pode estar de acordo com a mulher sobre o modo de fiar lã, no que ela é perita e ele desconhece de todo?

Alcibíades — Não, decerto.

Sócrates — Nem há necessidade disso; trata-se de trabalho de mulher.

Alcibíades — É certo.

127 a *Sócrates* — E então? Poderá a mulher ficar de acordo com o marido a respeito de manobras da infantaria, coisa que ela nunca aprendeu?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Provavelmente, dirias que se trata de ocupação de homens.

Alcibíades — Isso mesmo.

Sócrates — De acordo, por conseguinte, com o que disseste, há conhecimentos próprios das mulheres, e outros pertinentes aos homens.

Alcibíades — Por que não?

Sócrates — A esse respeito, portanto, não há concórdia entre os homens e as mulheres.

Alcibíades — Não.

Sócrates — Nem amizade, se amizade for concórdia.

Alcibíades — Não, evidentemente.

Sócrates — Então, as mulheres não são amadas pelos homens, quando executam trabalhos que lhes são próprios.

b *Alcibíades* — É o que parece.

Sócrates — Nem os maridos pelas mulheres, quando estas executam os deles.

Alcibíades — Não.

Sócrates — Nem são bem administradas as cidades, quando cada um faz o que lhe compete.

Alcibíades — Isso não, Sócrates! Acho que são.

Sócrates — Como! Sem estar presente a amizade, cuja presença reconhecemos ser necessária para sua boa administração, o que de outra forma não seria possível?

Alcibíades — Eu diria, porém, que a amizade
c está presente sempre que cada um faz o que lhe compete.

Sócrates — Não foi isso que disseste há pouco. E que afirmas agora? Que pode haver amizade, se não houver concórdia? Ou que pode haver concórdia a respeito do que alguns sabem e outros ignoram?

Alcibíades — Isso é impossível.

Sócrates — E quando cada um faz o que lhe compete, procede com justiça ou injustamente?

Alcibíades — Com justiça, como não?

Sócrates — Sendo assim, quando os cidadãos se comportam com justiça na cidade, não há amizade entre eles?

Alcibíades — Necessariamente deve haver, Sócrates; é o que eu penso.

d *Sócrates* — O que vêm a ser, então, essa amizade e essa concórdia a que te referiste, que terão de deixar-nos sábios e discretos, para que nos tornemos homens bons? Não consigo saber em que consistem nem com quem se encontram. Segundo os teus próprios dizeres, ora se me afiguram presentes numas pessoas, ora ausentes.

XXIII — *Alcibíades* — Pelos deuses, Sócrates, já não sei o que falo. É bem possível que eu esteja há muito tempo nesse estado de ignorância, sem aperceber-me disso.

Sócrates — É preciso ter confiança. Se aos cinqüenta anos tivesses percebido essa deficiência, e difícil te seria tomar qualquer medida para remediá-la. Mas estás agora precisamente na idade em que cumpre percebê-la.

Alcibíades — E os que a percebem, Sócrates, que deverão fazer?

Sócrates — Responder ao que te pergunto, Alcibíades. Se assim procederes e o deus o permitir — até onde posso confiar no meu oráculo — tu e eu só teremos a lucrar.

Alcibíades — Nada mais fácil de alcançarmos isso, no que depender apenas de eu responder.

Sócrates — Então responde: que significa a expressão Cuidar de si mesmo? Pois pode muito 128 a bem dar-se que não estejamos cuidando de nós, quando imaginamos fazê-lo. Quando é que o homem cuida de si, mesmo? Ao cuidar de seus negócios, cuidará de si mesmo?

Alcibíades — Parece que sim.

Sócrates — E então? Quando cuida alguém dos pés? É quando cuida do que é pertinente aos pés?

Alcibíades — Não compreendi.

Sócrates — Não há coisas que só se referem às mãos? O anel, por exemplo, com que outra parte do corpo se relaciona, a não ser com o dedo?

Alcibíades — Com nenhuma.

Sócrates — E o calçado, não se acha em idênticas relações com os pés?

b *Alcibíades* — Perfeitamente.

Sócrates — E do mesmo modo as vestes e as cobertas, com outras partes do corpo?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Assim, quando cuidamos dos calçados, cuidamos igualmente dos pés?

Alcibíades — Não apanho bem o que disseste, Sócrates.

Sócrates — Como assim, Alcibíades? Não reconheces que cuidar de alguma coisa é fazer algo a seu respeito?

Alcibíades — Decerto.

Sócrates — E sempre que o tratamento deixar essa coisa melhor do que era antes, não dizes que ela foi bem cuidada?

Alcibíades — Digo.

Sócrates — Qual é a arte que deixa melhores os calçados?

Alcibíades — A arte do sapateiro.

Sócrates — Assim, é por meio da arte do sapateiro que cuidamos dos nossos sapatos?

c *Alcibíades* — Isso mesmo.

Sócrates — E é a arte do sapateiro que cuida dos pés? Ou será a que deixa melhores os pés?

Alcibíades — Esta última, sem dúvida.

Sócrates — E a arte que deixa os pés em melhores condições faz o mesmo com as demais partes do corpo?

Alcibíades — Parece que sim.

Sócrates — Chama-se ginástica, pois não?

Alcibíades — Exatamente.

Sócrates — A ginástica, portanto, cuida dos pés, e a arte do sapateiro, daquilo que pertence aos pés.

d *Alcibíades* — É isso mesmo.

Sócrates — E a ginástica, não cuida também das mãos, enquanto a arte de fabricar anéis cuida do que pertence às mãos?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E não cuida a ginástica do corpo, ao passo que a arte de tecer, do que pertence ao corpo?

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — Logo, a arte por meio da qual cuidamos de uma determinada coisa é diferente da que se ocupa com o que pertence a essa coisa?

Alcibíades — Parece.

Sócrates — Sendo assim, não cuidas de ti mesmo, quando cuidas de algo que te pertence.

Alcibíades — Não, de fato.

Sócrates — Pois, ao que parece, a arte que se ocupa conosco não é a mesma que se ocupa com o que nos pertence.

Alcibíades — É claro que não.

XXIV — *Sócrates* — Agora dize-me: por meio de que arte poderemos cuidar daquilo que nos diz respeito?

Alcibíades — Não saberei dizê-lo.

e *Sócrates* — Num ponto, pelo menos, já ficamos de acordo: que não é a arte por meio da qual deixamos melhor qualquer coisa que nos pertença, mas a que nos deixa melhores a nós mesmos.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Poderíamos saber que arte deixa melhores os calçados, se não soubéssemos o que é calçado?

Alcibíades — Impossível.

Sócrates — Nem a que deixa melhores os anéis, se não conhecêssemos anel.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E então? Poderíamos conhecer a arte que nos deixa melhores, se não soubéssemos o que somos?

129 a *Alcibíades* — Impossível.

Sócrates — Será porventura fácil conhecer-se a si mesmo — devendo ser considerado como de poucos cabedais o autor daquela sentença do templo de Pito — ou, pelo contrário, tarefa por demais difícil, que só está ao alcance de pouca gente?

Alcibíades — Por vezes, Sócrates, quer parecer-me que está ao alcance de qualquer pessoa; de outras vezes afigura-se-me por demais difícil.

Sócrates — Quer seja coisa fácil, quer difícil, Alcibíades, o que é certo é que, conhecendo-nos, ficaremos em condições de saber como cuidar de nós mesmos, o que não poderemos saber se nos desconhecermos.

Alcibíades — É muito certo.

b • *Sócrates* — Então dize-me: de que modo será possível descobrir a essência íntima do ser? Com esse conhecimento saberíamos o que somos, o que sem ele não nos será possível.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — Escuta, por Zeus! Com quem conversas neste momento? não é comigo?

Alcibíades — É.

Sócrates — É Sócrates quem fala?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E Alcibíades escuta?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E para conversar, Sócrates se vale da palavra?

c *Alcibíades* — É evidente.

Sócrates — Logo, consideras a mesma coisa conversar e fazer uso da palavra?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Não difere o que usa alguma coisa da coisa por ele usada?

Alcibíades — Que queres dizer com isso?

Sócrates — O sapateiro trabalha o couro com trinchete, sovela e outros instrumentos.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — São, portanto, distintos a pessoa que corta e o instrumento que serve para cortar?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — E não se dá o mesmo com o instrumento do citaredo e o próprio citaredo?

Alcibíades — Sim.

d *Sócrates* — Pois foi isso que eu perguntei há pouco, se não consideras diferentes a pessoa que usa uma coisa e a coisa por ele usada.

Alcibíades — Considero.

Sócrates — E que diremos do sapateiro: ele corta o couro só com seus instrumentos ou também com as mãos?

Alcibíades — Com as mãos, também.

Sócrates — Ele usa, portanto, as mãos?

Alcibíades — Usa.

Sócrates — E não usa também os olhos para cortar?

Alcibíades — Também.

Sócrates — E já não assentamos que há diferença entre a pessoa que usa uma coisa e a coisa por ela usada?

Alcibíades — Assentamos.

Sócrates — Logo, o sapateiro e o citaredo di-

e ferem das mãos e dos olhos de que se servem.

Alcibíades — Parece que sim.

XXV — *Sócrates* — E não usa o homem todo o seu corpo?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Por conseguinte, uma coisa é o homem, e outra o seu próprio corpo.

Alcibíades — Parece que sim.

Sócrates — Que é, então, o homem?

Alcibíades — Não sei o que diga.

Sócrates — Pelo menos sabes que é o que se serve do corpo.

Alcibíades — Sei.

130 a *Sócrates* — E o que mais pode servir-se do corpo, se não for a alma?

Alcibíades — Nada.

Sócrates — E a alma, comanda?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Há outra proposição, ainda, sobre a qual não pode haver divergência.

Alcibíades — Qual é?

Sócrates — Que o homem só pode ser uma de três coisas.

Alcibíades — Quais são?

Sócrates — Alma, corpo, ou ambos num só todo.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — E não acabamos de concordar que o que comanda o corpo é o homem?

b *Alcibíades* — Acabamos.

Sócrates — Será o corpo que dá ordens a si mesmo?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Dissemos que ele é governado.

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Então, o que procuramos não é o corpo.

Alcibíades — Parece que não.

Sócrates — Será, porventura, o conjunto dos dois que governa o corpo, e que viria a ser o homem?

Alcibíades — Pode ser que sim.

Sócrates — De jeito nenhum! Se uma das partes não governa outra, não há possibilidade de vir a fazê-lo a reunião das duas.

Alcibíades — É muito certo.

c *Sócrates* — Sendo assim, uma vez que o homem não é nem o corpo, nem o conjunto dos dois, só resta, quero crer, ou aceitar que o homem é nada, ou, no caso de ser alguma coisa, terá de ser forçosamente alma.

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — Haverá necessidade de demonstrar por maneira mais clara que o homem é alma?

Alcibíades — Não, por Zeus; a argumentação me parece suficiente.

Sócrates — Mesmo que não seja exata, sendo suficiente, é quanto nos basta. Maior precisão alcançaremos quando houvermos encontrado o que d deixamos provisoriamente de lado, para não sobrecarregar a investigação.

Alcibíades — De que se trata?

Sócrates — O de que falamos há pouco, que primeiro precisaremos procurar saber o que seja o ser em si. Mas em vez do ser em si mesmo, procuramos a natureza de cada ser em particular, o que talvez seja o bastante, pois decerto é a alma a parte mais importante de nós mesmos.

Alcibíades — É fato.

Sócrates — Devemos admitir, portanto, que quando conversamos a sós, eu e tu, e trocamos idéias, são duas almas que conversam?

Alcibíades — Perfeitamente.

e *Sócrates* — Foi justamente isso que dissemos há pouco: quando Sócrates conversa com Alcibíades e troca idéias com ele, não é a teu rosto, por assim dizer, que ele se dirige, mas ao Alcibíades real, que é, antes de tudo, alma.

Alcibíades — É certo.

XXVI — *Sócrates* — É a alma, portanto, que nos recomenda conhecer quem nos apresenta o preceito: Conhece-te a ti mesmo.

131 a *Alcibíades* — Parece.

Sócrates — Por isso, quem conhece alguma parte do próprio corpo, só conhece algo de si mesmo, porém não se conhece.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Ninguém, portanto, como médico, conhece a si mesmo, como não se conhece o pedótriba, enquanto professor de ginástica.

Alcibíades — É isso mesmo.

Sócrates — Muito mais longe, ainda, de conhecerem-se estão os lavradores e os demais artífices; se desconhecem até mesmo o que se relaciona com as respectivas profissões, mais distanciados se encon-

b tram de se conhecerem. Só têm conhecimento do que se refere ao tratamento do corpo.

Alcibíades — Falas com acerto.

Sócrates — Ora, se a sabedoria consiste em conhecer-se a si mesmo, nenhum dos mencioados é sábio por efeito da própria profissão.

Alcibíades — Não é, de fato.

Sócrates — Essa, a razão de serem consideradas vulgares as mencionadas profissões, e impróprias de homens de prol.

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — Novamente: quem cuida do corpo, não cuida de si mesmo, mas apenas do que lhe pertence.

c *Alcibíades* — É o que parece.

Sócrates — Porém o que cuida de sua fortuna, nem cuida de si mesmo, nem do que lhe pertence; encontra-se mais afastado, ainda, do que lhe diz respeito.

Alcibíades — É também o que eu penso.

Sócrates — Sendo assim, o banqueiro não cuida do que lhe diz respeito.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Logo, se alguém se mostra apaixonado do corpo de Alcibíades, não é Alcibíades que ele ama, porém algo que pertence a Alcibíades.

Alcibíades — Dizes a verdade.

Sócrates — Só te ama quem amar tua alma.

Alcibíades — É o que necessariamente se conclui de toda a tua exposição.

Sócrates — Não é certeza vir a afastar-se de ti o amante de teu corpo, quando emurchecer a flor da mocidade?

Alcibíades — É muito provável.

d *Sócrates* — Mas o que ama tua alma não te abandonará enquanto ela aspirar a aperfeiçoar-se?

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Ora bem: eu sou o que não te abandono, porém continuarei ao teu lado, quando todos se afastarem de ti, depois de vir a perder o viço a mocidade.

Alcibíades — Fazes bem, Sócrates; espero que não me abandones.

Sócrates — Então, esforça-te para te tornares cada vez mais belo.

Alcibíades — Hei-de esforçar-me.

c XXVII — *Sócrates* — No que te diz respeito, o fato é que nunca existiu, ao que parece, senão um único apaixonado de Alcibíades, filho de Clínias, que é o seu muito amado Sócrates, filho de Sofronisco e de Fenarete.

Alcibíades — É verdade.

Sócrates — Não declaraste que se eu não te houvesse antecipado, tu tencionavas falar-me para me perguntar o motivo de ter sido eu o único a não abandonar-te?

Alcibíades — Declarei, realmente.

Sócrates — E a razão disso é que eu era o único apaixonado de ti mesmo, enquanto os demais amavam apenas o que te pertence. Ora, o que te pertence emurchece, ao passo que tu, propriamente

132 a dito, te encontras no início da floração. Assim, se não te deixares corromper pelo povo de Atenas, nem vieres a degenerar, jamais te abandonarei. O que eu receio acima de tudo é que, tornando-te apaixonado do nosso povo, venhamos a perder-te. Foi o que já aconteceu com muitos atenienses de nobre estirpe. Pois é de mui bela aparência a

gente do herói Erecteu, de alma grande.

É preciso vê-la sem roupa. Importa, pois, que te precates, de acordo com as minhas advertências.

Alcibíades — Quais?

b *Sócrates* — Exercita-te primeiro, caro amigo, e aprende o que é preciso conhecer para te iniciares na política; antes, não. Munido, desse modo, do contraveneno adequado, nada prejudicial te poderá acontecer.

Alcibíades — Acho muito razoável o que me dizes, Sócrates. Porém desejo que me expliques de que maneira podemos cuidar de nós mesmos.

Sócrates — É possível que nesse domínio já tenhamos adiantado alguma coisa. Pelo menos, já quase chegamos a um acordo, com relação ao que somos, não havendo, pois, perigo de, em vez de nos ocuparmos conosco, cuidarmos do que não seja nós mesmos.

Alcibíades — É certo.

c *Sócrates* — De seguida, assentamos que é da alma que precisamos cuidar e para que devemos volver as vistas.

Alcibíades — É claro.

Sócrates — Os cuidados com o corpo e com as riquezas devem ser confiados a outras pessoas.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Porém de que modo alcançaremos o conhecimento perfeito da alma? Sabido isso, ao que parece, conhecer-nos-emos a nós mesmos. Mas, pelos deuses, será que penetramos, de fato, no sentido profundo do excelente preceito de Delfos a que há momentos nos referimos?

Alcibíades — Que queres dizer com isso, Sócrates?

d *Sócrates* — Vou explicar-te o que eu presumo seja o significado desse preceito e o conselho nele implícito. O difícil é encontrar um termo de comparação; parece que só a vista servirá para nosso intento.

Alcibíades — Como assim?

XXVIII — *Sócrates* — Raciocina comigo. Se nos dirigíssemos aos olhos, como se se tratasse de pessoas, e lhes apresentássemos o preceito. Conhece-te a ti mesmo, de que modo compreenderíamos o conselho? Não seria no sentido de levar os olhos a dirigir-se para algum objeto em que eles pudessem ver a si próprios?

Alcibíades — É claro.

e *Sócrates* — E qual é o objeto em que nos vemos, quando o contemplamos?

Alcibíades — O espelho, Sócrates.

Sócrates — Acertaste. Porém nos olhos com que vemos, não se encontra algo do mesmo estilo?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Como já deves ter observado, o rosto de quem olha para os olhos de alguém que

133 a se lhe defronte, reflete-se no que denominamos pupila, como num espelho a imagem da pessoa que olha.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Assim, quando um olho olha para outro e se fixa na porção mais excelente deste, justamente aquela que vê, ele vê-se a si mesmo?

Alcibíades — É evidente.

Sócrates — Porém não verá a si mesmo, se olhar para qualquer outra parte do homem, ou para onde quer que seja, menos para o que se lhe assemelha.

b *Alcibíades* — É certo.

Sócrates — Logo, se o olho quiser ver a si mesmo, precisará contemplar outro olho e, neste, a porção exata em que reside a virtude do olho, que é propriamente a visão.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E com relação à alma, meu caro Alcibíades, se ela quiser conhecer-se a si mesma, não precisará também olhar para a alma e, nesta, a porção em que reside a sua virtude específica, a inteligência, ou para o que lhe for semelhante?

Alcibíades — Parece-me que sim, Sócrates.

c *Sócrates* — Haverá, porventura, na alma alguma parte mais divina do que a que se relaciona com o conhecimento e a reflexão?

Alcibíades — Não há.

Sócrates — É a parte da alma que mais se assemelha ao divino; quem a contemplar e estiver em condições de perceber o que nela há de divino, Deus e o pensamento, com muita probabilidade ficará conhecendo a si mesmo.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Sem dúvida, porque os verdadeiros espelhos são mais claros do que o espelho dos olhos, mais puros e mais brilhantes; do mesmo modo, a divindade da melhor parte de nossa alma é mais pura e mais luminosa.

Alcibíades — É o que parece, Sócrates.

Sócrates — Olhando, portanto, para essa divindade, e usando-a à guisa do melhor espelho das coisas humanas para a conhecimento da virtude da alma, é a maneira mais acertada de nos vermos e reconhecermos a nós mesmos.

Alcibíades — É certo.

XXIX — *Sócrates* — Mas, se carecermos desse conhecimento de nós mesmos e dessa sabedoria, poderemos conhecer o que nos diz respeito, tanto de bem como de mal?

Alcibíades — Como fora possível, Sócrates?

d *Sócrates* — Parece-te, portanto, impossível que possa alguém que não conheça Alcibíades saber se o que é de Alcibíades é realmente dele.

Alcibíades — Fora de todo impossível, por Zeus!

Sócrates — Nem saber se o que é nosso é nosso mesmo, no caso de não nos conhecermos.

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Ora, se não conhecemos o que é nosso, não conheceremos, de igual modo, o que se lhe relaciona.

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — Sendo assim, há pouco não concluímos com acerto, quando admitimos que uma pessoa pode conhecer as coisas que lhe dizem respeito sem conhecer a si própria, enquanto outras conhecem o que se relaciona com essas coisas. Todos

e esses conhecimentos parecem ser privilégio de uma só pessoa e de uma única arte, relativamente à própria pessoa, suas coisas e as coisas que dependem destas.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Quem ignora, portanto, as coisas que lhe dizem respeito, não há de conhecer, também, as dos outros.

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — E se não conhece as dos outros, não conhecerá também as da cidade.

Alcibíades — Necessariamente.

Sócrates — Um homem, nessas condições, nunca poderá exercer a política.

Alcibíades — Não, evidentemente.

Sócrates — Nem poderá ser bom economista.

134 a *Alcibíades* — Não, sem dúvida.

Sócrates — E não sabendo o que faz, decerto cometerá erros?

Alcibíades — Seguramente.

Sócrates — E cometendo erros, não se comportará pessimamente, tanto na vida particular como na pública?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — E conduzindo-se desse modo, não será infeliz?

Alcibíades — Muito!

Sócrates — E as pessoas no interesse das quais ele age?

Alcibíades — Também o serão.

Sócrates — Logo, ninguém poderá ser feliz, se não for sábio e bom.

b *Alcibíades* — É certo.

Sócrates — Donde se colhe que os maus são infelizes.

Alcibíades — Muitíssimo.

XXX — *Sócrates* — Sendo assim, não é ficando rico que evitamos a infelicidade, porém tornando-nos sábios.

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — As cidades, portanto, para serem felizes, não necessitam nem de muros, nem de trirremes, nem de estaleiros, Alcibíades, nem de população e tamanho, mas de virtude.

Alcibíades — É fato.

Sócrates — Se quiseres, por conseguinte, administrar os negócios da cidade com retidão e nobreza, c terás de dar virtude aos cidadãos.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E poderá alguém dar o que não tem?

Alcibíades — Como fora possível?

Sócrates — Então, primeiro precisarás adquirir virtude, tu ou quem quer que se disponha a governar ou a administrar não só a sua pessoa e seus interesses particulares, como a cidade e as coisas a ela pertinentes.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — Assim, o que precisas alcançar não é o poder absoluto para fazeres o que bem entenderes contigo ou com a cidade, porém justiça e sabedoria.

Alcibíades — É muito certo.

d *Sócrates* — Se tu e a cidade procederdes com sabedoria e justiça, fareis obra grata à divindade.

Alcibíades — Certamente.

Sócrates — E como dissemos antes, como norma de ação deveis ter sempre em mira o esplendor divino.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Tendo-o, desse modo, diante dos olhos, haveis de ver-vos e conhecer a vós mesmos e vosso próprio bem.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — E desse modo procedereis bem e com acerto?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Estou pronto a dar-me como penhor em como, assim procedendo, sereis felizes.

Alcibíades — Penhor valiosíssimo.

Sócrates — E ao contrário: se viverdes com injustiça, com a mira na escuridão sem Deus, vossas ações serão consemelhantes, por vos desconhecerdes a vós mesmos.

Alcibíades — É evidente.

Sócrates — Porque, seja quem for, meu caro Alcibíades, que tenha a possibilidade de fazer o que bem lhe aprouver, se carecer de entendimento, quais serão provavelmente as conseqüências para o indivíduo ou para a cidade? Por exemplo: no caso de um doente que pudesse fazer o que bem entendesse, porém não tivesse cabeça de médico e procedesse

135 a como tirano sem ninguém ao seu lado para adverti-lo, que aconteceria? Não é muito provável que acabaria por arruinar sua constituição?

Alcibíades — Sem dúvida nenhuma.

Sócrates — E num navio, se algum passageiro tivesse liberdade de proceder a seu bel-prazer, mas sem ser dotado nem da inteligência do piloto nem de sua experiência, já pensaste no que lhe poderia acontecer e aos seus companheiros de viagem?

Alcibíades — É mais do que certo que todos viriam a perder-se.

Sócrates — Do mesmo modo, em qualquer ci-

b dade, ou onde quer que haja autoridade e poder absoluto carecentes de virtude, os resultados não serão maiores?

Alcibíades — Fatalmente.

XXXI — *Sócrates* — Sendo assim, meu precioso Alcibíades, não é a tirania o desejável, nem para ti, nem para a cidade, se almejais ser felizes, porém a virtude.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — Antes de haver adquirido essa virtude, não é melhor, tanto para a criança como para o homem feito, ser dirigido por superiores, em vez de governar?

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — E o melhor não é também mais bonito?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E o mais bonito não é mais conveniente?

c *Alcibíades* — Como não?

Sócrates — Logo, ao homem inferior, convém servir, por ser isso melhor?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — A escravidão é vício.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E a condição livre, virtude?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Então, amigo, é preciso fugir da condição servil.

Alcibíades — Mais do que tudo, Sócrates.

Sócrates — Adquiriste agora consciência de teu estado? Consideras-te verdadeiramente livre, ou não?

Alcibíades — Penso ter perfeita consciência do que sou.

Sócrates — Nesse caso, sabes como libertar-te do presente estado de coisas, que me abstenho de definir, em homenagem à tua formosura.

d *Alcibíades* — Sei.

Sócrates — Como é?

Alcibíades — Libertar-me-ei se o quiseres, Sócrates.

Sócrates — Não te expressaste corretamente, Alcibíades.

Alcibíades — Como deverei dizer?

Sócrates — Assim: se Deus quiser.

Alcibíades — Pois que seja; falarei desse modo, com o acréscimo, Sócrates, de que corremos o perigo de trocar os papéis: tu ficarás com o meu e eu ficarei com o teu. A partir de hoje, não haverá possibilidade de evitarmos que eu mc torne teu preceptor, e tu passes a ser dirigido por mim.

e *Sócrates* — Ó generoso Alcibíades! Nesse caso, em nada difere da cegonha o meu amor: depois

de ter sido criado no teu ninho um amor alado, passa este, por sua vez, a tomar conta dele.

Alcibíades — Será assim mesmo; a partir de agora, passarei a meditar sobre a justiça.

Sócrates — Faço votos para que perseveres nesse intento; contudo, tenho meus receios, não por descrer de tua natureza; é que, considerando a força de nosso povo, temo que eu e tu venhamos a ser dominados por ela.

ÍNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL